

o
Reino
que
alvorouçou
o
mundo

David Bercot
www.scrollpublishing.org

Versão digital:
www.ocristianismoprimitivo.com

Este manuscrito apenas foi traduzido. Logo de o editar, vamos apresentar a versão editada.

PRIMEIRA PARTE

O reino de valores invertidos

Guerra santa?

Era sexta-feira, dia 8 de julho do ano 1099. O sol abrasador do deserto abatia a procissão dispersa de sacerdotes levando grandes cruzes e relíquias de santos. Eles marchavam ao redor dos muros exteriores de Jerusalém. Após os clérigos, seguiam-se 1.200 cavaleiros descalços, integrantes das cruzadas, e cerca de 11.000 soldados, marinheiros e operários famintos e sedentos. Os muçulmanos defensores da cidade riam-se com desdém da procissão, zombando deles enquanto observavam sua marcha. Até profanavam cruzes de várias maneiras e penduravam-nas nos muros da cidade para insultarem ainda mais aquele grupo desordenado de cristãos meio loucos.

Apesar dos insultos e zombarias, os cruzados continuaram em sua procissão de homens descalços até chegarem ao Monte das Oliveiras onde se detiveram. Chegando lá, um dos bispos começou a exortá-los: “Agora nos encontramos no mesmo lugar em que o Senhor teve sua ascensão, e não há outra coisa que possamos fazer para nos purificarmos mais. Portanto, cada um de nós perdoe a seu irmão a quem ofendeu para que o Senhor nos perdoe”.¹ Em seguida recordou-lhes de sua profecia de que Jerusalém lhes seria entregue na próxima sexta-feira se continuassem se humilhando e se purificando.

Se os muçulmanos escutaram o pronunciamento do bispo, não lhe deram importância. Tomar a cidade de Jerusalém em sete dias? Seria difícil! Porque antes que os cruzados chegassem às cercanias de Jerusalém, Iftikhar, o governante muçulmano de Jerusalém, tinha ordenado que tapassem ou envenenassem todos os poços de fora do muro da cidade. Os cruzados só contavam com um manancial temporário como fonte de água. Muitos deles já estavam seriamente desidratados. Além disso, Iftikhar transportara todos os animais domésticos para o interior da cidade murada, provendo para seus habitantes abundante suprimento de alimentos. Em contrapartida os cruzados estavam definhando de tanta fome. Jerusalém poderia resistir a um cerco prolongado. De fato, para garantir o fornecimento de alimentos e se prevenir de uma traição, Iftikhar havia expulsado a todos os cristãos da cidade. A maioria dos judeus também tinha ido embora.

Sendo assim, Iftikhar e seus soldados não se inquietavam por causa dos cruzados. Sabiam que tinham suficiente água, comida em abundância, melhores armas, e os muros da cidade, considerados impenetráveis, que os protegiam. E tinham 60.000 homens armados para defender os muros! Além de tudo isto, já estava a caminho um reforço de soldados egípcios que vinham levantar o cerco. E, contra tudo isto, o que tinham os cruzados? Uns 1.200 cavaleiros somente, apoiados por uma companhia maltrapilha e mal armada de 11.000 marinheiros e soldados. Ao todo, os cruzados tinham menos de 13.000 contra 60.000 muçulmanos armados. A isto se somava o fato de que os cruzados estavam lutando numa terra desconhecida e não estavam acostumados ao calor do deserto que era muito diferente do clima da França, sua pátria. Sim, realmente era de provocar risos.

Mas o riso acabou cinco dias depois quando, para surpresa dos muçulmanos, os cruzados levaram sobre rodas várias torres enormes de madeira para os muros de Jerusalém. Com madeira que conseguiram recolher, os cruzados vinham construindo secretamente estas gigantescas estruturas. Cada torre estava equipada com praticamente tudo o que um exército medieval precisava: uma catapulta, um aríete, uma ponte levadiça e uma torre alta de onde os cruzados podiam atirar flechas aos defensores da cidade. Além disto, dentro de cada torre havia um pequeno exército de cruzados francos que estavam ansiosos por entrar na cidade uma vez que se abrissem brechas nos muros.

Ao virem as torres tão amedrontadoras, os defensores muçulmanos começaram a construir suas

defesas naquelas partes do muro opostas às torres. No entanto, na noite antes de atacarem, os cruzados desmontaram silenciosamente algumas das torres e as transportaram a um quilômetro e meio de distância, para as partes do muro de Jerusalém que estavam menos fortificadas. Era uma tarefa inconcebível sob qualquer circunstância. Mas, em vista de sua condição debilitada, aquilo foi um feito quase sobre-humano. Quando a luz da manhã se projetou lentamente sobre Jerusalém no amanhecer da quinta-feira, 14 de julho, os defensores muçulmanos ficaram atônitos. Não conseguiam acreditar que algumas das torres tivessem sido transferidas durante a noite.

Após trabalhar toda a noite, muitos dos atacantes estavam já exaustados. No entanto, oraram naquela manhã, confiando em que Deus lhes daria a força necessária para seus corpos cansados. Depois da oração, os cruzados lançaram seu ataque contra Jerusalém. Entre gritos de louvor a Deus, os cruzados começaram lentamente a mover as torres pesadas para junto dos muros de Jerusalém. Enquanto as torres avançavam palmo a palmo, os cruzados catapultavam pedras enormes contra os muros da cidade e as casas de dentro. Quando algumas das torres chegaram aos muros da cidade, seus pesados aríetes começaram a golpear os antigos muros de Jerusalém. Do alto de suas torres, os cruzados lançavam mísseis de madeira em chamas; os mísseis tinham sido banhados com alcatrão, cera e enxofre. Estes mísseis ateavam fogo às fortificações de madeira que se encontravam no interior dos muros.

Apesar disso, os defensores muçulmanos contra-atacavam com os mesmos mísseis acesos, devolvendo-os contra as torres numa tentativa incendiá-los também. Os defensores golpeavam as torres o dia todo com pedras catapultadas. Choveram mísseis e flechas de um lado para o outro durante o dia inteiro. Os cruzados lutaram valentemente, mas não obtiveram nenhum avanço. Algumas de suas torres tinham sido destruídas. Uma delas se queimara até virar cinza. Ambas as partes deixaram de lutar quando anoiteceu.

Na manhã da sexta-feira, 15 de julho, os cruzados retomaram seu ataque. Nesse dia, segundo o que o bispo tinha profetizado, eles tomariam a cidade. Mas não parecia provável que o conseguissem. Todos eles estavam esgotados por causa das noites de vigília e da batalha do dia anterior. Já pelo meio dia, os cruzados estavam muito desanimados. Estavam cansados e não pareciam ter obtido nenhum avanço. Encontravam-se tragicamente superados em número pelos muçulmanos, e os muros de Jerusalém pareciam impenetráveis.

Finalmente, pararam suas operações e se reuniram. Quase a metade deles estava disposta a suspender o cerco mal sucedido e enforcar o bispo que tinha feito as profecias falsas. No entanto, enquanto ainda falavam, um cavaleiro no Monte das Oliveiras começou a fazer sinais aos demais com seu escudo, indicando-lhes que avançassem. Ao verem este sinal, os homens começaram a se animar e retomaram o ataque com muito fervor. Os aríetes voltaram a seu trabalho e alguns dos cruzados começaram a subir os muros com escadas e cordas.

Como defesa adicional, os defensores da cidade haviam juntado uma verdadeira montanha de fardos de feno e de algodão dentro dos muros da cidade. Mas alguns dos arqueiros sob o comando de Godofredo de Bouillon conseguiram pôr fogo nos fardos com suas flechas acesas. Quando a direção do vento mudou, imensas colunas de fumaça cegaram e asfixiaram os defensores muçulmanos. As cortinas de fogo e fumaça obrigaram-nos a se retirar dos muros.

Aproveitando o momento, Godofredo rapidamente baixou a grande ponte levadiça de sua torre e seus homens atravessaram os muros destemidamente. Em questão de minutos, os cruzados dominaram aquele trecho do muro, o que permitiu a seus parceiros subir os muros com suas escadas. Alguns dos invasores chegaram a uma das portas da cidade e conseguiram abri-la. Multidões de cruzados entraram de uma vez pelas portas abertas.

Embora os muçulmanos ainda superassem muito em número aos cruzados, eles retrocederam

desconcertados e confundidos. Só poucas horas antes, tudo dava a impressão de que os cruzados estavam derrotados. Mas agora estavam entrando na cidade como um enxame! Aturdidos, os defensores se dispersavam para todos os lados, fugindo dos cruzados. De repente, toda a cidade foi dominada por um pânico em massa, enquanto seus habitantes tentavam escapar dos invasores. As mulheres gritavam e as crianças choravam enquanto os cruzados massacravam a todas as pessoas que encontrassem à sua frente.²

Os cruzados se consideravam a si mesmos o equivalente medieval de Jeú e seu exército, que massacraram os adoradores de Baal de seu tempo. Um dos cruzados que presenciou esta batalha nos deixou um testemunho daquela matança horrível:

Montões de cabeças, mãos e pés viam-se nas ruas da cidade. Era necessário abrir passagem entre os corpos dos homens e cavalos. Mas isto não era nada comparado com o que sucedeu no templo de Salomão, um lugar onde comumente se celebravam os serviços religiosos. O que aconteceu lá? Se disser a verdade, sem dúvida será mais do que você aceitaria acreditar. Assim basta-me dizer, pelo menos, que no templo e no pórtico de Salomão, os ginetes cavalgavam entre o sangue, o qual atingiu até seus joelhos e até as rédeas dos cavalos. Realmente, foi um juízo justo e magnífico de Deus que este lugar se enchesse do sangue dos incrédulos! Já que por muito tempo vinha sofrendo em conseqüência de suas blasfêmias. A cidade estava cheia de cadáveres e sangue.³

Qualquer um poderia pensar que no dia seguinte os cruzados estavam cheios de remorso por ter massacrado aproximadamente a 100.000 pessoas. De jeito nenhum, pois estavam seguros de que o seu Senhor Jesus Cristo lhes tinha dado a vitória e que este, como o Rei deles, estava satisfeito com o que fizeram. Afinal de contas, o próprio Papa tinha feito uma convocação a todos os católicos fiéis para que fossem e libertassem a Terra Santa dos infiéis. A todos os católicos ele tinha garantido que quem fosse à cruzada obteria o completo perdão de seus pecados. De modo que nossa testemunha presencial continua seu relato:

Agora que a cidade tinha sido tomada, todos os nossos esforços e provações anteriores valeram a pena ao ver a devoção dos peregrinos no Santo Sepulcro. Como se alegraram e jubilaram e cantaram um novo cântico ao Senhor! Porquanto seus corações ofereciam orações de louvor a Deus, vitoriosas e triunfantes, que não podem se descrever com palavras. Um novo dia! Um novo gozo! Uma nova e perpétua alegria! A consumação de nosso esforço e de nossa devoção trouxe consigo novas palavras e novos cânticos a todos. Este dia, creio eu, será famoso em todas as gerações futuras, já que converteu nossos esforços e penas em gozo e júbilo. Sem dúvida, e dia marca a justificação de todo o cristianismo, a humilhação do paganismo e a renovação de nossa fé. “Este é o dia que fez o Senhor; regozijemo-nos, e alegremo-nos nele”, pois Jeová se manifestou a seu povo e os abençoou.⁴

Porém, será que Jesus viu este massacre como motivo de regozijo? Será que os cruzados tinham, de fato, avançado o reino de Deus, ou será que, muito pelo contrário, lhe causaram um grande prejuízo?

Não é verdade que mais ou menos 1.100 anos antes, Jesus havia fundado um reino de *amor*? Seus súditos seriam conhecidos pelo amor de uns para com os outros. E não somente isso; eles também deviam amar a seus inimigos. Seu próprio Rei se descrevera a si mesmo como manso e humilde de coração. Os primeiros cidadãos deste reino especial tinham alvoroçado o mundo, não com a espada, mas sim com palavras de verdade e atos de amor. Nesse caso, o que faziam estas pessoas, que afirmavam ser cidadãos deste reino de amor e de mansidão, numa terra longínqua, massacrando aos habitantes de Jerusalém?

Seria uma longa história. No entanto, é uma história que se deve contar, pois meu destino eterno e o seu estão estreitamente ligados a esta história do reino que alvoroçou o mundo.

O reino normal

Como veremos em breve, o reino que alvoroçou o mundo é um reino como nenhum outro. É um reino de valores invertidos.

Em 1978, Donald Kraybill escreveu um livro intitulado “The Upside-Down Kingdom” (*O reino invertido*), no qual ele examinou alguns destes valores ao revés que tem o reino de Deus. Mas, para compreendermos bem este reino invertido, temos que primeiramente dar uma olhada num reino que estava normal.

As escrituras nos apresentam este reino normal no livro de Êxodo, onde Deus disse aos israelitas: “Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, então sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos, porque toda a terra é minha. E vós me sereis um reino sacerdotal e o povo santo. Estas são as palavras que falarás aos filhos de Israel” (Êxodo 19:5–6).

Esta foi a proposta de Deus aos israelitas: que eles fossem seu reino especial de sacerdotes. E os israelitas aceitaram sua proposta. Fizeram uma aliança com o Senhor no Sinai. Tal como a maioria das alianças, esta dependia das duas partes. Se os israelitas obedecessem à voz de Deus, seriam para ele “um reino sacerdotal e o povo santo”. Como qualquer outro reino, a nação de Israel teria um governante e leis. No entanto, seu Rei, Legislador e Juiz seria o próprio Deus (leia Isaías 33:22). As leis do reino de Israel eram a lei mosaica, dada diretamente por Deus.

Apesar destas características especiais, o reino de Israel continuava sendo um reino terrestre. Na maioria dos aspectos, era igual aos reinos do mundo: tinha um território físico e geográfico; seu povo era de certa composição étnica. Eles defendiam seu reino com soldados terrenos, armados com espadas, lanças e arcos. Como todos os outros reinos terrestres, os israelitas estenderam seu território mediante o uso da espada. Comparando-o com as nações vizinhas, o traço mais distintivo dos israelitas era que sua lei proibia a idolatria.

De fato, até as bênçãos que Deus prometeu aos israelitas eram terrestres e materiais: “Se ouvires a voz do Senhor teu Deus, (...) Bendito o fruto do teu ventre, e o fruto da tua terra, e o fruto dos teus animais (...) O Senhor mandará que a bênção [esteja] contigo nos teus celeiros (...) E o Senhor te dará abundância de bens no fruto do teu ventre, e no fruto dos teus animais, e no fruto do teu solo (...) O Senhor te abrirá o seu bom tesouro, o céu, para dar chuva à tua terra no seu tempo (...) e emprestarás a muitas nações, porém tu não tomarás emprestado” (Deuteronômio 28:1–12).

Mas não só as *bênçãos* seriam materiais. Se os israelitas quebrassem a aliança, seu *castigo* também seria terrestre, físico: “O Senhor dará por chuva sobre a tua terra, pó e poeira; dos céus descerá sobre ti, até que pereças. O Senhor te fará cair diante dos teus inimigos (...) Lançarás muita semente ao campo; porém colherás pouco, porque o gafanhoto a consumirá. Plantarás vinhas, e cultivarás; porém não beberás vinho, nem colherás as uvas; porque o bicho as colherá” (Deuteronômio 28:24–25, 38–39).

Em conclusão, o antigo reino de Israel era um reino normal. Seu estilo era compreensível às outras nações do mundo. De fato, em muitos aspectos, o antigo Israel seguia o mesmo modelo sobre o qual as outras nações tinham sido estabelecidas. A diferença básica era que as outras nações criam que foram *seus* deuses que os tinham estabelecido como nação. Criam que eram *seus* deuses que os faziam prosperar materialmente quando eles lhes rendiam culto. E também criam que eram *seus* deuses que os castigavam com secas e fomes quando se desagradavam deles. Em muitos sentidos, a

cosmovisão das nações gentias era muito semelhante à cosmovisão dos israelitas. A diferença principal estava nas questões da religião e da moralidade, não em assuntos de estado.

Mas o antigo reino de Israel, que era predominantemente terrestre, não foi fundado para ser um modelo definitivo. Tinha a finalidade de ser um mentor que guiasse aos israelitas a algo muito maior, um reino que verdadeiramente não seria deste mundo.

Um reino de outra natureza

O ano 30 d.C. começou como qualquer outro ano. Os sacerdotes judeus ainda ofereciam sacrifícios diários no templo. Os agricultores trabalhavam em seus campos e as mulheres lavavam roupa nos riachos. Os pescadores penduravam suas redes para secarem a margens do Mar de Galiléia. Mas de repente apareceu em cena um profeta chamado João! Vestido com pelos de camelo e um cinto de couro, João era uma personagem que atraía a atenção do povo. E consigo trazia uma mensagem surpreendente: o reino de Deus estava perto!

O reino de Deus estava perto? Para os judeus, isto significava que o Messias estava para vir. Significava a expulsão do domínio romano! Significava que recuperariam sua independência como nação. Não é de se estranhar que a mensagem de João chamasse a atenção de todos. Multidões foram ter com ele para saberem o que deviam fazer a fim de se prepararem para este reino.

No entanto, quando João identificou a Jesus como seu tão esperado Messias, a maioria dos judeus não se sentiu animada. *Jesus de Nazaré?* Ele não parecia ser o Messias que esperavam. Obviamente, ele não era um guerreiro. E nem sequer tentava organizar um exército para libertar aos judeus do poder romano. Na verdade, nem sequer *pregava* contra os romanos.

Sobre o que pregava Jesus? Estimado leitor, gostaria de fazer esta pergunta para você. *Qual foi o tema principal da pregação de Jesus?* A necessidade de salvação do homem? O amor de Deus pelo ser humano? A necessidade de nascer de novo? O fato de que morreria em resgate por nós?

É evidente que Jesus falou a respeito de todas estas coisas. E todas elas são verdades essenciais. No entanto, nenhuma delas foi o *tema principal* de sua mensagem. As escrituras só registram uma ocasião em que Jesus falou sobre o novo nascimento: sua conversa particular com Nicodemos. Ele mencionou sua morte em resgate por nós só uma vez. Só existem cinco ou seis passagens em que ele usou a palavra “salvação”.

Não, o tema principal da mensagem de Jesus foi *o reino de Deus*. Há cerca de cem referências ao reino de Deus nos evangelhos. Além disso, a maioria das parábolas de Jesus foi sobre o reino. Na realidade, Jesus disse que a razão de ter sido enviado à terra foi para anunciar o reino: “É necessário que eu anuncie a outras cidades o evangelho do reino de Deus; porque *para isso fui enviado*” (Lucas 4:43). Isso não é exatamente o que estamos acostumados a escutar, não é mesmo? Costumamos pensar que o propósito principal da vinda de Jesus à terra foi para nos salvar de nossos pecados. E, sem dúvida, esse foi um dos propósitos de sua vinda. Mas não foi o único.

Onde quer que fosse, Jesus anunciava o reino de Deus. “Desde então começou Jesus a pregar, e a dizer: Arrependei-vos, porque *é chegado o reino dos céus*. (...) E percorria Jesus toda a Galiléia, ensinando nas suas sinagogas e pregando *o evangelho do reino*, e curando todas as enfermidades e moléstias entre o povo. (...) E, sabendo-o a multidão, o seguiu; e ele os recebeu, e falava-lhes do *reino de Deus*, e sarava os que necessitavam de cura. (...) E percorria Jesus todas as cidades e aldeias, ensinando nas sinagogas deles, e pregando *o evangelho do reino*, e curando todas as enfermidades e moléstias entre o povo” (Mateus 4:17, 23; Lucas 9:11; Mateus 9:35).

O irônico é que embora o reino de Deus seja o tema principal da pregação de Jesus, a mensagem do reino está quase totalmente ausente do evangelho que se prega na atualidade. Qual é o tema principal da maioria das pregações de hoje? A salvação pessoal do homem, não é? Não é o reino de Deus.

O que pregaram os apóstolos?

Talvez você esteja pensando: *Bom, talvez Jesus pregou a respeito do reino, mas não foi assim com seus discípulos. Ele lhes disse que pregassem sobre o novo nascimento e a salvação, e não acerca do reino, não foi?* Errado. Quando Jesus comissionou seus discípulos, ele lhes disse especificamente que pregassem a respeito do reino.

Observe suas instruções sobre o que deviam pregar: “E, indo, pregai, dizendo: É chegado o *reino dos céus*. E enviou-os a pregar *o reino de Deus*, e a curar os enfermos. E curai os enfermos que nela houver, e dizei-lhes: É chegado a vós *o reino de Deus*” (Mateus 10:7; Lucas 9:2; 10:9). Por favor, compreenda que estes não são passagens isoladas citadas como prova. Em quase todas as passagens em que Jesus deu a seus discípulos instruções sobre pregação, ele lhes disse que pregassem a respeito do reino.

Certamente você lembra do discípulo que disse que seguiria a Jesus, mas que primeiro enterraria a seu pai. O que Jesus lhe disse? “Mas Jesus lhe observou: Deixa aos mortos o enterrar os seus mortos; porém tu vai e anuncia *o reino de Deus*” (Lucas 9:60).

Mas, por favor, não me entenda mal. De maneira nenhuma quero minimizar nossa necessidade do novo nascimento ou da salvação. Estes são aspectos fundamentais do evangelho. No entanto, são um meio para se conseguir um fim: entrar no reino de Deus. Jesus nunca pretendeu que seus seguidores pregassem a salvação e o novo nascimento como coisas à parte do reino. O reino é um aspecto absolutamente elementar do evangelho. Quando falamos às pessoas sobre a salvação, mas não dizemos nada a respeito do reino, não estamos pregando o evangelho de Jesus Cristo.

E que evangelho Jesus disse que seria pregado em todo o mundo antes do fim? Ele disse: “E este *evangelho do reino* será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as nações, e então virá o fim” (Mateus 24:14). Atualmente um “evangelho” está sendo pregado em todo mundo, mas, será que é o evangelho *do reino*?

O que é este reino de Deus?

Todo reino possui quatro componentes fundamentais: (1) um governante ou vários dirigentes, (2) súditos, (3) um território ou área dominada e (4) leis. O reino de Deus não é diferente. Possui um governante, súditos, território e leis. No entanto, já que o reino de Deus é tipo de reino revolucionário, estes quatro componentes fundamentais adquirem características singulares.

Para começar, o reino de Deus não tem um governante terrestre. Seu governante é Jesus Cristo quem reina lá do céu. Os reinos terrestres mudam de governantes e de políticos de tempos em tempos. Em contrapartida, Jesus é eterno e suas políticas não mudam. “Jesus Cristo é o mesmo, ontem, e hoje, e eternamente.” (Hebreus 13:8).

Quem são os cidadãos do reino de Deus? Os judeus? Não, Jesus foi muito direto com os judeus: “Portanto, eu vos digo que o reino de Deus vos será tirado, e será dado a uma nação que dê os seus frutos” (Mateus 21:43). A qual nação Jesus daria o reino? Aos romanos? Aos britânicos? Aos sul-americanos? Aos norte-americanos? Não, a nenhum destes, pois as escrituras nos dizem: “Nisto não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há macho nem fêmea; porque todos vós sois um em Cristo Jesus. E, se sois de Cristo, então sois descendência de Abraão, e herdeiros conforme a promessa” (Gálatas 3:28–29).

De maneira que todos os que pertencemos a Cristo, todos os que verdadeiramente somos nascidos de novo, somos os cidadãos deste reino. Tornamo-nos herdeiros da promessa de Deus, cidadãos de sua nova nação. Ao escrever aos cristãos gentios de seu tempo, Pedro dirigiu-se a eles com as seguintes palavras: “Mas vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo

adquirido, para que anunciéis as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz; Vós, que em outro tempo não éreis povo, mas agora sois povo de Deus; que não tínheis alcançado misericórdia, mas agora alcançastes misericórdia” (1 Pedro 2:9–11).

De maneira que os cidadãos do reino de Deus são chamados para serem uma nação santa, um reino de sacerdotes, como os israelitas tinham sido chamados (leia Êxodo 19:5–6). No entanto, o reino foi tirado dos israelitas e dado a uma nação (a nação dos crentes nascidos de novo) que produzisse frutos de justiça.

Um aspecto único do reino de Deus é que seus cidadãos não ocupam determinada porção de terra, como os cidadãos dos outros reinos. Os cidadãos do reino de Deus estão espalhados por todas as nações do mundo. Esta característica tem sido a causa de um conflito constante para o reino de Deus. Isto se deve ao fato de que seus cidadãos sempre vivem sob dois reinos diferentes, um reino do mundo e o reino de Deus.

Jesus disse-lhe à samaritana: “Mulher, crê-me que a hora vem, em que nem neste monte nem em Jerusalém adorareis o Pai” (João 4:21). O reino de Deus não teria nenhuma capital terrestre nem lugar sagrado.

Tudo isto foi algo nunca antes visto tanto pelos judeus como pelos gentios do tempo de Jesus. O reino dos israelitas ocupava uma área geográfica específica. O mesmo que se dá com todos os reinos humanos. Os israelitas sempre tiveram uma localização física onde se encontrava sua tabernáculo ou templo. Durante mil anos, esse lugar tinha sido Jerusalém. Todo reino humano possui uma capital terrestre, mas o reino de Deus é assim.

O reino de Deus está entre vocês

Como se não bastasse, Jesus disse aos fariseus algo ainda mais alarmante: “E, interrogado pelos fariseus sobre quando havia de vir o reino de Deus, respondeu-lhes, e disse: O reino de Deus não vem com aparência exterior. Nem dirão: Ei-lo aqui, ou: Ei-lo ali; porque eis que o reino de Deus está entre vós” (Lucas 17:20–21).

Que tipo de reino é este? Um reino que está *entre* vocês? Jesus realmente estava introduzindo algo maravilhosamente novo, algo revolucionário. Não era só um novo reino. Era um reino de outra *natureza*. Era um tipo de reino totalmente diferente, do qual nenhuma pessoa, judia ou gentia, jamais havia escutado. Um reino que está “entre vós”.

Talvez você esteja pensando: *Ah, agora entendi! Jesus estava falando de um reino espiritual, e não de um reino de verdade.* Não, Jesus estava falando de um reino de verdade. O antigo reino dos israelitas sem dúvida era um reino de verdade, não era? Tinha reis de verdade, súditos de verdade e leis de verdade. O reino de Deus é tão real como o antigo reino israelita. Este reino também tem um Rei de verdade, súditos de verdade e leis de verdade. Seu domínio engloba toda a terra, ainda que a maior parte da população da terra não seja de cidadãos deste reino.

O que Jesus quis dizer quando afirmou que o reino de Deus está entre vós? Tertuliano, um escritor cristão da igreja primitiva, comentou sobre esta frase: “Bem, quem não compreende que a frase ‘entre vós’ significa *em vossas mãos* ou *em vosso poder*? Ou seja, se escutares e cumprires os mandamentos de Deus?”¹ Qualquer pessoa pode escolher ser um cidadão do reino de Deus se estiver disposta a assumir o compromisso exigido. A pessoa não tem que ir a nenhuma parte nem pagar nenhuma soma de dinheiro para se converter num cidadão.

Aqueles líderes religiosos tinham perguntado a Jesus quando viria o reino. Ele lhes disse: “O reino de Deus está entre vós”. Isto é, o Rei e alguns de seus súditos já se encontravam no meio deles, e

eles não o sabiam. Os súditos do reino de Jesus vivem no meio dos povos deste mundo; no entanto, o mundo não pode ver este reino. O reino de Jesus não tem fronteiras nacionais, não tem rei terrestre nem forças militares. Obter a cidadania do reino de Deus está ao alcance de todos.

O reino de Deus está perto

Muitos cristãos crêem que o reino de Deus é algo só para o futuro. Mas não é assim; o reino de Deus é algo que está aqui neste exato momento. Paulo escreveu aos colossenses: “O qual nos tirou da potestade das trevas, e nos transportou para o reino do Filho do seu amor” (Colossenses 1:13). Paulo aqui fala usando o tempo no passado. Deus já nos transportou a seu reino. Ele não nos leva a seu reino depois que morremos. Ele nos leva a seu reino assim que nascemos de novo.

É mesmo estranho que muitos cristãos não se dão conta de que o reino de Deus é uma realidade atual na terra. Para melhor dizer, muitos cristãos nem sequer sabem o que é o reino de Deus. Tal qual os fariseus, eles não *vêem* o reino de Deus. E é por isso que nunca se comprometem com o reino.

Você já fez seu o compromisso com o reino?

Quando os estrangeiros desejam se tornar cidadãos dos Estados Unidos de América, exige-se que prestem o seguinte juramento:

Declaro, sob juramento, que renuncio e abjuro total e completamente toda lealdade e fidelidade a qualquer príncipe, potentado, estado ou soberania estrangeira de quem ou do qual até agora tenha sido súdito ou cidadão; que apoiarei e defenderei a Constituição e as leis dos Estados Unidos de América contra todos os inimigos, estrangeiros e nacionais; que mantereí uma verdadeira fé e fidelidade à mesma; que portarei armas em nome dos Estados Unidos quando a lei o exigir; que realizarei serviços não combatentes nas forças armadas dos Estados Unidos quando a lei o requerer; que realizarei trabalhos de importância nacional quando a lei o requerer; e assumo este compromisso livremente sem nenhuma reserva mental nem propósito de evasão; que Deus me ajude para esse fim.¹

Os Estados Unidos, como a maioria dos governos, não permite aos que desejam se tornar cidadãos que continuem sendo leais a seu país de procedência. Os cidadãos naturalizados não podem afirmar que sua lealdade e fidelidade pertencem aos Estados Unidos enquanto mantêm lealdade a algum governo estrangeiro. O governo não permite isso, mas sim exige uma lealdade completa de qualquer pessoa que solicite a cidadania.

Da mesma maneira, não devemos estranhar que Jesus o Rei exija uma lealdade semelhante dos que solicitam a cidadania em seu reino. Na realidade, ele exige um grau de lealdade ainda maior: “Quem ama o pai ou a mãe mais do que a mim não é digno de mim; e quem ama o filho ou a filha mais do que a mim não é digno de mim. (...) Quem achar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a sua vida, por amor de mim, achá-la-á. (...) Quem não é comigo é contra mim; e quem comigo não ajunta, espalha (...) Assim, pois, qualquer de vós, que não renuncia a tudo quanto tem, não pode ser meu discípulo”(Mateus 10:37–39; 12:30; Lucas 14:33).

Os Estados Unidos não exige às pessoas que renunciem a tudo o que têm para adquirir a cidadania. No entanto, Jesus realmente exige isso dos cidadãos de seu reino. Em seu reino, não pode haver lealdade dividida. Jesus não aceita ser relegado a um segundo plano por ninguém nem por nada. Ele exige tudo ou nada. É justamente por isso que Jesus nos diz que calculemos o custo antes de entrarmos no seu reino. “Pois qual de vós, querendo edificar uma torre, não se assenta primeiro a fazer as contas dos gastos, para ver se tem com que a acabar? Para que não aconteça que, depois de haver posto os alicerces, e não a podendo acabar, todos os que a virem comecem a escarnecer dele, Dizendo: Este homem começou a edificar e não pôde acabar” (Lucas 14:28–30). Jesus não deseja que comecemos algo que não vamos terminar. “Ninguém, que lança mão do arado e olha para trás, é apto para o reino de Deus” (Lucas 9:62).

Se realmente entendemos o reino e compreendemos o que significa, o mesmo será mais precioso para nós do que qualquer outra coisa que possuímos. “Também o reino dos céus é semelhante a um tesouro escondido num campo, que um homem achou e escondeu; e, pelo gozo dele, vai, vende *tudo quanto tem*, e compra aquele campo. Outrossim, o reino dos céus é semelhante ao homem, negociante, que busca boas pérolas; E, encontrando uma pérola de grande valor, foi, vendeu *tudo quanto tinha*, e comprou-a” (Mateus 13:44–46).

Na realidade, em tempos de guerra, até os governos terrestres esperam que seus cidadãos ponham a lealdade a seu país acima de qualquer outra, inclusive a lealdade a suas próprias famílias. Em tempos de guerra às vezes acontece de os pais e filhos lutarem em lados contrários, e os soldados matam a seus próprios irmãos. O fato é que, durante a guerra, os reinos terrestres esperam que seus cidadãos dêem suas vidas, se necessário, pelo bem do país. Qualquer governo *de verdade* espera

este tipo de lealdade de seus cidadãos.

Jesus não espera menos dos seus súditos. Por quê? Porque seu reino é um reino *de verdade*. E, ao contrário dos reinos terrestres, o reino de Deus *sempre* está em guerra (leia Efésios 6.12). Jesus disse: “Não cuideis que vim trazer a paz à terra; não vim trazer paz, mas espada; Porque eu vim pôr em dissensão o homem contra seu pai, e a filha contra sua mãe, e a nora contra sua sogra; E assim os inimigos do homem serão os seus familiares” (Mateus 10:34–36).

Jesus exige de seus cidadãos o mesmo nível de lealdade, amor e entrega que os patriotas fervorosos dão a seu país em tempos de guerra, para não dizer maior. Ser cidadão do reino de Deus não é uma diversão nem um jogo; é algo sério. “Quem ama a sua vida perdê-la-á, e quem neste mundo odeia a sua vida, guardá-la-á para a vida eterna” (João 12:25).

A obediência

Durante a Segunda Guerra Mundial, governo dos Estados Unidos racionou uma grande quantidade de artigos. A borracha foi o primeiro a ser racionado. Em seguida foi a gasolina. Dentro de pouco tempo, o governo começou a racionar o açúcar, o café, as carnes, a manteiga, os alimentos enlatados, as ervilhas e feijões secos, e uma variedade de outros produtos. Finalmente, o governo racionou ou limitou inclusive artigos como sapatos e roupas.²

Bem, agora vamos supor que certo patriota fervoroso tivesse sido surpreendido roubando gasolina da refinaria do povo para não ter que sofrer a inconveniência do racionamento em tempos de guerra. O que o povo teria pensado dessa pessoa? Que teria sucedido se a mesma pessoa tivesse violado outras leis dos tempos de guerra? Será que alguém iria considerá-lo um verdadeiro patriota? Jamais! Seria considerado um hipócrita, um impostor e até um traidor.

No reino de Cristo não é diferente. Jesus promulgado várias leis e mandamentos, e todas as suas leis são leis de tempos de guerra. Quando violamos suas leis, demonstramos ser traidores. Demonstramos que não sentimos amor verdadeiro por nossa nova pátria. Queremos desfrutar dos benefícios de viver sob seu governo, mas não desejamos enfrentar nenhum tipo de dificuldade nem inconveniência. Jesus conhece bem qualquer patriotismo falso que queira se infiltrar em seu reino, qualquer amor fingido por ele.

É verdade que o reino de Deus tem leis?

É possível que já disseram a você que não existem leis para os cristãos. Muitos pregadores dizem: “Já não temos mandamentos; isso era do tempo da lei mosaica. Estamos debaixo a graça, e não debaixo da lei.” Se esse é o caso, então explique, por favor, estas declarações de Jesus:

Se me amais, guardai os meus mandamentos. (...) Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado de meu Pai, e eu o amarei, e me manifestarei a ele. (...) Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e meu Pai o amará, e viremos para ele, e faremos nele morada. Quem não me ama não guarda as minhas palavras. (...) Se guardardes os meus mandamentos, permaneceréis no meu amor; do mesmo modo que eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai, e permaneço no seu amor. (...) Vós sereis meus amigos, se fizerdes o que eu vos mando (João 14:15, 21, 23–24; 15:10, 14).

Será que não temos mandamentos? Só a graça? Segundo Jesus, não é assim! E sua opinião é a única que vale. Onde não há leis nem mandamentos, não há reino. E onde não há reino, não há Jesus. Qualquer teologia ou sistema hermenêutico que invalide as palavras claras de Jesus não é de Cristo. Jesus passou a noite antes de sua morte repetindo uma e outra vez a seus discípulos que guardassem seus mandamentos, e não o fez só para depois lhes dizer que na realidade não há nada para guardarem!

Edificando sobre a Rocha

Quase no final do sermão do Monte, Jesus nos advertiu: “Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? e em teu nome não expulsamos demônios? e em teu nome não fizemos muitas maravilhas? E então lhes direi abertamente: Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, *vós que praticais a iniquidade*” (Mateus 7:22–23). De modo que Jesus disse que rejeitaria a qualquer um que, afirmando ser cristão, praticasse a iniquidade. Os que praticam a iniquidade são os que se declaram cristãos, mas recusam reconhecer as leis e mandamentos de Jesus ou viver segundo os mesmos.

Jesus concluiu seu sermão dizendo: “Todo aquele, pois, que escuta estas minhas palavras, *e as pratica*, assemelhá-lo-ei ao homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha; E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e não caiu, porque estava edificada sobre a rocha. E aquele que ouve estas minhas palavras, *e não as cumpre*, compará-lo-ei ao homem insensato, que edificou a sua casa sobre a areia; E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e caiu, e foi grande a sua queda” (Mateus 7:24–27).

Estas palavras são muito claras, não são? A única maneira de edificarmos sobre a rocha é *praticando* as coisas que Jesus ensinou. Se não fizermos o que ele ensinou, estaremos edificando sobre a areia.

Os valores do reino

Enquanto crescia durante a década dos cinquenta, com frequência eu ouvia o povo falar a respeito do “estilo americano”. O “estilo americano” referia-se ao sistema de valores norte-americanos, em contraste com os valores dos comunistas. Entre os valores norte-americanos estão uma forte crença na liberdade de religião, na liberdade de opinião, a liberdade de imprensa, num sistema judicial justo e na eleição de representantes que sejam responsáveis perante o povo.

Igualmente, existe o “estilo do reino”. O reino de Jesus traz consigo seu próprio sistema de valores. Nos capítulos seguintes, analisaremos algumas das leis do reino que se baseiam nestes valores. A maioria de pessoas pode achar que estes valores do reino estão invertidos. O motivo é que muitos deles são exatamente o oposto dos valores humanos que conhecemos. Mas o mais importante que devemos lembrar a respeito destes valores do reino é que estão arraigados na *eternidade*. E as coisas adquirem características totalmente diferentes quando se submetem à luz da eternidade.

É como as características variáveis da substância química H₂O a diferentes temperaturas. Quando esta substância se encontra a temperaturas acima de 0 °C (e abaixo de 100 °C), a chamamos água. Nesse estado é um líquido que corre dentro de canos. Qualquer pessoa pode bebê-lo ou nadar dentro dele. No entanto, abaixo de 0 graus, o H₂O adquire características totalmente diferentes. Todas as suas propriedades mudam drasticamente. O que antes se podia beber, agora se pode comer. Onde antes alguém podia entrar e nadar, agora pode parar e caminhar.

O mesmo acontece quando se trata da eternidade. Todas as coisas (os bens materiais, os talentos, as atividades e os valores) adquirem características totalmente novas quando são consideradas sob a vista da eternidade. As coisas que são uma bênção do ponto de vista terrestre com frequência se convertem numa maldição quando são vistas através do prisma da eternidade. No reino, a eternidade não é a coisa principal; é *única coisa*. No final das contas, o resto é irrelevante.

E essa é a razão fundamental pela qual devemos esperar que as leis e os valores deste reino sejam *diferentes*, ou seja, *revolucionários*. Estas são as leis e os valores da eternidade. É de se esperar que sejam diferentes dos da terra!

A grande mudança de paradigma

Viver e atuar no reino de Deus requer uma mudança radical de paradigma. A palavra *paradigma* significa “um modelo ou padrão”. Também pode significar um conceito geral ou a soma de todas as nossas suposições, que nos permitem entender (ou entender mal) um acontecimento específico, uma série de eventos ou a vida em general. Em nós, acontece uma mudança de paradigma quando, após pensarmos que entendíamos a realidade sobre algo, descobrimos que é outra.

Por exemplo, um das mudanças de paradigma mais conhecidas na ciência se deu quando Copérnico formulou a hipótese de que a terra e os demais planetas giram ao redor do sol. Depois que os cientistas aceitaram o modelo heliocêntrico de Copérnico, tiveram que mudar muitas de suas suposições anteriores a respeito dos movimentos da terra. Igualmente, quando Louis Pasteur e outros cientistas descobriram que os micróbios causam doenças, a prática da medicina sofreu alterações radicais.

O escritor Frank Koch oferece um exemplo excelente de uma mudança de paradigma numa história relatada em *Proceedings*, a revista do Instituto Naval dos Estados Unidos:

Durante vários dias, dois navios de guerra entregues ao esquadrão de treinamento estavam realizando manobras sob condições climáticas desfavoráveis. Eu me encontrava prestando serviços no navio de guerra principal, e estava na vigilância na ponte de comando quando caiu a noite. A visibilidade era pouca com a neblina, de modo que o capitão se mantinha na ponte de comando observando todas as atividades.

Pouco depois de ter escurecido, o sentinela que se encontrava na asa da ponte de comando informou:

— Observa-se uma luz a estibordo.

— Está fixa, ou move-se para a popa? — gritou o capitão.

A sentinela respondeu:

— Fixa, capitão.

Nesse caso, estávamos rumo a uma perigosa colisão contra aquele barco.

Então o capitão chamou o encarregado da comunicação por sinais e lhe disse:

— Comunique àquele barco: “Encontramos-nos rumo a uma colisão. Aconselhamos-lhes que mudem seu rumo 20 graus.”

Então recebemos sinais que diziam: “Seria melhor *vocês* mudarem seu rumo 20 graus”.

O capitão disse:

— Envie-lhe o seguinte: “Eu sou capitão; mude seu rumo 20 graus”.

“Eu sou um marinheiro de segunda classe”, foi a resposta. “É melhor que *você* mude seu rumo 20 graus.”

A estas alturas, o capitão estava furioso.

— Envie-lhe o seguinte: — o capitão cuspiu as palavras — “Eu sou um *navio de guerra*. Mude seu rumo 20 graus.”

E então recebemos a breve e clara mensagem: “Eu sou um farol em terra firme”.

Nós mudamos o rumo.³

A mudança de paradigma necessário para entrar e permanecer no reino é igualmente radical! Uma vez cidadãos do novo reino, descobrimos que muitos supostos barcos na realidade são faróis. Quando verdadeiramente nos tornamos cidadãos do reino, toda nossa cosmovisão muda.

Estas não são simplesmente “Pensamentos do dia”

Desejo fazer um último comentário antes de olharmos algumas das leis revolucionárias e valores “invertidos” do reino de Deus. A maioria de nós escutou estes ensinamentos de Jesus tantas vezes que praticamente ficamos insensíveis à sua verdadeira mensagem. Os ensinamentos revolucionários de Jesus foram reduzidos a clichês, frases batidas e “pensamentos do dia”. Falamos, pois, das “bem-aventuranças”, da “regra de ouro” e de andar “a segunda milha”. Algo bom de se pensar, mas nada para levarmos tanto a sério ou muito ao pé da letra.

Quando Jesus pregou a respeito das bem-aventuranças à multidão que se ajuntou para ouvir naquele dia, ele não estava recitando uma poesia. Seu desejo não era que eles voltassem a casas e falassem das palavras bonitas que ele lhes tinha passado. Não, Jesus queria desafiar até o mais profundo de suas almas. Ele queria lhes dar um novo conjunto de valores e leis, além de uma nova vida.

Nas páginas que aparecem a seguir, iremos analisar atentamente alguns dos novos valores e leis desafiadoras do reino. No entanto, não as vamos diluí-las, nem procuraremos dar explicações exaustivas. Iremos aceitá-las tal como são. Será que as leis de Jesus vão incomodar até a nós? Com certeza!

Uma mudança em nosso conceito sobre riquezas

Primeiramente, vejamos uma das mais desafiantes leis revolucionárias de Jesus. Diz respeito ao que a maioria dos humanos procuram: riqueza e prosperidade. Raramente os governos terrestres proíbem seus cidadãos que acumulem tesouros terrestres. Todavia, o governo de Jesus o proíbe. Nosso Rei nos mandou: “Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem, e onde os ladrões minam e roubam; Mas ajuntai tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem consomem, e onde os ladrões não minam nem roubam” (Mateus 6:19–20).

Como? Não posso acumular tesouros aqui na terra? Por que não? Jesus explica: “Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração” (Mateus 6:21). No capítulo anterior vimos que Jesus não permite que seus súditos o releguem a um segundo plano em suas vidas. Aliás, ele continuou dizendo: “Ninguém pode servir a dois Senhores; porque ou há de odiar um e amar o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom” (Mateus 6:24).

Em resumo, Jesus tem que ser o nosso único Senhor. A maioria das governos terrestres não se opõe a que sirvamos às riquezas, com a condição de que também cumpramos com as obrigações que eles nos impõem. No entanto, em tempos de guerra, até os governos terrestres esperam que nós ponhamos o nosso país acima de nossas preocupações materiais. O governo chama os homens às fileiras do exército sem se importar com o efeito que isso possa ter sobre sua renda ou seus negócios. Em tais circunstâncias, todas as coisas têm que ocupar um segundo lugar ante os interesses nacionais.

Outra vez, o reino de Deus não é diferente; ao contrário, exige *mais* do que os governos terrestres em lugar de menos. E como já disse, o reino de Deus vive em tempos de guerra continuamente. A busca das coisas materiais *sempre* estará em conflito com os compromissos que o reino exige de nós.

Isso, então, significa que devemos deixar nossos empregos ou parar os nossos negócios? Não necessariamente. Jesus explicou:

Por isso vos digo: Não andeis cuidadosos quanto à vossa vida, pelo que haveis de comer ou pelo que haveis de beber; nem quanto ao vosso corpo, pelo que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o mantimento, e o corpo mais do que o vestuário? Olhai para as aves do céu, que nem semeiam, nem segam, nem ajuntam em celeiros; e vosso Pai celestial as alimenta. Não tendes vós muito mais valor do que elas? E qual de vós poderá, com todos os seus cuidados, acrescentar um côvado à sua estatura?

E, quanto ao vestuário, por que andais solícitos? Olhai para os lírios do campo, como eles crescem; não trabalham nem fiam; E eu vos digo que nem mesmo Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles. Pois, se Deus assim veste a erva do campo, que hoje existe, e amanhã é lançada no forno, não vos vestirá muito mais a vós, homens de pouca fé?

Não andeis, pois, inquietos, dizendo: Que comeremos, ou que beberemos, ou com que nos vestiremos? (Porque todas estas coisas os gentios procuram). De certo vosso Pai celestial bem sabe que necessitais de todas estas coisas; Mas, buscai primeiro o reino de Deus, e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas (Mateus 6:25–33).

Jesus não disse que não podemos nos prover de coisas materiais para nós mesmos e para nossas famílias. Mas sim que temos que procurar *primeiramente* o reino de Deus. Nossos empregos e nossos negócios têm que ser deixados em segundo plano se quisermos permanecer em seu reino.

E o que Jesus nos promete se buscarmos primeiro o seu reino? Prosperidade material? Não. Ele simplesmente nos promete que Deus proverá as nossas *necessidades primordiais*: o alimento e o vestuário.

A grande mudança de valores

Quando se trata de bens materiais, o reino de Deus não só tem *leis* diferentes, mas todos os seus *valores* são completamente diferentes. “E, levantando ele os olhos para os seus discípulos, dizia: Bem-aventurados vós, os pobres, porque vosso é o reino de Deus” (Lucas 6:20). A maioria de nós nos tornamos tão insensíveis às “Bem-aventuranças” que nem sequer notamos a declaração revolucionária e radical de Jesus neste versículo.

É uma bênção ser pobre? Quantos de nós cremos nisso? Sério, quantos de nós *realmente* crêem nisso? Por exemplo, quando passamos pela casa de um cristão pobre, talvez dizemos em nosso coração: “Que bênção! Veja como Deus abençoou essa família.” Sejamos honestos. Muitos poucos de nós dizemos algo assim. É porque realmente não cremos em nosso coração que a pobreza é uma bênção.

Em contrapartida, em inúmeras ocasiões algum cristão me mostrou sua bela casa e seus abundantes bens, dizendo: “Veja o que o Senhor nos deu”. Da próxima vez que alguém me disser isso, serei tentado a responder: “Mesmo? E por que Deus faria uma coisa dessas? Tem alguma idéia por que o Deus está amaldiçoando a você?” Quando é que iremos acordar e crer em Jesus? Ele nos diz: “Mas ai de vós, ricos! porque já tendes a vossa consolação” (Lucas 6:24). A prosperidade é uma armadilha, não uma bênção. A pobreza com piedade é uma bênção, não uma maldição.

Estas verdades nos levam a uma mudança de paradigma tão radical como a que ocorre quando nos damos conta de que a luz que vemos não é um barco, como criamos, mas sim um farol em terra firme. “Mas é grande ganho a piedade com contentamento. Porque nada trouxemos para este mundo, e manifesto é que nada podemos levar dele. Tendo, porém, sustento, e com que nos cobrirmos, estejamos com isso contentes. Mas os que querem ser ricos caem em tentação, e em laço, e em muitas concupiscências loucas e nocivas, que submergem os homens na perdição e ruína. Porque o amor ao dinheiro é a raiz de toda a espécie de males; e nessa cobiça alguns se desviaram da fé, e se traspassaram a si mesmos com muitas dores” (1 Timóteo 6:6–10).

O pobre do reino em contraste com o pobre mundano

Quer dizer que se sou pobre automaticamente estou numa posição favorável diante de Cristo? Não. Porque ser pobre em si não é suficiente. Podemos ser pobres e nem por isso estar buscando primeiro o reino. No sermão do Monte, Jesus usou uma expressão um tanto diferente da usada no sermão da Planície registrado em Lucas 6. No sermão do Monte, ele disse: “Bem-aventurados os pobres *de espírito*, porque deles é o reino dos céus;” (Mateus 5:3). Essa expressão pobres “de espírito” não se usa em nenhuma outra parte da escritura. Muitos comentaristas modernos pensam que significa “desalentados” ou “humildes”. Talvez seja isso mesmo.

No entanto, um dos anciãos do segundo século da igreja primitiva, Clemente de Alexandria, a interpretou de uma forma muito diferente. Ele entendia que Jesus estava dizendo: “Bem-aventurados os que são pobres *em suas almas*”.¹ Isto é, aqueles que, sem se importar com o que possuem, seja muito ou pouco, têm suas almas separadas das coisas materiais. O fato é que uma pessoa pode ser pobre no material, mas ser muito cobiçosa em espírito. Por melhor dizer, a grande maioria dos pobres deste mundo não são “pobres em espírito”. O foco de suas almas não é o reino, mas sim as riquezas.

A pobreza dos mundanos não é algo que eles escolhem. Muitos pobres mundanos têm seus corações

voltados em obter mais coisas materiais. Eles têm inveja dos ricos e da classe média. Na realidade, seu desejo pelas riquezas é tão forte que muitas vezes se individualizam para comprar o que não podem pagar. Alguns pobres mundanos são trapaceiros e até roubam. Geralmente atrasam os pagamentos que se comprometeram a saldar. Este tipo de pessoa é capaz de fugir da cidade para não pagar suas contas ou declarar falência para que seus credores fiquem na mão. Os pobres mundanos às vezes estão tão envolvidos no consumo de coisas chamativas quanto os ricos. Ou seja, eles desejam usar a roupa mais chique ou dirigir um carro chamativo. A verdade é que são amantes do dinheiro tanto quanto os ricos.

Outro tipo de pobre mundano é simplesmente o preguiçoso ou o irresponsável. Estas pessoas podem dedicar um pouco de tempo para ter alguma renda, a qual pode ser louvável. No entanto, terminam sendo um fardo para os outros: para sua igreja, seus pais, amigos ou para o governo. (Veja bem, eu não estou me referindo a pessoas que não podem trabalhar, como é o caso dos idosos, dos doentes e dos deficientes.) Com frequência os preguiçosos não têm dinheiro porque o esbanjam em bebidas, jogos, cigarros, drogas e coisas semelhantes. Esses pobres mundanos que afirmam ser cristãos fazem muito pouco pelo reino. Não trabalham pelas riquezas, mas também não trabalham para Cristo.

Por outro lado, a pobreza dos súditos do reino, sim, é algo escolhido. Alguns dos pobres do reino são cristãos que antes eram ricos, mas que deram sua riqueza para ajudar aos necessitados. Outros já eram pobres e continuam sendo pobres por decisão própria. Os pobres piedosos não são simplesmente pobres no exterior, mas também no interior. Os planos de seu coração têm sua meta no reino, não em como adquirir mais riquezas. Os pobres do reino não invejam os mais prósperos, já que eles de fato acham que ser pobre é uma bênção. Nesse caso, por que invejar os ricos? Afinal de contas, são os ricos que estão perdendo uma bênção.

Os pobres do reino não são vadios, mas sim um povo trabalhador. Conforme as circunstâncias, pode ser que tenham que trabalhar em tempo integral para suprir as necessidades de suas famílias. Eles sabem bem que as escrituras ensinam: “Se alguém não quiser trabalhar, não coma também” (2 Tessalonicenses 3:10). Mas, quer trabalhem em tempo integral ou não, também trabalham bastante para o reino.

Os pobres do reino não são cobiçosos. Eles não compram coisas que não possam pagar, nem adquirem bens de consumo a crédito. Eles cumprem seus compromissos, porque seu “Sim” é “Sim” e seu “Não” é “Não”. Os pobres do reino podem se dedicar ao evangelho e viver dele; para Deus isso é honrável... contanto que trabalhem arduamente no serviço de seu Rei. No entanto, os pobres do reino não vivem às custas de seus pais, amigos, ou instituições de bem-estar social. Eles não são um fardo para os outros.

Pode um rico ser “pobre de espírito”?

Teoricamente, uma pessoa pode ter uma relativa abundância dos bens deste mundo e ainda assim ser “pobre de espírito”. Ou seja, a riqueza é seu *servo*, e não seu Senhor. Paulo é um bom exemplo de alguém que foi “pobre de espírito”. Como disse aos filipenses: “Não digo isto como por necessidade, porque já aprendi a contentar-me com o que tenho. Sei estar abatido, e sei também ter abundância; em toda a maneira, e em todas as coisas estou instruído, tanto a ter fartura, como a ter fome; tanto a ter abundância, como a padecer necessidade” (Filipenses 4:11–12). Quer tivesse muito ou pouco, Paulo sempre esteve desprendido de seus bens materiais. Ele não hesitava em renunciá-los se surgisse a necessidade.

No entanto, inclusive na sua abundância, duvido que Paulo alguma vez fora rico. Além disso, todos devemos entender que é extremamente difícil ser rico e ao mesmo tempo “pobre de espírito”. Como disse Jesus: “Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração”. Se temos um

tesouro aqui na terra, nosso coração *estará* nesse tesouro. Teremos a preocupação de preservá-lo e ficamos pesarosos com a idéia de perdê-lo. Por essa razão, Jesus disse em outra ocasião: “É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus” (Mateus 19:24).

Como vimos no capítulo anterior, Jesus nos disse claramente: “Qualquer de vós, que não renuncia a tudo quanto tem, não pode ser meu discípulo” (Lucas 14:33).. Obviamente, quanto mais coisas tivermos que renunciar, mais difícil será nos desprendermos delas. Podemos convencer a nós mesmos de que ainda somos “pobres de espírito”, mas a Jesus não enganamos. Ele sabe onde está o nosso tesouro, ainda que nós mesmos não o saibamos.

Os ensinamentos radicais de Jesus sobre as riquezas devem estremecer as almas de todos os cristãos norte-americanos. Por quê? Porque somos a nação mais rica sobre a face da terra. Por melhor dizer, os Estados Unidos é a nação mais rica na história da humanidade. No ano 2002, os norte-americanos obtiveram rendimentos equivalentes a 36.300,00 dólares per capita nos Estados Unidos.² A metade das famílias nos Estados Unidos ganham pelo menos \$56.000,00 por ano.³

No entanto, a típica família norte-americana não se considera particularmente rica. Isso se deve ao fato de que seu nível de vida é mais ou menos o mesmo do que o das outras famílias a seu redor. Na realidade, os norte-americanos com freqüência se queixam de como estão apertados e se lamentam de que o dinheiro que ganham não dá.

Porém, uma única viagem um país de terceiro mundo é o suficiente para que um norte-americano abra seus olhos e se dê conta da imensa riqueza que possuímos como nação. Nós os norte-americanos realmente somos ricos, queiramos admitir ou não. Na maior parte do mundo, qualquer família que ganhe \$56.000,00 por ano seria considerada uma família extremamente rica.

Como mencionei anteriormente, o rendimento per capita atual nos Estados Unidos é de de \$36.300,00. Em contrapartida, a renda per capita na Romênia é de apenas \$6.800,00 ao ano, menos de $\frac{1}{5}$ da renda per capita norte-americana.⁴

Todavia, a renda per capita na Romênia é maior do que na maioria dos países do mundo; é aproximadamente duas vezes maior que a de Honduras, cuja renda per capita é de somente \$2.600,00 por ano.⁵ Mas, por sua vez, a renda per capita de Honduras é mais de duas vezes maior do que a da Uganda, a qual é apenas de \$1.200,00 por ano.⁶ E a da Uganda é mais de duas vezes maior que a da Somália que é de \$550,00 por ano.⁷ De modo que a renda per capita dos americanos é 66 vezes maior do que a dos somalis. Ou seja, em 5 $\frac{1}{2}$ dias nós percebemos o que um percebe em um ano!

Portanto, em que posição ficamos no que se refere ao reino de Deus? Nós os norte-americanos somos ricos, e Jesus disse que “é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus”. Ao contrário do que a maioria dos cristãos pensa, as riquezas dos Estados Unidos não são uma bênção de Deus. Equiparar a prosperidade material com a bênção de Deus é um vestígio do sistema de valores antigo. É sinal de que não fizemos a mudança de paradigma necessária. No reino de Deus, os pobres são abençoados e os ricos têm que se esforçar para fazer passar seu camelo pelo fundo de uma agulha!

Será que não tem jeito para nós cristãos norte-americanos? Não, pois Jesus nos estendeu o mais fino fio de esperança . Quando seus discípulos ouviram suas palavras sobre a dificuldade de um rico em entrar no reino, eles se assombraram e perguntaram: “Quem poderá pois salvar-se? E Jesus, olhando para eles, disse-lhes: Aos homens é isso impossível, mas a Deus tudo é possível” (Mateus 19:25–26).

De modo que há esperança para os ricos, graças à intervenção de Deus. Mas nós norte-americanos só nos enganamos a nós mesmos se pensarmos que todos vamos nos espremer e passar pela brecha dessa exceção. Se quisermos entrar nesta exceção, realmente teremos que ter a certeza de que estamos cumprindo, em primeiro lugar, tudo o que Jesus nos apresentou como de valor primordial:

Então dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo; Porque tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me. (...) E, respondendo o Rei, lhes dirá: Em verdade vos digo que quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes (Mateus 25:34–25, 40).

Segundo esta passagens, há bons usos para o dinheiro, usos com valor eterno: alimentar, vestir, proteger e visitar os doentes, os pobres e os encarcerados. E se nós os prósperos cristãos norte-americanos quisermos permanecer no reino de Deus, estes ministérios para o benefício dos outros devem ser aspectos primordiais de nosso foco, tal como o são para Jesus.

Acho estranho que entre os cristãos que crêem na Bíblia, servir aos pobres com frequência é visto como um ministério inferior. Se você não está salvando almas, muitos diriam que seu ministério carece, em essência, de valor. No entanto, no reino permitimos que *Jesus* seja quem decida o que é de valor e o que não é. E ele diz que ajudar aos pobres é um ministério essencial. Ou melhor, ele diz que será um factor decisivo na hora de saber quem herdará o reino e quem não o herdará. Compartilhar com os pobres é tão importante como pregar o evangelho de Jesus.

Auto-exame

A maioria dos cristãos norte-americanos afirma que o reino verdadeiramente ocupa o primeiro lugar em suas vidas. “De fato, possuo um tesouro considerável aqui na terra. Mas isso não significa nada para mim. Meu coração está em Jesus, e não nestes tesouros terrestres”. Isso é o que a maioria de nós dizemos, não é verdade?

Talvez seja isso o que você mesmo afirma. E pode ser a verdade. Mas o coração do homem é enganoso. É por isso que todos devemos fazer um auto-exame profundo para determinarmos em que realmente nosso coração tem seu foco. A seguir notemos algumas perguntas simples que podem nos ajudar nesse exame.

Se você é chefe de família, pegue uma folha de papel e escreva:

1. A quantidade de horas que você passa a cada semana trabalhando por um salário, incluindo o tempo da viagem diária para o trabalho.
2. A quantidade de horas que você investe a cada semana limpando, mantendo, comprando e se ocupando dos bens materiais.
3. A quantidade de horas que você dedica a cada semana aos interesses do reino. Refiro-me a atividades tais como testificar, visitar os enfermos, alimentar e vestir os pobres, o estudo da Bíblia, a oração, o companheirismo com os outros, e outras atividades destinadas a suprir as necessidades espirituais de sua família ou para o progresso do reino de Deus.

Agora compare o tanto de horas que você passa a cada semana nos interesses do reino com o tanto de horas que você passa a cada semana ganhando e se ocupando das coisas materiais. A que você dedica a maior parte do seu tempo? Obviamente, um trabalho terrestre é necessário para satisfazer as necessidades da vida. Mas, achamos que poderemos convencer a Jesus de que só estamos trabalhando para suprir as *necessidades* da vida, e não para manter o confortável estilo de vida norte-americano?

O que tem prioridade quando há um conflito entre nossos compromissos trabalhistas e os do reino?

O nosso emprego exige que faltemos à igreja com frequência? Será que nosso trabalho nos deixa demasiado cansados para fazermos algo de valor no reino de Deus? Cremos que nosso compromisso com o reino está bem se falamos dez minutos diários com o Rei e seu Pai?

SAME ON THE PARAGRAPH BELOW:

Se você é dona-de-casa, poderia fazer as seguintes perguntas a si mesma:

1. Estaria satisfeita se meu marido ganhasse somente o suficiente para suprir as necessidades da vida, ou ele tem que prover bem mais para me manter contente?
2. Gasto mais dinheiro do que meu marido ganha?
3. Queixo-me para meu esposo da falta de dinheiro?
4. Que percentagem dos bens materiais em nosso lar são artigos aos quais *eu* me apego, em vez de ser artigos aos quais se apega o meu marido?

O marido com frequência é quem sofre com o materialismo de sua esposa. É que o materialismo de sua esposa o obriga a trabalhar mais horas ou mudar para um emprego mais bem pago, mas um emprego que destrói sua vida espiritual. Ela pode se queixar das longas horas de trabalho de seu marido; mas, não será que *seus* gastos e *suas* supostas necessidades são o que estão levando o marido a trabalhar tantas horas?

Portanto, se você é uma esposa cristã, procure ter a certeza de que está pondo os interesses do reino em primeiro lugar. Se de fato você é uma cristã do reino, certifique-se de que seu marido saiba que você fica satisfeita ter supridas as necessidades básicas da vida. Mas não lhe diga simplesmente com palavras; *mostre-lhe* que é assim mesmo, por meio de sua maneira de viver, sua maneira de usar o dinheiro, e pelo que pede dele.

Isto é só o começo

Apenas este ensinamento de Jesus exige toda uma mudança de paradigma, não é mesmo? No reino de Deus, o valor das coisas materiais é totalmente diferente do que este mundo tem. Mas o aspecto da riqueza é só o começo. Há bem mais mudanças de valores que temos que fazer para nos conformarmos com o reino de Deus.

No entanto, não se desespere. Jesus nos exige apenas aquelas coisas que ele sabe que podemos fazer por meio de seu poder.

Um novo padrão de honestidade

“Outrossim, ouvistes que foi dito aos antigos: Não perjurarás, mas cumprirás os teus juramentos ao Senhor. Eu, porém, vos digo que de maneira nenhuma jureis; nem pelo céu, porque é o trono de Deus; Nem pela terra, porque é o escabelo de seus pés; nem por Jerusalém, porque é a cidade do grande Rei; Nem jurarás pela tua cabeça, porque não podes tornar um cabelo branco ou preto. Seja, porém, o vosso falar: Sim, sim; Não, não; porque o que passa disto é de procedência maligna” (Mateus 5:33–37).*

*Este mesmo ensinamento sobre os juramentos é repetido em Tiago: “Mas, sobretudo, meus irmãos, não jureis, nem pelo céu, nem pela terra, nem façais qualquer outro juramento; mas que a vossa palavra seja sim, sim, e não, não; para que não caiais em condenação” (Tiago 5:12).

Por tanto Jesus disse a seus súditos, sem deixar lugar de dúvida, que não devem jurar nem prestar juramentos. Os juramentos nos tornam propensos à possibilidade de tomarmos o nome de Deus em vão. E isso é um pecado grave.

No entanto, há bem mais neste mandamento de Jesus do que uma simples precaução contra o perigo de se tomar o nome de Deus em vão. Jesus estava estabelecendo para seus discípulos um padrão revolucionário de honestidade. Jurar ou prestar juramentos era um traço distintivo da sociedade antiga, tanto judia como gentia. O povo usava os juramentos com regularidade, principalmente em assuntos de comércio, religião e governo. Por que os usavam com tanta frequência? Porque não podiam confiar uns nos outros.

Por exemplo, suponhamos que Levi bar José da Judéia do primeiro século vai ao mercado para comprar um anel. Ali vê um lindo anel de ouro que gostaria de ter, mas que é muito caro. Vale o preço que o comerciante está pedindo... se realmente for ouro puro. Então Levi pergunta ao comerciante:

— É ouro puro?

— Sim, claro — responde o comerciante — . Ouro puro.

— Bem — responde Levi enquanto alisa o anel — . O Senhor tem certeza?

— Claro.

— *Absoluta* certeza? — Levi pergunta novamente.

— Sim, certeza absoluta. Conheço pessoalmente ao joalheiro que fez este anel, e ele me garantiu que é ouro puro — calmamente lhe assegura o comerciantei.

Levi ainda se mostra receoso. Ele sabe que não pode confiar nem mesmo em seu concidadão judeu. De maneira que balança o anel na palma da mão para calcular o peso. Depois esquadrinha o anel cuidadosamente à procura de algum arranhão que possa revelar uma base de outro metal. Por fim, Levi começa a convencer-se de que o anel é de ouro puro. Porém, para estar completamente seguro, diz ao comerciante:

— Jure-me pelo templo que este anel é todo de ouro puro e não simplesmente banhado em ouro.

O comerciante faz o juramento que Levi lhe pede. Agora Levi pode comprar o anel sem tanta preocupação. Nenhum judeu temeroso de Deus juraria pelo templo se estivesse dizendo uma

mentira.

Assim era a vida cotidiana no mundo antigo. Pouquíssimas pessoas eram de confiança. E naquele tempo não havia nenhum Ministério de Justiça, nem agências do governo que pudessem regulamentar o comércio e punir quem fizesse afirmações falsas. De maneira que a sociedade se recorria aos juramentos, já que a maioria das pessoas temia fazer falsos juramentos. Até os gentios veneravam os juramentos, visto que temiam o castigo dos deuses se jurassem falsamente. Em consequência, os juramentos se tornaram um costume arraigado no comércio, nos assuntos legais, nos negócios e no governo. Eles tornavam possível o funcionamento da sociedade.

No entanto, por sua própria existência, o sistema de juramentos reconhecia que havia dois padrões de honestidade. Havia um padrão que as pessoas usavam nas conversas normais, e outro padrão quando estavam sob juramento.

Entretanto, em seu reino, Jesus não tem nenhum padrão duplo de honestidade. Ao proibir os juramentos, Jesus quis apresentar um padrão de honestidade completamente novo. Para seus súditos só existe um padrão: que vosso “sim” seja “sim” e vosso “não” seja “não”. A palavra de um cristão verdadeiro é tão válida quanto um juramento.

Amantes da verdade

Mas a honestidade e a verdade não se limitam ao comércio, à lei e ao governo. Jesus disse a Pilatos: “Eu para isso nasci, e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade. Todo aquele que é da verdade ouve a minha voz” (João 18:37). Jesus só permite em seu reino os que forem “da verdade”. O amor à verdade tem que penetrar cada fibra de nossas almas. E assim será, se realmente formos nascidos do Espírito Santo e continuarmos andando no Espírito. Pois Jesus se refere ao Espírito Santo como o “O Espírito de verdade” (João 14.17).

No entanto, quantos cristãos* você conhece que se enquadram no padrão de honestidade do reino? Quantos cristãos você conhece cujo “sim” é “sim” e cujo “não” é “não”? Sempre que um irmão cristão lhe diz uma coisa, você sabe que pode confiar completamente na veracidade de suas palavras? Ou seja, sabe você de certeza que não se trata de uma mentira, de um exagero, ou de um simples boato? Quando um cristão lhe diz que fará algo, pode contar com ele absolutamente (excluindo as interrupções completamente imprevisíveis, tais como um acidente automobilístico)? Ou será que seu “sim” significa “talvez”?

*Quando falo de “cristãos” neste livro, me refiro às pessoas que confessam ser cristãos. Talvez estas pessoas sejam ou não sejam verdadeiros cristãos. Eu emprego o termo “cristãos do reino” para me referir aos cristãos que vivem segundo os ensinamentos de Jesus para o reino.

A honestidade em nosso trabalho

Quando um cristão é dono de um negócio, todo o mundo deve saber que o serviço que ali se presta será completamente justo e honesto. Digo que *deve* saber, mas se a sua experiência foi como a minha, você sabe que não é assim. A triste realidade é que a maioria dos que afirmam ser cristãos na verdade não são do reino de Deus. A honestidade deles e a do mundo são muito similares.

Os cristãos continuamente fazem fraude com seus impostos, mentem para seus patrões, passam cheques sem fundo e fogem da cidade para não pagar suas contas. Eu sou advogado, e anteriormente tinha um escritório na rua principal de nossa cidade. Sempre procurava atender bem a meus clientes, e quase todos me pagavam com pontualidade e conforme o que foi tratado. Na verdade, só consigo me lembrar de quatro clientes que me deram trabalho com meus honorários. E os quatro eram cristãos! Não me refiro a cristãos nominais. Refiro-me a pessoas que falavam muito

de seu cristianismo.

A falta de honestidade na literatura cristã

A falta de honestidade de muitos cristãos não só se vê em suas práticas comerciais, mas até nos livros espirituais que escrevem. Teoricamente, deveria ser possível tomarmos um livro escrito por um cristão e saber que podemos confiar na informação que contém. Mas a verdade é que não é assim.

Mike Warnke foi (e talvez ainda seja!) um humorista cristão muito popular que escreveu um livro intitulado, *The Satan Seller* (“O vendedor de Satanás”), o qual foi publicado pela primeira vez no ano 1972. O livro vendeu milhões de cópias, e Mike Warnke converteu-se numa celebridade cristã e apareceu em programas de televisão tais como *Focus on the Family* (“Foco na família”) e *Clube 700*. Em seu livro, Warnke conta de como ele tinha sido um drogado e logo foi recrutado numa seita satânica. Dentro da seita satânica, ele rapidamente subiu à posição de sumo sacerdote, e presidiu ritos repugnantes e orgias. Além do mais, Warnke afirma em seu livro que, como sacerdote satânico, tinha mil e quinhentos seguidores em três cidades como parte de uma rede de satanistas clandestinos. É um livro fascinante.

No entanto, em 1992 a revista *Cornerstone*, uma publicação evangélica, publicou uma matéria de capa intitulada *Selling Satan: The Tragic History of Mike Warnke* (“Vendendo Satanás: A trágica história de Mike Warnke”). A matéria bem documentada desmascarava as declarações de Mike Warnke. Este artigo não só demonstrava que o testemunho de Warnke era uma fraude, mas também que sua vida abrigava toda classe de pecados graves. Por exemplo, ele arrecadava dinheiro para projetos que nunca se realizaram. E vivia em grave imoralidade enquanto continuava com seu ministério público.¹ Infelizmente, várias personagens da indústria da música cristã contemporânea sabiam da situação, mas não tomaram medidas bíblicas para a resolver.

Pois bem, poderíamos pensar que todos os cristãos ficaram muitíssimo agradecidos com a revista *Cornerstone* por revelar esta fraude escandalosa. E de fato, muitos cristãos escreveram e agradeceram à *Cornerstone* por seu trabalho investigativo. No entanto, a revista e seus editores receberam uma avalanche de cartas de outros cristãos com protestos por ter desmascarado a fraude. “O fato é”, disseram muitos, “que o testemunho de Mike, por mais falso que tenha sido, conduziu milhares de pessoas a Cristo”.

Por exemplo, a seguir mostramos algumas das cartas (em forma resumida) que *Cornerstone* recebeu como resposta à sua matéria investigativa:

Não gostei de seu artigo sobre Mike Warnke. Vocês não fizeram diferente do que a imprensa secular faz. Já basta o que aconteceu de mau com Mike Warnke, mas vocês realmente se passaram dos limites! E o que acham da escritura que diz que não importa que seja por pretexto ou por verdade, contanto que Cristo seja pregado?

Vocês falaram mais de condenar este homem e fazê-lo parecer uma fraude do que de dizer que devemos ajudá-lo e orar por ele. Cristo não condenou a mulher que foi surpreendida no ato de adultério. Será que o o pecado é diferente só porque um homem é uma celebridade? E por que vocês não olham para suas próprias vidas? Sim, Senhores, estou indignado. Sou pastor e sou alvejado de críticas por algumas coisas. Vocês mal falaram do perdão. Por que não focar completamente em levantar o irmão em vez de condená-lo? Meditem nisto! Será que Deus os condena neste instante que vocês sujam a imagem dele?²

Outro leitor escreveu:

Por que vocês estão tentando destruir a Mike Warnke? Ele salvou mais pessoas do que vocês podem imaginar. Talvez nem toda a sua vida é o que vocês pensam. Já estive em três de seus concertos aqui na Igreja do Nazareno de Pismo, e dois de meus amigos e eu encontramos o Senhor

por meio de Mike. Vocês sabem que Satanás procura inventar mentiras para destruir a Mike porque tem medo de Mike. Façam o favor de se explicarem melhor.³

A reação da comunidade cristã me deixa estupefato, ainda mais que a fraude escandalosa perpetrada por Mike Warnke. Onde está o amor à honestidade e o ódio à falsidade? Obviamente, se Mike está verdadeiramente arrependido, devemos perdoá-lo. Mas isto não quer dizer que procuraremos encobrir sua falta de honradez. Não se trata de que alguém “se sujou”. Trata-se da falta de honestidade intencional, mediante a qual Warnke ganhou centenas de milhares de dólares. E o caso de Mike Warnke é apenas *um* exemplo.

Em meados da década de oitenta, minha esposa e eu administramos durante vários anos uma livraria cristã sem fins lucrativos. Lembro-me de um livro muito popular que vendíamos intitulado *Crying Wind* (“Vento Uivante”). O livro contém a extraordinária história de uma mulher indígena que se converteu ao cristianismo. O único problema é que a editora chegou à conclusão que seu testemunho era falso, pelo que retirou o livro de circulação. Com o tempo intentei-me de que muitos dos depoimentos extraordinários e histórias milagrosas que vendíamos na livraria eram completamente falsos ou exagerados.

Por exemplo, em seu livro, *Satan's Underground* (“O movimento oculto de Satanás”), Lauren Stratford oferece seu testemunho de como ela deixou uma seita satânica e se tornou cristã. Em seu livro, ela descreve suas supostas experiências enquanto se encontrava nessa seita. Por exemplo: ela afirma que foi violada em várias ocasiões e que deu à luz a várias crianças que foram sacrificadas em rituais. No entanto, as pessoas que pesquisavam suas afirmações conseguiram localizar a mãe de Stratford (quem supostamente tinha morrido), a sua irmã que supostamente não existia, a seu ex-marido, primos e professores. Todos estes forneceram provas contundentes de que o livro era uma fraude.⁴ Em consequência disto, a publicadora cristã que publicou *Satan's Underground* (“O movimento oculto de Satanás”) retirou o livro... só para depois ceder os direitos de publicação a outra editora.

Estes exemplos são só a ponta do iceberg. O fato é que o cristianismo de hoje alberga uma cultura mentirosa. O engano e a falsidade parecem estar aderidos à própria alma da Igreja institucional. Acho que nem preciso dizer nada dos evangelistas de TV, já que suas fraudes e erros são bem conhecidos. Todavia, parece que até alguns evangelistas de púlpito aceitam o princípio de que a desonestidade pode ser usada para a promoção da mensagem de Cristo.

Por exemplo, até evangelistas muito respeitados com frequência colocam membros de sua equipe no meio da audiência. Depois, quando fazem o apelo, os que foram colocados no meio da platéia se levantam e vão para a frente, fingindo ser novos convertidos. A idéia é que isto facilita os verdadeiros convertidos a se levantarem e ir para a frente também. Isto é, o fim justifica os meios.

Mas esse é o sistema de valores do mundo. No reino, os *meios* pelos quais fazemos algo são tão importantes quanto o *fim* que atingimos. Nunca usamos os meios do mundo para conseguirmos os objetivos do reino. Você acha que Jesus colocava impostores em meio à sua audiência?

A cultura da falta de honestidade no cristianismo institucional brota em todas as partes. Muitos evangelistas se valem-se de toda sorte de artimanhas para poder apresentar relatórios de grandes quantidades de convertidos a seus patrocinadores. Os cristãos leigos exageram e floreiam seus depoimentos para ajustá-los a algum ideal preconcebido.

A farsa das curas milagrosas

Mas, provavelmente em nenhum outro campo da igreja é tão prevalente a cultura da falta de honestidade como no campo da cura milagrosa. Jesus e seus apóstolos curaram os doentes. Na

realidade, a cura sempre esteve muito ligada à mensagem do reino. E tenho certeza de que Jesus ainda hoje cura as pessoas. No entanto, o ministério de curas também está infestado de impostores.

Imagine a seguinte cena: Um evangelista com um ministério de curas encontra-se em frente a uma grande multidão. Ele caminha para onde se encontra uma idosa sentada numa cadeira de rodas, e em voz alta lhe ordena: “Levante-se e ande!” Lentamente, a Senhora começa a pôr-se de pé. Suas pernas fracas e trêmulas começam a sustentá-la enquanto ela ainda se apóia na sua cadeira de rodas. Por fim, larga a cadeira de rodas e fica em pé sozinha. O público fica boquiaberto e o auditório estronda de gritos de louvor. Mas depois sucede algo ainda mais assombroso. A mulher dá um passo lento, e depois outro, e mais outro! A esta altura, todos estão agitando suas mãos e gritando louvores ao Senhor. Aconteceu um milagre!

Foi mesmo? O que a maioria percebe é que muitas das pessoas em cadeiras de rodas, ou talvez a maioria das pessoas em cadeiras de rodas, conseguem caminhar. Minha mãe está bem avançada nos oitenta e consegue caminhar bem, ainda que um pouco devagar. No entanto, quando estamos num hospital ou num shopping grande onde teríamos que caminhar bastante, geralmente lhe conseguimos uma cadeira de rodas. Desta maneira, ela não se cansa com a caminhada. Se alguém visse a minha mãe se levantar de uma cadeira de rodas e caminhar, poderia pensar que está presenciando um milagre, mas realmente não é assim.

O mesmo acontece nas campanhas de cura. Um curador ordena uma pessoa numa cadeira de rodas que se levante e ande não é mais que uma encenação, a não ser que o curador saiba sem dúvida que a pessoa na cadeira de rodas não pode caminhar.

Mas alguns curadores de renome levaram mais longe a fraude da cadeira de rodas. Na década dos oitenta, os evangelistas curadores W. V. Grant e Peter Popoff tinham porteiros que forneciam cadeiras de rodas para muitos dos idosos que entravam no auditório sozinhos. Estas cadeiras de rodas eram todas da mesma cor, modelo e marca. Depois os porteiros levavam estas pessoas nas cadeiras de rodas à frente do auditório. Dessa maneira, os curadores sabiam com certeza que as pessoas nessas cadeiras de rodas conseguiam caminhar, pois todas elas tinham entrado no auditório por conta própria. No entanto, com toda desonestidade, estes curadores convidavam essas pessoas a ficar de pé e caminhar, e depois fingiam que havia acontecido um milagre. W. V. Grant inclusive sentava-se nas cadeiras de rodas e fazia que estas pessoas “curadas” o empurrassem pelos corredores para provocar a ovação dos espectadores.⁵

Insatisfeito com essa farsa, Peter Popoff fazia que sua esposa Elizabeth se sentasse e conversasse com alguns membros do público antes que começasse o programa. Ela fazia anotações detalhadas e depois desaparecia do auditório e ia para num *trailer* que ficava próximo dali. O *trailer* estava equipado com um circuito fechado de televisão e um rádio transmissor. Seu marido punha um rádio receptor muito pequeno no ouvido, imperceptível para o público. Enquanto observava pela TV o que ocorria no auditório, Elizabeth Popoff dirigia seu esposo para diferentes pessoas do público e lhe dizia seus nomes, o lugar onde viviam e a doença de que padeciam. Ele então fingia que estava recebendo uma revelação de Deus enquanto caminhava pelos corredores, gritando nomes e endereços de pessoas que Deus curaria nessa noite. Finalmente, ele foi desmascarado diante da televisão nacional, mas aquilo não acabou com a sua campanha.⁶

A parte mais triste da fraude Grant-Popoff é que foram os agnósticos que desmascaram a estes dois conhecidos charlatões. Deveriam ter sido os cristãos que os denunciassem. Mas, como disse antes, o cristianismo moderno alberga uma cultura de falta de honestidade. Alguns cristãos *não desejam* desmascarar os milagres fraudulentos. Desejam desesperadamente acreditar que estes milagres são verdadeiros, porque normalmente estes fazedores de milagres de hoje pregam um evangelho de prosperidade sem muito discipulado. E seus “milagres” vêm a ser uma suposta evidência da autenticidade de seu evangelho.

Sem dúvida, serão estes mesmos fazedores de milagres e seus patrocinadores os que dirão a Jesus no dia do juízo: “Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? e em teu nome não expulsamos demônios? e em teu nome não fizemos muitas maravilhas? E então lhes direi abertamente: Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade” (Mateus 7:22–23).

Portanto, segundo Jesus, nem a ausência nem a presença de milagres prova nada sobre o crédito de uma pessoa para com Cristo. Milagres genuínos ocorreram por meio de cristãos autênticos, e milagres genuínos ocorreram por meio de cristãos falsos. Mas nenhum milagre falso jamais realizado por meio de um cristão autêntico. Os milagres autênticos não provam que alguém está bem diante de Deus, mas os milagres fraudulentos provam claramente que Cristo não respalda o ministério dessa pessoa. Cristo nunca age por meio da corrupção e do engano.

As leis do reino sobre o casamento e o divórcio

“E bem-aventurado é aquele que não se escandalizar em mim”. Jesus disse essas palavras porque sabia que a maioria das pessoas que escutassem seus ensinamentos se ofenderia com eles. Quando as pessoas se escandalizam por causa ensinamentos de Jesus, em geral reagem numa das duas formas seguintes: Alguns simplesmente decidem que não querem mais saber de Jesus, e voltam para o mundo. Outros que se ofendem com os ensinamentos de Jesus se unem a uma igreja com valores mundanos. Simplesmente saem procurando até encontrar uma igreja que ensine que na realidade Jesus não quis dizer o que disse. E não é difícil encontrar uma igreja assim nestes tempos. Para melhor dizer: é muito difícil encontrar uma igreja que *não* negue os ensinamentos de Jesus.

Entre os ensinamentos de Cristo que na atualidade causam as maiores ofensas estão suas exigências sobre as riquezas e o divórcio. Já vimos os ensinamentos de Jesus sobre as riquezas. Agora, vejamos o que ele disse a respeito do divórcio:

“Também foi dito: Qualquer que deixar sua mulher, dê-lhe carta de desquite. Eu, porém, vos digo que qualquer que repudiar sua mulher, a não ser por causa de prostituição [Gr. *porneia*], faz que ela cometa adultério, e qualquer que casar com a repudiada comete adultério” (Mateus 5:31–32).

É muito claro, não é verdade? O que repudia a sua mulher, a não ser por causa de adultério (Grego: *porneia*), será responsável de fazer cometer adultério se ela voltar a casar. Pois se ela casar outra vez, tanto ela como o seu novo esposo cometerão adultério.

O divórcio sob a lei mosaica

Para compreendermos plenamente o significado da lei do reino de Jesus sobre o divórcio, devemos compreender primeiro a prática do divórcio conforme a lei mosaica. Jesus começou sua declaração sobre o divórcio dizendo: “Qualquer que deixar sua mulher, dê-lhe carta de desquite”. Jesus estava se referindo à passagem que aparece em Deuteronômio, que diz: “Quando um homem tomar uma mulher e se casar com ela, então será que, se não achar graça em seus olhos, por nela encontrar coisa indecente, far-lhe-á uma carta de repúdio, e lha dará na sua mão, e a despedirá da sua casa. Se ela, pois, saindo da sua casa, for e se casar com outro homem, E este também a desprezar, e lhe fizer carta de repúdio, e lha der na sua mão, e a despedir da sua casa, ou se este último homem, que a tomou para si por mulher, vier a morrer, Então seu primeiro marido, que a despediu, não poderá tornar a tomá-la, para que seja sua mulher, depois que foi contaminada; pois é abominação perante o Senhor; assim não farás pecar a terra que o Senhor teu Deus te dá por herança” (Deuteronômio 24:1–4).

De maneira que sob a lei mosaica, Deus permitia ao homem divorciar-se de sua mulher se achasse “coisa indecente”. Mas, o que Deus queria dizer com alguma “coisa indecente”? Alguns doutores da lei diziam que isto significava quase qualquer coisa. Mas Jesus permitia ao homem divorciar-se de sua mulher só por causa de *porneia*.*

* Através dos séculos houve um verdadeiro debate entre os cristãos ocidentais no que se refere ao significado da palavra *porneia* nesta passagem. A Igreja Católica Romana historicamente diz que se refere aos casamentos que violam as leis levíticas de consangüinidade ou afinidade. Ao que parece, para os cristãos primitivos, o termo aplicava-se à *prática* do adultério em contraste com um único ato de adultério. (Leia Hermas, livro 2, com. 4, cap. 1.)

Mas, e se a mulher quisesse se divorciar do marido? A verdade é que Deus nunca permitiu uma mulher se divorciar do seu marido. Se isto é algo novo para você, queira pegar a *Concordância*

Exaustiva da Bíblia de Strong e procure a palavra “divórcio”. Você verá que toda referência ao divórcio no Antigo Testamento trata do marido que se divorcia de sua mulher. Não há exceção.

O professor judeu Israel Abrahams, da Universidade de Cambridge, disse o seguinte a respeito do divórcio judaico no Antigo Testamento: “Na lei judaica, o divórcio sempre foi, do princípio a fim, um procedimento do marido. O termo comum usado na Bíblia para divórcio é *shilluach* ‘*ishshah*, ‘o despedimento de uma esposa’. Nunca lemos a respeito do ‘despedimento de um marido’. O particípio feminino, *gerushah*, ‘a posta para fora’, é o termo que se aplica à mulher divorciada. A forma masculina não aparece.”¹

Jesus ampliou a lei de Deus sobre o divórcio?

Agora, me permita lhe fazer uma pergunta, e não é uma pergunta capciosa. Ao dizer o que disse aos fariseus, será que Jesus estava *ampliando* a lei sobre o divórcio, ou a estava *restringindo*?

Acho que todos podemos ver que ele a estava restringindo, não? Em lugar de permitir ao homem divorciar-se de sua mulher por alguma “coisa indecente”, Jesus só lhe permite se divorciar de sua mulher por motivo de *porneia*. Além disso, enquanto a lei mosaica permitia a uma mulher divorciada voltar a casar, Jesus proibiu-o completamente ao dizer: “E qualquer que casar com a repudiada comete adultério” (Mateus 5:32).

Assim sendo, Jesus de maneira nenhuma ampliou o que Moisés tinha permitido. Ele restringiu a lei mosaica consideravelmente. Uma coisa que acho incrivelmente estranha é que a Igreja de hoje ensina que Jesus *ampliou* a lei sobre o divórcio. Mesmo? Como assim? Alguém poderia perguntar. Praticamente toda Igreja convencional que conheço ensina que um homem pode se divorciar de sua mulher por causa de imoralidade sexual; *além disso*, que uma mulher pode se divorciar de seu marido pela mesma causa. Mas, foi isso o que Jesus disse? Será que ampliou a lei mosaica para que agora as mulheres possam se divorciar de seus maridos? Ele não fez nada disso. Não abriu mais a porta para o divórcio. Não, ele quase a fechou completamente, por melhor dizer, deixando uma exceção estreita só para o marido.

As mulheres e o divórcio

Mas, você pode estar pensando, *talvez Jesus teria permitido à mulher se divorciar de seu marido se ele tivesse vivido em outra cultura que permitisse às mulheres se divorciar de seus maridos*. Bom, nós não temos que especular a respeito disso. Pois tanto sob a lei romana como a grega, a mulher *podia* se divorciar de seu marido. E havia muitos romanos e gregos que viviam na Judéia e na Galiléia, alguns dos quais eram prosélitos judeus.

Por essa razão, em outra ocasião, Jesus referiu-se à questão de uma mulher se divorciar de seu marido. Ele disse: “E, se a mulher deixar a seu marido, e casar com outro, adultera” (Marcos 10:12).

Por que é importante isto? Porque a grande maioria dos divórcios da atualidade são iniciados pelas esposas, não pelos maridos. Nos Estados Unidos, de 67% a 75% (variando segundo o estado) de todos os divórcios são encaminhados pelas mulheres.² Na Inglaterra, 70% de todos os divórcios são encaminhados pelas esposas.³

No entanto, essas estatísticas se aplicam a *todos* os divórcios, havendo ou não menores de idade envolvidos. Quando apenas consideramos os divórcios que envolvem menores de idade, a percentagem de divórcios iniciados por mulheres é consideravelmente maior.

Durante os últimos vinte e dois anos de minha carreira como advogado, atuei na área de direito

imobiliário. Como parte do exame de escrituras pública, lia os expedientes de vários milhares de casos de divórcio. E observava que quase nove de cada dez destes casos de divórcio eram iniciados pelas mulheres. Por que esta percentagem de divórcios encaminhados por mulheres é tão alta em comparação com a média nacional? A razão é que eu só reviso processos de divórcio no caso de pessoas que são donas de imóveis. Em geral, estes proprietários são pessoas acima dos vinte e cinco anos, e a maioria delas tem filhos menores de idade.

No artigo, *These Boots Are Made for Walking: Why Most Divorce Filers Are Women* (“Estas botas são para andar: Por que a maioria dos que iniciam um divórcio são mulheres”), Margaret Brining escreve: “Os filhos são ‘os bens’ mais importantes de um casamento, e a parte que espera conseguir a guarda exclusiva é a mais propensa a dar entrada no divórcio”.⁴ As mulheres estão mais dispostas a se divorciarem porque raramente temem perder a guarda de seus filhos.

Contudo, a Igreja institucional fechou seus olhos para este mal. Alguns anos atrás, recebi uma carta modelo de um pastor do Texas. Ele denunciava nossas leis em favor do “divórcio sem culpa” (que permitem o divórcio sem necessidade de comprovar quem teve culpa de quê) em Texas. Fiquei alegre ao ver a um pastor se pronunciar contra o divórcio, já que a maioria das chamadas igrejas bíblicas permaneceram muito caladas sobre este tema. Mas depois a carta continuava dizendo que nossas leis, por tornarem tão fácil o divórcio, discriminam a mulheres e os filhos.

Discriminam as a mulheres e os filhos? Este Dom Quixote moderno achava que as milhares de mulheres divorciadas em nossas igrejas de hoje em dia estão nessa situação porque seus maridos as repudiaram. Sem fazer nenhuma investigação, ele tratou o tema como se os homens estivessem deixando a suas esposas a torto e a direito para depois continuarem na sua farra.

No entanto, essa parece ser a atitude geral da maioria das igrejas para com o divórcio; ignoram completamente a realidade dos divórcios de nossos dias. Escutei a pastores repreendendo com pais que “repudiam a suas esposas e filhos”, como se fossem os pais que geralmente iniciassem o divórcio. Em contrapartida, tratam as “mães solteiras” como mártires, vítimas heróicas e viúvas espirituais... quando em geral são elas as que se divorciam de seus maridos.

O divórcio é um pecado que sempre deixa vítimas no seu rastro. E é o mesmo quando são os maridos os que levam aos filhos, tomando-os de suas esposas. Na atualidade, há milhões de pais e mães profundamente magoados porque seus filhos lhes foram arrebatados. No entanto, muito poucas igrejas têm a coragem de denunciar este fruto malvado do divórcio.

Será que Paulo contradisse a Jesus?

Alguns comentaristas contemporâneos da Bíblia afirmam que, ao contrário de Jesus, Paulo *de fato* permitiu o divórcio. E mais: eles defendem que Paulo ampliou o divórcio ainda mais do que a lei mosaica, permitindo às mulheres se divorciarem de seus maridos. Eles baseiam suas afirmações em 1 Coríntios 7:10–13:

Todavia, aos casados mando, não eu mas o Senhor, que a mulher não se aparte do marido. Se, porém, se apartar, que fique sem casar, ou que se reconcilie com o marido; e que o marido não deixe a mulher. Mas aos outros digo eu, não o Senhor: Se algum irmão tem mulher descrente, e ela consente em habitar com ele, não a deixe. E se alguma mulher tem marido descrente, e ele consente em habitar com ela, não o deixe.

Acaso diz Paulo algo nesta passagem que contradiga a Jesus? Será que está autorizando o divórcio de alguma maneira? Não, nada disso. Está bem claro que Paulo está falando de abandonar o cônjuge, e não de se *divorciar* do mesmo. Mas, ainda assim, ele diz que os cristãos não devem nem sequer *abandonar* os seus cônjuges.

A palavra grega que Paulo usa é *afíemi*, que em geral se traduz como “deixar” em outras passagens, mas nunca como “repudiar”. *Afíemi* é uma palavra completamente diferente a *apolúo*, o termo que Jesus usou em Mateus 5:32 quando falou a respeito do divórcio. Não há justificativa histórica nem bíblica para se traduzir *afíemi* como “repudiar” na passagem de Paulo.

No versículo 15 desta passagem, Paulo diz: “Mas, se o descrente se apartar, aparte-se; porque neste caso o irmão, ou irmã, não está sujeito à servidão; mas Deus chamou-nos para a paz” (1 Coríntios 7:15). Neste versículo, acaso Paulo autoriza os cristãos a se divorciarem de seus cônjuges incrédulos? Não, ele não diz nada do divórcio. Em toda a passagem, Paulo está falando de deixar um cônjuge e permanecer sem se casar. Ele diz que o cônjuge crente não deve ser o que abandona o outro. Ele conclui a passagem dizendo que se o incrédulo se separar, que se separe. O crente não tem que acompanhar o cônjuge incrédulo.

No reino de Deus, Jesus é o Rei e o Juiz. Seus apóstolos *nunca* contradizem os mandamentos que seu Rei lhes transmitiu. Jesus só permitiu uma exceção muito restrita para os maridos, e seus apóstolos ensinaram de acordo com o mesmo.

Os dois serão uma só carne

Quando Jesus nos dá leis, ele não tem obrigação de nos explicar o *porquê*. No entanto, num de seus debates sobre o divórcio, Jesus, sim, nos dá uma explicação de seu ensino rigoroso sobre este assunto: “Não tendes lido que aquele que os fez no princípio macho e fêmea os fez, E disse: Portanto, deixará o homem pai e mãe, e se unirá a sua mulher, e serão dois numa só carne? Assim não são mais dois, mas uma só carne. Portanto, o que Deus ajuntou não o separe o homem” (Mateus 19:4–6).

Atualmente, eu vejo muitos livros cristãos que comparam o casamento com uma “uma associação”. Mas Jesus nunca se referiu ao casamento como a uma associação ou parceria. Ele se referiu ao matrimônio como “uma só carne”, e isso é muito diferente. Conforme o Direito, quando duas pessoas formam uma associação, suas identidades separadas ainda existem. Se alguém for prejudicado por negligência, estando na propriedade de uma associação, a pessoa prejudicada pode processar a cada um dos sócios *individualmente*. A lei considera a associação simplesmente como dois indivíduos que trabalham juntos.

No entanto, se dois indivíduos criarem uma sociedade anônima, o caso é diferente. Segundo a lei, quando duas pessoas convertem sua associação numa sociedade anônima, suas identidades individuais são dissolvidas. Se alguém for prejudicado estando na propriedade da sociedade anônima, geralmente o prejudicado não pode processar as duas pessoas que formam a sociedade anônima. Ele só pode processar a sociedade anônima como tal. A lei considera a sociedade anônima como uma nova “pessoa”. A sociedade anônima pode processar ou ser processada como uma entidade autônoma.

Assim também, o casamento é como uma sociedade anônima, e não uma associação. Quando um homem e uma mulher se casam, forma-se uma nova entidade. Eles não são sócios; eles se uniram numa “só carne”. O mundo pode tratar o marido e a esposa como sócios, mas Jesus não. Segundo Jesus, quem une o marido e a mulher em matrimônio? Deus. De maneira que no casamento, o marido e a mulher passam para a jurisdição da eternidade. Com isto não quero dizer que o matrimônio é eterno, mas que há realidades eternas que se atribuem ao casamento. O casamento não é uma instituição humana; é uma instituição celestial. É Deus quem faz a união, mas é o homem quem procura fazer a separação.

O divórcio através dos séculos

O que estou compartilhando com você não é nada novo. É o cristianismo histórico. É a maneira em que os cristãos primitivos compreendiam os ensinamentos de Jesus, e é como praticamente *todos* os cristãos compreendiam os mandamentos de Jesus até à época da Reforma. Infelizmente, alguns dos reformadores procuraram tirar o casamento e o divórcio para fora da jurisdição da igreja e pô-los nas mãos dos juizes civis. No entanto, inclusive após a Reforma, o divórcio entre os cristãos, crentes na Bíblia, era algo pouco freqüente nos EUA até às décadas de cinquenta e sessenta. Logo tudo mudou.

O que sucedeu nas décadas de cinquenta e sessenta? *Os mundanos* mudaram sua atitude e suas leis para o para o divórcio. Vários estados dos EUA mudaram suas leis para que os divórcios fossem mais fáceis de obter. O divórcio deixou de acarretar consigo um estigma social. E quando os mundanos mudaram, a Igreja institucional mudou também. Isto é, se o César diz que o divórcio é incorreto e o proíbe, então é incorreto. Mas se Jesus diz que o divórcio é incorreto e o proíbe... bem, nesse caso, talvez não seja tão mau na realidade. As igrejas têm demonstrado bem claro quem de fato é o Senhor delas... e não é Jesus.

O divórcio na Igreja evangélica de hoje

Em 1999, George Barna, presidente e fundador do famoso *Barna Research Group* (“Grupo de Investigação Barna”), se dedicou à tarefa de pesquisar a incidência de divórcios entre vários grupos religiosos. Ele descobriu que o índice de divórcios entre os cristãos norte-americanos nascidos de novo era maior do que entre os norte-americanos como um todo.⁵ A verdade é que muitos casais não cristãos vivem juntos sem se casar. E, portanto, as estatísticas de divórcios não incluem as separações neste tipo de relação. No entanto, quando os casais mundanos fazem o voto: “até que a morte nos separe”, eles têm tanta probabilidade (e até mais!) de cumprir esse voto quanto os cristãos “crentes na Bíblia”.

Embora o “Grupo de Investigação Barna” seja uma organização cristã, suas conclusões provocaram protestos e críticas de outros cristãos. No entanto, o Senhor Barna defendeu seus dados. Ele respondeu a seus críticos: “Apesar de ser alarmante descobrir que os cristãos nascidos de novo são mais propensos do que os outros a experimentarem um divórcio, essa tendência tem sido assim há muito tempo”.⁶ O Diretor de projetos do Barna, Meg Flammang, destacou: “Gostaríamos muito de poder informar-lhes que os cristãos estão vivendo vidas muito diferentes e que estão causando um bom impacto à comunidade, mas (...) na parte dos índices de divórcios, eles continuam sendo iguais aos demais”.⁷

As estatísticas das agências do governo corroboram as descobertas do “Grupo de Investigação Barna”. Por exemplo, nos EUA, o índice de divórcios nos estados do sul, ultra-protestantes, é maior do que em qualquer outra parte do país, exceto no estado de Nevada.⁸ Aliás, o índice de divórcios nos estados ultra-protestantes do sul é significativamente maior do que na Nova Inglaterra, região onde há notadamente menos cristãos fundamentalistas.⁹

O que realmente deve envergonhar os cristãos norte-americanos evangélicos é o fato de que o índice de divórcios entre os chamados cristãos nascidos de novo é significativamente maior que o índice de divórcios entre os norte-americanos que se dizem ser ateus.¹⁰ Contrariando as expectativas, apesar de o índice de divórcios entre os cristãos evangélicos ser basicamente o mesmo ou maior que o da sociedade norte-americana em general, o índice de divórcios entre os americanos asiáticos (sejam cristãos ou não) é significativamente menor que o da sociedade norte-americana em general.¹¹ E os casais americanos de origem asiática raramente vivem juntos sem se casarem. De uma maneira ou de outra, a cultura asiática está fazendo o que a presença do Espírito Santo não pôde! Ou quem sabe o problema seja que o Espírito Santo não está morando na maioria das pessoas que afirmam ser cristãos nascidos de novo...

Ainda mais vergonhoso é que o índice de divórcios entre os cristãos evangélicos nos Estados Unidos é duas vezes maior que o índice de divórcios de toda a nação de Canadá (a qual não é o que poderíamos chamar de um baluarte do cristianismo bíblico).¹² O que é pior é que o índice de divórcios entre os evangélicos norte-americanos é seis vezes maior que o da China, 18,5 vezes maior que o da Itália e mais de 33 vezes maior que o índice do Sri Lanka!¹³

O divórcio é tão aceitável entre os cristãos evangélicos no sul dos Estados Unidos que os advogados especialistas nestes trâmites às vezes põem o logotipo do peixe cristão em seus anúncios nas Páginas Amarelas. Isso equivale a um judeu montar uma processadora de presunto e pôr a estrela de Davi em seus anúncios!

Muitas vezes, quando falo sobre o tema do divórcio, os cristãos me perguntam: “Mas o que fazer numa situação em que...?” Sim, há muitas situações difíceis que podem converter o casamento numa verdadeira cruz. Mas as coisas não eram diferentes no primeiro século, nem no século 10, nem no século 19. Por que tantos cristãos do século 21 acham que têm direito a uma exceção especial quando os cristãos de outros séculos se apegaram aos ensinamentos de Jesus sobre o casamento e o divórcio?

Ofendi-o?

Estou ciente de que as coisas que digo neste capítulo não são o que o mundo chama de politicamente corretas. Não duvido que muitos de vocês agora estejam tão aborrecidos comigo a ponto de jogar fora este livro. Mas antes disso, por favor, faça sua própria investigação sincera do que eu disse. Não estou dizendo que saia e procure um livro que diga que o divórcio é correto. Isso seria muito fácil.

Não, o que quero dizer é: faça uma investigação *sincera*. Verifique o que disse a respeito do divórcio no Antigo Testamento. Depois leia todas as passagens em que Jesus fala do divórcio. Será que ele ampliou a lei de Deus sobre o divórcio, ou a restringiu consideravelmente?

Se o que disse é verdade, não fui eu quem o ofendeu. Foi Jesus Cristo. Talvez o Jesus que você acreditava amar não é o verdadeiro Jesus. Mas se não servirmos ao *verdadeiro* Jesus, não herdaremos a *verdadeira* vida eterna. Como ele disse: “bem-aventurado é aquele que não se escandalizar em mim”.

SEGUNDA PARTE
O grande tropeço

Amar meus inimigos?

Como disse antes, os ensinamentos de Jesus sobre as riquezas, os juramentos e o divórcio ofendem a maioria das pessoas que os escutam. E sem dúvida esses ensinamentos estão entre os mais duros de Jesus. No entanto, mesmo esses três ensinamentos não são a razão principal de as Igrejas convencionais terem recusado em grande parte o sistema do reino.

Não, o grande tropeço foi seus ensinamentos sobre “oferecer a outra face” e amar os inimigos. E já que estes ensinamentos são uma pedra de tropeço tão grande, dediquei-lhes uma seção completa deste livro. Começemos, pois, com o que Jesus disse a respeito de “oferecer a outra face”:

“Ouvistes que foi dito: Olho por olho, e dente por dente. Eu, porém, vos digo que não resistais ao mal; mas, se qualquer te bater na face direita, oferece-lhe também a outra; E, ao que quiser pleitear contigo, e tirar-te a túnica, larga-lhe também a capa; E, se qualquer te obrigar a caminhar uma milha, vai com ele duas. Dá a quem te pedir, e não te desvies daquele que quiser que lhe emprestes” (Mateus 5:38–42).

Esse, sim, foi realmente um ensinamento revolucionário! Não era assim que os gentios viviam — e nem os judeus. E, lamentavelmente, a maioria de que confessa o cristianismo também não vive segundo este ensinamento.

A não-resistência e a pacificação

O grupo de mandamentos que acabamos de ler exigem uma conduta *passiva*. Não resista a quem é mau. Ofereça-lhe a outra face. Quem quiser pleitear com você e lhe tirar a túnica, deixe também que leve a capa. Se alguém obrigá-lo a levar uma carga por um quilômetro, leve-a dois quilômetros. Ao que lhe pedir, dê para ele o que pediu. Estes mandamentos postos em prática são o que às vezes chamamos de *não-resistência*.

No entanto, também há uma parte *ativa* no ensino de Jesus: “Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo, e odiarás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem; para que sejais filhos do vosso Pai que está nos céus; Porque faz que o seu sol se levante sobre maus e bons, e a chuva desça sobre justos e injustos. Pois, se amardes os que vos amam, que galardão tereis? Não fazem os publicanos também o mesmo? E, se saudardes unicamente os vossos irmãos, que fazeis de mais? Não fazem os publicanos também assim? Sede vós pois perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus” (Mateus 5:43–48).

Não basta apenas sermos não-resistente. Nós cristãos também temos que ser ativos, mostrando amor quem anteriormente considerávamos como inimigo. Se alguém nos odeia, devemos procurar saber por quê. Talvez possamos esclarecer o problema para que nosso inimigo se converta em nosso amigo. Jesus nos disse: “Portanto, se trouxeres a tua oferta ao altar, e aí te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, Deixa ali diante do altar a tua oferta, e vai reconciliar-te primeiro com teu irmão e, depois, vem e apresenta a tua oferta” (Mateus 5:23–24).

Portanto, como cidadãos do reino, temos que fazer tudo ao nosso alcance para estarmos em paz com os outros. Jesus disse: “Bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus” (Mateus 5:9). Em nossos afazeres diários no trabalho e com os vizinhos e amigos, sempre há ofensas, discussões e controvérsias. Se nós fizemos parte de tais disputas, devemos ser os primeiros a procurar a paz. Inclusive quando estamos convictos de que temos a razão.

Os ensinamentos de Jesus na vida diária

A não-resistência é totalmente contrária a nossa carne corrompida! A não-resistência é algo que temos que aprender. Sem a menor dúvida, não é algo com o qual nascemos.

Eu percebo esta verdade quando vejo crianças brincando. Se uma criança tem um brinquedo, quase sempre a outra criança quer. Acaso a primeira criança diz: “Sim, amiguinho, pode jogar com meu brinquedo”? Dificilmente. Em geral, a segunda criança procura arrebatá-lo e a primeira resiste com toda a sua força. Quase sempre há muitos gritos e às vezes até tapas e mordidas.

Eu sei que quando decidi oferecer o outro lado da minha face e não resistir ao mal, minha carne se opôs com todas as suas forças. A verdade é que eu não sou não-resistente por natureza. Faz quatorze anos que minha família e eu nos mudamos para o lugar onde moramos atualmente. A casa fica no campo, localizada numa área de um hectare e meio. Pouco tempo de ter-nos mudado, vimos que vários coiotes e cães de rua vagavam pela mata e os campos próximos da casa. Tínhamos algumas cabras, de maneira que decidimos fazer um curral para elas, com uma cerca forte para protegê-las dos cães e dos coiotes.

Contratamos uma companhia profissional para construir uma cerca forte de um metro e meio de altura ao redor do curral para as cabras. Apesar disto, uma manhã acordamos cedo ao ouvirmos o ruído de cães que latiam e de nossas cabras que berravam. Saímos rapidamente e vimos que os cães acharam um jeito de entrarem no curral e estavam atacando as cabras. Quando nos viram, os cães fugiram e desapareceram no campo vizinho. Uma das cabras morreu por causa deste ataque selvagem, e outra ficou num estado grave de choque durante vários dias e quase não comia.

Na fraca luz do amanhecer, não vimos bem aos cães, mas supusemos que eram cães de rua. Então chamamos o pessoal do controle de animais do município e lhes pedimos ajuda. Eles nos equiparam com várias armadilhas, inofensivas e sem dentes, que agarrariam o cão por uma pata, deixando-o imóvel, mas sem machucar-lhe a pata. O pessoal da agência disse que recolheriam qualquer cão que prendêssemos.

Naquela noite armamos as armadilhas, e no dia seguinte fomos acordados novamente pelo ruído de um alvoroço lá fora. Saímos rapidamente e vimos uma matilha de cães junto ao curral das cabras. Mas imediatamente nos demos conta de que não eram cães *de rua*: eram os cães de nossos vizinhos. Os cães fugiram rapidamente quando nos viram. Aliás, todos menos um. Um dos cães ficou preso numa armadilha e não conseguiu sair. Quando nos aproximamos, o pobre cão estava morrendo de medo e tremia como uma vara.

Nesse momento, vi uma caminhoneta que se aproximava pela estrada de nossa propriedade. Chegou a toda velocidade, deixando atrás um rastro de poeira. Como um pulo, o motorista saltou da caminhoneta e correu para o cão capturado, que aconteceu de ser seu cão.

— Oh! É seu cachorro? — perguntei-lhe mansamente.

— É, sim — respondeu num tom nada amistoso enquanto me ajudava a abrir a armadilha para liberar o seu cão — . Sabe de alguma coisa? — continuou dizendo — . Isto não vai lhe trazer outra coisa a não ser inimizades com seus vizinhos. Eu me mudei para o campo para deixar que meus cães corressem livremente.

A primeira coisa que me veio à mente foi replicar: “*Bom, eu me mudei para o campo para que nossas cabras pudessem correr livremente*”. Mas não fiz isso. Também pensei em lhe dizer: “*Olhe, vamos fazer um trato: Você afasta seus cães de minha propriedade e eu faço o mesmo com minhas cabras!*”

No entanto, pensei nas palavras de Jesus de oferecer a outra face. *O que faria Jesus numa situação como esta?* Não tinha dúvida em minha mente. Então respondi de bom humor:

— Bom, estou aberto para qualquer sugestão de sua parte.

O vizinho (a quem eu não conhecia antes) se mostrou um pouco surpreso com minha resposta mansa. Ele mudou sua expressão pouco amistosa e respondeu serenamente:

— Bem, o que você pode fazer é passar um fio eletrificado em volta da parte de baixo e da de cima da cerca. Isso afugentará os cães.

— Aceito fazer isso — respondi, surpreendendo até a mim mesmo — . Vou fazer o que você me sugeriu e devolver as armadilhas ao município.

Parecia-me um pouco injusto que eu tivesse que fazer despesas extras para que os cães intrusos *dele* não fizessem dano a minhas cabras. Mas sabia que tinha lidado com esta pequena crise da maneira que Jesus desejava que eu fizesse.

Exemplos bíblicos

A não-resistência e o amar a nossos inimigos são talvez os ensinamentos mais difíceis (e sem dúvida, os mais revolucionários) de Jesus. Ambos são exatamente o oposto da mensagem que o mundo ensina. *Não resistir ao mal?* Nossos pais, escolas, governos e igrejas nos inculcam exatamente o contrário: Lute por seus direitos! Não se deixe intimidar! Os heróis que eles recomendam que imitemos quase nunca são pessoas não-resistentes. Não, geralmente são pessoas que se levantaram contra seus inimigos e os resistiram.

A não-resistência não é simplesmente uma doutrina teológica; é um estilo de vida. Afeta todo tipo de interação diária com outras pessoas. No entanto, ser não-resistente não significa ser um covarde ou um fraco. Jesus e Paulo foram não-resistentes. Todavia, nenhum dos dois foi um covarde nem frouxo. Ambos foram muito enérgicos e francos. Mas os dois preferiram receber feridas em lugar de ferir a outra pessoa. Ambos *denunciaram* o mal, mas não resistiram ao mal com a *força física*.

Veja quantas vezes Paulo foi açoitado e apedrejado. Paulo podia ter-se armado e viajado com um grupo de guarda-costas corpulentos. Mas não, Paulo foi um dos homens mais valentes que já existiu, mas não resistiu o mal com a força física. Como ele mesmo disse posteriormente: “Porque, andando na carne, não militamos segundo a carne. Porque as armas da nossa milícia não são carnis, mas sim poderosas em Deus para destruição das fortalezas” (2 Coríntios 10:3–4). Paulo foi um tipo de guerreiro diferente, um guerreiro de um reino com valores invertidos.

Ações judiciais

Na maioria das vezes, quem açoitava e apedrejava Paulo eram as multidões que agiam sem o consentimento da lei. Como cidadão romano, Paulo poderia ter processado aqueles que ilícitamente o açoitaram ou apedrejaram. Mas não o fez. Ele ofereceu a outra face. Jesus disse que quando alguém quiser pleitear conosco com o objetivo de nos tirar a túnica, que lhe entreguemos também a capa. Portanto, disso pode-se deduzir que se alguém simplesmente se apoderar de nossa túnica, não devemos levá-lo à justiça para recuperá-la. Como disse Jesus: dá a quem te pedir.

Ao mesmo tempo, Paulo demonstrou que não é errado os cristãos se valerem da proteção que o governo lhes oferece quando são perseguidos. Por exemplo, Paulo livrou-se de açoites ao perguntar ao centurião romano: “É-vos lícito açoitar um romano, sem ser condenado?” (Atos 22:25).

Paulo reafirmou o ensinamento de Jesus em sua epístola aos coríntios: “Ousa algum de vós, tendo algum negócio contra outro, ir a juízo perante os injustos, e não perante os santos? (...) Para vos envergonhar o digo. Não há, pois, entre vós sábios, nem mesmo um, que possa julgar entre seus irmãos? Mas o irmão vai a juízo com o irmão, e isto perante infiéis. Na verdade é já realmente uma falta entre vós, terdes demandas uns contra os outros. Por que não sofreis antes a injustiça? Por que não sofreis antes o dano?” (1 Coríntios 6:1, 5–7).

Quase vinte anos atrás, percebi o conflito entre os ensinamentos de Jesus e o exercício da profissão de advogado em processos judiciais. Se para mim é errado, como cristão, colocar o meu irmão na justiça, como pode ser correto que, como advogado, represente outro cristão numa ação judicial contra seu irmão? O caminho certo estava muito claro.

Por outro lado, aquilo era meu sustento. Se eliminasse os processos do meu exercício, o que me restaria? Nada, a não ser redigir testamentos e escrituras, e examinar títulos de propriedade. Estas não eram exatamente as áreas mais emocionantes e rentáveis da advocacia. Devido à minha fé limitada, foi uma decisão difícil para mim. Mas, no final, vi que teria que obedecer a Jesus. De maneira que deixei de aceitar qualquer tipo de ação ou qualquer outro trâmite legal que entrasse em conflito com os ensinamentos de Jesus.

E quanto à guerra?

É importante compreendermos que os ensinamentos de Jesus sobre a não-resistência tem sentido somente para os que já aceitaram seus outros ensinamentos, tais como: “Assim, pois, qualquer de vós, que não renuncia a tudo quanto tem, não pode ser meu discípulo” (Lucas 14:33). Quando renunciamos a tudo, sobra muito pouco pelo qual devemos lutar, não é verdade? Até quando se trata de nossa própria vida, Jesus nos disse: “Quem achar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a sua vida, por amor de mim, achá-la-á” (Mateus 10:39).

Jesus disse a Pilatos: “Se o meu reino fosse deste mundo, pelejariam os meus servos” (João 18:36). Disto se deduz, pois, que se temos um reino que *pode* ser defendido mediante a luta física, nosso reino *é* do mundo, certo? Não importa se trata de bens pessoais, de uma casa ou de uma nação, a situação é a mesma. Se temos interesses ou parte neste mundo, sem dúvida nos veremos tentados a lutar para protegê-los. Quando tentamos reconciliar os ensinamentos de Jesus com o apego aos bens materiais, ao poder terrestre ou ao orgulho nacional, percebemos conta de que é impossível. Estamos tentando reconciliar duas coisas que são essencialmente irreconciliáveis.

O autor cristão do século XIX, Adin Ballou, escreveu a seguinte obra satírica para demonstrar o absurdo de tentar de reconciliar os mandamentos do reino de Jesus com as leis militares dos governos humanos:

Jesus Cristo me proíbe resistir aos que são maus e a descontar deles olho por olho, dente por dente, sangue por sangue e vida por vida.

Meu governo exige de mim tudo o contrário e apóia um sistema de autodefesa com força, com o mosquete e com a espada, para serem usados contra seus inimigos nacionais e estrangeiros. Portanto, a terra se enche de forcas, prisões, arsenais, navios de guerra e soldados.

Na manutenção e uso destes caros aparelhos para o assassinio, nós podemos exercitar ao máximo e de forma muito conveniente as virtudes de perdoar aos que nos ofendem, de amar a nossos inimigos, de abençoar aos que nos amaldiçoam e fazer o bem aos que nos odeiam. Para isto, contamos com uma sucessão de sacerdotes cristãos que oram por nós e suplicam a bênção do céu sobre a santa obra de massacrar.

Eu compreendo tudo isto, e continuo praticando a religião e fazendo parte do governo, e me orgulho de ser ao mesmo tempo um cristão piedoso e um bom servo do governo. Eu não quero

estar de acordo com essas opiniões disparatadas da não-resistência. Não posso renunciar a minha autoridade e deixar somente homens imorais à frente do governo.

A constituição diz que o governo tem o direito de declarar guerra. Eu consinto nisto e apoio, e juro que sempre o apoiarei. Nem por isso deixo de ser cristão. A guerra também é um dever cristão. Não seria um dever cristão matar centenas de milhares de semelhantes, ultrajar mulheres, assolar e queimar cidades, e praticar toda crueldade possível? É hora de recusarmos todos esses falsos sentimentalismos. Essa é a verdadeira maneira de perdoar as ofensas e de amar a nossos inimigos. Desde que o façamos no espírito de amor, nada pode ser mais cristão que esse tipo de matança.¹

No capítulo anterior, vimos que os chamados cristãos crentes na Bíblia têm um maior índice de divórcios que o povo do mundo. As tendências são as mesmas quando se trata da não-resistência. Os cristãos “crentes na Bíblia” são na realidade *mais* militantes que o mundo quando se trata de resistir ao mau com a força. Atualmente, quando o governo dos Estados Unidos considera ir à guerra, são os “cristãos crentes na Bíblia” os que, sem exceção e de maneira firme, estão mais a favor de uma ação militar.

Enquanto encontrava-me escrevendo este livro, o governo dos Estados Unidos entrou em guerra com Iraque para tirar do poder a seu ditador, Saddam Hussein. Imediatamente, as igrejas começaram a colocar bandeiras norte-americanas nos jardins das capelas. Os cartazes das igrejas mostravam lemas tais como: “Deus abençoe os Estados Unidos” e “Oremos por nossas tropas”. No entanto, nem sequer vi um único cartaz que dissesse: “Oremos pelo povo do Iraque”. Ainda que o propósito da guerra fosse tirar Hussein do poder, ia ser a população iraquiana, homens, mulheres, meninos e infantes, a que morreria na invasão. Todavia, pelo visto, nenhuma igreja teve a idéia de nos fazer-nos lembrar de orar por eles.

Mas, e se...?

Se você for como a maioria dos cristãos, todo este conceito de não-resistência e de amar os inimigos é provavelmente novo para você. E talvez esteja questionando: “Tudo bem, mas e se...?” Então, permita-me mencionar alguns dos “Tudo bem, mas e se...?” e outras perguntas que você possa ter.

E se alguém entrasse em sua casa para roubar e estivesse a ponto de lhe fazer dano a sua esposa e seus filhos? Certamente você não ficaria parado deixando-os fazerem o que quisessem!

Naturalmente, esta pergunta se aproveita do forte instinto protetor que os homens têm para os membros de sua família. Mas a resposta que um cidadão do reino deve dar a essa pergunta é a mesma que daria a qualquer outra pergunta que tenha a ver com violar os mandamentos de Jesus. Deixe-me perguntar para você: “E se seu governo lhe pedisse que negasse a Jesus Cristo e que oferecesse um holocausto a Satanás; caso contrário eles violariam sua esposa e matariam seus filhos? O que você?” Para um cidadão do reino, a resposta é muito clara. Jesus já nos disse que se amamos a nossos familiares mais do que a ele, não podemos ser seus discípulos. E ele também nos disse: “Mas qualquer que me negar diante dos homens, eu o negarei também diante de meu Pai, que está nos céus” (Mateus 10:33).

Pois bem, e se, em lugar de negar a Cristo, meu governo me ordenasse assassinar o vizinho da casa do lado ou violar a sua esposa? E se não o fizesse, eles fariam algum dano a minha esposa e a meus filhos. Seria diferente que negar a Cristo e oferecer um holocausto a Satanás? No primeiro caso, estaria negando a Cristo com minha boca. No outro, estaria negando-o por meio de meus atos.

E se um governo estrangeiro me ordenasse lançasse uma bomba sobre uma cidade do meu país ou assassinasse o presidente; caso contrário eles fariam dano a minha esposa e filhos? Que devo fazer? Acho que a maioria de pessoas permitiria que fizessem dano a suas mulheres e filhos, e até que os matassem, antes de trair a seu país.

Então, existe diferença quando se trata da lealdade a Jesus? Os ensinamentos de Jesus sobre a não-resistência são muito claros. É uma questão de negá-lo ou negar a minha família. De fato, é uma escolha muito difícil, mas eu já fiz essa escolha quando entreguei minha vida a Cristo.

Isto quer dizer que eu não faria nada para proteger a minha família? Claro que não. Já fiz o melhor que podia ter feito para garantir a sua segurança: Confiei meu lar e minha família ao cuidado e à proteção de Jesus. E não se trata de uma confiança ingênua. Há dezenas de milhares de outros cristãos do reino de Deus que mudaram suas espadas em arados e puseram a segurança de seus familiares em mãos de seu Rei. E mesmo que Jesus não prometeu que nunca sobrevirá nenhum dano a nossas famílias, posso dizer isto: que, exceto em tempos de perseguição religiosa, é muito raro que as famílias do reino de Deus sejam prejudicadas por delinquentes comuns.

Um exemplo que vem à minha mente é o encontro do perigoso delincente fugitivo Stephen Roy Carr, com uma família menonita não-resistente em Pensilvânia em maio de 1988. Anteriormente, Carr tinha fugido da Flórida, onde era procurado por furto de grande valor. Por um tempo, esteve se escondendo nos Montes Apalaches, disposto a matar a qualquer que pusesse em risco sua liberdade. Pouco depois, encontrou-se com duas mulheres campistas no *Appalachian Trail* (Trilha dos Apalaches) e atirou em ambas; matou uma e feriu gravemente a outra.

Ao fugir daquele lugar, Carr encontrou uma bandeja de misturar concreto abandonada e usou-a para

descer o riacho Conodoguinet até à granja de Chester e Esther Weaver. Como eram menonitas conservadores, a família Weaver não tinha televisão nem rádio e, portanto, não tinham escutado nada sobre o assassinato. O fugitivo Carr pediu à família Weaver comida e dormida, os quais eles lhe deram com satisfação. Carr permaneceu na casa da família Weaver durante cinco dias. No entanto, ele não machucou nem roubou ninguém. Carr teria ficado mais tempo, mas finalmente a polícia prendeu.¹

A fé de carrinho de mão

Lembro-me do caso contado pelo autor e conferencista cristão, Winkey Pratney, sobre o Grande Blondin, um equilibrista incrivelmente dotado do século 19. Para demonstrar suas habilidades, Blondin estendeu uma corda de 340 metros acima das Cataratas do Niágara. Para a emoção das multidões, ele caminhou através das cataratas sobre aquela corda bamba, realizando acrobacias espetaculares. Na metade do caminho sobre a corda, Blondin inclusive deu um salto mortal para trás. Blondin não tinha nenhuma rede embaixo para salvá-lo se caísse.

Um repórter de um jornal que tinha vindo presenciar o espetáculo estava assombrado.

— Aposto que não há nada que você não possa fazer nessa corda bamba — disse a Blondin.

— Você acredita que eu poderia atravessar corda empurrando um carrinho de mão? — Blondin perguntou ao repórter.

— Oh, tenho certeza que sim.

— Acredita que eu poderia atravessar a corda enquanto empurro um carrinho de mão com um homem dentro dele? — Blondin perguntou de novo.

— Sem dúvida!

Então, olhando para o repórter fixamente, Blondin lhe perguntou:

— Acredita que eu poderia atravessar corda empurrando um carrinho de mão com *you* dentro?

— Bom, é...

Mas isso é o que é a fé autêntica: montar no carrinho de mão por causa de Cristo. Qualquer outro tipo de fé na realidade não é fé. São simplesmente palavras. A maioria dos cristãos aceita de boa vontade que Deus é Todo-poderoso. Eles proclamam que Deus controla o universo. Dizem que nada pode suceder fora da vontade permissiva ou ativa de Deus. Inclusive, põem frases no pára-choque de seus veículos que dizem: “Seus anjos velam por mim!” Mas, não, eles não montam no carrinho de mão. Eles não confiam a segurança de suas famílias nas mãos de Deus.

Infelizmente, a cada ano muitas famílias cristãs sofrem mortes e lesões *em consequência de suas próprias armas* porque não depositaram sua confiança em Deus. Um dos episódios mais consternadores ocorreu alguns anos atrás quando um homem e sua mulher voltavam de uma viagem. Sua filha estava ficando na casa de um amigo da família. No entanto, a filha pensou em fazer uma surpresa a seus pais e decidiu entrar na casa mais cedo e se esconder no guarda-roupa do quarto de seus pais. Quando seus pais entraram, escutaram um barulho no guarda-roupa. Pensando que era um ladrão, seu pai sacou sua pistola carregada e se aproximou do armário lentamente. Quando a porta do armário se abriu inesperadamente, instintivamente o pai apertou o gatilho. Imediatamente se deu conta de que era sua filha, mas era tarde demais. Ela murmurou: “Te amo, papai”, e caiu morta.

Este não foi um acontecimento pouco comum. É mais vinte e duas vezes provável que uma arma no lar mate um familiar ou um amigo do que um intruso.² O mal pode ser confrontado com métodos menos perigosos do que armas.

Há alguns anos, uns cristãos amigos meus, Decio e Olivia, estavam hospedados num hotel em Atlanta. Na cidade haviam ocorrido alguns assaltos à mão armada e assassinatos. Os assaltantes ordenavam a suas vítimas se estendessem de bruços no chão e depois lhes atiravam na cabeça. De maneira que Decio estava prevenido.

Era uma noite amena de outubro, e Decio e Olivia tinham deixado aberta momentaneamente porta de seu quarto porque esperavam um amigo. De repente, dois delinquentes adolescentes e com armas apareceram na porta. Eles ordenaram a todos que se deitassem no piso. Decio hesitou e depois se ajoelhou, orando e tentando pensar numa maneira de frustrar o roubo.

Sua esposa, Olivia, achando que era uma travessura na véspera do *Halloween*, ficou sentada na cama. Então um dos ladrões jovens apontou com sua arma e lhe ordenou que se deitasse no chão. Em vez disso, ela começou a cantar em voz alta “Cristo me ama”, ao passo que saía da cama e caminhava lentamente na direção dos dois jovens. Um deles levantou sua pistola, a apontou para o rosto, e a carregou. Mas ela continuou cantando e se aproximando dele. De repente o jovem gritou para o comparsa: “Estes são um casal de loucos por Cristo! Vamos embora daqui!” E dizendo aquilo, os dois jovens desapareceram na escuridão.

Através dos anos, tenho escutado e lido muitas outras histórias de como uma oração, um hino, ou um testemunho desarmou de maneira eficaz a ladrões ou assaltantes. Não faz sentido cantar “Deus Tremendo”, se na realidade não achamos que ele o seja.

P.

“Mas, e quanto a Hitler?”, perguntam-me com frequência.

Na realidade, essa é *minha* pergunta para os cristãos que recusam a não-resistência: “Mas, e quanto a Hitler?” Porque se todos os cristãos tivessem praticado o que Jesus ensinou, Hitler não teria sido capaz de fazer as coisas que fez. Por quê? Porque a maioria dos soldados no exército de Hitler eram cristãos confessos. Eles se tinham alistado voluntariamente ou tinham sido recrutados pelo exército alemão, e se encontravam servindo a seu país tal como os soldados cristãos britânicos e norte-americanos que lutavam contra eles. Se os cristãos tivessem permanecido fiéis aos mandamentos de Jesus, o mal de Hitler nunca teria sucedido. Ele teria contado com poucos soldados para levar a cabo seus planos.

Se todos os cristãos se apegassem aos ensinamentos de Jesus, talvez não houvesse guerras. Este não é um sonho infundado. A Pax Romana assim o demonstrou. A Pax Romana é o nome dado pelos historiadores seculares ao período de paz desfrutado pelo Império Romano de o 27 a.C. até 180 d.C. A Pax Romana foi o período mais pacífico que o Império Romano conheceu. Para melhor dizer, foi o período de paz mais longo que o mundo mediterrâneo conheceu desde o começo da civilização européia até os nossos dias. Durante a Pax Romana, o Império não sofreu uma única invasão bem-sucedida de suas fronteiras. Houve uns poucos motins nacionais, como os dos judeus. Mas não houve guerras civis entre os romanos.

O que foi trouxe a Pax Romana? Os poderosos exércitos de Roma? Não, esses poderosos exércitos ainda existiam nos séculos IV e V quando já não havia paz. E foi nos séculos IV e V que os bárbaros finalmente puderam invadir ao Império de maneira efetiva.

A Pax Romana foi o resultado dos bons governantes desse tempo? Para dizer verdade, durante esse período governaram alguns imperadores muito capazes, tais como César Augusto e Marco Aurélio.

Por outro lado, também encontramos dementes e monstros morais como Calígula, Nero e Domiciano. Entretanto, inclusive durante os reinados destes maníacos, os romanos tiveram paz.

O que, pois, foi realmente o que diferenciou o período da Pax Romana dos outros períodos do Império? Os historiadores seculares não têm uma resposta clara a esse respeito. No entanto, em minha opinião, a diferença estava em que Deus havia introduzido a paz no mundo mediterrâneo; a paz na qual seu Filho, o Príncipe de Paz, havia de nascer. Acho que Deus fez essa paz sem a ajuda de nenhum exército humano. E acho que cristãos posteriormente mantiveram essa paz por meio de suas vidas pacíficas e não-resistentes e mediante suas orações, não por meio do uso da espada para defender o Império.

Mas esta não é simplesmente minha opinião. Os cristãos primitivos que viveram perto do período da Pax Romana também tiveram a firme convicção de que a Pax Romana foi o resultado da intervenção de Deus. Por exemplo, Orígenes disse aos romanos: “Como foi possível que a doutrina de paz do evangelho, a qual não permite aos homens se vingarem nem sequer de seus inimigos, prevalescesse em toda a terra, a não ser que com a chegada de Jesus, foi introduzido um espírito mais meigo na ordem das coisas?”³

Outro escritor cristão primitivo, Arnóbio, escreveu: “Não seria difícil demonstrar que (depois que se escutou o nome de Cristo no mundo) as guerras não têm aumentado. Na realidade têm *diminuído* em grande parte por serem contidas as paixões violentas. (...) Em consequência disto, um mundo ingrato agora está desfrutando, e desfrutou durante um longo período, de um benefício dado por Cristo. Já que por meio dele, a fúria da crueldade brutal foi debilitada e as mãos hostis começaram a se apartar do sangue do próximo. Na verdade, se todos os homens, sem exceção (...) prestassem atenção por um momento a suas normas pacíficas e proveitosas, (...) o mundo inteiro estaria vivendo na mais pacífica tranqüilidade. O mundo teria mudado o uso do aço para usos mais pacíficos e teria se unido em santa harmonia, mantendo intacta a inviolabilidade de todo tratado”.⁴

A defesa de um país mediante a não-resistência

Na atualidade, muitos cristãos professos criticam os cristãos do reino por não pegarem em armas e defenderem a seu país. Curiosamente, os *pagãos* criticavam da mesma maneira aos cristãos primitivos, que se negavam a defender o Império Romano com a espada. Em resposta a estes críticos pagãos, Orígenes escreveu:

Nossas orações derrotam a todos os demônios que provocam a guerra. Esses demônios também fazem que as pessoas violem seus juramentos e perturbem a paz. Por conseguinte, desta maneira, nós somos bem mais úteis aos reis do que aqueles que vão ao campo de batalha para lutar por eles. E também tomamos parte nas causas públicas quando juntamos os exercícios de abnegação a nossas orações e meditações piedosas, as quais nos ensinam a desprezar os prazeres e a não nos deixar levar por eles. De maneira que ninguém luta melhor pelo rei do que nós. Na realidade, nós não lutamos sob seu comando, ainda ele exigisse isso de nós. No entanto, lutamos em seu favor, formando um exército especial, um exército de santidade, por meio de nossas orações a Deus.

E se ele desejasse que “dirigíssemos exércitos em defesa de nosso país”, saiba que isto também fazemos. E não o fazemos com o objetivo de sermos vistos pelos homens ou por vanglória. Já que em secreto, e em nossos corações, nossas orações ascendem a favor de nosso próximo, como se fôssemos sacerdotes. De maneira que os cristãos são benfeitores de seu país mais do que as demais pessoas.⁵

A completa dependência de Deus funcionou! Tal dependência teve resultados poderosos. Trouxe consigo o mais longo período de paz que já existiu no mundo mediterrâneo desde o começo da civilização. Se pôde funcionar lá contra todos os partidários da guerra do mundo mediterrâneo antigo, também teria funcionado para deter a Hitler. Na realidade, como já discutimos, Hitler nem sequer teria chegado ao poder.

Mas alguém poderia objetar: “Você nunca ouviu dizer ‘a única coisa necessária para o mal prevalecer é os homens bons não fazerem nada?’” Ah, isso é exatamente a essência de todo o problema. Apesar de nossas palavras piedosas sobre a fé e a confiança, a verdade é que a maioria dos cristãos considera o recurso da oração como algo equivalente a não “fazer nada”. Quer admitam ou não, a maioria dos cristãos acha que se não pegarem em armas para deter o mal, nenhuma outra coisa o deterá.

Mas, e se hoje todos os que afirmam ser cristãos vivessem de uma maneira não-resistente, amando a seus inimigos? E se a Igreja toda sinceramente pusesse sua fé em Deus como o Protetor do gênero humano, e realmente cresse na eficácia da oração? A igreja fez isto nos três primeiros séculos, e o resultado foi paz no mundo em que viviam. Não tenho a menor dúvida de que teríamos uma nova Pax Europa ou Pax Americana se a Igreja fizesse o mesmo hoje.

O mal nunca poderá ser derrotado com o mal, como também nenhum erro pode se corrigir com outro erro. Satanás não pode ser jogado fora pelos meios de Satanás. Seguir os ensinamentos de Cristo é a única resistência eficaz contra o mal.

P.

Mas, não é verdade que as palavras de Jesus se referem somente à vingança realizada no nível individual, e não às ações apoiadas pelo Estado?

Alguns cristãos sustentam que pagar mal por mal como *indivíduos* é incorreto. No entanto, se o fizermos sob a autoridade do *Estado*, não violamos o ensinamento de Jesus. Este argumento faz-me pensar no folheto escrito por Adin Ballou, intitulado *How Many Men Are Necessary to Change a Crime into a Virtue?* (“Quantos homens são necessários para transformar um crime numa virtude?”) No mesmo, ele pergunta:

Quantos são necessários para anular os mandamentos de Deus e tornar legítimo algo que ele proibiu? Quantos são necessários para metamorfosear a maldade em justiça? Um homem sozinho não deve matar. Se o fizer, comete assassinato. Dois, dez, cem homens não devem matar. Se o fizerem, continua sendo assassinato.

Mas um estado ou país pode matar a tantos que desejar, e não é assassinato. É justo, necessário, louvável. É só conseguir bastantes pessoas que estejam de acordo, e a matança de milhares de seres humanos é perfeitamente justificável. Mas, quantos são necessários? Essa é a pergunta.

O mesmo se dá como o furto, o roubo, o arrombamento e todos os outros delitos. O seqüestro é um grande delito para um homem ou para uns poucos homens. Mas uma nação inteira pode fazê-lo, e o ato não só se torna inocente, mas também altamente honrável. De modo que a nação como um todo pode roubar em grande escala e perpetrar uma pilhagem numa cidade por meio do poder militar, sem cometer delito. Eles podem fazer todas estas coisas com impunidade, e convocar os ministros da religião para que orem por eles. Verdadeiramente há uma magia nas grandes quantidades! A multidão soberana pode passar por cima das leis do Todo-poderoso, pelo menos em sua própria presunção. Mas *quantos* são necessários?⁶

Se o estado me ordenasse a adorar ídolos, seria correto? Em outras palavras, seria errado eu adorar ídolos como *indivíduo*, mas que, por outro lado, seria completamente correto que adorá-los sob a autoridade do *Estado*? Seria errado praticar a adivinhação como indivíduo, mas aceitável se o fizesse sob a autoridade do Estado? Seria pecado se eu cometesse adultério como indivíduo, mas correto se o Estado me ordenasse a cometê-lo? O divórcio incorreto para mim como indivíduo, mas completamente legítimo se o Estado me autorizar a me divorciar de meu cônjuge?

Ou suponhamos que um cristão viva num país onde o governo obriga às mulheres a praticar abortos para o bem do país. Talvez o país esteja superpopulado e o governo decide que a melhor maneira de frear a superpopulação é mediante a redução da taxa de natalidade. Seria, pois, lícito que uma

mulher cristã assassinasse o seu bebê por meio de um aborto? Se não é, que diferença há quando o mesmo governo ordena a seus cidadãos que vão à guerra e assassinem os outros?

Quando Jesus deu seus mandamentos sobre a não-resistência e o amar a nossos inimigos, será que fez alguma distinção entre as ações iniciadas pelos indivíduos e as ações respaldadas pelo Estado? De jeito nenhum. A verdade é que seu ensinamento estava substituindo uma lei do Antigo Testamento que em si estava relacionada às ações do Estado, não às privadas. Como você recordará, Jesus começou sua mensagem sobre a não-resistência dizendo: “Ouvistes que foi dito: Olho por olho, e dente por dente. Eu, porém, vos digo que não resistais ao mal” (Mateus 5:38–39). Pois bem, onde seus ouvintes tinham ouvido as palavras “olho por olho, e dente por dente”? Na lei mosaica, onde aparecem em três ocasiões.

A primeira passagem onde se encontra essa expressão aparece em Êxodo, onde diz: “Se alguns homens pelegarem, e um ferir uma mulher grávida, e for causa de que aborte, porém não havendo outro dano, certamente será multado, conforme o que lhe impuser o marido da mulher, e julgarem os juízes. Mas se houver morte, então darás vida por vida, Olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé” (Êxodo 21:22–24). Veja bem que os juízes estavam envolvidos nesta ação; não se tratava de uma vingança individual.

A segunda passagem encontra-se em Levítico, com relação a um incidente onde um homem nascido de pai egípcio e mãe israelita tinha blasfemado contra Deus. Quando os israelitas perguntaram a Deus o que deveriam fazer, ele lhes respondeu: “E aquele que blasfemar o nome do Senhor, certamente morrerá; *toda a congregação* certamente o apedrejará (...). E quem matar a alguém certamente morrerá. (...) Quando também alguém desfigurar o seu próximo, como ele fez, assim lhe será feito: Quebradura por quebradura, olho por olho, dente por dente; como ele tiver desfigurado a algum homem, assim se lhe fará. (...) E disse Moisés, aos filhos de Israel que levassem o que tinha blasfemado para fora do arraial, e o apedrejassem” (Levítico 24:16–23). Acaso esta passagem fala de ações individuais? Jamais! Toda a congregação de Israel devia estar envolvida na administração do castigo.

A última passagem encontra-se em Deuteronômio: “Quando se levantar testemunha falsa contra alguém, para testificar contra ele acerca de transgressão, Então aqueles dois homens, que tiverem a demanda, se apresentarão perante o Senhor, diante dos *sacerdotes* e dos *juízes* que houver naqueles dias. E os *juízes* inquirirão bem; e eis que, sendo a testemunha falsa, que testificou falsamente contra seu irmão, Far-lhe-eis como cuidou fazer a seu irmão; e assim tirarás o mal do meio de ti. (...) O teu olho não perdoará; vida por vida, olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé” (Deuteronômio 19:16–21). Uma vez mais, esta passagem não se refere a uma forma individual de justiça. Tanto os sacerdotes como os juízes estavam envolvidos.

Portanto, o contexto do ensino de Jesus sobre a não-resistência era o castigo judicial e nacional, e não a vingança individual. Afinal, a regra de “olho por olho” se aplicava a esse contexto. E o ensino de Jesus substituiu essa regra.

P.

Mas, não podemos ter duas personalidades? Quando visto o uniforme do exército e faço parte do exército dos Estados Unidos, não sou *eu*, o indivíduo, quem mata. É o governo dos Estados Unidos. E o governo dos Estados Unidos recebeu a espada de Deus, conforme Romanos 13.

Este argumento parece plausível só porque a maioria dos cristãos ainda não é capaz de ver o reino de Deus como um governo existente e verdadeiro.

Como ilustração, suponhamos que um cidadão norte-americano estivesse morando na Alemanha

nos anos 1930. E depois suponhamos que o exército alemão o recrutasse. (Sim, os governos têm o poder de recrutar a residentes que não sejam cidadãos.) Digamos que este norte-americano aceitou ser recrutado pelo exército alemão e que posteriormente mata seus concidadãos norte-americanos durante a Segunda Guerra Mundial. Finalmente, suponhamos que depois fosse capturado pelas forças norte-americanas e levado a julgamento.

Suponhamos que em seu julgamento este norte-americano apresentasse a seguinte defesa: “Eu sei que teria sido incorreto que eu, como cidadão norte-americano, tomasse armas contra meus concidadãos. No entanto, fui recrutado pelo exército alemão e não foi mais eu, o cidadão norte-americano, quem matou a outros norte-americanos. Foi o governo alemão que estava fazendo uma guerra lícita contra os Estados Unidos”.

Você acredita que o povo e o governo dos Estados Unidos aceitariam esse pretexto? Claro que não! Então, por que imaginamos que Jesus aceitaria semelhante alegação?

Uma situação parecida com a minha ilustração aconteceu há pouco tempo na vida real. Anos atrás, o governo dos Estados Unidos realizou uma guerra contra o regime talibã do Afeganistão. Durante a guerra, o exército dos Estados Unidos capturou um cidadão norte-americano chamado John Walker Lindh, o qual se aliara aos soldados talibãs. Agora bem, suponhamos que o Senhor Lindh tivesse feito a seguinte defesa em seu julgamento:

“Eu, John Walker Lindh, como indivíduo e cidadão norte-americano, nunca faria nada que prejudicasse a outro norte-americano. Sim, é verdade que me uni ao exército talibã. Mas quando me aliei, eles não estavam em guerra com os Estados Unidos. Qualquer ação que eu tenha realizado após isso não foi minha, mas do governo talibã. Eu não lutei contra os Estados Unidos como indivíduo. Simplesmente lutei como parte do governo talibã. Portanto, sou inocente.”

Você acredita que um tribunal norte-americano teria aceitado isso? Acho que não.

Os cristãos que rejeitam a não-resistência, para todos os efeitos estão desejando que Jesus se subjugue a César. Eles querem que Jesus reconheça que suas leis podem ser violadas se César exigir isso das pessoas. Mas, estaria César disposto a fazer o mesmo? Será que César permite que violemos suas leis se Jesus o exigir?

Em resposta a essa pergunta, suponhamos que o Senhor Lindh tivesse feito a seguinte defesa: “Eu, John Walker Lindh, *o cidadão norte-americano*, nunca faria nada que prejudicasse a outro norte-americano. Logicamente, isso seria incorreto! Se eu lutei contra os Estados Unidos no Afeganistão, o fiz simplesmente como John Walker Lindh, *o muçulmano*. Minha fidelidade a Alá exige-me que mate a todos os infiéis. Portanto, como membro do Islã, eu matei os norte-americanos. Mas fiz isto simplesmente como parte da comunidade islâmica internacional, não como indivíduo, nem como norte-americano. Portanto, sou inocente.

O que você acha? Teria servido tal defesa? Claro que não. O governo dos Estados Unidos não permite a seus cidadãos, independentemente de suas crenças religiosas, que se matem uns aos outros. Se alguém matar a outro norte-americano, será acusado de assassinato. O fato de sua religião exigir esse procedimento não servirá de desculpa.

Se nosso governo não permite a seus cidadãos matarem uns aos outros devido a suas diferenças *religiosas*, por que supomos que Jesus permite que seus cidadãos matem uns aos outros devido a diferenças *políticas* ou *nacionais*?

Mas, não dizem as escrituras que...?

Através dos anos, os cristãos que se sentem incomodados com a não-resistência têm me perguntado a respeito de várias passagens bíblicas que parecem contradizer a doutrina da não-resistência. Vejamos, pois, algumas destas passagens.

Jesus disse que não veio para trazer paz à terra, mas espada. Ao dizer isto, não estava autorizando a guerra?

É verdade que Jesus disse: “Não cuideis que vim trazer a paz à terra; não vim trazer paz, mas espada” (Mateus 10:34). Ao fixar-nos somente nessa declaração, poderíamos achar que Jesus estava dizendo que seus seguidores precisariam tomar a espada para lutar pelo reino. No entanto, quando lemos a passagem inteira, fica evidente que essa não era a intenção de Jesus.

Na realidade, a declaração de Jesus faz parte das instruções que ele deu aos doze apóstolos quando os enviou a pregar. Analisemos a passagem completa:

Eis que vos envio como ovelhas ao meio de lobos; portanto, sede prudentes como as serpentes e inofensivos como as pombas. Acautelai-vos, porém, dos homens; porque eles vos entregarão aos sinédrios, e vos açoitarão nas suas sinagogas (...). E o irmão entregará à morte o irmão, e o pai o filho; e os filhos se levantarão contra os pais, e os matarão. E odiados de todos sereis por causa do meu nome; mas aquele que perseverar até ao fim será salvo.

Quando pois vos perseguirem nesta cidade, fugi para outra (...). E não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; teme antes aquele que pode fazer perecer no inferno a alma e o corpo. (...) Portanto, qualquer que me confessar diante dos homens, eu o confessarei diante de meu Pai, que está nos céus. Mas qualquer que me negar diante dos homens, eu o negarei também diante de meu Pai, que está nos céus.

Não cuideis que vim trazer a paz à terra; não vim trazer paz, mas espada; Porque eu vim pôr em dissensão o homem contra seu pai, e a filha contra sua mãe, e a nora contra sua sogra; E assim os inimigos do homem serão os seus familiares. Quem ama o pai ou a mãe mais do que a mim não é digno de mim; e quem ama o filho ou a filha mais do que a mim não é digno de mim. E quem não toma a sua cruz, e não segue após mim, não é digno de mim. Quem achar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a sua vida, por amor de mim, achá-la-á (Mateus 10:16–39)

Quando lemos a passagem por completo, logo podemos ver que Jesus dificilmente está autorizando seus apóstolos pagar em armas e fazer guerras santas contra os que se opõem ao reino. É exatamente o inverso. Ele disse a seus apóstolos que os estavam enviando como ovelhas no meio de lobos. As ovelhas não portam armas, e elas não matam os lobos. Ao contrário, são os lobos os que matam as ovelhas. Jesus estava dizendo-lhes que deveriam estar dispostos a morrer por ele. Se eles não estivessem dispostos a morrer por ele, não eram dignos dele. A única coisa que ele os autorizou a fazer em caso de violência foi fugir para outro lugar se pudessem.

Nos tempos antigos, a espada servia para dois propósitos. O uso que normalmente nos chega à mente era o da guerra, onde a espada se usava para matar. No entanto, a espada também era uma ferramenta que se usava para cortar e partir. As escrituras falam da Palavra de Deus como algo “mais penetrante do que espada alguma de dois gumes, e penetra até à *divisão* da alma e do espírito” (Hebreus 4:12).

Em Mateus 10:34, não está Jesus falando da espada da divisão? Pois diz: “Porque eu vim pôr em dissensão o homem contra seu pai, e a filha contra sua mãe, e a nora contra sua sogra; E assim os inimigos do homem serão os seus familiares”.

Será que Jesus estava dizendo que as mães e as filhas tomariam a espada da guerra contra si mesmos e matariam umas as outras? Será que estava autorizando os cristãos a matarem seus pais e filhos, ou antes, estava dizendo que o evangelho provocaria divisões nas famílias?

Acho que a maioria de nós pode ver que ele se referia a este último sentido. Nossa própria família pode nos deserdar e nos perseguir. No entanto, se damos mais prioridade a eles do que a nosso Senhor, não somos dignos dele.

Pois bem, vamos refletir por um momento no que Jesus disse em Mateus 10 com relação às prioridades. Ele disse: “Quem ama o filho ou a filha mais do que a mim, não é digno de mim”. Se ele não nos permite amar nem sequer a nossos próprios filhos mais do que a ele, por que supomos que é aceitável amar a nosso país mais do que a ele?

P.

E os soldados que foram ver João Batista? João não lhes disse que depusessem suas espadas ou que abandonassem o exército.

Leiamos juntos a passagem. Ela diz: “E chegaram também uns publicanos, para serem batizados, e disseram-lhe: Mestre, que devemos fazer? E ele lhes disse: Não peçais mais do que o que vos está ordenado. E uns soldados o interrogaram também, dizendo: E nós que faremos? E ele lhes disse: A ninguém trateis mal nem defraudeis, e contentai-vos com o vosso soldo” (Lucas 3:12–14).

A palavra grega que a versão Corrigida e Fiel traduz como “defraudar” é *diaseio*, que literalmente significa “sacudir violentamente”.¹ Assim que, talvez João *na realidade* estaria dizendo aos soldados que não agredissem nem matassem outras pessoas.

Todavia, sem levarmos em conta como interpretemos a palavra grega *diaseio*, continua o fato de que João era um profeta da antiga ordem, e não da nova. João nem sequer era cidadão do novo reino de Deus. Sabemos isto porque Jesus disse a seus discípulos: “Em verdade vos digo que, entre os que de mulher têm nascido, não apareceu alguém maior do que João o Batista; mas aquele que é o menor no reino dos céus é maior do que ele” (Mateus 11:11). E novamente, Jesus disse: “A lei e os profetas duraram até João; desde então é anunciado o reino de Deus, e todo o homem emprega força para entrar nele” (Lucas 16:16).

Resumindo, João foi um precursor que preparou o caminho para Jesus. Mesmo que sua mensagem a respeito do arrependimento incluiu muitas das coisas que Jesus pregou, ele foi o último profeta *judeu*, e não o primeiro profeta *cristão*. Deus não enviou João para que explicasse o evangelho do reino.

P.

E quanto ao centurião romano? Jesus não lhe disse que tinha que abandonar o exército. E no caso de Cornélio? A Bíblia não diz que ele abandonou o exército após sua conversão.

Antes de tudo, vamos dar uma pequena olhada na passagem sobre o centurião: “E, entrando Jesus em Cafarnaum, chegou junto dele um centurião, rogando-lhe, E dizendo: Senhor, o meu criado jaz em casa, paralítico, e violentamente atormentado. E Jesus lhe disse: Eu irei, e lhe darei saúde. E o centurião, respondendo, disse: Senhor, não sou digno de que entres debaixo do meu telhado, mas dize somente uma palavra, e o meu criado há de sarar. (...) E maravilhou-se Jesus, ouvindo isto, e disse aos que o seguiam: Em verdade vos digo que nem mesmo em Israel encontrei tanta fé. Mas eu vos digo que muitos virão do oriente e do ocidente, e assentar-se-ão à mesa com Abraão, e Isaque, e Jacó, no reino dos céus; E os filhos do reino serão lançados nas trevas exteriores; ali haverá pranto e ranger de dentes. Então disse Jesus ao centurião: Vai, e como creste te seja feito. E naquela mesma

hora o seu criado sarou” (Mateus 8:5–13).

A verdade é que Jesus não disse absolutamente nada a respeito da profissão deste homem. Ele não expressou nem aprovação nem desaprovação. Na realidade, o importante nesta passagem não era destacar que este homem era um *centurião*. Antes, que era um *gentio*. É por isso que Jesus comentou: “Em verdade vos digo que nem mesmo em Israel encontrei tanta fé” (Mateus 8:10). Este incidente antecipava o fato de que posteriormente os gentios mostrariam ser mais sensíveis ao evangelho do que o povo de Israel.

O encontro de Jesus com o centurião romano é muito parecido a seu encontro com a samaritana no poço. Ela estava vivendo com um homem com o qual não estava casada. No entanto, Jesus não lhe disse que deixasse esse homem, não foi mesmo? Será que isso implica que Jesus aprovava o amaciamento?

Quanto ao caso de Cornélio, as Escrituras não dizem nada, nem duma nem de outra maneira, a respeito do que ele fez após sua conversão. Não há evidência de que Cornélio continuasse usando a espada depois de se tornar cristão.

Na realidade, as escrituras contam-nos relativamente pouco da vida dos convertidos após se tornarem cristãos. Penso que a maioria de nós iria concluir que se os novos convertidos estivessem envolvidos em ofícios desapropriados, eles mudariam as suas profissões após a conversão. Por exemplo, muitas prostitutas creram em Jesus. Podemos deduzir corretamente que elas deixaram sua prostituição, mas as escrituras não falam do assunto (leia Mateus 21:31–32).

P.

Sim, mas Jesus não açoitou os cambistas e os expulsou do templo à força?

Leiamos esse relato: “E estava próxima a páscoa dos judeus, e Jesus subiu a Jerusalém. E achou no templo os que vendiam bois, e ovelhas, e pombos, e os cambiadores assentados. E tendo feito um azorrague de cordéis, lançou todos fora do templo, também os bois e ovelhas; e espalhou o dinheiro dos cambiadores, e derribou as mesas; E disse aos que vendiam pombos: Tirai daqui estes, e não façais da casa de meu Pai casa de venda” (João 2:13–16).

Então, contra quem ou que usou Jesus o chicote? A passagem não diz, certo? Mas em geral as ovelhas só seguem a seu próprio pastor. Portanto, como podia fazer Jesus que as ovelhas e os bois abandonassem o pátio do templo? Sem fazer um milagre (o qual não quis realizar nesta ocasião), a forma mais lógica de tirar os animais do templo era expulsando-os com um chicote. Não há absolutamente nenhuma evidência de que Jesus usou seu chicote contra o *povo*.

No entanto, este relato de fato joga uma luz importante sobre o assunto da não-resistência. Jesus demonstrou que ser não-resistente não significa que uma pessoa não possa ser enérgica ou que não possa denunciar o pecado. Naturalmente, sendo o Filho de Deus, ele tinha bem mais autoridade do que a que você e eu temos. Os apóstolos nunca expulsaram os cambistas do templo.

P.

Talvez os ensinamentos de Jesus sobre a não-resistência fossem temporários. Não disse ele a seus discípulos posteriormente que comprassem espadas?

A passagem referida aqui aparece em Lucas 22:35–36: “E disse-lhes: Quando vos mandei sem bolsa, alforje, ou alparcas, faltou-vos porventura alguma coisa? Eles responderam: Nada. Disse-lhes pois: Mas agora, aquele que tiver bolsa, tome-a, como também o alforje; e, o que não tem espada, venda a sua capa e compre-a.”

À primeira vista, é fácil vermos como alguém poderia pensar que esta passagem está contrariando os ensinamentos anteriores de Jesus sobre a não-resistência. Mas quando lemos o resto do capítulo, vemos que este não era o caso. Imediatamente, após dizer a seus apóstolos que comprassem uma espada, Jesus explicou: “Porquanto vos digo que importa que em mim se cumpra aquilo que está escrito: E com os malfeitores foi contado. Porque o que está escrito de mim terá cumprimento” (Lucas 22:37). De maneira que o próprio Jesus explicou suas palavras. O propósito das espadas foi simplesmente para que se cumprisse a profecia de Isaías 53:12, a qual dizia que Jesus seria contado com os pecadores.

O próximo versículo é mais claro ainda: “E eles disseram: Senhor, eis aqui duas espadas. E ele lhes disse: Basta” (Lucas 22:38). Obviamente, Jesus não estava dizendo a seus apóstolos que se preparassem para um conflito armado. Afinal de contas, duas espadas não eram suficientes para defender doze homens. Mais exatamente, as duas espadas eram suficientes para que se cumprisse a profecia do Antigo Testamento.

O resto desta passagem em Lucas, com relação à detenção de Jesus, esclarece o assunto ainda mais: “E, vendo os que estavam com ele o que ia suceder, disseram-lhe: Senhor, feriremos à espada? E um deles feriu o servo do sumo sacerdote, e cortou-lhe a orelha direita. E, respondendo Jesus, disse: Deixai-os; basta. E, tocando-lhe a orelha, o curou” (Lucas 22:49–51). Então, no fim, Jesus *não* permitiu a seus discípulos que usassem as duas espadas em defesa própria. Ele inclusive curou o dano causado pela espada.

Jesus empregou este episódio com as espadas para ensinar uma lição prática. O pior crime na história da humanidade estava para acontecer. O inocente Filho de Deus iria ser preso, torturado e assassinado injustamente. Se alguma vez houvesse um momento para que os cristãos usassem a espada, sem dúvida alguma teria sido este! No entanto, Jesus não permitiu a seus discípulos que usassem a espada nem para defendê-lo nem para se defenderem. Quando ele lhes disse que não resistissem ao que é mau, foi isso exatamente o que ele quis dizer! Inclusive quando estava para se cometer o crime de todos os crimes.

O relato de Mateus acrescenta um detalhe a mais do que Jesus disse a Pedro: “Então Jesus disse-lhe: Embainha a tua espada; porque todos os que lançarem mão da espada, à espada morrerão. Ou pensas tu que eu não poderia agora orar a meu Pai, e que ele não me daria mais de doze legiões de anjos?” Quando Deus quer nos proteger, seus anjos são suficientes. Tal como Tertuliano expressou posteriormente: “Ao desarmar a Pedro, Senhor desarmou a todos os soldados”.²

O que quis dizer Jesus quando disse: “Porque todos os que lançarem mão da espada, à espada morrerão”? Essa declaração é muito semelhante às palavras anteriores de Jesus: “Quem achar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a sua vida, por amor de mim, achá-la-á” (Mateus 10:39). Se depositarmos nossa confiança nas armas militares e no poder do mundo, no final pereceremos nessa confiança.

Depois destas passagens já não voltamos a ler que os discípulos de Jesus alguma vez portassem espadas ou lutassem para se defender a si mesmos. O livro de Atos detalha graficamente a não-resistência dos apóstolos e de outros cristãos. Os cristãos foram perseguidos por multidões, pelas autoridades judias e pelos governantes gentios. Mas em nenhum caso ofereceram eles resistência física. Estêvão não se defendeu da multidão que o capturou. E até na sua morte ele mostrou seu amor por seus inimigos, dizendo: “Senhor, não lhes imputes este pecado. E, tendo dito isto, adormeceu” (Atos 7:60).

O livro de Atos nos conta que imediatamente após a morte de Estêvão, “fez-se naquele dia uma grande perseguição contra a igreja que estava em Jerusalém” (Atos 8:1). E então, o que fizeram os discípulos de Jesus? Armaram-se e contra-atacaram? Não. Lucas nos diz: “E todos foram dispersos

pelas terras da Judéia e de Samaria, exceto os apóstolos” (Atos 8:1). A única ação autorizada por Jesus a seus seguidores em caso de perseguição foi a de fugir. E foi exatamente o que fizeram.

A continuidade dos ensinoss de Jesus

No final do sermão do Monte, o qual contém muitas das leis do reino de Deus, Jesus disse a seus ouvintes: “Todo aquele, pois, que escuta estas minhas palavras, e as pratica, assemelhá-lo-ei ao homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha; E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e não caiu, porque estava edificada sobre a rocha” (Mateus 7:24–25).

A idéia de uma rocha como fundamento ou alicerce nos dá um quadro de algo permanente. A lei de Moisés tinha durado mil e quinhentos anos, mas com o tempo foi cumprida. Essa lei mostrou ser temporária. No entanto, os ensinoss de Jesus são permanentes. Do contrário, não seriam como uma rocha se Jesus ou os apóstolos tivessem abolido seus ensinoss num prazo de uns poucos anos depois que ele os deu. Não, seus ensinoss não mudam. Elas se aplicam a nós tão literal e absolutamente como se aplicaram aos primeiros ouvintes de Jesus.

Como citei anteriormente: “Jesus Cristo é o mesmo, ontem, e hoje, e eternamente” (Hebreus 13:8).

E os reinos do mundo?

Até aqui falei bastante a respeito do reino de Deus, mas disse muito pouco dos reinos do mundo. Portanto, falemos um pouco deles.

Na realidade, as Escrituras revelam pouco da maneira em que Deus governa os reinos do mundo. No Antigo Testamento, vemos o procedimento de Deus para com os reinos que lidavam com os israelitas, tais como Egito, Assíria e Babilônia. Mas a Bíblia nos conta pouco ou mesmo nada de outros reinos do mundo durante este período, tais como os da China, da Índia, do Japão, da África e das Américas.

Nós podemos supor que Deus levantou ao Império Romano tornar a difusão do cristianismo mais fácil por todo o mundo mediterrâneo. Os romanos construíram bons caminhos através de todo o Império e fizeram do mundo mediterrâneo um lugar seguro para viajar. Mas, por que surgiu a dinastia han na China ou o reino asteca no México? Por que a dinastia Sunga chegou ao poder na Índia, e por que foram à ruína ali os governantes da dinastia maurya? Não sabemos. A verdade é que sabemos relativamente pouco do governo de Deus sobre os reinos do mundo. O fato de uma nação vencer uma guerra não indica, em nenhuma maneira, que a aprovação de Deus está sobre tal nação.

No entanto, as Escrituras de fato revelam cinco princípios com relação ao governo de Deus sobre os reinos do mundo:

- Deus tem o comando supremo destes reinos.
- O poder de todos os governantes terrestres provém de Deus.
- A supervisão de Deus sobre os reinos terrestres é algo aparte e diferente do governo que ele exerce sobre seu reino.
- Todos os reinos terrestres são temporários.
- Satanás tem uma participação importante nos reinos do mundo.

1. Deus tem o controle supremo dos reinos do mundo. O rei Nabuconodosor aprendeu este fato de forma poderosa quando Deus lhe tirou temporariamente tanto a sua sanidade mental como seu reino. As escrituras explicam por que Deus fez isso: “Esta sentença é por decreto dos vigias, e esta ordem por mandado dos santos, a fim de que conheçam os viventes que o Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens, e o dá a quem quer, e até ao mais humilde dos homens constitui sobre ele” (Daniel 4:17).

Portanto Deus tem o comando acima de tudo. É por isso que os cristãos do reino não se preocupam com os Hitlers deste mundo. Deus nunca permite que o seu mal perdure sem ser refreado. Eles podem governar por um tempo, mas só enquanto Deus assim o permitir. Os cristãos que verdadeiramente crêem que Deus está no comando sabem que a oração é a arma mais eficaz contra o mal.

2. Todos os governantes terrestres recebem seu poder de Deus. Quando Pilatos advertiu a Jesus que ele tinha o poder para crucificá-lo, Jesus calmamente lhe respondeu: “Respondeu Jesus: Nenhum poder terias contra mim, se de cima não te fosse dado; mas aquele que me entregou a ti maior pecado tem” (João 19:11). Ou, como Paulo disse, “não há potestade que não venha de Deus;

e as potestades que há foram ordenadas por Deus” (Romanos 13:1).

De maneira que os reinos dos homens têm autoridade legítima, dada por Deus. Mas, por que lhes deu Deus essa autoridade? Paulo explica: “Porque os magistrados não são terror para as boas obras, mas para as más. Queres tu, pois, não temer a potestade? Faze o bem, e terás louvor dela. Porque ela é ministro de Deus para teu bem. Mas, se fizeres o mal, teme, pois não traz debalde a espada; porque é ministro de Deus, e vingador para castigar o que faz o mal” (Romanos 13:3–4).

Por conseguinte, Deus deu poder aos reinos dos homens por causa do estado pecaminoso do gênero humano. E até o governo de uma pessoa cruel é quase sempre melhor que a anarquia. Na recente guerra contra Iraque, as forças da coalizão ocidental rapidamente derrotaram o exército de Saddam Hussein do Iraque. No entanto, houve um lapso de vários dias entre o dia em que o governo de Hussein foi derrotado e o dia em que as forças de ocupação estabeleceram um governo provisório em Bagdá, a capital de Iraque. Durante esses poucos dias, reinou a anarquia. As multidões saquearam loja após de loja, as ligas armadas seqüestraram carros e o povo perseguiu seus inimigos. Apesar de o regime de Saddam Hussein ter sido cruel, mesmo assim seu regime era melhor do que não ter nenhum governo.

Quando Paulo disse que o governante é “ministro de Deus”, o homem que estava governando o Império Romano era Nero, um homem completamente malvado. Portanto, ninguém pense que Paulo quis dizer que o governante é sócio de Deus ou que até é amigo de Deus. A palavra que Paulo usou aqui para “ministro” é *diakonos*. O significado normal desta palavra em grego é “servo”. Paulo não está dizendo que o governante, de maneira consciente e disposta, é o representante de Deus ou seu parceiro. Ele está dizendo que o governante é *servo* de Deus, porque Deus é que é o Senhor.

Tal qual Nero, a maioria dos reis e dirigentes não reconheceram a autoridade de Deus sobre eles. Em geral, agiam contra Deus e seu povo. Tal foi o caso nos dias do Israel antigo, e continua assim desde os dias de Jesus. Os governantes quase sempre procuram exercer mais poder do que o que Deus lhes atribuiu. Eles não estão satisfeitos com “o que é de César”, mas querem também “o que é de Deus”.

3. A supervisão de Deus sobre os reinos terrestres é algo separado e diferente do governo que ele exerce sobre o seu reino. Jesus explicou isto a Pilatos, dizendo: “O meu reino não é deste mundo; se o meu reino fosse deste mundo, pelejariam os meus servos, para que eu não fosse entregue aos judeus; mas agora o meu reino não é daqui” (João 18:36).

Todos os governos terrestres são “deste mundo”. Isto os põe em contraste, e geralmente em oposição, com reino de Deus. Nenhum reino terrestre jamais poderá se associar com o reino de Deus. A essência de um é totalmente oposta à essência do outro. Tentar unir a um dos reinos dos homens com o reino de Deus seria como tentar colar a argila com o plástico. Não se unem nem se colam porque suas naturezas são totalmente diferentes.

Os cristãos norte-americanos, crentes na Bíblia, com freqüência misturam o patriotismo com seu cristianismo e acham que o governo dos Estados Unidos, de algum modo, está associado com o reino de Deus. Eles falam dos Estados Unidos como uma “nação cristã”. No entanto, os Estados Unidos é um reino do mundo tal como a França, a Alemanha ou a China. O governo dos Estados Unidos pode imprimir “*In God We Trust*” (“Em Deus Confiamos”) em sua moeda, mas não confia em Deus. Este governo confia em seus exércitos, tanques e mísseis.

4. Todos os reinos terrestres são temporários. A natureza contrastante do reino de Deus com relação aos reinos do mundo torna-se evidente na profecia de Daniel: “Mas, nos dias desses reis, o Deus do céu levantará um reino que não será jamais destruído; e este reino não passará a outro povo; esmiuçará e consumirá todos esses reinos, mas ele mesmo subsistirá para sempre,” (Daniel

2:44).

Daniel não disse que o reino de Deus se uniria com um ou mais reinos terrestres. Também não disse que alguns eram parceiros do reino de Deus. Não, ele disse que o reino de Deus esmiuçarà a cada um destes reinos e os consumirá. Isso inclui os Estados Unidos. Os reinos do mundo são só entidades temporárias que no final serão destruídas.

5. Finalmente, sempre temos que recordar que Satanás tem uma participação considerável nos reinos dos homens. Isto fica muito óbvio pela maneira em que os governos atuaram através dos séculos. Mas este ponto ficou mais claramente quando Satanás tentou a Jesus: “Novamente o transportou o diabo a um monte muito alto; e mostrou-lhe todos os reinos do mundo, e a glória deles. E disse-lhe: Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares. Então disse-lhe Jesus: Vai-te, Satanás, porque está escrito: Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a ele servirás” (Mateus 4:8–10).

É importante notarmos que Jesus não contestou o poder de Satanás de lhe dar todos os reinos do mundo. A verdade é que não teria sido muita tentação se Satanás estivesse oferecendo a Jesus algo que de todo jeito não podia lhe entregar. Na realidade, Jesus posteriormente referiu-se a Satanás como o “príncipe deste mundo” (João 12:31). Séculos antes do nascimento de Cristo, as profecias de Daniel revelaram que os reinos terrestres são controlados por forças espirituais ímpias (leia Daniel 10:13, 20).

Logicamente, Satanás não teria autoridade sobre os governos do mundo se Deus não lho permitisse. A autoridade suprema dos reinos dos homens provém de Deus, e não de Satanás. Mas, normalmente, os reinos do mundo seguem o caminho de Satanás, e não o de Deus.

A vida sob a influência de dois reinos

Ser um cidadão do reino de Deus não é fácil. O que o torna particularmente difícil é que o reino de Deus, ao contrário de todos os outros reinos, não domina de forma exclusiva nenhuma extensão geográfica. De maneira que seus cidadãos sempre vivem sob *dois* governos: o reino de Deus e um dos reinos do mundo. A qual governo os cristãos devem obedecer?

A situação não é diferente da de um cidadão dos Estados Unidos que mora num país estrangeiro. Suponha que Joe Americano, um cidadão dos Estados Unidos, se mudasse para a Alemanha e conseguisse um trabalho ali. Será que o fato de ser cidadão dos Estados Unidos o eximiria de obedecer às leis alemãs? De jeito nenhum. Se ele violar as leis de trânsito alemãs, não será impune por ser estrangeiro. Se Joe assaltar um banco, será processado segundo as leis alemãs. E, portanto, enfrentará a prisão na Alemanha. Além disso, ainda que Joe seja cidadão americano, se ele trabalhar na Alemanha terá que pagar impostos na Alemanha.

Por outro lado, ainda que seja estrangeiro, Joe Americano também tem vários *direitos* sob as leis alemãs. Tem direito à proteção da polícia, igualmente a um cidadão alemão. Ele pode recorrer aos tribunais alemães para apresentar uma demanda. E se trabalhar na Alemanha, recebe a proteção das mesmas medidas de segurança de seu centro de trabalho que receberia qualquer cidadão alemão.

Nossa situação como cidadãos do reino de Deus é praticamente idêntica à situação de Joe. Embora sejamos cidadãos do reino de Deus, temos que obedecer às leis do lugar onde residimos. As Escrituras deixam isto bem claro: “Sujeitai-vos, pois, a toda a ordenação humana por amor do Senhor; quer ao rei, como superior; Quer aos governadores, como por ele enviados para castigo dos malfeitores, e para louvor dos que fazem o bem. Porque assim é a vontade de Deus, que, fazendo bem, tapeis a boca à ignorância dos homens insensatos” (1 Pedro 2:13–15).

Mesmo sendo cidadãos do reino de Deus, não vemos às governos terrestres como forças hostis e ilegítimas. Isto se deve a que entendemos que os reinos do mundo recebem a sua autoridade da parte de Deus. As Escrituras são bem claras quanto a isto: “Toda a alma esteja sujeita às potestades superiores; porque não há potestade que não venha de Deus; e as potestades que há foram ordenadas por Deus. Por isso quem resiste à potestade resiste à ordenação de Deus; e os que resistem trarão sobre si mesmos a condenação” (Romanos 13:1–2).

Uma das aparentes ironias de ser cidadão do reino de Deus é que para sermos obedientes a Cristo, primeiro temos que ser obedientes a *César*. A bem dizer, em geral os cidadãos do reino de Deus são mais conscientes do dever de obedecer às leis dos governos terrestres do que aquelas pessoas cuja *única* cidadania está aqui na terra.

O conflito dos reinos

Agora voltemos por um momento ao nosso exemplo do Joe Americano que vive em Alemanha. E se as leis de Alemanha entram em conflito com as leis dos Estados Unidos? Por exemplo, digamos que para obedecer às leis da Alemanha, Joe tivesse que cometer um ato desleal contra os Estados Unidos? Nesse caso, Joe teria que decidir onde ele quer a sua cidadania permanente. Pois quando surgir um conflito, ele não poderá obedecer a *ambos* os governos. Ele terá que escolher entre um deles.

Para ilustrar isto melhor, suponhamos que Alemanha e os Estados Unidos entrem em guerra. Será que os Estados Unidos têm autoridade de recrutar a Joe em suas fileiras ainda que ele viva num país

estrangeiro? Perfeitamente. Será que a Alemanha a autoridade de recrutar Joe, mesmo que ele não é um cidadão alemão? Certamente, sim. Será que Joe pode consentir em ser recrutado para o exército alemão e prestar juramento militar a Alemanha? Não se ele deseja continuar sendo cidadão americano! Ele não pode servir a dois Senhores. Ele teria que decidir qual governo será seu Senhor absoluto e qual receberá somente uma obediência relativa.

Dai a Deus o que é de Deus

A partir da leitura das passagens anteriores de Romanos 13, algumas pessoas terminam achando que os governos terrestres sob cuja influência vivemos têm *todo o* direito sobre nós. Acham que devemos toda a nossa lealdade, e até nossas próprias vidas, à nação na qual vivemos. No entanto, as Escrituras nunca dizem isto.

Nunca devemos esquecer a resposta de Jesus quando os fariseus e os herodianos lhe perguntaram se era lícito dar tributo a César. Ele lhes disse: “Dai pois a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus” (Mateus 22:21).

Veja bem que os fariseus e os herodianos não tinham perguntado a Jesus por Deus. Eles só lhe tinham perguntado pelo tributo. Ao incluir Deus na questão, Jesus demonstrou que estes interrogadores tinham uma visão muito curta. Seus corações estavam focados nas coisas deste mundo, e não nas coisas eternas. Sem dúvida deviam dar tributo a César. Por quê? Porque sua imagem estava gravada nas suas moedas. Deus não cunhou aquelas moedas. Foi César quem o fez. Portanto, dêem a ele o que já é dele.

Mas, e nós os humanos? Que imagem está impressa em nós? A imagem do César? Não. Deus nos criou à sua imagem. Nós pertencemos a ele. Portanto, Deus tem o direito supremo sobre nossas vidas. César só tem direito sobre as coisas que ele criou. Ele não criou nossos corpos nem nossas almas. Portanto, não tem direito sobre nenhuma das duas coisas.

Em Romanos 13, Paulo nos disse que nos submetêssemos às autoridades superiores ou governantes. Mas logo ele passa a descrever as áreas de sujeição às quais está se referindo: “Portanto, dai a cada um o que deveis: a quem tributo, tributo; a quem imposto, imposto; a quem temor, temor; a quem honra, honra. A ninguém devais coisa alguma, a não ser o amor com que vos ameis uns aos outros; porque quem ama aos outros cumpriu a lei” (Romanos 13:7–8).

Veja bem que Paulo só menciona as coisas *terrestres*: tributo, impostos, respeito e honra. Todas estas coisas estão no mundo de César. É bem notável o fato de que Paulo não mencionou o serviço militar entre as coisas que devemos às autoridades dirigentes.

Como destaquei anteriormente, a maioria dos governos terrestres não estão satisfeitos somente com o que é de César. Eles também desejam o que é de Deus. Eles acham que têm direito à lealdade absoluta e incondicional de todos os seus cidadãos. Inclusive se acham donos das vidas de seus cidadãos e, em grande parte, de suas almas. Mas como Tertuliano perguntou: “Quais coisas serão de Deus, se todas as coisas são de César?”¹

Na realidade, o que sobra à maioria dos cristãos nominais para dar a Deus? Eles, no geral deram suas vidas, seu dinheiro, sua juventude, suas almas e sua lealdade incondicional a César. E o que restou para darem ao reino de Cristo? Nada, a não ser algumas migalhas de sobra: seus dízimos e umas poucas horas semanais de seu tempo. E acham que isso Jesus aceitará!

Quando César quer o que é de Deus

Então, que devemos fazer quando as leis do César e as leis de Deus entram em conflito? Bem,

basicamente estamos na mesma posição que o Joe Americano do nosso exemplo. Ele tem que decidir a qual país renderá a sua lealdade absoluta: à Alemanha ou aos Estados Unidos. Ele não pode dar sua lealdade absoluta a ambos os países. Igualmente, os cidadãos do reino de Deus têm que decidir a qual reino devem render a sua lealdade absoluta, o de Deus ou o de César.

Os apóstolos foram postos à prova com relação a este mesmo assunto. Jesus lhes tinha mandado anunciar as boas novas do reino. No entanto, as autoridades judias os prenderam e ordenaram-lhes que não pregassem mais a respeito de Jesus. Pois bem, estas autoridades judias não eram nenhum tipo de renegado usurpando a autoridade governamental. Entre eles estava o sumo sacerdote, cuja posição tinha sido diretamente estabelecida por Deus. E o governo romano aceitava a sua autoridade nas questões da religião judia.

Mas nada disto mudava as coisas. Os apóstolos tinham recebido suas ordens de Jesus, a quem eles reconheciam como seu Rei e a quem eles deram sua lealdade absoluta. De modo que eles responderam às autoridades judias: “Julgai vós se é justo, diante de Deus, ouvir-vos antes a vós do que a Deus; Porque não podemos deixar de falar do que temos visto e ouvido” (Atos 4:19–20). E ao serem liberados, os apóstolos foram direto às ruas e continuaram pregando.

As autoridades logo tornaram a chamar-lhes para intimidá-los: “Não vos admoestamos nós expressamente que não ensinásseis nesse nome?” Mas Pedro e os outros apóstolos responderam-lhes: “Mais importa obedecer a Deus do que aos homens” (Atos 5:28–29).

O que devemos aprender deste exemplo? Devemos aprender que se quisermos nos converter em cidadãos do reino de Deus e *manter* nossa cidadania, nossa lealdade será primeiramente para o seu reino. Não há lugar para hesitação quando se trata de decidir a quem obedecer quando os mandamentos de nosso Rei celestial entram em conflito com os dos governantes terrestres. A resposta é sempre a mesma: temos que obedecer a Deus antes que aos homens. Se quisermos ser cidadãos do reino de Deus, teremos que reconhecer que o seu reino é o reino dominante.

A relação dos reinos do mundo com Deus é muito similar à relação de uma corporação com o Estado. Uma corporação existe por meio da autoridade do Estado. A corporação não teria autoridade se o Estado não lhe tivesse dado tal direito. Será que isso significa que o Estado respalda tudo o que uma corporação possa fazer? Não. Será que isso converte a corporação em sócia do Estado? De modo algum. No entanto, já que o Estado deu autoridade à corporação, os empregados da corporação estão obrigados a obedecer à corporação enquanto forem seus empregados.

Contudo, esta obediência é relativa. Se a corporação ordenar a seus empregados que façam algo ilegal, o Estado espera que eles desobedeçam à corporação. Caso contrário, sofrerão a responsabilidade criminal. O fato de a corporação lhes ter ordenado a fazer algo ilegal não os protege.

Da mesma maneira, o reino de Deus é o Estado dominante quando há um conflito entre as leis de Deus e as leis do homem. As leis do homem devem ceder diante das leis de Deus, e não o inverso. Jesus não perdoará a desobediência a suas leis só porque algum governante terrestre teve a arrogância de pedir algo de seus cidadãos que Jesus declarou ilegal.

Isto é semelhante à relação das leis de cada estado com a constituição dos Estados Unidos. Cada estado tem a autoridade de criar leis com relação a uma gama extensa de assuntos. E as pessoas que residem nesse estado têm que obedecer a tais leis. Mas, e se uma lei de um estado entrar em conflito com um dos itens da constituição? Nesse caso, a constituição anula a lei do estado, e nunca o contrário. Da mesma maneira, as leis de Deus sempre anulam as leis incompatíveis do homem. Se César ordenar fazer uma coisa mas Deus ordenar fazer outra, a lei de Deus prevalece, e não a do homem. Esta é uma das regras cardeais do reino de Deus.

Amemos a nossos inimigos

À parte da perseguição religiosa, a área em que as leis de César e as leis de Cristo entram em conflito mais com freqüência talvez seja na da não-resistência. Por exemplo, um governo terrestre diz a um jovem que este tem que servir às forças armadas, pegar em armas e matar os inimigos de seu país. No entanto, nosso Rei já nos ordenou que amássemos a nossos inimigos e que não os aborreçamos. Sejam budistas, muçulmanos ou ateus, dificilmente podemos matá-los e ainda assim afirmar que os amamos. De maneira que não podemos obedecer a Cristo e a César.

Se as leis de Cristo não nos permitem matar os *incrédulos*, quanto mais nos proibem matar a nossos irmãos *cristãos*. No entanto, em quase todas as guerras feitas pelos norte-americanos ou europeus nos últimos 1.700 anos houve cristãos em ambos os lados. Se um governo estrangeiro ordenasse a um norte-americano que lutasse contra seus concidadãos norte-americanos e os matasse, a maioria dos norte-americanos se negaria a fazer isso. Todavia, se um governo terrestre ordenasse a um cristão que lutasse contra seus irmãos cristãos de outro país e os matasse, a maioria dos cristãos confessos o faria.

Nossa lealdade absoluta não pode pertencer a dois reis. Quando um cristão mata a um concidadão do reino de Deus simplesmente porque algum governante terrestre assim lhe ordenou, está demonstrando que sua lealdade absoluta é para seu dirigente terrestre. Ele põe o bem-estar de seu país acima do bem-estar do reino de Deus e da irmandade de Cristo.

Mas, lembremos bem, a recusa de um cristão de portar armas não se aplica somente às guerras que envolvem outros cristãos. Jesus nos disse que amássemos nossos *inimigos*. Se nos negamos a pegar em armas só contra nossos concidadãos do reino, não nos diferenciamos em muito do mundo. O povo do mundo também se nega a tomar as armas contra seus concidadãos. Unir-nos ao reino de Deus significa que vamos um passo para além do que o mundo dá: amamos a nossos inimigos bem como também a nossos irmãos.

Honremos o governo

Devido aos ensinamentos de Jesus sobre a não-resistência e o amor a nossos inimigos, alguns cristãos têm a idéia errônea de que os cristãos devem se opor e desprezar os soldados e os oficiais da polícia. No entanto, não deve ser assim de jeito nenhum. Jesus e seus apóstolos foram sempre respeitosos para com os soldados com quem se encontravam. As Escrituras nos dizem que Deus confiou a espada aos governos deste mundo. Enquanto que o reino de Deus não precisa das forças militares, os governos deste mundo normalmente precisam delas sim. Os ensinamentos de Jesus são para *seu* reino. Ele não alegava que um governo deste mundo pudesse operar sem a espada do poder.

Por essa razão, eu sempre procuro mostrar cortesia e respeito aos soldados e aos oficiais da polícia. Na realidade, penso que uma das verdadeiras injustiças de nossa sociedade é o baixo salário que os soldados recebem. Eles suportam toda sorte de dificuldades e arriscam até suas próprias vidas em benefício de seus concidadãos. No entanto, eles se encontram quase no lugar mais baixo da escala salarial. No ano de 2003, o salário básico de um soldado norte-americano com um ano de serviço era só 15.480,00. Isto é só um pouco a mais do que o salário médio de um porteiro de cinema norte-americano (14.144,00) e de uma pessoa encarregada de ajudar crianças a atravessarem a rua (15.080,00).²

Logicamente, eu gostaria de ver todos os soldados inscritos no exército do reino de Deus e não nos exércitos deste mundo. No entanto, esta é uma decisão a que eles devem chegar por si mesmos. Mas, enquanto estiverem servindo o povo de seu país em nome de seu governo, eles merecem respeito, e não despeito. E ao mesmo tempo merecem que seu governo lhes pague proporcionalmente aos sacrifícios que eles foram chamados a fazer.

Porventura sou eu deste mundo?

Anteriormente vimos as palavras de Jesus a Pilatos: “O meu reino não é deste mundo; se o meu reino fosse deste mundo, pelejariam os meus servos, para que eu não fosse entregue aos judeus; mas agora o meu reino não é daqui” (João 18:36).

Se havia alguma dúvida na mente de Pilatos sobre a natureza revolucionária do reino de Cristo, não deve ter ficado nenhuma após escutar aquelas palavras. Era um reino que não se defenderia — ou para melhor dizer, não *podia* se defender — com a espada. Pilatos não tinha nada que temer de Jesus. O reino de Jesus não pôs fim ao império ao qual Pilatos servia; pelo menos não durante sua vida e muito menos com as espadas terrestres. O reino de Jesus não era deste mundo. Tal reino dependia exclusivamente de um poder sobrenatural para a sua preservação, não do poder terrestre.

Não só o reino de Cristo não é do mundo, mas seus cidadãos também não são do mundo. Um pouco antes de ser preso, Jesus orou por seus seguidores: “Dei-lhes a tua palavra, e o mundo os odiou, porque não são do mundo, assim como eu não sou do mundo. Não peço que os tires do mundo, mas que os livres do mal. Não são do mundo, como eu do mundo não sou. Santifica-os na tua verdade; a tua palavra é a verdade. Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo” (João 17:14–18).

Portanto, se queremos ser seguidores de Jesus Cristo, temos que “não ser do mundo”. Por acaso isto quer dizer que devemos nos retirar ao cume de alguma montanha inacessível ou a um refúgio no deserto? De jeito nenhum. Pois Jesus disse que ele nos enviou ao mundo. Não nos enviou para longe do mundo, mas sim *ao* mundo.

Mas se fomos enviados ao mundo, como evitamos ser “do mundo”? João explica: “Não ameis o mundo, nem o que no mundo há. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele. Porque tudo o que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não é do Pai, mas do mundo. E o mundo passa, e a sua concupiscência; mas aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre” (1 João 2:15–17).

Portanto, “não ser do mundo” significa que vivemos no mundo mas estamos mortos para todas as suas atrações. Somos simplesmente peregrinos que passamos pelo mundo, mas não o convertemos em nosso lar. Como João nos diz, não faz sentido falar do quanto amamos a Jesus enquanto estamos amando o mundo. Não ganhamos nada por pregarmos adesivos de Jesus em todas partes de nossos veículos e casas... se amamos o mundo. Porque se amamos ao mundo, *não* amamos a Jesus.

Como Tiago diz: “Adúlteros e adúlteras, não sabeis vós que a amizade do mundo é inimizade contra Deus? Portanto, qualquer que quiser ser amigo do mundo constitui-se inimigo de Deus” (Tiago 4:4).

Por esta razão, nem Jesus nem seus discípulos falaram de coisa tal como uma “nação cristã”. Na realidade o termo é um paradoxismo, tal como dizer “silêncio estridente”. A palavra “cristão” sempre deve se aplicar a pessoas e coisas que não são “deste mundo”. Por outro lado, a não ser que estejamos nos referindo ao reino de Deus, a palavra “nação” sempre deve se referir a algo “deste mundo”.

Por todo o Novo Testamento, Deus dá a seu povo instruções sobre como eles devem agir nos diversos âmbitos de autoridade. Ele lhes dá instruções tanto aos maridos como às mulheres, aos Senhores e aos servos, aos pais e aos filhos, aos pastores e aos membros do rebanho que pastoreiam. No entanto, quando se trata dos governos terrestres, é muito diferente. O Novo

Testamento só contém instruções para os *súditos* cristãos, nunca para os governantes cristãos. Se Deus tivesse pretendido que houvesse governantes cristãos, por que não deu nenhuma instrução a eles?

A tintura do mundo

É claro que toda igreja afirma que ama a Jesus. Nenhuma igreja apregoa que é amiga do mundo. Mas é fácil para qualquer igreja *dizer* que ama a Jesus. Não obstante, não é o que uma igreja diz, mas sim o que faz. No dia do julgamento, quando Jesus nos der sua aprovação com as palavras: “Bem está, servo bom e fiel” (Mateus 25:21)., estará se referindo ao bem que tivermos *feito*, e não ao bem que *dissemos* ter praticado.

Muitos bancos usam pacotinhos de tintura para frustrar assaltos. Se ocorrer um assalto, os empregados do banco às escondidas põem pacotinhos de tintura muito finos entre os pacotes de dinheiro que entregam ao ladrão. Aproximadamente dez minutos depois, quando o ladrão foge do banco, os pacotinhos de tintura explodem, aspergindo uma tintura vermelha sobre todo o dinheiro roubado e normalmente também sobre o ladrão.

Em 1999, em Wilmington, Delaware, um ladrão não muito astuto assaltou um banco e conseguiu fugir com uma boa soma de dinheiro. No entanto, momentos depois que o ladrão abandonou o banco, os pacotinhos de tintura explodiram, espalhando tintura sobre todo o dinheiro e sobre a mão direita do ladrão. O ladrão só tinha caminhado uns poucos quarteirões quando viu um polícia à caça do ladrão. Para despistar o policial se recostou a um prédio de apartamentos, pendurou o saco de dinheiro em suas costas e meteu as mãos nos bolsos.

Ficou ali parado mostrando uma atitude indiferente quando o oficial da polícia se aproximou à procura do ladrão. O ladrão imediatamente notou que o policial era um de seus conhecidos, de modo que tirou sua mão direita do bolso e cumprimentou o oficial. *Ai!... essa era a mão com a tintura.* E esse foi o fim de sua breve carreira criminoso.¹

Tal como esse pacotinho de tintura, o mundo deixa uma marca de identidade em seus amigos. Quando os amigos do mundo levantam suas mãos para adorar a Jesus, o que ele vê são as marcas de tintura vermelha deixadas pelo mundo. Não importa o quanto uma igreja proteste afirmando o contrário, essa marca permanece ali para identificá-la.

Como podemos saber se a igreja que freqüentamos está manchada com a tintura do mundo? Quando uma igreja está manchada com a tintura do mundo, quaisquer costumes sociais, atitudes e movimentos que passem pelo mundo também passarão por essa igreja. Em contrapartida, Jesus é “é o mesmo, ontem, e hoje, e eternamente.”. Suas atitudes, valores e mandamentos nunca mudam. Uma igreja que não é do mundo terá os mesmos valores e viverá o mesmo estilo de vida que a igreja do Novo Testamento. Seus padrões morais não mudam a cada uma ou duas décadas.

No entanto, desde o tempo de Constantino, a Igreja institucional caminhou com passos bem próximos aos do mundo. Por exemplo, para os romanos era aceitável queimar pessoas na fogueira; portanto, para a Igreja isso também era aceitável. Os romanos antigos consideravam a tortura como uma forma perfeitamente aceitável de obter evidências de criminosos acusados. Por conseguinte, a Igreja aceitou a tortura. Os romanos desprezavam vários grupos de povos “bárbaros”; e a Igreja fez o mesmo.

A Igreja posterior ao tempo de Constantino continuou professando seu amor por Jesus Cristo, mas suas mãos culpadas estavam manchadas pela tintura do mundo. A Igreja amava ao mundo; por isso, adotou muitos dos valores e costumes do mundo. E a Igreja, em geral, continuou praticando esses males até que o *mundo* finalmente reconheceu que são males. Por exemplo, quando o mundo se

aborreceu de queimar pessoas na fogueira, a Igreja também o deixou de fazer. Quando a maior parte do mundo finalmente reconheceu que a tortura era um mal horrível, a Igreja deixou de usá-la.

Cinquenta anos atrás, aqui no sul dos Estados Unidos, os brancos não comiam nos mesmos restaurantes nem se hospedavam nos mesmos hotéis que os negros. Também não participavam em atividades sociais com eles. Será que a Igreja adotou uma posição diferente? Não, os cristãos brancos não agiam de forma diferente do mundo. Eles inclusive se negavam a participar de um culto de adoração junto com os negros. No entanto, na atualidade, os brancos sulinos comem nos mesmos restaurantes, hospedam-se nos mesmos hotéis e participam das mesmas atividades com os negros. O mundo finalmente reconheceu que o racismo é mau. E adivinhe o que aconteceu? Agora a maioria das igrejas reconhece que o racismo é mau. Na maioria das igrejas sulinas, embora não em todas, os negros podem agora se reunir para adorar junto com os brancos. Mas primeiro teve que mudar o mundo para que os cristãos alvos estivessem dispostos a praticar o amor para com aqueles de uma cor de pele diferente. Por alguma razão, os ensinamentos de Jesus nunca penetraram no coração dos cristãos brancos do sul, mas o *mundo* finalmente o conseguiu.

Anteriormente falamos a respeito do divórcio. Há setenta e cinco anos, praticamente todas as igrejas proibiam o divórcio. Hoje em dia, quase nenhuma igreja o proíbe. O que mudou? Jesus não mudou, logicamente. O mundo é que mudou; e a Igreja, com suas mãos manchadas, mudou também.

Um dos movimentos sociais mais significativos dos últimos quarenta anos foi o movimento feminista. À medida que o movimento feminista começava a exercer sua influência sobre quase todas as instituições do mundo, começou a influenciar também a Igreja institucional. De repente, a Igreja começou a sentir-se envergonhada do que Jesus Cristo e seus apóstolos ensinaram com relação aos dois sexos. Em consequência, a Igreja tem “reinterpretado” quase todas as passagens da Bíblia referentes aos homens e às mulheres.

Apesar de o feminismo professar que seu lema é a igualdade, a verdade é que este movimento promoveu dois parâmetros sumamente diferentes para tratar com cada um dos sexos. Se as pessoas disserem algo das mulheres que de longe possa ser interpretado como desrespeitoso, sem se importar se foi correta ou justa a afirmação, imediatamente são silenciadas, tratadas com indiferença e chamadas de sexistas. No entanto, as pessoas podem denegrir livremente os homens, e isso é perfeitamente aceitável, não importa se seus comentários forem injustos e incorretos.

Até alguns cristãos que se dizem crentes na Bíblia adotaram de cheio os parâmetros do mundo. Agora os sermões contra o sexo masculino se converteram em algo típico. E mais, praticamente cada passagem da Bíblia que contenha um mandamento específico para as mulheres foi neutralizada ou anulada. Por outro lado, cada passagem da Bíblia que contenha um mandamento específico para os homens é enfatizada e com frequência ampliada.

Por exemplo, na atualidade poucos pastores falam de que as mulheres devem se submeter a seus maridos em tudo, como ensinam as Escrituras. A verdade é que se falam deste assunto, eles o interpretam numa maneira tão irreal que o mandamento termina em nada. No entanto, com frequência muitos pastores pregam sermões extensos a respeito da necessidade de os maridos amarem a suas esposas. Depois apresentam o tal mandamento de maneira que parece ser uma carga pesada, quase impossível de levar.

Outro exemplo é o ensino bíblico sobre o véu da mulher: “Todo o homem que ora ou profetiza, tendo a cabeça coberta, desonra a sua própria cabeça. Mas toda a mulher que ora ou profetiza com a cabeça descoberta, desonra a sua própria cabeça, porque é como se estivesse rapada” (1 Coríntios 11:4–5).

Desde os primeiros tempos da igreja do Novo Testamento até meados do século XIX, praticamente

todas as igrejas obedeciam ao Espírito Santo neste assunto. Os homens tiravam seus chapéus quando oravam ou quando se encontravam na igreja. As mulheres cobriam a cabeça quando oravam ou quando estavam dentro da igreja. Mas depois o primeiro movimento feminista dos anos 1800 percorreu com força a sociedade... e a igreja. Em muitas igrejas, as mulheres deixaram de usar qualquer tipo de cobertura para orar. Na maioria das igrejas, as mulheres continuaram usando outros tipos de véu, mas estes mudaram dos véus ou toucas para chapéus elegantes. Até à década dos sessenta, as mulheres em muitas igrejas continuavam usando chapéus quando estavam no templo. Não obstante, os chapéus desapareceram rapidamente com o novo movimento feminista da década de sessenta.

A incoerência é que hoje praticamente todas as igrejas ainda praticam a primeira parte das instruções de Paulo, onde ele diz que os homens têm que orar com suas cabeças descobertas. Ainda dizem aos homens que tirem seus chapéus quando entram na igreja ou quando se faz uma oração. Lembro-me de que uma vez me encontrava num culto de oração e dois homens entraram na igreja com seus chapéus postos. Imediatamente, o pregador os repreendeu e pediu-lhes que se tirassem os chapéus. No entanto, eu nunca vi um pregador mandar uma mulher que cobrir a cabeça na igreja ou antes da oração. O mundo tem novos parâmetros com respeito aos sexos. Por conseguinte, a Igreja também os tem.

À primeira vista, poderia parecer que a Igreja de hoje estivesse fazendo um grande favor às mulheres. No entanto, a verdade é que as Igrejas estão praticando a pior forma de discriminação contra as mulheres.

Já trabalhei como advogado corporativo, respondendo diretamente ao presidente e outros funcionários da corporação. Tais funcionários contavam comigo para lhes informar corretamente sobre assuntos da lei. Que tipo de advogado teria sido eu se tivesse dito a esses funcionários que certo procedimento era legal quando na realidade não era? Quando fossem para a cadeia, será que me teriam agradecido por não ter sido franco com eles? Creio que não.

É exatamente o que acontece com as leis de Jesus. As leis e ensinamentos que ele deu para os dois sexos, seja pessoalmente ou por meio de seus apóstolos, continuam sendo as mesmas “ontem, hoje, e eternamente”. Quando os autores e pregadores cristãos dizem às mulheres cristãs que elas não têm que obedecer a Jesus, estão deixando desqualificadas essas mulheres para o reino de Deus.

A ideologia direitista é tão mundana como a ideologia esquerdista

Atualmente muitos cristãos, crentes na Bíblia, dos Estados Unidos se orgulham de estar separados do mundo porque recusam as opiniões liberais de hoje sobre o homossexualismo, o aborto e outros problemas sociais e políticos. Eles acham que seguir a agenda dos Republicanos de direita é ser diferente do mundo. Mas o Partido Republicano é o mundo, ou pelo menos parte dele. Na verdade, o Partido Republicano tende a ser mais militarista e estar mais a favor de guerra do que os partidos liberais. Sua plataforma política não se baseia mais nos ensinamentos de Jesus do que a plataforma do Partido Democrata. No entanto, para mérito do Partido Republicano, podemos dizer que geralmente é mais lento que o Partido Democrata para se desfazer dos valores morais bíblicos e tradicionais.

A Jesus não lhe importa com que parte do mundo temos amizade. Se somos amigos de *qualquer* parte do mundo, somos inimigos de Jesus.

Será que isto nos torna ativistas em prol da paz e a justiça?

Partindo do que eu disse até aqui, você poderia pensar que estou dizendo que todos devemos ser ativistas em prol da “paz e da justiça”. Ou que deveríamos organizar manifestações de protesto na frente das usinas nucleares ou as fábricas de munições. Mas não é isso que quero dizer.

O ativismo em prol da “paz e da justiça” é simplesmente a outra face do ativismo em prol de Deus “e da pátria”. Ambos os lados supõem que os reinos do mundo são parte do reino de Deus, ou pelo menos, que os reinos do mundo podem ser governados por meio dos ensinamentos de Jesus. Mas, será que Jesus tentou “cristianizar” o mundo? Quando Jesus esteve perante Pilatos, lhe fez alguma palestra a respeito dos vários males sociais presentes no Império? Será que os cristãos do Novo Testamento se mobilizaram para que cessasse a pena de morte e a tortura em todo o Império Romano?

As incoerências dos ativistas em prol da “paz e da justiça”

Os cristãos pela “paz e a justiça” acham que são muito espirituais, em comparação com os fundamentalistas de direita. Eles acham que são os únicos defensores dos ensinamentos de Jesus. Mas a verdade é que são tão mundanos quanto os fundamentalistas de direita. Eles simplesmente se ajustam a um setor diferente do mundo, os liberais de esquerda. No entanto, tal como o Partido Republicano, o Partido Democrata também é o mundo.

Igual a seus correspondentes da direita, os cristãos pela “paz e a justiça” praticam um enfoque seletivo dos mandamentos de Jesus. De alguma maneira os arranjam para escolherem somente os ensinamentos que vão bem com os círculos de esquerda. Eles se pronunciam fortemente contra os pecados da guerra e da avarizia econômica. Mas em geral permanecem calados quando se tratam de outros pecados como o divórcio, o aborto e o homossexualismo. Eles acham que podem ser cidadãos ativos do reino de Deus e ao mesmo tempo serem “politicamente corretos”.

No entanto, Jesus nunca se preocupou em ser politicamente correto. Ele não fez isso no primeiro século e nunca o fez desde então. Ele não veio para pregar uma mensagem sobre a necessidade de mudar os governos e os reinos deste mundo. O que procurava era transformar os *indivíduos*, e não o mundo. Ele veio para nos convidar a fazermos parte de seu reino.

Sua mensagem não foi: “Imponhamos impostos pesados sobre os ricos para solucionarmos o problema dos pobres”. Não, sua mensagem foi: “David Bercot, renuncie os *teus* confortos e ajude os pobres”. Nem ele nem seus apóstolos se uniram a nenhum comitê de ação política para fazer que Zaqueu apoiasse economicamente os pobres com toda sua riqueza. Não, Jesus mudou Zaqueu para que Zaqueu *quisesse* cuidar dos pobres.

Os cristãos pela “paz e a justiça” fazem muita agitação contra a pena de morte, a qual mata uns cem norte-americanos a cada ano.¹ No entanto, a maioria deles mantém silêncio total sobre temas como o aborto, pelo qual morrem mais de um *milhão* de norte-americanos a cada ano.² Os cristãos pela “paz e a justiça” protestam contra a discriminação contra as mulheres, mas permanecem muito calados quando se trata da discriminação contra os homens. Eles denunciam qualquer perseguição contra os revolucionários de esquerda, mas quase nunca dizem nada da perseguição que sofrem os cristãos sob as ditaduras de esquerda. Tal como os cristãos por “Deus e pela pátria”, eles deixam que o mundo dite sua agenda.

Os cristãos do reino são antiamericanos?

Muitos cristãos pela “paz e a justiça” acham que quase todos os males do mundo são causados pelos Estados Unidos. Eles constantemente arremetem contra os pecados e as políticas dos Estados Unidos. No entanto, fazem vista grossa com relação aos males e as opressões de outros governos.

Os Estados Unidos não são “o país de Deus”, como também não o é nenhum outro reino deste mundo. Nele há desigualdades, orgulho e egoísmo, como em todos os outros países do mundo. Os Estados Unidos têm usado sua enorme riqueza e poderio militar principalmente para conseguir seus próprios interesses egoístas. Raramente usam seu dinheiro e poder para ajudarem uma nação pobre e impotente, a não ser que essa nação seja importante para os próprios interesses norte-americanos.

Ao mesmo tempo, os Estados Unidos, sem dúvida, é uma das potências mundiais mais benevolentes que jamais existiu. Não usaram seu poder tão cruelmente como a maioria das potências mundiais do passado tais como Rússia, Espanha, Roma, Babilônia e Assíria. Além do mais, têm sido tolerantes com o cristianismo, e não só com o cristianismo mundano. Também têm sido muito tolerantes com o cristianismo do reino. Os cristãos do reino devem ser muito agradecidos pelas liberdades que o governo norte-americano lhes concede. Na atualidade, a maioria dos países europeus oferece as mesmas liberdades, mas os Estados Unidos foi o primeiro a fazê-lo.

O caminho estreito do reino exclui tanto os ativistas políticos de direita como os de esquerda. Os cristãos do reino honram e obedecem a seus governos. Mas eles não acham que seu país seja de algum modo “o país de Deus” ou um sócio do reino de Deus. Eles sabem que o reino de Deus não é deste mundo.

Será que alguém já viveu assim na vida real?

Jesus não somente nos *ensinou* como deve viver o cristão do reino. Ele mesmo *viveu* de acordo com os princípios do reino, deixando-nos uma viva representação da vida do reino. E Deus escolheu o momento perfeito para enviar o seu Filho à terra; escolheu um momento que servisse para ilustrar precisamente as mesmas coisas que Jesus estaria ensinando. Para apreciarmos o cronograma de Deus, primeiro temos que compreender o contexto histórico anterior ao nascimento de Jesus.

A maioria de nós lembra que os judeus estiveram cativos e exilados na Babilônia. Depois que os persas derrotaram o reino da Babilônia, um remanescente dos judeus regressou à Judéia e reconstruiu o templo. No entanto, eles não eram uma nação independente. Os persas continuaram governando-os por mais de duzentos anos. Porém, no ano 335 a.C., os gregos derrotaram os persas e tornaram-se os novos dominadores dos judeus.

Finalmente, no ano 142 a.C., sob o reinado de Simão Macabeu, os judeus obtiveram sua independência. Pela primeira vez, desde o cativo babilônico, os judeus já não teriam que se submeter a nenhum rei estrangeiro. Quanta alegria trouxe esse tempo!

A ascensão de Roma

Enquanto os judeus lutavam contra os gregos, gradualmente Roma foi ascendendo até se tornar a potência mundial dominante. Como a Grécia era inimiga comum de Roma e da Judéia, os judeus assinaram um tratado de amizade com os romanos. Neste tratado, Roma afirmava que a Judéia era uma nação independente e advertia aos gregos que não tentassem reconquistá-la.¹

Apesar deste tratado, no ano 66 a.C., os romanos tomaram o comando da Judéia. E cedo começaram a cobrar pesados impostos aos judeus. E para que serviam esses impostos? Para beneficiar os judeus? Não. Os impostos serviam para apoiar os mesmos exércitos que mantinham subjogados os judeus.

Os judeus tinham sido um povo livre durante mais de setenta e cinco anos e não se submeteriam a Roma pacificamente. De maneira que quando Jesus nasceu, o fervor nacionalista judeu era muito intenso. Na realidade, até Jesus chegar à sua idade adulta, já tinha havido vários motins judeus contra os desprezáveis romanos. Mas Roma reprimira brutalmente a cada um.

Os traidores judeus

No entanto, nem todos os judeus odiavam os romanos. Na verdade alguns judeus se beneficiavam de Roma. Isto se deveu ao fato de que os romanos não arrecadavam pessoalmente os tributos que eles impunham aos judeus. Em vez disso encarregavam o trabalho a outros judeus. Para dizer a verdade, era mais fácil um judeu arrecadar os impostos dos judeus do que um romano. Um judeu conhecia os truques e os enganos que seus concidadãos poderiam usar para sonegar os impostos. Além disso, vivia no meio deles. Ele sabia o que estava acontecendo, quem estava prosperando e quem não.

Traidores! Renegados! Os judeus detestavam os homens que serviam como cobradores de impostos para os desprezáveis romanos. *Esperem só até conseguirmos nossa independência e depois iremos pendurá-los nas forcas mais altas*; sem dúvida assim pensava a maioria dos judeus daquele tempo.

Logicamente, a maior parte da nação judaica ansiava impaciente a vinda do Messias prometido.

Eles criam firmemente que *ele* sem dúvida conduziria os judeus a uma batalha vitoriosa contra Roma. Se a família Macabeu fora capaz de derrotar os gregos, quanto mais não poderia o Messias derrotar os romanos!

Mas é nesse tempo que chega o filho de um carpinteiro. O filho se chama Jesus, e diz aos judeus que *amem* a seus inimigos. Amar os romanos? Isso é quase traição! E o que dizer disto: “Se um soldado romano ordenar-te que leves sua carga por uma milha, vai com ele duas”? Isso não somente é uma traição, mas também uma loucura! Pagar todos os impostos pesados que César exigir? Sem dúvida, este não pode ser o tão esperado Messias. E o que é pior: este Jesus se faz amigo dos cobradores de impostos e come com eles (leia Lucas 7:34).

Se alguma vez houve um momento e um lugar em que um país precisou de um patriota, foi exatamente na Judéia do primeiro século. Os romanos não tinham direito legal de estarem em Judéia. E a única maneira de expulsá-los seria com a espada. Para seus concidadãos, Jesus era um covarde e um traidor. Não só porque não se unia a sua causa, mas também porque tratava os romanos como amigos.

Por que Jesus não ajudou os judeus em sua luta pela independência? Porque ele era simplesmente um estrangeiro aqui na terra. Ele *vivia* na Judéia, mas sua *cidadania* estava no reino de Deus. Diante do reino de Deus, os assuntos nacionais judaicos eram irrelevantes. Que sentido teria para o reino de Deus que os judeus obtivessem a independência de Roma? As lutas pelo poder terrestre e a independência terrestre não fazem sentido na esfera do eterno. O patriotismo terrestre não tem lugar no reino de Deus.

O que os discípulos fizeram?

Alguns cristãos afirmam que Jesus não se envolveu na luta dos judeus pela independência só porque ele tinha vindo para dar a sua vida em resgate do gênero humano. Mas se este fosse o caso, sem dúvida seus discípulos, que eram quase todos judeus, estariam estreitamente engajados nesta luta.

No entanto, os discípulos de Jesus não fizeram caso da luta judia, tal como Jesus fez. Na realidade, a partir da leitura do livro de Atos e das epístolas, o leitor nunca perceberá que havia alguma luta. As epístolas nunca a mencionaram, mesmo sendo a maioria dos escritores do Novo Testamento judeus. Isso demonstra como foi irrelevante para o reino de Deus a luta dos judeus pela independência.

Para melhor dizer, a história demonstra que os judeus cristãos não se uniram à luta pela independência judaica. Ao contrário, os cristãos *abandonaram* Jerusalém depois que os judeus a libertaram (por pouco tempo) dos romanos. Em lugar de ajudar seus concidadãos, eles fugiram à cidade de Pella, fora da Judéia.² Igual a Jesus, os cristãos judeus na Judéia não eram patriotas judeus. Não importavam se a Judéia era governada pelos romanos ou pelos judeus, já que eles tinham nenhum interesse em promover *nenhum* reino terrestre, quer judeu ou gentio!

Soa um tanto antipatriótico, não? De fato, foi antipatriótico. O lema dos discípulos de Jesus não foi “Deus e a pátria!” Seu lema foi Deus *ou* a pátria. Ou o coração de uma pessoa está completamente dedicado ao reino de Deus ou, caso contrário, está dedicado aos reinos deste mundo. Não podemos ter um coração dividido ou servir a dois Senhores. O amor à pátria que os cristãos judeus do primeiro século tinham pela Judéia foi transferido para o reino de Deus.

O mesmo aconteceu com os cristãos romanos. Tal como seus irmãos judeus, estes não se importavam se a Judéia era governada pelos romanos ou pelos judeus. Eles não participaram na guerra contra os judeus e não houve inimizade entre os cristãos judeus e romanos quanto à independência de Judéia.

Como já disse antes, obter a cidadania do reino de Deus é semelhante a obter a cidadania dos Estados Unidos. Para tornar-se cidadão norte-americano, a pessoa tem que transferir sua lealdade de seu país anterior para os Estados Unidos; não pode manter uma lealdade a ambos. Exatamente o mesmo sucede quando desejamos obter a cidadania no reino de Deus.

O cristianismo histórico foi assim mesmo?

As coisas que até aqui compartilhei com você devem ter-lhe causado certa inquietude no espírito. Ou melhor, talvez até o ofenderam. Eu estou ciente de que tudo isto é um campo novo para a maioria dos cristãos. Mas é importante que você compreenda que o que venho compartilhando com você não é a opinião pessoal de David Bercot. Não é outro desses livros onde o autor diz que todas as demais pessoas têm mal-interpretado a Bíblia através dos séculos, e que ele é o único que finalmente encontrou a verdade. Livros desse tipo não faltam, e para mim não têm valor.

Não, o que tenho compartilhado com você sobre a guerra, a não-resistência e o governo é realmente a posição *histórica* da igreja cristã. Estes foram os ensinamentos originais da igreja, e foram a opinião universal ou quase universal de todos os cristãos até à época de Constantino no século IV.

No entanto, não lhes peço acreditem por que sou eu quem está dizendo. Quero que o saibam de direto da fonte. Portanto, nas páginas que a seguir vou compartilhar com você o testemunho dos cristãos que viveram próximo ao tempo dos apóstolos. Por favor, entenda que estas não foram referências de textos selecionadas cuidadosamente para provar certos pontos. Não selecionei determinadas referências dos cristãos primitivos para omitir aquelas que apóiam uma opinião diferente. A igreja primitiva foi meu campo de estudo durante os últimos vinte anos, e não sei de ninguém antes do tempo de Constantino que expressasse uma opinião diferente da que se apresenta a seguir.

Estrangeiros neste mundo

Quando a igreja ainda se encontrava próxima ao tempo dos apóstolos, os cristãos realmente viviam neste mundo como estrangeiros. Eles viviam segundo os valores do reino, o qual os fazia notavelmente diferentes do mundo ao seu redor. Seu olhar estava posto em Jesus Cristo e seu reino e, portanto, os assuntos públicos deste mundo não tinham a menor importância para eles.

Hermas, que escreveu cerca do ano 150 d.C. ou talvez antes, da cidade de Roma, disse o seguinte:

Vocês, os servos de Deus, sabem que moram em terra alheia. Pois sua cidade está longe de aqui. Se conhecem, pois, a cidade na qual viverão, por que adquirem terras aqui, fazem preparativos dispendiosos e acumulam moradas e edifícios inúteis? O que faz preparativos para esta cidade não pode regressar à sua. (...) Será que não compreendem que todas estas coisas pertencem a outrem e que estão sob a autoridade de outrem? (...) Portanto, prestem atenção. Tal como aquele que vive em terra alheia, não façam preparativos adicionais para si mesmos, exceto para o que for estritamente necessário. E preparem-se para abandonar esta cidade quando o Senhor desta cidade vir para expulsá-los dela por desobedecerem à sua lei.¹

Tatiano, que viveu no Oriente Médio, escreveu sua defesa do cristianismo aproximadamente no ano 160 d.C. Em seu escrito, ao falar em nome de todos os cristãos, ele proclamou: “Eu não desejo ser rei. Não almejo ser rico. Rejeito toda posição militar. Detesto a fornicção. Não sou levado por um amor insaciável aos lucros para viajar pelo mar. Não compito por uma coroa. Estou livre de uma sede excessiva pela fama. Desprezo a morte. (...) Morrei para o mundo, repudiando a loucura que há nele! Vivei para Deus!”²

Clemente de Alexandria foi um instrutor cristão na igreja de Alexandria, Egito. Seus escritos, que datam aproximadamente do ano 195 d.C., expressam a indiferença dos cristãos primitivos quanto à política, o patriotismo e os acontecimentos deste mundo. Ele resumiu o sentimento dos cristãos primitivos quando escreveu: “Não temos pátria nenhuma na terra. Portanto, podemos desdenhar as posses terrestres”.³

Tertuliano, que escreveu entre os anos 195 e 212 d.C., foi um escritor enérgico que pertencia à igreja em Cartago, no norte da África. Igualmente a seus irmãos cristãos daquela época, ele testemunhou que os cristãos não têm nenhum interesse nos assuntos políticos e governamentais ao seu redor:

Todo zelo na busca de glória e de honra está morto em nós. De modo que nada nos compele a participar de vossas reuniões públicas. Além do mais, não há outra coisa mais totalmente alheia a nós do que os assuntos do Estado. Reconhecemos um único Estado, que engloba tudo: o mundo. Renunciamos a todos os vossos espetáculos. (...) Entre nós nunca se diz, se vê ou se escuta nada que tenha algo em comum com a loucura do circo, a desonestidade do teatro, as atrocidades da arena ou o exercício inútil da luta livre. Por que vos ofendeis conosco se diferimos de vós no tocante a seus prazeres?⁴

Dirigindo-se a seus irmãos cristãos, Tertuliano escreveu: “Quanto a vós, vós sois estrangeiros neste mundo, cidadãos de Jerusalém, a cidade que está no céu. Nossa cidade, diz o apóstolo, está nos céus.”⁵

Orígenes foi um dos homens mais brilhantes do seu tempo. Durante várias décadas, serviu como mestre na igreja em Alexandria. Posteriormente, mudou-se para Cesaréia onde foi ordenado como ancião ou presbítero. Um dos trabalhos mais valiosos de Orígenes foi sua resposta a Celso, um pagão crítico do cristianismo:

Celso também insiste que devemos “ocupar um cargo no governo do país, se for necessário para a observância das leis e o apoio da religião”. No entanto, reconhecemos em cada Estado a existência de outra organização nacional que foi fundada pela Palavra de Deus. E exortamos aqueles que são poderosos na palavra e que têm uma vida irrepreensível a que governem as igrejas. (...) Não é com o propósito de evadir os deveres públicos que os cristãos recusam os cargos públicos. Antes, é para que possam se reservar a um serviço mais divino e necessário na igreja de Deus: a salvação dos homens.⁶

Cipriano serviu como bispo de Cartago aproximadamente no ano 250 d.C. Ele deixou uma compilação volumosa de correspondência com outros cristãos e outras igrejas, a qual nos dá uma idéia significativa das crenças dos cristãos de seu tempo. Confirmando o que seus irmãos cristãos estavam dizendo, ele escreveu: “Todos os dias e sempre devemos lembrar que renunciamos o mundo, e que estamos vivendo aqui como visitantes e forasteiros”.⁷

A não-resistência

Os cristãos primitivos não só se distanciavam do governo e de outros assuntos deste mundo, mas também seguiam de uma forma muito literal os ensinamentos de Jesus sobre a não-resistência. As seguintes são algumas passagens representativas dos mesmos autores que citei anteriormente:

Clemente de Alexandria escreveu: “Não é permitido aos cristãos usarem de violência para corrigirem as ofensas do pecado”.⁸

Tertuliano confirmou isto, dizendo: “Que diferença há entre o provocador e o provocado? A única diferença é que o primeiro foi o primeiro a fazer o mal, mas o último o fez depois. Cada qual está condenado diante dos olhos do Senhor por ferir a um homem. Porquanto Deus proíbe e também condena toda maldade. Quando se faz um mal, não a ordem não importa. (...) O mandamento é absoluto: não se paga mal com mal”.⁹

Outra vez, Tertuliano escreveu: “O Senhor salvará a seu povo nesse dia, como a ovelhas. (...) Ninguém dá o nome de “ovelhas” aos que caem no combate com as armas na mão, ou aos que são assassinados enquanto repelem a força com a força. Ao contrário, este nome é dado unicamente aos que caem, se entregando a si mesmos em seus próprios lugares de serviço e com paciência, em vez de lutarem em defesa própria”.¹⁰

Lactânncio foi um cristão muito instruído que escreveu na primeira parte do século IV, dizendo: “Quando sofremos semelhantes coisas ímpias, não resistimos nem sequer de palavra. Antes, deixamos a vingança a Deus”.¹¹ E novamente diz: “O cristão não prejudica a ninguém. Ele não deseja a propriedade dos outros. Na verdade, ele nem mesmo defende a sua própria, se a tomarem dele por meio de violência. Pois sabe como suportar pacientemente algum mal feito contra si”.¹² E diz finalmente: “Não resistimos aos que nos ofendem, porque devemos ceder a eles”.¹³

Outro escritor cristão da igreja primitiva que não apresentei ainda é Atenágoras. Ele escreveu uma defesa do cristianismo aproximadamente no ano 175 d.C., na qual disse: “Nós aprendemos não só a não ferir aquele que nos fere, mas também a não perseguir na justiça aqueles que nos roubam e saqueiam; mais ainda, àquele que nos dá uma bofetada numa face, devemos oferecer-lhe a outra”.¹⁴

Os cristãos no exército

Não há evidência alguma nos escritos romanos seculares nem nos escritos cristãos que demonstre que algum cristão servisse nos exércitos romanos antes do ano 170 d.C. No entanto, apesar da condenação da igreja primitiva contra a guerra e os assassinatos, o testemunho da história revela claramente que após o ano 170 d.C., havia alguns cristãos no exército romano. Alguns escritores basearam-se nisto para argumentar que, na realidade, os cristãos primitivos não se opunham à guerra. Todavia, essa não é uma exposição honesta da história, já que o testemunho unânime de todos os escritores cristãos primitivos é que todos os cristãos se negavam a se envolver na matança de pessoas.

Então, como reconciliamos esta aparente contradição? O trabalho de um cristão primitivo intitulado *A Tradição Apostólica*, compilado por Hipólito por volta do ano 200 d.C., esclarece o assunto. Ao descrever como a igreja devia tratar os candidatos para o batismo, Hipólito afirma: “Deve-se ensinar a um soldado da autoridade civil que não mate os homens e que se negue se negue a fazê-lo caso isso lhe seja ordenado, e também a se negue a prestar juramento. Se ele não estiver disposto a cumprir com isto, deve-se recusar-lhe o batismo. Um comandante militar ou um juiz de corte que estiver ativo tem que renunciar ou ser recusado. Se um candidato ou um crente procurar ser soldado, terá que ser recusado por ter desprezado a Deus”.¹⁵

Parece que a partir de cerca do ano 170 d.C., a política geral da igreja era que se um soldado se convertesse a Cristo, ele não tinha que abandonar o exército para ser batizado. No entanto, tinha que concordar em nunca usar a espada nem prestar juramento. Mas, se um civil cristão entrasse voluntariamente ao exército, ou se um soldado exonerado voltasse ao exército por vontade própria, essa pessoa era excomungada da igreja. Inclusive até o século IV, esta ainda era a posição geral da igreja.¹⁶

Por que a igreja não exigia aos soldados recém-convertidos que abandonassem o exército antes de batizá-los? Porque normalmente um soldado servia por um período de 25 anos no exército. Em geral, sua única maneira de sair do exército era por meio da morte ou por meio do término de seu serviço. Permanecer no exército sem usar a espada não teria sido tão difícil como poderia parecer a nós hoje em dia. Devemos lembrar que o Império Romano se encontrava relativamente em paz durante este período do cristianismo primitivo, portanto era muito possível que um cristão pudesse se passar toda sua vida no exército sem que se lhe exigisse derramar sangue ou empregar violência contra alguma pessoa. Na verdade, durante o período do cristianismo primitivo, os soldados na maior parte serviam como encarregados de manter a paz civil e como engenheiros na construção de estradas, muros e aquedutos.

Na realidade, os primeiros registros de cristãos no exército (c. 170 d.C.) afirmam especificamente que os cristãos se negavam a usar suas espadas e que somente oravam. Deus respondeu a suas orações ao enviar uma chuva intensa que fez que os invasores se retirassem sem que houvesse uma

batalha.¹⁷

Por favor, entenda que não estou dizendo que a posição da igreja primitiva após o ano 170 d.C. para os soldados recém-convertidos era necessariamente a posição correta. Somente estou dizendo que a posição da igreja não representava uma aceitação da guerra nem também expressava uma rejeição explícita da não-resistência.

Quando os reinos se opõem entre si

Por não pertencer a este mundo, o reino de Deus costuma entrar em conflito com os reinos deste mundo. Tal como Pedro e os apóstolos, os cristãos primitivos se negaram a violar qualquer um dos mandamentos de Jesus, inclusive quando César o exigia.

Orígenes escreveu: “E se a lei da natureza, ou seja, a lei de Deus, manda que se faça o que se opõe à lei escrita? Até a própria lógica nos diz que nos despeçamos do código escrito (...) e que nos entreguemos ao nosso Legislador, Deus. A realidade é esta mesmo que para cumpri-la seja necessário enfrentarmos perigos, a inumeráveis provas, e até a morte e a desonra”.¹⁸

Lactâncio acrescentou: “Quando os homens nos mandam agir contra a lei de Deus, e contra a justiça, nenhuma ameaça ou castigo que nos sobrevenha deve dissuadir-nos. Porquanto preferimos os mandamentos de Deus aos mandamentos do homem”.¹⁹

Em conclusão, a não-resistência e a separação do mundo foram as práticas históricas do cristianismo.

TERCEIRA PARTE

O que é o evangelho do reino?

O caminho de Jesus para a salvação

“E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as nações, e então virá o fim” (Mateus 24:14). Até aqui falamos a respeito de alguns dos valores e mandamentos importantes do reino. Mas o que é exatamente o *evangelho* do reino?

Em essência, o evangelho do reino é a fé *histórica* cristã. Esta é a fé que os cristãos dos primeiros séculos criam e praticavam. O evangelho do reino inclui a totalidade do que Jesus e seus apóstolos dizem sobre todo assunto. O mesmo não se baseia em textos cuidadosamente selecionados, e também não depende de nada fora da escritura.

O evangelho do reino é o caminho de *Jesus* para a salvação. Suas crenças fundamentais são os ensinamentos diretos do próprio Jesus, e não os escritos de Paulo. Para ser claro, os escritos de Paulo são inspirados pelo Espírito Santo e, portanto são fidedignos e verídicos. Mas Paulo se baseou nos ensinamentos fundamentais de Jesus. Ele não começou um novo evangelho. Em contraste, a teologia popular de hoje, o evangelho fácil, começa com Paulo. E ao ignorar o contexto das epístolas de Paulo, este evangelho interpreta a Paulo de uma maneira que converte os ensinamentos de Jesus em heresias.

Não venha com essa! Agora você está passando dos limites Talvez seja o que está pensando. *Como a teologia moderna converte os ensinamentos de Jesus em heresias?* Bom, o que aconteceria se eu entrasse hoje na maioria das igrejas que afirmam ser bíblicas e pregasse:

- Os pecados que você comete a cada dia não lhe serão perdoados se você não perdoar os pecados das outras pessoas (Mateus 6:15).
- Para ser salvo, a pessoa tem que *viver* segundo os ensinamentos de Jesus (Mateus 7:24–25).
- Se não alimentarmos o faminto e vestirmos o pobre, não veremos o céu (Mateus 25:32–46).

Estou convicto de que seria chamado de herege se pregasse estas coisas na maioria das igrejas evangélicas. Mas o evangelho do reino diz que posso crer no que Jesus diz! Posso confiar nas suas palavras. Agora, muitos cristãos talvez diriam: “E quem não sabe disso?” No entanto, a maioria dos sistemas teológicos populares pedem ao cristão que *não* creia no que Jesus diz.

O reino é fundamental

De modo diferente da maioria dos sistemas teológicos, o evangelho do reino concentra-se no reino de Deus, e não na salvação pessoal do homem. Não podemos separar a salvação do reino. E não podemos estar entregues a Jesus se não estamos entregues a seu reino.

Na realidade, toda a Escritura aponta para este reino. Desde o princípio, Deus teve o propósito de estabelecer um reino especial. O fato é que ele profetizou a respeito desse reino durante o período do Antigo Testamento. Destas profecias do Antigo Testamento uma das mais importantes aparece no capítulo 2 de Isaías:

E acontecerá nos últimos dias que se firmará o monte da casa do Senhor no cume dos montes, e se elevará por cima dos outeiros; e concorrerão a ele todas as nações. E irão muitos povos, e dirão: Vinde, subamos ao monte do Senhor, à casa do Deus de Jacó, para que nos ensine os seus caminhos, e andemos nas suas veredas; porque de Sião sairá a lei, e de Jerusalém a palavra do Senhor. E ele julgará entre as nações, e repreenderá a muitos povos; e estes converterão as suas espadas em enxadões e as suas lanças em foices; uma nação não levantará espada contra outra

nação, nem aprenderão mais a guerrear (Isaías 2:2–4).

A maioria dos cristãos lê esta escritura como se a passagem estivesse se referindo a acontecimentos que serão cumpridos depois da vinda de Cristo à terra. E embora sem dúvida também se aplique a esse tempo, seu cumprimento está acontecendo agora mesmo. Para melhor dizer, tem ocorrido desde que Cristo começou seu ministério. Jesus inaugurou seu reino quando ele veio à terra e convidou os seus ouvintes a entrar nele.

No princípio, os judeus foram os únicos que receberam o convite de entrar no reino, mas depois se abriu o caminho para todos. E o povo de todas as nações começou a correr “a ele”. Os que entraram neste reino “converteram as suas espadas em enxadões e as suas lanças em foices”. Eles já não levantavam a espada uns contra os outros, e esqueceram a guerra para sempre.

Jesus fez um pacto de conceder um reino aos que andarem em seus caminhos: “E vós sois os que *tendes permanecido comigo* nas minhas tentações. E eu vos destino o reino, como meu Pai me destinou,” (Lucas 22:28–29). E novamente: “Ao que vencer lhe concederei que se assente comigo no meu trono; assim como eu venci, e me assentei com meu Pai no seu trono” (Apocalipse 3:21).

Quem pode entrar no reino

Deus deu a todos os seres humanos a oportunidade de ser cidadãos de seu reino. Ele não escolheu arbitrariamente a um grupo específico do gênero humano para destiná-lo a fazer parte de seu reino e enviar o resto para o castigo eterno. Qual teria sido o propósito de semelhante coisa? Se estar no reino fosse o resultado de uma escolha arbitrária, Deus teria escolhido *todas* as pessoas para entrarem no reino, porque ele não quer ninguém se perca, “senão que todos venham a arrepender-se” (2 Pedro 3:9).

A seleção que Deus faz de seus cidadãos eternos não é nada de arbitrária. Não, Deus deseja encher seu reino com essa pequena minoria do gênero humano que realmente o ama. O reino é para aqueles que verdadeiramente desejam andar em seus caminhos. E ele quer em seu reino somente aqueles que crêem que ele fará o que prometeu. Ele só deseja aqueles que têm fé em que suas leis e seus caminhos são sempre corretos, bons e o melhor para os seus súditos.

E como Deus determina quem são os que cumprem estes requisitos? Ele nos prova. Você notou as palavras de Jesus que citei anteriormente? “E vós sois os que *tendes permanecido comigo* nas minhas tentações” e “Ao que *vencer*”. Haverá tentações e provas para os que entrarem em seu reino. Como Paulo disse: “Pois que por muitas tribulações nos importa entrar no reino de Deus” (Atos 14:22).

Na realidade, Deus *sempre* provou a humanidade, inclusive antes que seu reino eterno fosse anunciado. Uma das primeiras coisas que ele fez após criar os primeiros seres humanos foi pô-los à prova. Ele provou a Noé ao lhe mandar que construísse um arca. Provou a Abraão ao lhe dizer que oferecesse a seu filho Isaque em sacrifício. Como a escritura nos diz: “O Senhor prova o justo” (Salmo 11:5). E novamente nos diz: “O crisol é para a prata, e o forno para o ouro; mas o Senhor é quem prova os corações” (Provérbios 17:3). E: “Pois tu, ó justo Deus, provas os corações e os rins” (Salmo 7:9).

As três provas principais

Há três provas principais que Deus usa para eliminar os que não são aptos para o seu reino.

Prova # 1: A fé. O reino é invisível para qualquer que não tenha nascido de novo. “Aquele que não nascer de novo, não pode *ver* o reino de Deus” (João 3:3). Portanto, é preciso bastante fé até para

que as pessoas *desejem* se unir a um reino que não podem ver. Em segundo lugar, a maioria das bênçãos prometidas relacionadas ao reino acontecerá no futuro. De maneira que uma pessoa tem que ter fé em que Deus realmente fará o que prometeu.

Esta prova de fé elimina a maior parte da raça humana. A maioria das pessoas não tem suficiente fé para crer num reino que não podem ver nem para confiar em promessas que não serão cumpridas até depois da sua morte.

Prova # 2: O compromisso. Como já vimos anteriormente, Jesus nos exige que lhe rendamos *tudo* por causa de seu reino. Nossa primeira e maior lealdade tem que ser ao nosso Rei, Jesus Cristo, e ao seu reino. Jesus exige que nossa lealdade a ele ultrapasse inclusive a nossa lealdade e amor por nossos pais, filhos, cônjuges, país, e até por nossas próprias vidas.

O único tipo de pessoa que Jesus deseja em seu reino são os que compreendem que “o reino dos céus é semelhante a um tesouro escondido num campo, que um homem achou e escondeu; e, pelo gozo dele, vai, vende tudo quanto tem, e compra aquele campo. Outrossim, o reino dos céus é semelhante ao homem, negociante, que busca boas pérolas; E, encontrando uma pérola de grande valor, foi, vendeu tudo quanto tinha, e comprou-a” (Mateus 13:44–46).

A maioria das pessoas que passam na prova da fé tropeçam na prova do compromisso. Sem dúvida, estas pessoas crêem num reino invisível e nos galardões eternos... mas só se não lhes custar muito. Renunciar a *tudo* por promessas somente? De jeito nenhum.

Já que poucas pessoas passam na prova do compromisso, poderíamos supor, com toda a razão, que vão ficando muito poucos no reino. No entanto, Jesus indicou que muitos entrariam em seu reino sem jamais fazer o compromisso necessário. Ele disse a seus discípulos: “Na verdade, na verdade vos digo que aquele que não entra pela porta no curral das ovelhas, mas sobe por outra parte, é ladrão e salteador” (João 10:1). De maneira que, simbolicamente, muitas pessoas sobem os muros e assim tentam roubar a cidadania do reino.

Jesus novamente destaca isto na parábola das bodas. “E os servos, saindo pelos caminhos, ajuntaram todos quantos encontraram, tanto maus como bons; e a festa nupcial foi cheia de convidados. E o rei, entrando para ver os convidados, viu ali um homem que não estava trajado com veste de núpcias. E disse-lhe: Amigo, como entraste aqui, não tendo veste nupcial? E ele emudeceu. Disse, então, o rei aos servos: Amarraí-o de pés e mãos, levai-o, e lançai-o nas trevas exteriores; ali haverá pranto e ranger de dentes. Porque *muitos* são chamados, mas *poucos* escolhidos” (Mateus 22:10–14).

Assim, os que passam na prova da fé mas falham na prova do compromisso são de um tipo diferente dos que não crêem, ou seja, dos que recusam completamente o convite às bodas. Os que não têm fé geralmente recusam por completo as afirmações e as promessas de Jesus. Eles nem sequer acreditam que *exista* um reino, e não fazem nenhum esforço para entrar nele.

No entanto, os que falham na prova do compromisso com frequência *sim* crêem nas afirmações e promessas de Jesus. Mas eles não querem fazer o compromisso que Jesus exige. E para todos os efeitos, eles procuram aceitar o convite de Jesus ao banquete do reino, enquanto recusam todas as suas condições. E como fazem isso? Eles buscam alguém que distribua convites para ingressar no reino sem nenhuma exigência. Portanto, de maneira simbólica, podemos dizer que estes são os que sobem os muros aos montões.

Segundo Jesus, no final os penetras serão a maioria dos presentes em seu reino. Eles são os “muitos” que são chamados, mas não estão entre os “poucos” que são escolhidos. Eles nunca fizeram nenhum compromisso com Cristo ou com seu reino. Eles podem crer que Jesus é seu

Salvador, mas na realidade não o aceitam como o seu Senhor.

Prova # 3: A obediência. Nos capítulos anteriores, eu falei sobre algumas das leis do reino. Estas leis servem para nos tirar dos valores e da mentalidade do mundo para os valores e a mentalidade de Deus. Estas leis também servem como uma prova. Alguns dos crentes que passam nas provas da fé e do compromisso mais tarde se tornam desobedientes. Felizmente, muitos destes cristãos depois se arrependem e retornam à vida do reino.

No entanto, outros perdem completamente seu amor por Cristo. Deixam de obedecer porque deixam de amar. No final, eles também serão eliminados do reino: “Mandarará o Filho do homem os seus anjos, e eles colherão do seu reino tudo o que causa escândalo, e os que cometem iniquidade. E lançá-los-ão na fornalha de fogo; ali haverá pranto e ranger de dentes” (Mateus 13:41–42).

Portanto, no fim, Jesus deixará em seu reino somente os que verdadeiramente crêem em suas promessas e aceitam suas condições. Esses são os que o amam mais do que a tudo na terra e que com prazer dariam suas vidas por ele. Esses são os que Jesus quer ter ao seu lado por toda a eternidade.

Isto, em poucas palavras, é o evangelho do reino.

O relacionamento com o nosso Rei

No próximo capítulo, iremos discutir sobre como uma pessoa entra no reino de Deus. Mas antes de fazermos isso, é importante compreendermos que a essência do evangelho do reino é o *relacionamento*. Para dizer verdade, há doutrinas teológicas necessárias, mas a teologia não é a *essência* do evangelho, nem também é a essência do cristianismo.

Quando nos tornamos cidadãos do reino, entramos num relacionamento com o nosso Rei. Mas este relacionamento é muito diferente do tipo de relacionamento do qual se fala no evangelho moderno e fácil dos dias de hoje. O próprio Jesus explicou o tipo de relacionamento que ele deseja: “Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o lavrador. Toda a vara em mim, que não dá fruto, a tira; e limpa toda aquela que dá fruto, para que dê mais fruto. Vós já estais limpos, pela palavra que vos tenho falado. Estai em mim, e eu em vós; como a vara de si mesma não pode dar fruto, se não estiver na videira, assim também vós, se não estiverdes em mim” (João 15:1–4).

O que Jesus quer dizer quando se refere a que demos fruto? A seguir notemos alguns exemplos de como este termo é usado no Novo Testamento:

Mas o fruto do Espírito é: amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança. Contra estas coisas não há lei. E os que são de Cristo crucificaram a carne com as suas paixões e concupiscências. Se vivemos em Espírito, andemos também em Espírito (Gálatas 5:22–25).

Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento (...); toda a árvore, pois, que não dá bom fruto, corta-se e lança-se no fogo (Lucas 3:8–9).

Aquele que dá a semente ao que semeia, também vos dê pão para comer, e multiplique a vossa sementeira, e aumente os frutos da vossa justiça; Para que em tudo enriqueçais para toda a beneficência (2 Coríntios 9:10–11).

E peço isto: que o vosso amor cresça mais e mais em ciência e em todo o conhecimento, Para que aproveis as coisas excelentes, para que sejais sinceros, e sem escândalo algum até ao dia de Cristo; Cheios dos frutos de justiça, que são por Jesus Cristo, para glória e louvor de Deus (Filipenses 1:9–11).

Estes são os “frutos de justiça” que crescem em nós quando permanecemos unidos à videira de

Jesus. Estes frutos encaixam perfeitamente nos valores do reino dos quais temos falado. Mas este fruto não cresce automaticamente. Temos que *permanecer* em Cristo e deixar que seu Pai nos pode. Temos que continuar andando no Espírito Santo. Se não dermos fruto, o Pai nos cortará da videira. É por isso que a cidadania no reino se baseia em relacionamento. E esse relacionamento depende de que permaneçamos em Cristo e nos rendamos a ele e a seu Pai.

Mas, *como* permanecemos em Cristo? Jesus nos disse bem claramente: “Se guardardes os meus mandamentos, permaneceréis no meu amor; do mesmo modo que eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai, e permaneço no seu amor” (João 15:10). Portanto, permanecemos em Jesus Cristo, não por cantarmos louvores a ele, mas sim por *obedecer-lhe*. E daí acontece se decidirmos não lhe obedecer? Ele nos diz de maneira muito franca: “Se alguém não estiver em mim, será lançado fora, como a vara, e secará; e os colhem e lançam no fogo, e ardem” (João 15:6).

De maneira que nosso relacionamento com Jesus não é simplesmente um relacionamento *qualquer*, real ou imaginário. É um relacionamento de amor obediente. Na realidade, a frase “relacionamento de amor obediente” é redundante, porque é impossível amar a Jesus sem lhe obedecer. Podemos declarar publicamente o quanto o amamos, mas, sem obediência, são apenas palavras ocas. Pois ele mesmo disse: “Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado de meu Pai, e eu o amarei, e me manifestarei a ele” (João 14:21). Então, se não obedecemos a Jesus não o amamos. É simples assim. (Foi ele quem disse, e não eu!)

A falsa obediência

Pois bem, quando Jesus fala de obediência, ele se refere à obediência verdadeira, e não à obediência fingida que está tão na moda na atualidade. Seus verdadeiros mandamentos são os que estão *escritos* no Novo Testamento. No entanto, o evangelho fácil de hoje diz que podemos desconsiderar seus mandamentos escritos. A maioria dos cristãos trata os mandamentos de Deus como se estes fossem simplesmente sugestões. O que de fato vale, segundo este evangelho popular, são os impulsos *subjetivos* que vêm a nossas mentes. Estes são supostamente os verdadeiros mandamentos de Jesus aos quais temos que ser obedientes. E por serem, supostamente, revelados pessoalmente a cada cristão, cada pessoa é o único juiz que pode declarar o que Deus lhe disse que fizesse ou não fizesse.

É como o velho conto do rei que se vestiu de um traje invisível. Milhões de cristãos fingem que seguem obedientemente a Cristo, quando a verdade é que passam por alto e pisoteiam seus ensinamentos. Para melhor dizer, eles acham que muitos dos seus mandamentos são enfadonhos. No entanto, eles obedecem aos impulsos subjetivos que vêm a suas mentes, e ao fazerem isso se enganam achando que estão obedecendo a Jesus.

A verdade é que Jesus *realmente* dá direção pessoal aos profetas e aos que estão perto dele. Mas, a quem disse ele que manifestaria? “Aquele que me ama será amado de meu Pai, e eu o amarei, e me *manifestarei a ele*” (João 14:21). Como lemos anteriormente, os que o amam são os que guardam os seus mandamentos. Jesus disse a seus discípulos que “quem é fiel no mínimo, também é fiel no muito; quem é injusto no mínimo, também é injusto no muito” (Lucas 16:10). Se não podemos ser fiéis no *elementar*, as instruções escritas que se aplicam a todos os cristãos, simplesmente nos enganamos a nós mesmos se pensamos que Jesus nos dará instruções adicionais e *especiais*.

Se não permaneceremos na videira, dando fruto, Jesus não está se manifestando a nós. Em tal caso, o relacionamento especial que cremos ter com Cristo é tão enganoso como o relacionamento que muitos católicos crêem ter com Maria.

Não se trata de outra lei mosaica

No entanto, quando falamos dos mandamentos de Jesus, por favor, não pense que acumulamos pontos por obedecermos aos ensinamentos de Jesus ou que ganhamos a nossa salvação fazendo isso. Como disse anteriormente, o único relacionamento aceitável para ele é um relacionamento de amor. Também não se trata meramente de outra lei mosaica. Jesus não cumpriu em si mesmo a lei só para depois nos dar em seu lugar outra longa lista de regras similares.

Jesus descreveu o que é a vida cristã quando o amamos: “Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve” (Mateus 11:28–30).

Mas como isso é possível? Em outra parte, Jesus disse que temos que abandonar tudo por ele. E até disse: “E quem não toma a sua cruz, e não segue após mim, não é digno de mim. Quem achar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a sua vida, por amor de mim, achá-la-á” (Mateus 10:38–39). Realmente não parece um jugo fácil.

Ah, agora chegamos ao paradoxo do reino. Quando analisamos tudo isto do ponto de vista da carne, as declarações de Jesus parecem contraditórias. Mas no Espírito Santo, suas declarações estão completamente em harmonia. A vida do reino nunca foi projetada para ser vivida na carne. Essa vida não é um novo Talmude. A vida do reino é para ser vivida no Espírito Santo; isto é, gira em torno de um relacionamento com Jesus. E é só quando enterramos nossa vida em Jesus Cristo que seu jugo pode ser fácil e seu fardo leve. Seu fardo é leve só quando nos separamos de todos os embaraços desta vida e nos devotamos ao serviço do nosso Senhor.

É só quando nossos corações estão livres das inquietudes e preocupações da vida neste mundo que podemos dizer como João: “Porque este é o amor de Deus: que guardemos os seus mandamentos; e os seus mandamentos não são pesados” (1 João 5:3). Seus mandamentos se tornam fáceis quando nosso único reino é o reino de Deus e nossas almas se desprendem de todas as demais coisas. Por outro lado, os mandamentos de Jesus são muito pesados e quando queremos manter nosso apego a este mundo e a nossas posses, poderes e liberdades terrestres... e ao mesmo tempo tentar servir a Jesus.

Como entrar no reino

Um indivíduo não se torna cidadão norte-americano simplesmente ao cruzar a fronteira, legal ou ilegalmente, dos Estados Unidos. Não, o governo dos Estados Unidos estabeleceu um procedimento que um imigrante deve seguir para se tornar um cidadão naturalizado. Basicamente, a pessoa tem que ter dezoito anos de idade, ter sido um residente legal nos Estados Unidos durante cinco anos, ser de boa reputação moral, capaz de ler e escrever um inglês básico, e possuir um conhecimento básico da história e do governo dos Estados Unidos. Finalmente, o solicitante deve prestar o juramento de lealdade.

Semelhantemente, há procedimentos ou passos que devem ser seguidos para que uma pessoa possa entrar no reino de Deus. Para começar, as pessoas têm que ser libertas para que possam entrar no reino. Isto se deve a que todo o gênero humano é escravo do pecado, de Satanás e da morte. Jesus morreu para livrar-nos dessa escravidão. Por meio de sua morte, ele amarrou Satanás e limpou a todos os crentes por meio do seu sangue. A pessoa se beneficia do sangue derramado por Jesus quando segue, por meio da fé, os passos estabelecidos nas Escrituras.

Jesus instruiu seus apóstolos para que fossem capazes de ajudar as outras pessoas a entrarem no reino. Pouco depois de Jesus voltar para o céu, os apóstolos tiveram a oportunidade de pôr em prática as instruções de Jesus. No dia de Pentecostes, o primeiro grupo de novos aspirantes entrou no reino. O capítulo 2 de Atos descreve como o fizeram:

E, ouvindo eles isto, compungiram-se em seu coração, e perguntaram a Pedro e aos demais apóstolos: Que faremos, homens irmãos? E disse-lhes Pedro: Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para perdão dos pecados; e recebereis o dom do Espírito Santo; Porque a promessa vos diz respeito a vós, a vossos filhos, e a todos os que estão longe, a tantos quantos Deus nosso Senhor chamar. E com muitas outras palavras isto testificava, e os exortava, dizendo: Salvai-vos desta geração perversa. De sorte que foram batizados os que de bom grado receberam a sua palavra; e naquele dia agregaram-se quase três mil almas (Atos 2:37–41).

Analisemos a seguir os passos mediante os quais os ouvintes de Pedro entraram no reino de Deus:

- Eles escutaram a mensagem de Jesus Cristo e seu reino, e creram. E esta não foi uma convicção meramente superficial. Eles “se compungiram em seu coração”.
- Além disso, eles se arrependeram de sua vida anterior. O que isso significa? O Dicionário Strong de palavras gregas do Novo Testamento define a palavra arrepender-se como “pensar diferente, i.e. reconsiderar”.¹ Portanto, os ouvintes de Pedro reconsideraram como desejavam viver. Eles decidiram viver o resto de suas vidas como seguidores de Jesus Cristo.
- Eles foram batizados em água.
- Eles receberam o Espírito Santo.

Após terem dado estes passos, eles entraram no reino de Deus.

Queira notar que estas pessoas tiveram que *se arrepender* de seus pecados, mas não tiveram que *expiá-los*. Jesus faz a expiação por nós. Nós não nos salvamos a nós mesmos. Jesus é quem nos salva. Veja também que os ouvintes de Pedro não tiveram que fazer nada para ganhar sua salvação ou para ganhar o reino de Deus. Eles eram completamente indignos. Sua salvação e sua cidadania no reino foram dons gratuitos. Eles foram salvos por meio da graça, e não por meio de sua própria justiça.

O que faz o novo nascimento

O que aconteceu com a multidão que creu e nasceu de novo no dia de Pentecostes? Muitas coisas, coisas maravilhosas! Todos os seus pecados passados lhes foram perdoados e lavados com o sangue de Jesus. Experimentaram um novo começo de vida diante de Deus. Nasceram de novo como novas criaturas. Ou seja, experimentaram uma transformação espiritual sobrenatural. Passaram a ser cidadãos do reino de Deus. E estes novos cidadãos do reino se converteram em varas da videira de Jesus (leia João 15:5). Se tivessem morrido naquele mesmo instante, teriam ido direto para o paraíso.

Os dois aspectos da salvação

Segundo o evangelho fácil de hoje, aí terminaria o assunto. Segundo este evangelho popular, todo pecado que uma pessoa tiver cometido, *mais* todo pecado que a pessoa cometerá no futuro lhe é perdoado quando ela nasce de novo. Este evangelho popular declara que a salvação consta de um único passo, de uma vez por todas. Uma vez que as pessoas nascem de novo, só se pode falar de sua salvação no tempo passado.

No entanto, Jesus nunca disse nada disso. O evangelho fácil não é o evangelho do reino. O evangelho do reino reconhece que há tanto um aspecto *passado* de nossa salvação como um aspecto *futuro*. Se a pessoa compreender estas duas fases, não poderá compreender nunca o evangelho do reino ou o ensino do Novo Testamento sobre a salvação.

O Novo Testamento fala da salvação no tempo **passado**. Por exemplo, Romanos 8:24 diz: “Porque em esperança *fomos* salvos”.

Portanto, quando nascemos de novo, somos salvos. Isto quer dizer que *fomos* tirados do mundo. Nesse exato momento, entramos no reino de Deus; e nossos nomes são inscritos no livro da vida. Ao escrever para os filipenses, Paulo falou de seus colaboradores como aqueles “cujos nomes estão no livro da vida” (Filipenses 4:3).

Mas as escrituras também se referem a um aspecto **futuro** da salvação. Jesus disse: “E odiados de todos sereis por causa do meu nome; mas aquele que perseverar até ao fim *será* salvo” (Mateus 10:22). Então, existe um aspecto *futuro* da salvação. Temos que perseverar até o fim de nossa vida para que a nossa salvação seja definitiva. Novamente, Jesus deixou isto bem claro em seu exemplo da videira: “Eu sou a videira, vós as varas; quem está em mim, e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer. Se alguém não estiver em mim, será lançado fora, como a vara, e secará; e os colhem e lançam no fogo, e ardem. (...) Toda a vara em mim, que não dá fruto, a tira; e limpa toda aquela que dá fruto, para que dê mais fruto” (João 15:5–6, 2).

Esta passagem mostra os dois aspectos da salvação: passado e futuro. Somente os que nasceram de novo, os que foram salvos, podem ser varas nesta videira. Esse é o aspecto *passado* da salvação. No entanto, o fato de sermos varas na videira de Jesus não quer dizer que vamos *permanecer* na videira. Se não mantivermos nosso relacionamento de amor obediente, Deus nos tirará da videira. É por isso que também devemos falar do aspecto *futuro* da salvação.

Por causa deste aspecto futuro da salvação, Jesus disse aos cristãos da igreja em Sardes: “O que vencer será vestido de vestes brancas, e de maneira nenhuma riscarei o seu nome do livro da vida; e confessarei o seu nome diante de meu Pai e diante dos seus anjos” (Apocalipse 3:5). Então, só pelo fato de nosso nome terem sido inscritos no livro da vida no momento de nosso novo nascimento, não podemos presumir que permanecerá ali. Na realidade, segundo as palavras de Jesus à igreja em Sardes, parece que ele iria apagar a *maioria* dos seus nomes. Notemos o que diz: “Mas também tens em Sardes *algumas pessoas* que não contaminaram suas vestes, e comigo andarão de branco; porquanto são dignas disso” (Apocalipse 3:4)

Foi por causa deste aspecto futuro da salvação que Jesus disse aos cristãos em Tiatira: “Mas o que tendes, retende-o até que eu venha. E ao que vencer, *e guardar até ao fim as minhas obras*, eu lhe darei poder sobre as nações,” (Apocalipse 2:25–26). E é também devido a este aspecto futuro da salvação que as Escrituras nos dizem:

- “Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina. Persevera nestas coisas; porque, fazendo isto, te salvarás, tanto a ti mesmo como aos que te ouvem” (1 Timóteo 4:16).
- “Se sofrermos, também com ele reinaremos; se o negarmos, também ele nos negará;” (2 Timóteo 2:12).
- “Porquanto se, depois de terem escapado das corrupções do mundo, pelo conhecimento do Senhor e Salvador Jesus Cristo, forem outra vez envolvidos nelas e vencidos, tornou-se-lhes o último estado pior do que o primeiro. Porque melhor lhes fora não conhecerem o caminho da justiça, do que, conhecendo-o, desviarem-se do santo mandamento que lhes fora dado;” (2 Pedro 2:20–21).

Às vezes nos expressamos mal

Meu coração dói ao ouvir cristãos do reino discutirem sobre a salvação, sem reconhecerem que existem os aspectos passado e futuro. Escutei ou li diálogos entre cristãos do reino semelhantes aos de “Cristão # 1” e “Cristão # 2” a seguir:

Cristão # 1 é um cristão do reino que ama a Jesus e vive segundo os seus ensinamentos. Contudo, ele pertence a uma igreja que enfatiza o aspecto *futuro* da salvação. Igualmente, Cristão # 2 também ama e obedece a Jesus, mas pertence a uma igreja que enfatiza o aspecto *passado* da salvação. Infelizmente, ainda que ambas as igrejas na realidade crêem em ambos os aspectos da salvação, nenhuma das duas igrejas põe *igual* ênfase nos dois aspectos. Conseqüentemente, os membros das duas igrejas com frequência têm diálogos parecidos com o que lhes mostro a seguir:

Cristão # 2: “Irmão, você está salvo?”

Cristão # 1: “Como assim, *está* salvo? Claro que não! Seria um atrevimento dizer que já estou salvo. Jesus tomará essa decisão quando eu morrer”.

Cristão # 2: “Bom, se você ainda não souber que já foi salvo, será tarde demais quando morrer. Você está acreditando num evangelho falso”.

Cristão # 1: “Não, você é quem está acreditando num evangelho falso, um evangelho de presunção!”

Poderia parecer que estes dois cristãos estão a anos luz de distância um do outro em suas crenças. E talvez seja assim. Mas com frequência suas crenças são muito similares. Se eles verdadeiramente são cristãos do reino, cada uma de suas igrejas provavelmente apóia tanto o aspecto passado como o aspecto futuro da salvação. No entanto, sendo que cada igreja reforça mais um dos aspectos da salvação quase a ponto de excluir o outro, seus membros possuem um entendimento confuso da salvação. E, portanto, não podem anunciar claramente o evangelho do reino, apesar de que o aceitam em seus corações.

Perguntar a alguém “Você está salvo?” é como perguntar a uma pessoa: “você deixou de roubar do seu patrão?” Um empregado honesto não pode responder a essa pergunta com um simples sim ou não, não é verdade? Ele só pode frustrar esta pergunta ardilosa respondendo: “Eu nunca roubei de meu patrão, portanto não há nada que para eu deixar de fazer”.

A pergunta sobre salvação é tão enganosa quanto essa, ainda que não seja intencionalmente assim.

Um simples sim ou não, não será suficiente. O que compreende o evangelho do reino deve responder ao engano inerente da pergunta da seguinte maneira: “Sim, estou salvo desde quando nasci de novo. No entanto, minha salvação final será determinada depois que eu perseverar até o fim.

Antes de deixar este assunto da salvação, quero agregar um comentário final sobre a segurança. Nós cristãos do reino não vivemos numa constante angústia e insegurança. Não, vivemos numa expectativa gozosa do cumprimento das promessas que Jesus fez. E sabemos que a graça de Jesus nos capacitará para permanecermos na videira... enquanto continuarmos amando-o e lhe obedecendo. No entanto, ao mesmo tempo, não devemos ser confiantes ou presumidos demais, nem também devemos perder o temor de nosso Senhor. Sim, desfrutamos de verdadeira segurança, mas é uma segurança condicional.

Salvação por meio da teologia?

Por favor, entenda bem que uma pessoa, para ser salva, não tem que ser capaz de expressar oralmente as várias coisas que consideramos nos dois últimos capítulos. Jesus não está tão interessado no que dizemos. Antes de tudo, ele está interessado no que *fazemos*. E isto ele deixou bem claro numa de suas parábolas: “Um homem tinha dois filhos, e, dirigindo-se ao primeiro, disse: Filho, vai trabalhar hoje na minha vinha. Ele, porém, respondendo, disse: Não quero. Mas depois, arrependendo-se, foi. E, dirigindo-se ao segundo, falou-lhe de igual modo; e, respondendo ele, disse: Eu vou, Senhor; e não foi. Qual dos dois fez a vontade do pai? Disseram-lhe eles: O primeiro” (Mateus 21:28–31). Importa o que *fazemos*, e não o que *dizemos*.

Os ensinamentos de Jesus foram projetados para serem compreendida pelas pessoas mais singelas. Não requerem nenhuma formação acadêmica. Se uma pessoa tem que estudar durante anos para dominar nossa teologia ou para que possa ensinar os outros, algo está muito errado. Nem Jesus nem seus apóstolos fundaram nenhum seminário, porque não nada disso é necessário para o evangelho do reino. Os cristãos do reino raramente fundam seminários. E quando o fazem, sempre acabam perdendo o evangelho do reino.

O evangelho do reino é tão simples, tão livre de teologia complicada, que durante os primeiros trezentos anos do cristianismo, a seguinte confissão de fé foi suficiente:

Creio em Deus Pai Todo-poderoso, Criador do céu e da terra; e em Jesus Cristo, seu único Filho, Senhor nosso; que foi concebido do Espírito Santo, nasceu da virgem Maria, padeceu sob Pôncio Pilatos; foi crucificado, morto e sepultado; desceu ao inferno [Hades] ; ao terceiro dia ressuscitou dentre os mortos; subiu ao céu, e está sentado à destra de Deus Pai Todo-poderoso; e de onde há de vir julgar os vivos e os mortos. Creio no Espírito Santo, na santa igreja universal, na comunhão dos santos, no perdão dos pecados, na ressurreição do corpo e na vida eterna.²

Esta singela confissão de fé é conhecida como o Credo Apostólico. Para melhor a verdade, os cristãos primitivos temiam ensinamentos e opiniões que iam além desta simples confissão de fé. Mas esta era toda a teologia que um cristão *tinha* que crer. Se alguns cristãos quisessem se aprofundar mais, podiam fazê-lo, desde que não se envolvessem tanto em seus pensamentos a ponto de irem para além do que era tradicionalmente aceito.

Se o Credo Apostólico foi uma teologia adequada para os primeiros três séculos do cristianismo, também foi para os séculos seguintes. E ainda é uma teologia adequada para os nossos dias. A Igreja institucional não chegou a um melhor entendimento de Cristo depois que abandonou o evangelho do reino. Ao contrário, se afastou mais e mais do verdadeiro Cristo.

Não há lugar para fariseus

Nos capítulos anteriores falei um pouco a respeito do compromisso total que o reino de Deus exige. Não há lugar para os indisciplinados, os inconstantes e os amantes deste mundo. Até aqui temos visto que a maior parte dos seres humanos nunca entrará no reino. Também temos visto que uma grande parte dos que entram no reino no final serão eliminados.

Portanto, seria muito natural (a partir de uma perspectiva humana decaída) que nós cidadãos do reino nos sintamos superiores aos não-cristãos e aos cristãos mundanos. Seria fácil um cristão do reino desprezar os que estão fora do reino.

Conhecendo esta tendência de nossa carne decaída, Jesus nos advertiu de antemão: “Não julgueis, para que não sejais julgados. Porque com o juízo com que julgardes sereis julgados, e com a medida com que tiverdes medido vos hão de medir a vós. E por que reparas tu no argueiro que está no olho do teu irmão, e não vês a trave que está no teu olho? Ou como dirás a teu irmão: Deixa-me tirar o argueiro do teu olho, estando uma trave no teu? Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho, e então cuidarás em tirar o argueiro do olho do teu irmão” (Mateus 7:1–5).

É verdade que os covardes e os inconstantes não têm lugar ao reino. No entanto, há outro tipo de pessoa que também não cabe nele: os críticos e os santarrões. O mandamento de Jesus de não julgar é tão obrigatório, e tão revolucionário, como seus ensinamentos sobre a não-resistência. Lamentavelmente, muitos dos que estão dispostos a obedecer ao que Jesus disse a respeito da não-resistência e das riquezas se negam a reconhecer as palavras de Jesus de “não julgueis”. De alguma maneira, eles se convenceram a si mesmos de que Jesus não quis dizer o que disse.

É bem mais fácil viver a vida do reino se ao menos pudermos nos elogiar, nos gloriar em nossa obediência e santidade, e olhar com desdém a todos aqueles que não atingiram nosso nível de santidade. Mas quando fazemos isso, na realidade não estamos vivendo a vida do reino. Estamos nos iludindo a nós mesmos. Nesse caso somos mais detestáveis para Jesus dos que as pessoas a quem menos prezamos.

A porta estreita

Não é de admirar que Jesus nos aconselhasse: “Entrai pela porta estreita; porque larga é a porta, e espaçoso o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela; E porque estreita é a porta, e apertado o caminho que leva à vida, e poucos há que a encontrem” (Mateus 7:13–14). O caminho para a vida eterna é realmente estreito e difícil. Há grandes abismos em ambos os lados.

Por uma parte está o abismo da indisciplinada e a mundanismo. A maioria dos cristãos professos cai neste abismo. O caminho do reino é demasiado exigente para eles. Eles desejam um caminho mais fácil. E não faltam os predadores que lhes digam que realmente não têm que obedecer aos ensinamentos de Jesus. Esses mesmos predadores também lhes dizem que eles não têm que se separar do mundo.

No outro lado do caminho estreito está o abismo do farisaísmo. Este é o abismo da autojustiça. Se não caímos no primeiro abismo, estamos mais propensos a cair no outro. O caminho não é fácil.

Em 1981, eu trabalhava como advogado corporativo para uma pequena empresa petroleira no leste do Texas. Um dia fomos tivemos uma audiência com a Comissão Ferroviária do Texas em Austin. Pode parecer estranho a alguém que não é texano, mas no Texas a agência estatal que regula a

produção de petróleo e gás é a Comissão Ferroviária. Bem, audiência era sobre a mudança das leis sobre certa jazida de gás. Já que nossa empresa tinha seu próprio helicóptero, decidimos voar até Austin. Já rumo ao lugar, aterrissamos e apanhamos um engenheiro petrolífero e a geólogo de Fina, que também iam à mesma audiência.

A reunião em Austin seguiu-se sem novidade. Durante a viagem de volta, eu me sentei na cabine com o piloto e me pus a observar como este pilotava o helicóptero. Então me disse a mim mesmo: *Isso não parece muito difícil; acho que eu daria conta de pilotar.* Então perguntei ao piloto se ele me permitiria tomar os controles por um momento, e ele aceitou de boa vontade. Perguntei-lhe o que tinha que fazer, e ele me mostrou uma esfera pequena no painel de instrumentos.

— Tudo o que tem que fazer é manter essa esfera no centro — me explicou.

Bom, aquilo parecia muito fácil. Disse-lhe que estava pronto, e ele me entregou os controles.

No entanto, logo me dei conta de que manter a esfera no centro não era nada fácil para um novato. Os controles eram tão sensíveis que o menor movimento fazia com que o helicóptero se pendesse numa direção e depois na outra direção quando eu tentava corrigir meu erro. Assim avançamos, ziguezagueando através dos céus do Texas enquanto eu tentava desesperadamente manter aquela esfera pequena em seu lugar. Finalmente, o engenheiro de Fina que se encontrava no assento traseiro e sentia-se nauseado, gritou:

— Tire a esse advogado dos controles!

O piloto não demorou em assumir os controles novamente. Quando aterrissamos para deixar os dois homens de Fina, ambos me lançaram olhares odiosos.

Então aconteceu que no mês seguinte tivemos que viajar a Austin mais uma vez para uma segunda audiência. De maneira que nos comunicamos com Fina para ver se seus engenheiros queriam nos acompanhar outra vez no helicóptero. Eles se negaram educadamente, dizendo que iriam de carro e nos encontraríamos lá. Acho que tinham medo de que eu pudesse tomar os controles outra vez.

Viver a vida cristã se parece bastante com pilotar um helicóptero. Temos que nos manter no centro do caminho. E não é fácil, porque o caminho é estreito. Por ser estreito, este caminho não nos permite ziguezaguear. Não devemos nos desviar para o abismo do mundanismo nem para o abismo do farisaísmo. Temos que nos manter no rumo correto.

Podemos denunciar o pecado?

Jesus nos disse que não julgássemos os outros. Mas ele não disse que não podemos denunciar o pecado. Paulo, Tiago, Pedro e outros escritores do Novo Testamento denunciavam o pecado na igreja. Não por moralismo, mas em obediência a Jesus.

Este livro foi escrito para anunciar tanto a cristãos como incrédulos o evangelho do reino, um evangelho que quase não se prega mais. Neste livro, destaco uma série de erros da Igreja de hoje e dos vários desvios que a Igreja fez através dos séculos. Falo do “evangelho fácil”. Comparo os “cristãos do reino” com os que simplesmente professam o cristianismo.

Mas o que realmente posso lhe garantir é que não estou escrevendo este livro num espírito de autojustiça. Porque sei muito bem que David Bercot precisa desta mensagem tanto como qualquer um de seus leitores. Minha única oração é que ao lerem este livro, meus leitores sintam-se instigados tão profundamente como eu senti ao escrever este livro. Sinceramente, eu não julgo a indivíduos nem faço especulações arrogantes sobre sua condição diante de Cristo. Porém, o estado do cristianismo de hoje me preocupa muito. E é por isso que escrevo este livro.

Ao mesmo tempo, sei que alguns dos meus leitores pensarão que nem sequer devo usar o termo “cristão” para me referir a pessoas que amam o mundo, que apóiam erros teológicos graves e que cometeram crimes horríveis no nome de Cristo. Portanto, uma vez mais desejo deixar bem claro que quando uso o termo “cristão” neste livro me refiro aos que *declaram* ser cristãos. Na realidade, a autenticidade de seu cristianismo levanta dúvidas, mas quero deixar isso com Jesus.

Também devo explicar que uso o termo “os cristãos do reino” para me referir aos cristãos que levam a sério o fato de serem cidadãos do reino de Deus e que permanecem em Cristo por meio de um relacionamento de amor obediente. No entanto, ao usar esse termo, não pretendo afirmar categoricamente que o resto das pessoas fica sujeito a julgamento. Outra vez, Jesus é quem decide, não eu.

Finalmente, devo esclarecer que quando uso o termo “Igreja” (com inicial maiúscula), me refiro à Igreja *institucional*. Refiro-me a todos os grupos de cristãos. Uma vez mais, até que ponto a Igreja institucional corresponde ao corpo dos verdadeiros crentes cristãos, fico satisfeito em deixar isso nas mãos de Jesus.

Outras leis do reino

Sem dúvida, as quatro ou cinco leis do reino que analisamos são alguns dos mais desafiantes ensinamentos de Jesus. Todavia, são só uma pequena parte das leis que nosso Rei nos deu. O resto de suas leis e ensinamentos se encontram por todo o Novo Testamento. O fato de eu não ter analisado essas outras leis não quer dizer que não sejam tão importantes como as que temos focalizado.

A maior coleção de mandamentos do reino encontra-se no sermão do Monte. Se você leva a sério o fato de ser um cristão do reino, insisto que leia novamente o sermão do Monte, meditando em cada ensinamento e avaliando sua própria vida à luz destes ensinamentos.

O reino não pode permanecer em segredo

Quando nos unimos a algo que sem dúvida fará com que o mundo nos odeie, é natural queremos mantê-lo em segredo. Para que provocar problemas? Vamos deixar em silêncio. Mas nosso Rei não permite que guardemos seu reino em segredo: “O que vos digo em trevas dizei-o em luz; e o que escutais ao ouvido pregai-o sobre os telhados” (Mateus 10:27).

Devemos lembrar que uma pessoa não pode nem sequer ver o reino de Deus se não tiver nascido de novo. Portanto, como poderá alguém saber deste reino a não ser que nós, os que nascemos de novo, lhes contemos? Jesus não contratou uma agência publicitária para anunciar seu reino. Em vez disso, ele comissionou a todos seus cidadãos a serem seus porta-vozes.

Logo que Jesus regressou do deserto após seu batismo, começou a pregar imediatamente. E o que pregou? Mateus nos diz: “Desde então começou Jesus a pregar, e a dizer: Arrependei-vos, porque é chegado o reino dos céus” (Mateus 4:17). Jesus não demorou em viajar por toda a Galiléia, pregando o “evangelho do reino”. E rapidamente começou a recrutar outros para que se unissem a seu reino.

Jesus não só ensinou a seus discípulos a respeito do reino de Deus, mas também lhes deu instruções específicas sobre como pregar o evangelho do reino aos outros. Imediatamente após escolher seus doze apóstolos, Jesus enviou-os a pregar. E o que deviam pregar? “E, indo, pregai, dizendo: É chegado o reino dos céus” (Mateus 10:7). Posteriormente, Jesus instruiu setenta discípulos e enviou-os a todas partes em grupos de dois. Uma vez mais, disse-lhes que após entrarem numa cidade, deveriam curar “os enfermos que nela houver, e dizei-lhes: É chegado a vós o reino de Deus” (Lucas 10:9).

Antes da sua morte, Jesus profetizou: “E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as nações, e então virá o fim” (Mateus 24:14). E entre as últimas coisas que disse a seus apóstolos foi: “Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; Ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho *mandado*” (Mateus 28:19–20).

De maneira que a pregação do reino não iria terminar quando Jesus deixasse a terra. Seus discípulos deveriam pregar todas as coisas que ele lhes tinha ensinado a respeito do reino. Deveriam recrutar outros cidadãos para o reino. O mundo inteiro escutaria as boas novas deste reino ao contrário! E com o apoio de Deus, ninguém poderia detê-los!

É só se calarem que lhes deixaremos em paz

Não é de se estranhar que fosse este aspecto alvoroçador do reino o que causasse a maior parte dos problemas. Se os discípulos tivessem se retirado ao oásis de algum deserto e tivessem começado ali uma comunidade religiosa, longe do mundo, provavelmente não teria ocorrido nenhum confronto com as autoridades governamentais. Como podemos ver, nem os governos judeus nem os romanos perturbaram as comunidades Qumran perto do Mar Morto (até à guerra de independência dos judeus). Se os discípulos de Jesus tivessem seguido o mesmo estilo, sem dúvida teriam vivido vidas longas e calmas.

Mas isso não teria sido aceitável para o Rei. Ele também poderia ter vivido uma vida longa e calma se tivesse permanecido calado. Mas o Pai tinha enviado a Jesus *para o mundo*, e não para fora dele. E Jesus fez o mesmo com seus discípulos. Sua missão era a de anunciar as boas novas do reino, e

não de ocultá-las!

Por isso, logo que o Espírito Santo foi derramado sobre os apóstolos, saíram a pregar Jesus Cristo e a contar do seu reino entre os seus concidadãos judeus. Até então, as autoridades judaicas tinham deixado em paz os apóstolos. Mas isto era demais. Portanto, prenderam os apóstolos e advertiram-lhes que deixassem de falar de Jesus entre o povo. Mas os apóstolos responderam valentemente: “Julgai vós se é justo, diante de Deus, ouvir-vos antes a vós do que a Deus; Porque não podemos deixar de falar do que temos visto e ouvido” (Atos 4:19–20). Mais adiante, eles disseram às autoridades: “Mais importa obedecer a Deus do que aos homens” (Atos 5:29).

Pouco depois desse incidente, as autoridades judaicas mataram Estêvão, um dos discípulos. E assim começaram a encarcerar a quantos cristãos pudessem encontrar. Mas nem mesmo isso pôde frear o reino de Deus. Os cristãos que fugiram de Jerusalém anunciavam a palavra por onde quer que iam (leia Atos 8:4). Os cristãos do reino não ficam calados! Quando o evangelho do reino chegou a Tessalônica, os judeus que estavam ali protestaram perante as autoridades: “Estes que têm alvoroçado o mundo, chegaram também aqui;” (Atos 17:6).

A pregação do reino

Um aspecto fundamental do reino é que não pode permanecer em segredo. O reino tem que ser proclamado! Deve continuar incorporando novos súditos. Quando um grupo de cristãos do reino permanece em silêncio, quando perde o interesse em testemunhar, começa a se deteriorar espiritualmente. É como uma corrente de água que deixa de se mover. Logo começam a crescer algas. Com o tempo, a água adquire um gosto ruim e fede a podre. Assim mesmo, os cristãos estagnados podem se converter em fedor para seu Rei.

QUARTA PARTE
Nasce um híbrido

O que aconteceu com o evangelho do reino?

Até aqui vimos o que Jesus e seus apóstolos ensinaram, e vimos como a igreja, durante quase trezentos anos, seguiu o ensino de Jesus de forma muito literal. No entanto, estes ensinamentos não são praticados hoje pela maioria dos cristãos. O que aconteceu então?

Durante os últimos quarenta anos do século III (desde aproximadamente o ano 260 ao 300 d.C.), a igreja desfrutou de um tempo de paz sem precedentes. Houve perseguições locais esporádicas, mas não uma perseguição em grande escala no Império. Isto pareceu uma bênção para a igreja exausta e acossada que sobrevivera onda após onda de perseguição violenta desde o tempo de sua fundação.

No entanto, a igreja começava a perder seu primeiro amor. Em consequência, a igreja esqueceu que Jesus disse que é uma bênção quando somos perseguidos. A igreja começou a baixar a guarda. Com a perseguição fora de suas mentes, os cristãos começaram a contender uns com os outros. A teologia (além dos pontos elementares) sempre tinha sido algo secundário para a igreja, mas agora passou para a vanguarda. Surgiram violentos debates teológicos surgiram através de todo o Império.

Os cristãos também esqueceram as palavras de Jesus sobre o poder eclesiástico: “Bem sabeis que pelos príncipes dos gentios são estes dominados, e que os grandes exercem autoridade sobre eles. Não será assim entre vós; mas todo aquele que quiser entre vós fazer-se grande seja vosso serviçal; E, qualquer que entre vós quiser ser o primeiro, seja vosso servo” (Mateus 20:25–27). Em lugar de desejarem ser servos de todos, os bispos das principais cidades do Império (Roma, Antioquia e Alexandria) começaram a fazer manobras para obterem o poder. O bispo de Roma começou a afirmar que era o sucessor de Pedro e que ele tinha jurisdição sobre todas as outras igrejas.

Os cristãos também começaram a perder a doutrina da separação do mundo. A disciplina começou a relaxar, principalmente em Roma. Pela primeira vez na História, os cristãos começaram a assumir posições governamentais. No entanto, a igreja do ano 300 d.C. era ainda bem mais disciplinada e estava mais separada do mundo do que a grande maioria das igrejas de hoje. Mas tinha decaído consideravelmente do que antes havia sido.

De repente, a paz de quarenta anos chegou a seu fim, pegando desprevenida a maioria dos cristãos. No ano 303, o Imperador Diocleciano iniciou a perseguição mais devastadora que a igreja jamais passara. As casas de oração dos cristãos eram queimadas em todas as partes, e as Bíblias eram combustível para as fogueiras. Os soldados encarceravam à força homens e mulheres e os torturavam as torturas mais horríveis pudessem conceber suas mentes torcidas. Apesar de que muitos cristãos cederam durante esta perseguição, a igreja em geral permaneceu firme. Embora tivessem perdido parte de seu zelo pelo reino, os cristãos ainda estavam dispostos a morrer por seu Rei.

A perseguição continuou golpeando os cristãos durante oito longos anos, mas o governo não pôde destruir a igreja. Por fim, o reino de Deus prevaleceu. Não foi uma batalha fácil, mas os cristãos mostraram a Satanás que ele não poderia derrotar o reino de Deus por meio da força bruta. Esgotado, o Imperador Diocleciano promulgou o edito de Tolerância no ano 311, o qual pôs fim à perseguição. Ao admitir a derrota, o imperador pediu aos cristãos que orassem por ele. Depois o imperador deixou seu cargo e mais tarde suicidou-se. Satanás foi derrotado!¹

Mas, será que foi mesmo? O que a igreja não sabia era que Satanás tinha mais uma arma em seu arsenal: a astúcia. Se ele e o mundo não podiam destruir o reino, se *uniriam* ao mesmo. Ou melhor dizendo, com astúcia seduziriam os cristãos para que se unissem a *eles*.

O edito de Milão

No ano 312, os cristãos receberam algumas boas notícias. Constantino, um dos co-regentes que substituiu a Diocleciano, tinha derrotado o seu adversário, Maxêncio, em Roma. Isto era uma boa notícia porque Constantino era favorável aos cristãos. Para melhor dizer, durante a perseguição diocleciana, os cristãos que viviam nas regiões sob o controle de Constantino foram protegidos da maior parte da perseguição.

O ano 313 trouxe melhores notícias ainda. Constantino e seu co-regente, Licínio, proclamaram um novo edito que pôs o cristianismo ao mesmo nível de todas as outras religiões. Este edito, conhecido como o edito de Milão, dizia: “[Decidimos] conceder tanto aos cristãos como a todos os homens a liberdade de seguir a religião que eles escolherem, de maneira que qualquer divindade celestial que exista possa estar disposta a nos ajudar e a todos os que vivem sob nosso governo”.² Outros decretos de Constantino e Licínio foram mais tolerantes ainda. Qualquer propriedade confiscada dos cristãos durante a perseguição diocleciana devia ser devolvida a eles. Além disso, todas as casas de oração que tinham sido queimadas ou destruídas durante a perseguição seriam reconstruídas às custas do dinheiro público.

O edito de Milão não converteu o cristianismo em igreja estatal. Este somente instituiu a liberdade de religião no Império Romano. No entanto, pouco depois, Constantino adotou uma política indubitavelmente pró-cristã para a região do Império Romano que ele governava. (Licínio, seu co-regente, ainda governava a maior parte oriental do Império.) Um historiador da Igreja do século IV, Eusébio, que foi completamente absorvido por tudo isto, descreve as ações de Constantino:

O imperador piedoso, gloriando-se na confissão da cruz vitoriosa, proclamou o Filho de Deus aos romanos com grande ousadia de testemunho. (...) Na realidade, todos, a uma só voz, declararam que Constantino tinha aparecido pela graça de Deus como uma bênção geral para a humanidade. (...)

O imperador, além do mais, procurou pessoalmente a companhia dos ministros de Deus. Ele os distinguiu com o maior respeito e honra possíveis. Mostrou-lhes graça tanto em palavras como em atos, como a pessoas consagradas ao serviço de seu Deus. Conseqüentemente, eles eram admitidos em sua mesa. (...) Ele também os converteu em seus companheiros de viagem, achando que assim Deus o ajudaria, já que eles eram seus servos.³

“Bênçãos” para a Igreja

Em questão de poucos anos, os cristãos passaram de uma minoria perseguida para serem os favoritos da corte. Lamentavelmente, este favor governamental não chegou sem pedir algo em troca. Quando um governo decide ajudar o cristianismo de alguma maneira, em geral essa ajuda vem acompanhada da participação do governo na Igreja.

Por exemplo, mencionei que Constantino tinha decretado que as casas de oração que foram destruídas durante a perseguição deveriam ser reconstruídas à custa do dinheiro público. Visto que o Estado estava fornecendo os fundos, Constantino logicamente achou que o estado tinha certo direito de decidir como seriam as novas casas de oração.

Constantino desejava sinceramente promover o cristianismo através de todo o império. No entanto, ele era um homem não regenerado, um homem do mundo. E, logicamente, a única maneira em que poderia promover o cristianismo era através de meios humanos. Ele tinha a certeza de que as anteriores casas de oração dos cristãos seriam insuficientes para alojar as grandes multidões de pessoas que iriam à Igreja agora que ele, o imperador, estava promovendo o cristianismo. De maneira que proclamou um estatuto que *exigiu* que os lugares de adoração cristã através de todo o Império fossem ampliados consideravelmente. E não só isso, ele pôs a construção destes novos templos sob a direção dos governadores provinciais romanos.⁴

Aliás, Constantino decidiu que os edifícios não somente deveriam ser maiores, mas também mais suntuosos. Por que os lugares cristãos de adoração tinham de ser meras casas ou simples construções quando os templos pagãos estavam tão decorados? Não deveria ser tudo o contrário? Não deveria ser a religião verdadeira a que tivesse as construções mais impressionantes? Seguindo este raciocínio humano, Constantino ordenou que as novas igrejas fossem decoradas com colunas impressionantes e tetos abobadados. Ele dispôs para que muitas delas tivessem fontes formosas e elegantes pisos de mármore. Constantino desejava que fosse difícil para um incrédulo passar em frente a uma igreja cristã sem ser tentado a se entrar no edifício para ver mais da sua beleza.

Constantino devaneou seus sentidos pensando em outras formas de “abençoar” a Igreja. Pois cria sinceramente que se abençoasse a igreja, Deus abençoaria o Império.

Muito cedo, Constantino se deu conta de que a maioria dos bispos e anciãos da igreja cristã viviam na pobreza. Ele não achava que isto fosse conveniente para os representantes do único Deus verdadeiro. De maneira que começou a pagar salários aos bispos e idosos à custa dos fundos do Estado. Inclusive, chegou a dar uma de suas residências, o Palácio Laterano, ao bispo de Roma e a seus sucessores. Constantino também isentou a todos os bispos, anciãos e diáconos do pagamento de impostos. Além disso, isentou a todas as igrejas do pagamento de impostos sobre propriedade. Levando-se em conta que os impostos romanos eram muito altos (e que até aumentaram ainda mais durante o reinado de Constantino), estas isenções de impostos vieram a ser um benefício considerável.

E o melhor de tudo foi que o estado concedeu todos estes salários e isenções de impostos sem exigir compromissos em troca. Ou ao menos era o que parecia.

Os donatistas

Na África do Norte, ocorreu uma ruptura na igreja com relação à questão dos líderes da igreja que tinham transigido durante a perseguição diocleciana. Com o tempo, aqueles cristãos que se negaram a se relacionar com os líderes que tinham transigido passaram a ser conhecidos como donatistas. Os outros foram conhecidos como católicos. Em consequência desta divisão, houve dois bispos, dois grupos de anciãos e dois corpos de crentes em Cartago, África do Norte: os donatistas e os católicos. Cada um afirmava ser a igreja legítima nessa cidade.

No passado esta polêmica teria sido um assunto puramente interno da igreja. Mas as “bênçãos” de Constantino à igreja criaram um problema de dimensões completamente novas. Qual bispo receberia o generoso salário oferecido pelo Estado? Qual bispo e qual grupo de presbíteros seriam isentos do pagamento de impostos? Qual bispo estaria a cargo da nova igreja suntuosa que tinha sido reconstruída com o dinheiro do Estado?

O governo de Constantino inicialmente reconheceu Ceciliano, o bispo católico, como o legítimo bispo de Cartago. De maneira que Ceciliano passou a receber o salário do estado, e ele e todos os do seu clero foram isentos do pagamento de impostos. Indignados com isto, os donatistas redigiram uma queixa que apresentaram ao procônsul da África, afirmando que eles eram a igreja legítima de Cartago. O procônsul apresentou a queixa a Constantino. Sem saber o que fazer, Constantino designou o bispo de Roma para que examinasse o caso. Como era de esperar, o permissivo bispo de Roma ficou do lado do bispo católico, Ceciliano, que era seu amigo.

Achando que não tinham recebido um julgamento justo, os donatistas pediram a Constantino que designasse alguém mais imparcial para ouvir o caso. Então Constantino convocou um concílio de bispos na província da Gália (atual França) para ver o caso. O concílio reuniu-se em Arles no ano 314, e uma vez mais eles decidiram a favor dos católicos. Os donatistas, por sua vez, apelaram uma vez mais a Constantino. Nesta ocasião, Constantino em pessoa escutou o caso e também decidiu a

favor dos católicos.

A polêmica dos donatistas criou um precedente, a partir do qual o imperador romano se sentiu no direito de convocar os concílios da Igreja e inclusive de julgar e decidir os assuntos da Igreja. O muro entre a igreja e o Estado tinha se desmoronado em grande parte. Agora os cristãos estavam dispostos a misturar os assuntos do reino de Deus com os assuntos deste mundo.

Constantino, o novo bispo

Constantino nomeou cristãos para que ocupassem altos cargos do governo porque ele achava que Deus abençoaria seu mandato se seu governo fosse formado por cristãos. Ironicamente, só poucos anos dantes, Lactâncio dissera: “Deus talvez tenha conferido a seu povo [i.e., aos cristãos] tanto riquezas como reinos, ao igual que o fez anteriormente com os judeus, dos quais somos seus sucessores e sua posteridade. No entanto, ele deseja que os cristãos vivam sob o poder e o governo de outros, para que não se corrompam por causa da felicidade da prosperidade, caiam na luxuosidade e com o tempo recusem os mandamentos de Deus. Pois isto é o que nossos antepassados fizeram”.⁵

Tal como Lactâncio tinha predito sem querer, uma vez que os cristãos chegaram ao poder, eles se corromperam, caíram na luxuosidade e com o tempo recusaram os mandamentos de Deus.

Àquelas alturas, Constantino considerava-se a si mesmo o “bispo dos que estavam fora da Igreja”. Isto é, os bispos da Igreja eram responsáveis por pastorear os que estavam na Igreja, e Constantino era responsável de ser o pastor espiritual dos que estavam fora da Igreja. Como bispo secular, Constantino promulgou um decreto que proibia os servidores públicos do governo oferecer sacrifícios aos ídolos ou praticar a adivinhação.

Porém, cedo Constantino começou a considerar-se a si mesmo também como o chefe ou o “bispo universal” dos que estavam *dentro* da Igreja.

O reino da teologia

O ano 325 encontrou a igreja enredada numa polêmica inflamada sobre a natureza do Filho de Deus e de seu Pai. Os dois defensores principais nesta disputa eram Alexandre, bispo de Alexandria, e Ário, um ancião ou presbítero da mesma cidade. Considerando-se como uma espécie de bispo universal, Constantino se encarregou de convocar um concílio mundial de bispos na cidade de Nicéia a fim de resolver esta disputa. Ele inclusive dirigiu o mesmo concílio.

Permita-me dar alguns antecedentes sobre a natureza da heresia de Ário discutida no concílio.

A diferença entre “a natureza” e “a ordem”

Desde o primeiro século, a igreja tinha mantido certas interpretações elementares a respeito do Pai e o Filho. Estas interpretações estavam bem fundadas nas Escrituras. Para compreender os ensinamentos históricos da igreja sobre o Pai e o Filho, a pessoa tem que entender a diferença entre “a natureza” e “a ordem”. Na Teologia, “natureza” ou “substância” refere-se à essência ou classe a qual pertence uma pessoa ou criatura. Todos os seres humanos são da mesma natureza ou substância. Nenhum homem ou mulher é menos humano do que qualquer outra pessoa. No entanto, os seres humanos se diferenciam uns dos outros no que diz respeito à ordem ou às posições de autoridade. O presidente tem autoridade sobre o vice-presidente. Estas duas pessoas são iguais em *natureza*, mas se diferenciam em *ordem*.

Pois bem, a igreja sempre ensinou que o Pai e o Filho são da mesma natureza ou substância. O Filho não é algo alheio ao Pai. Ele não tem a natureza dos anjos, mas possui a mesma natureza que o Pai. Tanto o Pai como o Filho são igualmente divinos. O Filho possui a verdadeira divindade, assim como o Pai.

No entanto, existe uma diferença de *ordem* ou autoridade entre o Pai e o Filho. A igualdade de natureza não significa igualdade de ordem. Assim como há uma hierarquia de ordem entre marido e esposa, também há uma hierarquia de ordem dentro da Trindade. Paulo explicou isto ao dizer: “Mas quero que saibais que Cristo é a cabeça de todo o homem, e o homem a cabeça da mulher; e Deus a cabeça de Cristo” (1 Coríntios 11:3). O Pai tem autoridade sobre o Filho. O Filho é enviado pelo Pai. O Filho faz a vontade do Pai. E o Filho assenta-se à destra do Pai. Esta hierarquia de ordem não pode ser invertida. Mas esta diferença na ordem de jeito nenhum diminui a divindade do Filho.

Quando os cristãos não entendem a diferença entre natureza e ordem, terminam com um entendimento confuso sobre a Trindade. E esse era o problema com o ancião do século IV, Ário. Ele confundiu a natureza e a ordem. Devido à hierarquia de *ordem* que há na Trindade, Ário erroneamente achou que também há uma hierarquia de *natureza* ou substância. De modo que ele sustentava que o Filho não é da mesma natureza que o Pai. Ao contrário, dizia que o Filho estava em alguma posição entre os anjos e o Pai.

A solução de Constantino

Como já mencionamos, para esclarecer este assunto, Constantino convocou um concílio mundial na cidade de Nicéia. No entanto, desde a primeira assembleia Concílio de Nicéia, os partidários de Ário logo se deram conta de que iriam perder o debate, já que estavam superados numericamente. Nesse momento, fizeram concessões importantes e pediram tolerância em vista da natureza incompreensível das questões em discussão. Eles inclusive ficaram de acordo a não empregar nenhuma linguagem nem expressões que não aparecessem na Escritura.

No entanto, em vez de se aproximarem de Ário e seus partidários com amor, e com a intenção de acabar com esta divisão teológica na Igreja, os bispos ortodoxos receberam com desdém suas concessões e suas propostas de reconciliação. Para melhor dizer, os bispos procuraram propositadamente uma resolução que tornasse irreconciliável o racha entre as duas partes.

No entanto, nenhum bispo ortodoxo quis sugerir que o concílio fizesse o que anteriormente tinha sido inconcebível: acrescentar algo à Escritura. De maneira que o concílio se encontrava num impasse. Nesse momento, Constantino interveio novamente para “ajudar” a igreja. Ele sugeriu que os bispos mudassem o simples credo que tinha servido à igreja durante 300 anos e lhe acrescentassem a palavra *homoousian* (da mesma natureza), dizendo que o Pai e o Filho eram *homoousian*. Os bispos logo aceitaram a solução de Constantino e adotaram este novo credo.

Como declaração sucinta da divindade de Cristo e da relação do Pai com o Filho, eu acho que o Credo Niceno é um dos melhores. Este credo expressa fielmente o que os cristãos criam sobre o Filho de Deus desde os dias dos apóstolos até o tempo de Constantino.¹

Nicéia: Uma mudança decisiva para a Igreja

No entanto, Nicéia marca uma mudança decisiva na história cristã, porém uma mudança para o pior. Isso porque o credo niceno introduziu quatro novas corrupções na Igreja que a afastaram mais e mais do reino de Deus e do cristianismo original.

1. Os perseguidos convertem-se em perseguidores

Após o Concílio de Nicéia, a Igreja fez correto em excomungar Ário, que era um dissensor que ensinava falsas doutrinas. Nos três primeiros séculos do cristianismo, o assunto teria concluído aí. No entanto, Constantino foi além e desterrou a Ário de sua cidade natal, de Alexandria, à província da Ilíria, do outro lado do Mar Mediterrâneo. Constantino depois ordenou que queimassem todos os escritos de Ário. E o que é pior: Constantino declarou que qualquer um que fosse surpreendido com escritos de Ário seria executado.² Em vez de se oporem a estas medidas, os bispos aplaudiram-nas.

Quatorze anos dantes, os cristãos eram os *perseguidos*. Agora eles eram os *perseguidores*. Constantino chegou a achar que a tarefa mais importante do magistrado civil era preservar e apoiar a fé “católica”. Para Constantino, os hereges ou cismáticos que se opusessem à suas ordens não eram outra coisa senão criminosos rebeldes. Com o tempo, ele começou a adotar quase palavra por palavra a linguagem dos decretos de Diocleciano (que tinha iniciado a última grande perseguição contra os cristãos) e a aplicar essa linguagem aos vários decretos destinados a reprimir os hereges.³

Este novo tipo de perseguição acabou sendo mais perniciosa em seus efeitos do que qualquer outra levada a cabo pela Roma pagã de anos atrás. Esta nova perseguição, diferente da perseguição pagã, não escolheu como alvo todos os que criam em Jesus como seu Senhor e Salvador, mas sim teve como alvo só aqueles a quem a Igreja institucional chamava de hereges. Na verdade, os arianos eram hereges. Mas isso não justificava que os perseguissem. Além do mais, muitos dos que a Igreja perseguiu após isso não eram hereges, mais sim verdadeiros cristãos do reino.

Esta nova perseguição com freqüência não só escolhia como alvo os cristãos inocentes do reino, mas também manchava de sangue as mãos dos próprios perseguidores cristãos, e os arrastava para a conduta depravada do mundo. Os cristãos começaram a imaginar que podiam empregar os instrumentos de Satanás se o fizessem com um propósito “santo”. Esta nova perseguição tornou muito difícil a possibilidade de a Igreja algum dia ser reformada ou restaurada à sua pureza original, visto que qualquer reformador potencial cedo era chamado de herege e depois silenciado.

Ao instituir a perseguição patrocinada pela Igreja, o Concílio de Nicéia desfez qualquer bem que poderia ter resultado do Concílio.

2. Indo para além da Escritura

Em muitos sentidos, o impacto que o Concílio de Nicéia teve sobre a *teologia* foi até mais grave que seu impacto sobre a perseguição. Isso se deveu ao fato de que o Credo Niceno fez com que a ortodoxia dependesse de uma palavra que nem sequer aparece nas Escrituras: *homoousian*. Esta palavra grega significa “da mesma natureza”, e descreve fielmente a relação do Filho de Deus com o Pai, como já analisamos. Eu não tenho objeção alguma ao uso desta palavra.

No entanto, ao converter uma palavra que nunca se usa na Escritura na pedra de toque da ortodoxia, Nicéia abriu uma caixa de Pandora. Pois, basicamente, o Concílio de Nicéia estava propondo que a Escritura era inadequada. O Concílio propunha que havia verdades essenciais, sem as quais não podemos ser salvos, que não estão expressas de maneira específica nas Escrituras. Em vez de confiarem em Deus e crer que suas Escrituras eram adequadas, os bispos do primeiro Concílio de Nicéia se recorreram a uma solução humana para resolver a controvérsia ariana. E o fruto que se seguiu causou mais dano à Igreja do que qualquer prejuízo que Ário teria causado.

Já que os bispos tinham ido além da Escritura, eles quase imediatamente viram a necessidade de declarar que a decisão do Concílio de Nicéia tinha sido inspirada por Deus e que era de igual valor à Escritura. Para melhor dizer: estavam afirmando que as revelações especiais não haviam terminado com os apóstolos. Depois de um lapso de mais de duzentos anos, o Espírito Santo supostamente estava novamente dando uma revelação especial do mesmo nível da Escritura. Até nossos dias, a Igreja Católica Romana e a Igreja Ortodoxa Oriental declaram categoricamente que os pronunciamentos do Concílio de Nicéia e dos outros chamados concílios ecumênicos têm a mesma autoridade que a Escritura.

Com o passar dos séculos, a Igreja acrescentou mais e mais termos extrabíblicos ao dogma do cristianismo. Até lhe acrescentaram termos que eram *contrários* à Escritura. Por exemplo, 460 anos depois, no ano 785 d.C., outro concílio ecumênico, que também se reuniu em Nicéia, fez o seguinte pronunciamento:

Tal como a representação da cruz viva e preciosa, também as imagens veneráveis e santas, tanto em pintura e mosaicos como em outros materiais adequados, devem ser exibidas nas santas igrejas de Deus e nos utensílios sagrados e nas vestimentas. (...)

A estas coisas deve-se dar devida saudação e adoração [no grego: *proskineo*] honrosa, não a verdadeira adoração de fé [no grego: *latria*], a qual pertence somente à Natureza Divina. Mas a estas coisas, como a representação da cruz viva e preciosa e ao livro dos evangelhos e aos outros objetos sagrados, se pode oferecer incenso e velas conforme o antigo costume piedoso. Pois a honra que se dispensa à imagem se transmite a quem a imagem representa, e o que adora a imagem adora ao representado nela. (...) De modo que seguimos Paulo, que falou em nome de Cristo, e a toda a companhia apostólica divina e aos santos pais, mantendo as tradições que recebemos. (...)

Saudamos as imagens veneráveis. Temos por anátema os que não fizerem isto. (...) anátema aos que não saúdam as imagens santas e veneráveis. Anátema aos que chamam ídolos às imagens sagradas.⁴

As Escrituras, como também a igreja primitiva, haviam condenado o uso das imagens. Agora a Igreja condenava os que *não* usavam imagens.

3. A teologia se torna a essência do cristianismo

Após Nicéia, a Igreja chegou a achar que a essência do cristianismo é a teologia. A Igreja acredita que as pessoas podiam ser cristãs simplesmente ao darem a aprovação mental a uma lista de doutrinas... sem uma mudança radical em suas vidas.

E mais ainda: a Igreja já não estava satisfeita com a teologia elementar do evangelho do reino. Ao contrário, agora esta se concentrava em pontos minuciosos da teologia que o cristão comum

provavelmente não chegaria a compreender. De maneira que Nicéia deu origem a um tipo de cristão totalmente novo: o teólogo ou pai da Igreja. E desde o aparecimento destes teólogos, a Igreja não teve um único ano de paz, livre de polêmicas teológicas.

O bispo do século IV, Hilário de Poitiers, disse: “A semelhança parcial ou total do Pai e do Filho é um tema de discussão para estes tempos convulsos. A cada ano, não, a cada mês, inventamos novos credos para descrever mistérios invisíveis. Arrependemo-nos do que fizemos, defendemos os que se arrependem, anatematizamos aqueles a quem defendemos. Condenamos ou a doutrina dos outros em nós mesmos, ou a nossa própria na dos outros. E, rasgando-nos uns aos outros de forma recíproca, temos sido a causa da ruína de todos”.⁵

O século IV foi testemunha de vários concílios da Igreja, e as discussões entre os teólogos tornaram-se cada vez mais viciosas. Estes teólogos, sem exceção, não atribuíam a si mesmos outra coisa a não ser virtude e motivos puros, mas não imputavam nada a não ser maldades e motivos ocultos a seus adversários. Ninguém estava disposto a achar que os erros defendidos por seus adversários poderiam ser inocentes ou que sua fé fosse ao menos sincera.

Ninguém era capaz de se aproximar de seu irmão em amor, numa tentativa de ajudá-lo a ver a verdade. Ao contrário, os teólogos só procuravam refutar e condenar seus adversários. Não é de estranhar que um historiador secular romano desse tempo, Amiano Marcelino, dissesse que a inimizade que os cristãos sentiam uns pelos outros ultrapassava a fúria das bestas selvagens contra os homens.⁶

A de haver decorrido um século após Nicéia, a Igreja já achava que o simples fato de estudar a Bíblia não era suficiente para dar a alguém um entendimento correto da fé. Também era necessário estudar os escritos destes novos pais da Igreja e os decretos dos vários concílios da Igreja. Só pelo fato de homem ser devoto e bem familiarizado com as Escrituras não significava que estivesse capacitado para pregar na Igreja. O que importava não era o conhecimento da pessoa sobre o que as *Escrituras* diziam, mas sim o seu conhecimento do que a *Igreja* dizia.

Uma vez que o veneno deste “novo cristianismo” fez seu efeito até no mais profundo da Igreja, esta declarou que ninguém, não importava o tanto que fosse piedoso, poderia pregar o evangelho (quer dentro quer fora de uma igreja) sem a autorização oficial da Igreja. Preguar sem uma licença tornou-se um delito punido com prisão e até com a morte.

Esta nova lei não foi necessariamente criada porque a Igreja queria deliberadamente manter o povo nas trevas. Parece-me que os motivos da Igreja eram sinceros. Os pregadores sem licença poderiam acabar entendendo as Escrituras erroneamente e desse modo enganar o povo, fazendo com que perdessem a vida eterna. Mas, novamente, a Igreja estava fazendo uso dos meios humanos para resolver problemas, em vez de confiar nos métodos de Deus.

4. A Bíblia é convertida num livro perigoso

Em seu entusiasmo de adotar definições extrabíblicas e uma teologia complexa, a Igreja terminou convertendo a Bíblia num livro perigoso. A Igreja opinava que os cristãos que lessem a Bíblia por conta própria não podiam esperar que chegassem à doutrina “verdadeira”. Tais cristãos quase sempre caíam em heresias. Os cristãos já não podiam escutar o que o próprio Jesus disse com palavras claras. Em vez disso, tinham que crer no que a Igreja lhes mandava que cressem.

Com o tempo, a Igreja chegou ao ponto de achar que uma pessoa poderia acabar perdendo sua alma por ler e crer nas Escrituras. Em consequência disto, em 1229, o sínodo de Toulouse aprovou uma lei canônica que declarava: “Não é permitido aos leigos possuir os livros do Antigo e Novo Testamentos, mas somente o Saltério, o Breviário, ou o Pequeno Ofício da Virgem Bendita. E estes livros não devem estar na língua vernácula”.⁷

A Bíblia foi convertida num livro perigoso. De algum modo as palavras de Jesus e dos apóstolos já não eram seguras para as pessoas incultas lerem.

Será que Deus estaria mudando as regras?

Em um breve período de menos de quinze anos aconteceram enormes mudanças no cristianismo. O reino que não antes não era “deste mundo” agora estava muito vinculado com um reino que de fato *era* deste mundo.

Como em tão curto período de tempo pôde se dar semelhante mudança de valores? Por que os líderes da Igreja não disseram nada a respeito? A razão é que os líderes tinham convencido a si mesmos de que *Deus* estava mudando todas as regras. Todas aquelas coisas que as Escrituras diziam a respeito da não-resistência, de amar os inimigos e de não fazer parte do mundo se aplicavam a uma época diferente, a um paradigma diferente.

Afinal de contas, a maioria dos cristãos achava que Deus realmente estava abençoado a Igreja por meio de Constantino. Dava a impressão de que *Deus* era quem propiciava estas mudanças. Os cristãos tinhamorado pelo fim da perseguição, e tudo isto parecia ser uma resposta a suas orações. Mas, será que tudo isto era uma *bênção* de Deus... ou era na realidade uma *prova* que Deus estava permitindo que Satanás trouxesse contra a igreja? Como podiam saber os cristãos do século IV?

Havia uma maneira bastante fácil pela qual a igreja do século IV podia saber: Bastavam continuar fazendo as coisas à maneira do reino. Simplesmente não deviam se desviar nem no menor ensinamento de Cristo. “Jesus Cristo é o mesmo, ontem, e hoje, e eternamente” (Hebreus 13:8). Até que ele volte, não haverá nenhuma mudança na forma de dirigir o seu reino. Também não haverá nenhuma mudança em suas leis. Se Constantino tivesse sido enviado por Deus como uma bênção, a Igreja não teria necessitado fazer concessão nenhuma. Muito menos teria tido que atenuar sua mensagem. Os cristãos apenas deviam ter permanecido fiéis ao reino de Deus e logo teriam visto se este imperador era uma bênção ou não.

O evangelho é amordaçado

Como já mencionei, Constantino fez de vários bispos e presbíteros seus conselheiros. Isto proporcionava uma magnífica oportunidade para provarem se Constantino tinha sido enviado por Deus ou não. Aqueles conselheiros tão somente teriam que dar conselhos a Constantino sem transigir em questões do evangelho... e depois esperar para ver qual seria sua resposta. Se Constantino recusasse o conselho segundo a vontade de Deus ou se irasse, seu programa não era de Deus. Os homens fiéis de Deus sempre falaram francamente aos governantes. Veja os exemplos de Samuel, Natã, Elias, Isaías e Jeremias. Eles não temiam dizer a verdade de Deus aos reis.

Ou veja o exemplo de João Batista. Os líderes religiosos judeus foram ter com ele e perguntaram o que deviam fazer. João poderia ter pensado: *De fato Deus está abençoando meu ministério! Agora até os líderes judeus desejam vir me escutar pregar. Por meio do seu apoio e da sua ajuda, serei capaz de alcançar a toda a nação judaica!* Não, João não pensou assim, correto? Ao contrário, ele os repreendeu por seus pecados, dizendo-lhes: “E, vendo ele muitos dos fariseus e dos saduceus, que vinham ao seu batismo, dizia-lhes: Raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da ira futura? Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento” (Mateus 3:7–8).

João Batista foi igualmente firme com o Rei Herodes. Herodes considerava João um autêntico profeta de Deus. Como rei, Herodes tinha uma posição que lhe permitia conceder uma enorme ajuda a João. Mas, será que João adulava Herodes, ou suaviza sua mensagem para com ele? Não, nem um pouco. As Escrituras nos dizem: “O mesmo Herodes mandara prender a João, e encerrá-lo maniatado no cárcere, por causa de Herodias, mulher de Filipe, seu irmão, porquanto tinha casado

com ela. Pois João dizia a Herodes: Não te é lícito possuir a mulher de teu irmão. E Herodias o espiava, e queria matá-lo, mas não podia. Porque Herodes temia a João, sabendo que era homem justo e santo; e guardava-o com segurança, e fazia muitas coisas, atendendo-o, e de boa mente o ouvia” (Marcos 6:17–20).

João poderia ter prosperado materialmente, pois era um profeta que contava com o apoio do rei. Mas o silêncio teria implicado aprovação, e isto teria enganado a Herodes e a Herodias. Ao falar claro, João deu a Herodes a oportunidade de se arrepender. Herodes considerava João um varão justo e santo. Se realmente desejasse servir a Deus, Herodes dado ouvido às palavras de João. Mas Herodes não estava disposto a levar a sua cruz. No final, ele se tornou, ainda que contra sua vontade, o assassino de João.

Nosso próprio Rei deixou-nos o exemplo. Quando o jovem rico se foi ter com ele, Jesus escutou respeitosamente o testemunho do homem. E depois lhe disse: “Ainda te falta uma coisa; vende tudo quanto tens, reparte-o pelos pobres, e terás um tesouro no céu; vem, e segue-me” (Lucas 18:22). Como resultado disto, Jesus perdeu a um possível discípulo.

Os líderes cristãos nos dias de Constantino poderiam ter feito o mesmo. Poderiam ter dito a Constantino que se despojasse de suas riquezas e do seu poder. Poderiam tê-lo feito lembrar das palavras de Jesus ao jovem rico. Poderiam lhe ter dito que amasse seus inimigos e que fizesse o bem a eles. No entanto, não o fizeram.

O primeiro imperador crente

Embora a maioria pessoas tenha Constantino como o primeiro imperador crente, na realidade houve um imperador romano anterior que aparentemente tinha professado o cristianismo. Seu nome era Filipe, o Árabe, e reinou por um curto período no século antes de Constantino. Felipe havia-se casado com uma mulher cristã, e ele creu que o cristianismo era a religião verdadeira. Eusébio nos diz:

Após seis anos como imperador romano, Gordiano morreu e Felipe lhe sucedeu. Diz-se que ele foi cristão e quis se unir aos crentes nas orações da igreja no dia da última vigília pascal. Mas o bispo daquele tempo não lhe permitiria entrar até que ele fizesse confissão pública e se unisse aos que eram considerados pecadores e ocupavam o lugar [na igreja] dos penitentes. Caso contrário, se não tivesse feito assim, nunca ele teria sido recebido, devido tantas acusações que tinha contra si. Diz-se que ele aceitou de boa vontade, mostrando por meio de suas ações, quão genuína e piedosamente estava ele disposto a aprender o temor de Deus.¹

Os bispos no tempo de Constantino poderiam ter feito o mesmo. Poderiam ter chamado Constantino ao arrependimento sem ceder. Dessa maneira teriam visto o tanto que sua crença era genuína!

Os sinais de alerta são ignorados

Há vários sinais de alerta que podem indicar que uma pessoa está sofrendo ou a ponto de sofrer um ataque cardíaco. Alguns destes sinais são uma pressão ou dor incômoda no peito, dor no braço esquerdo e falta de ar. Por não darem atenção a estes sinais muitas pessoas já perderam suas vidas.

Da mesma maneira, os cristãos do tempo de Constantino ignoraram os sinais de advertência que Jesus tinha dado com relação ao reino: “Ai de vós quando todos os homens de vós disserem bem, porque assim faziam seus pais aos falsos profetas (...) Bem-aventurados sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por minha causa. Exultai e alegrai-vos, porque é grande o vosso galardão nos céus” (Lucas 6:26; Mateus 5:11–12).

É próprio da natureza humana acharmos que andamos bem quando somos populares e as pessoas

falam bem de nós. Mas não é assim no reino de Deus. Algo vai mal quando o mundo fala bem de nós e deseja ser nosso amigo. Lamentavelmente, os cristãos do século IV, ao que parece, tinham-se esquecido completamente da advertência de Jesus.

Como os ensinamentos de Jesus desapareceram

Trezentos anos antes, os cristãos tiveram que fazer uma mudança radical de paradigma a fim de entrarem no reino de Deus. Mas agora, depois de terem desatendido as advertências de Jesus, os cristãos estavam convencidos de que havia chegado o momento de fazerem outra mudança de paradigma. Pensaram que Deus estava trazendo uma nova era de ouro na qual os cristãos estariam livres de perseguição e poderiam desfrutar do luxo e do poder mundanos. Mas, será que o Novo Testamento diz alguma coisa a respeito de tal era de ouro?

Ah, era exatamente aí onde estava o problema. Nada no Novo Testamento correspondia ao modelo desta nova era, supostamente de ouro. Portanto, a Igreja teve que retroceder ao período do Antigo Testamento para encontrar nas Escrituras um modelo que funcionasse. De maneira que em lugar de avançar, a Igreja *retrocedeu* ao Israel antigo para encontrar seu modelo. Foi, portanto, uma retromudança de paradigma.

Iremos nos referir a este novo modelo como o “híbrido constantiniano”.¹ Tal híbrido foi uma tentativa de adaptar a teologia e as ordenanças do Novo Testamento à moral e ao estilo de vida do Antigo Testamento. E, além disso, foi um esforço de unir o reino de Deus com os reinos do mundo. A metade deste híbrido consistia no governo secular, e a outra metade na Igreja. As duas metades seriam uma só entidade, o novo “reino de Deus” resultado de uma hibridação.

Assim como o reino do Antigo Testamento tinha sido da mesma extensão que as fronteiras físicas de Israel, assim também agora este novo reino de Deus, o híbrido, abarcaria mais ou menos a mesma área que as extensas fronteiras do Império Romano. O reino de Deus já não estaria dentro do coração das pessoas. Agora seria um império visível e tangível. Assim como os israelitas iam à guerra para defender o seu reino e subjugar os inimigos de Deus, agora os cristãos seriam chamados a fazer o mesmo. Os cristãos que não aceitassem o híbrido constantiniano seriam chamados de hereges.

O papel do imperador

Os reis israelitas, como Davi, Salomão e Josias, estavam estreitamente ligados à adoração e à vida espiritual de Israel. Portanto, do mesmo modo, os imperadores romanos agora assumiriam sua “participação legítima” na adoração e a vida espiritual da Igreja. Eusébio escreveu: “[Constantino] exerceu um cuidado especial pelo cuidado da Igreja de Deus. Em qualquer parte das diversas províncias onde alguns que discordassem entre si, ele, à semelhança de um bispo geral constituído por Deus, convocava sínodos de ministros. Também não vacilava nunca em estar presente e se sentar com eles nas suas assembléias. Mais ainda: ele participava em suas deliberações, ministrando em todo assunto pertinente à paz de Deus”.²

O que aconteceu com os ensinamentos de Cristo?

Na primeira parte deste livro, analisamos algumas das leis do reino. O que aconteceu com estas leis sob o híbrido constantiniano? Em geral, o novo híbrido deu toda sorte de explicações para não cumprir nenhum dos ensinamentos do reino de Cristo, exceto aqueles ensinamentos que se adaptassem bem ao modelo do Antigo Testamento. Sob este híbrido, se algo tinha sido lícito para os judeus, agora se considerava lícito para os cristãos. Com isso em mente, repassemos brevemente o que a Igreja híbrida agora ensinava em relação às riquezas, os juramentos, a não-resistência e o divórcio.

As riquezas. Não há nenhum mandamento no Antigo Testamento que proíba acumular riquezas na

terra. Portanto, sob o híbrido, era permitido os cristãos acumularem riquezas terrestres. Também era aceitável manterem ou tentarem obter cargos de poder terrestre. Na realidade, a Igreja agora começava a ensinar que Deus tinha instituído as distinções sociais entre os humanos. Um membro da nobreza não devia viver nem se vestir como camponês, e um camponês não devia tentar viver nem se vestir como um membro da nobreza.

Os juramentos. Já que os juramentos eram lícitos no Antigo Testamento, também o foram no novo híbrido. Além do mais, a Igreja se deu conta de que as multidões de pessoas que tinham entrado nela não eram verdadeiramente regeneradas. Sua palavra não era digna de confiança. De maneira que a Igreja sentiu-se obrigada a reinstaurar os juramentos. Para melhor dizer: os juramentos converteram-se num dos pilares centrais do governo e da sociedade romana e medieval.

A não-resistência. O Antigo Testamento não ensinou a doutrina da não resistência e o amor para com nossos inimigos; portanto, agora a Igreja também não a ensinava. Em questão de poucas décadas, os cristãos deixaram de ser os humildes e indefesos para serem os cruéis e poderosos. Como já analisamos, antes do auge de Constantino, os cristãos nem sequer pegavam em armas para defenderem a si mesmos dos bárbaros pagãos. Agora, não vacilavam em assassinar a seus concidadãos romanos e irmãos cristãos.

O divórcio. Tratando-se do divórcio, as coisas foram um pouco diferentes. Isso se devia ao fato de que o Antigo Testamento permitia o divórcio somente aos maridos e unicamente quando este achasse em sua esposa “alguma coisa indecente”. Embora alguns rabinos judeus interpretassem esta lei de uma forma muito liberal, a Igreja interpretou-a de uma maneira bastante estrita, permitindo um homem divorciar-se de sua mulher só no caso de *porneia*.

No Ocidente, a Igreja interpretou a palavra *porneia* como uma violação das leis levíticas do Antigo Testamento que proibiam o casamento dentro de certos graus de consangüinidade ou afinidade. Por exemplo, um homem não podia se casar com sua irmã ou com sua nora (se veja Levítico 18:9, 15). Visto que o Antigo Testamento tinha-se convertido agora no modelo para a Igreja, esta recolheu a maioria destas leis levíticas sobre o casamento e as pôs em prática sob o regime do novo híbrido. Se um homem, por alguma razão, contraísse um matrimônio que violasse as leis levíticas, esperava-se dele que se divorciasse de sua esposa. (Na atualidade, nos chamaríamos isto de anulação do casamento.) Foi sobre esta base que, séculos mais tarde, Henrique VIII tentou se divorciar de sua primeira esposa, Catarina de Aragão, já que ela era a viúva de seu irmão mais velho.

De maneira que esta nova era, supostamente de ouro, terminou sendo muito parecida à antiga nação de Israel, mas sem as leis cerimoniais e dietéticas judias. Os juramentos, a acumulação de riquezas e a violência autorizada pelo estado eram aceitáveis. No entanto, não se permitiam a imoralidade sexual, a adivinhação, nem a feitiçaria, pois tudo isso era proibido no Antigo Testamento. Quase mil e setecentos anos depois, este mesmo vínculo com a moralidade do Antigo Testamento marca de forma distintiva as Igrejas que surgiram a partir do híbrido constantiniano.

O povo do reino já havia revirado o mundo. Agora o mundo estava fazendo todo o esforço de revirar o reino.

O plano de Deus fora frustrado?

Tudo isso significava que o propósito de Deus havia sido frustrado? As coisas não estavam dando certo como ele havia planejado? De jeito nenhum. Todo o híbrido constantiniano havia se desenvolvido tal como Deus sabia que aconteceria. Todas estas coisas foram preditas nos ensinamentos e nas parábolas do reino de Jesus.

Em duas de suas parábolas, Jesus predisse que seu reino seria muito extenso: “Outra parábola lhes

propôs, dizendo: O reino dos céus é semelhante ao grão de mostarda que o homem, pegando nele, semeou no seu campo; O qual é, realmente, a menor de todas as sementes; mas, crescendo, é a maior das plantas, e faz-se uma árvore, de sorte que vêm as aves do céu, e se aninham nos seus ramos”. E novamente: “O reino dos céus é semelhante ao fermento, que uma mulher toma e introduz em três medidas de farinha, até que tudo esteja levedado” (Mateus 13:31–33).

Ao mesmo tempo, Jesus deixou bem claro que “estreita é a porta, e apertado o caminho que leva à vida, e poucos há que a encontrem” (Mateus 7:14). Ele também disse: “Não temais, ó *pequeno rebanho*, porque a vosso Pai agradou dar-vos o reino” (Lucas 12:32).

Anteriormente analisamos o fato de que, no final, a maioria das pessoas no reino seriam eliminadas. Jesus sabia que o híbrido constantiniano estava a caminho. E ele o usou como uma prova separar os que não amavam nem a ele, nem a seus caminhos.

A era de ouro que nunca aconteceu

Já falei bastante dos aspectos negativos do híbrido constantiniano. Mas seria um erro pensar que não houve aspectos proveitosos também. A Igreja nunca teria mordido a isca se tudo tivesse sido mau. Portanto, vamos dar uma olhada em alguns destes aspectos benéficos.

A mudança visível e mais imediata que o novo híbrido trouxe consigo foi a legalização do cristianismo. O Estado favoreceu o cristianismo e isentou a propriedade da Igreja do pagamento de impostos. Além disto, Constantino fez do domingo um dia feriado, facilitando a população assistir à adoração nos dias de domingo. Ele também declarou ilegal todas as práticas ocultas.¹

O rápido auge do cristianismo, particularmente na esfera pública, esteve acompanhado pela rápida decadência e o extermínio final do paganismo clássico. Apesar de Constantino tolerar a adoração pagã e declarar a liberdade de adoração para todos (exceto para os hereges), proibiu que os servidores públicos do Estado fizessem oferendas pagãs em nome do Estado. Ele também retirou os fundos para a construção de templos pagãos, e converteu alguns templos em igrejas.

No âmbito social, Constantino promulgou uma lei que oferecia ajuda financeira pública às famílias pobres, para que estas não seguissem a prática comum de abandonar os infantes não desejados para que morressem. Ele proibiu os cruéis combates dos gladiadores em muitas cidades, fechou os teatros lascivos e declarou ilegal a prostituição. Constantino também proibiu o concubinato, puniu o adultério e fez com que o divórcio fosse mais difícil de obter.²

O lado escuro do híbrido

Acho que Constantino verdadeiramente queria melhorar a sociedade romana e proibir as coisas que eram ofensivas a Deus. No entanto, ele não era um cristão nascido de novo. Ele era um homem “deste mundo”. Portanto, a única maneira que conhecia para conseguir seus objetivos era por meio dos métodos do mundo, os quais com frequência se tornaram cruéis e brutais. Por exemplo, Constantino fez que o assédio sexual e a sedução se convertessem em delitos bem mais graves do que eram antes. Isso foi bom. Mas as penas que impôs a estes delitos foram horríveis: queimar viva à pessoa acusada, fazer com que as feras selvagens a despedaçassem no anfiteatro, ou derramar chumbo fundido em sua garganta.³

Além disso, Constantino e seus servidores públicos continuaram praticando rotineiramente as torturas, tal como seus predecessores pagãos faziam. Na verdade, com o passar dos anos, Constantino se degenerou num governante cruel e autocrático que torrou os fundos públicos como um marinheiro embriagado. Para pagar seus muitos gastos, Constantino sobrecarregou o povo com alguns dos impostos mais altos que o Império jamais havia experimentado.⁴

A cobiça pelo poder

Como já comentamos, Jesus nos disse que temos que renunciar a tudo. Temos que renunciar a todas as correntes que nos mantêm atados à terra. Temos que renunciar a todas as posses que nos fazem estar ansiosos, a todo tesouro pelo qual nossos corações possam sentir afeto. E o poder terrestre é uma posse tal qual o ouro e a prata. Este é tão embriagante como as riquezas, para não dizer que é mais. Uma vez que as pessoas bebem seu primeiro gole de poder, em geral desejam mais. Logo, logo, estão dispostas a fazer praticamente qualquer coisa para manterem o poder que possuem. Não só isso: se possível, procuram *aumentar* o seu poder. Essa é uma das razões que explica por que os cristãos dos primeiros três séculos exigiam dos altos servidores públicos do governo que

renunciassem a seus cargos se desajassem se converter em cristãos.

Constantino amava o poder terrestre e foi cruel em seu desejo de proteger seu poder. Por exemplo, ele instituiu um sistema de espiões através de todo o Império para que o mantivessem a par de qualquer crítica, qualquer possível adversário e de qualquer preparativo para uma rebelião. Se seus espiões acusassem alguém de traição a Constantino, as autoridades tomavam o acusado e o levavam à força a Milão ou Constantinopla para responder às acusações. Se não havia suficiente evidência contra o acusado, os carcereiros o torturavam até que confessasse seu “crime”. O fato de que o acusado fora cristão não mudava em nada a situação.

Como já mencionei, Constantino e seu cunhado Licínio tinham proclamado em conjunto o edito de Milão no ano 313. Constantino governava o Império Romano Ocidental e Licínio governava o Oriental. Mas Constantino realmente não desejava um Império dividido. Sua ambição era governar *todo* o Império Romano. E Constantino temia que Licínio pudesse ter a mesma ambição.

Portanto, no ano 324, Constantino invadiu o território governado por Licínio. Constantino justificou isto ante a Igreja alegando que Licínio tinha começado a perseguir os cristãos novamente.⁵ Diferentemente de todas as guerras romanas anteriores, nesta guerra contra Licínio os soldados cristãos participaram da própria matança. Constantino pediu aos bispos da Igreja que acompanhassem o seu exército e orassem por eles durante a batalha. Também mandou que se construísse uma cruz enorme como um estandarte de guerra, a qual seus soldados carregaram como um talismã que garantiria a vitória.⁶

Finalmente, as tropas de Constantino foram vitoriosas e Constantino levou Licínio como prisioneiro. Agora ele era o único governante do Império Romano. E proclamou que fora Deus que tinha feito ser assim:

Sem dúvida, não se pode considerar arrogância em alguém que tenha recebido benefícios de Deus, ser reconhecido nos termos mais sublimes de louvor. Eu mesmo, pois, fui o instrumento cujos serviços ele escolheu. Fui eu quem ele considerou apto para cumprir a sua vontade. (...) Por meio da ajuda do poder divino, eu eliminei e tirei completamente toda forma de maldade que prevalecia. Isto foi feito na esperança de que a raça humana, a qual fora iluminada por meio de meus esforços, fosse restituída ao devido cumprimento das santas leis de Deus. E também para que nossa mais bendita fé pudesse prosperar sob a direção de sua mão todo-poderosa.⁷

Após sua vitória sobre Licínio, Constantino fez uma promessa solene a sua irmã, Constância, a esposa de Licínio. Prometeu-lhe que permitiria a Licínio passar o resto de sua vida em paz e tranqüilidade. Ele inclusive confirmou esta promessa com um juramento. No entanto, em menos de um mês, Constantino mandou executar Licínio.⁸ Ele não podia permitir viver a nenhum adversário potencial.

No entanto, já tinha adversários potenciais em todas as partes. De maneira que Constantino não se deteve com Licínio. Muito cedo, Constantino assassinou o seu próprio filho, Crispo. Posteriormente, assassinou a um sobrinho que em sua opinião poderia desejar seu trono. Tudo indica que Constantino inclusive assassinou a sua segunda esposa, Fausta, temendo que ela pudesse estar conspirando.⁹ Todavia, a Igreja fez vista grossa e evitou condenar a Constantino, ou mesmo repreendê-lo, por qualquer um destes assassinatos.

Em seu leito de morte, Constantino legou o Império Romano a seus três filhos (Constâncio, Constante e Constantino II) e a seus dois sobrinhos mais velhos. Os cinco eram cristãos. Roma continuaria sendo um império cristão! No entanto, esses cinco homens, sem exceção, compartilhavam a ambição de Constantino pelo poder. De maneira que pouco tempo após ter morrido Constantino, seu filho Constâncio assassinou os dois sobrinhos que também tinham de ser dirigentes, e massacrou praticamente a todos os varões de ambas as partes de sua família.

Com os dois sobrinhos fora de seu caminho, os três filhos de Constantino dividiram o Império entre si. Sem dúvida, agora poderia haver paz, já que estes homens eram irmãos de sangue e cristãos! Mas o novo cristianismo não se comportou de jeito nenhum como o autêntico cristianismo do reino. Nenhum dos três irmãos estava satisfeito em ter só a terceira parte do Império. Pouco depois, Constantino II invadiu Itália para se apoderar da parte do Império que tinha sido dada a seu irmão Constante. No entanto, Constantino II morreu na tentativa. Esta situação deixou somente dois governantes dos cinco que havia originalmente. Constante governou o Império Romano Ocidental e Constâncio governou o Oriental.

Mas nem mesmo esta simples divisão de poder durou muito tempo. Logo, um general chamado Magnêncio derrotou Constante e apoderou-se do Império Ocidental. Porém, ele não ficou satisfeito em somente possuir o Império Ocidental. Desejando dominar todo o Império, ele e seus exércitos atacaram a Constâncio, o único filho sobrevivente de Constantino. Desta vez, Magnêncio foi derrotado e fugiu para a Gália. Isto deixou Constâncio como o único imperador.¹⁰

Mas, onde estava a era de ouro que supunham que o cristianismo traria ao Império? Houve mais guerras civis nos primeiros *cinquenta* anos do novo Império Romano “cristão” do que nos primeiros *duzentos* anos do Império Romano pagão. Os primeiros imperadores pagãos tinham trazido duzentos anos de estabilidade, prosperidade e paz, a Pax Romana. Os primeiros imperadores cristãos trouxeram um período de guerras civis intermináveis, impostos sufocantes e a rápida decadência do Império.

Valentiniano

Após a morte de Constâncio, um sobrinho de Constantino chamado Juliano converteu-se no novo Imperador. Juliano foi um dos poucos membros de sua família que conseguiu escapar do massacre levado a cabo por Constâncio, o filho de Constantino. Ele tinha visto suficiente do “cristianismo” em ação e não queria ter nada a ver com ele. De maneira que, embora tolerasse os cristãos, Juliano procurou reviver o paganismo clássico no Império. Mas seus esforços fracassaram.

Um ano após a morte de Juliano, um cristão “fiel” da Igreja chamado Valentiniano foi proclamado como o novo imperador. Como cristão católico, Valentiniano viveu uma vida casta, e promoveu muitas leis louváveis. Por exemplo, ele estabeleceu um médico público em cada um dos catorze distritos de Roma para que cuidasse dos pobres. Ele permitiu a liberdade de religião para os pagãos, os judeus e os cristãos de todos os credos.¹¹ A vida sob o governo de Valentiniano deve ter sido a era de ouro que os cristãos estavam esperando. No entanto, não foi assim.

Tal como os imperadores cristãos que lhe precederam, Valentiniano nunca viveu um só dia sem o temor de que alguém lhe desse um golpe e lhe arrebatasse seu precioso trono. Portanto, igual a Constantino, ele fez uso de espões para tentar detectar qualquer deslealdade, particularmente daqueles que podiam se converter em adversários potenciais. Valentiniano media a eficácia de seus governadores e magistrados de acordo com a quantidade de execuções que estes levassem a cabo em seus tribunais. Os espões e os inimigos políticos com frequência apresentavam acusações infundadas inclusive contra cidadãos respeitáveis. As confissões que se obtinham por meio das torturas cruéis eram consideradas como evidência sólida contra os acusados. Muitas famílias ricas ficaram empobrecidas e centenas de senadores, chefes e filósofos padeceram mortes vergonhosas em masmorras úmidas e câmaras de tortura.¹²

Cidadãos inocentes em todas as partes viviam atemorizados de que alguém por qualquer razão os acusasse de traição. Valentiniano adotou a posição de que a suspeita equivalia à prova quando se tratasse de traição ao seu governo.¹³ A ofensa mais mínima ou imaginária poderia resultar na amputação da língua de um cidadão, ou em ser lançado vivo na fogueira. Um historiador fez a observação de que as palavras que Valentiniano mais usou foram: “decapitem-no”, “queimem-no

vivo” e “golpeiem-no com porretes até que morra”.¹⁴ Ele podia observar calmamente os cidadãos torturados se retorcerem em agonia e não sentir absolutamente nenhuma compaixão por eles. Também não achava que isto de alguma maneira violasse suas crenças cristãs.¹⁵

Finalmente, o próprio gênio descontrolado de Valentiniano veio a ser sua ruína. Um de seus servidores públicos tinha convidado um rei bárbaro a um banquete, mas depois, de forma traiçoeira o assassinou no mesmo banquete. Em resposta a este ato, a tribo bárbara do rei assassinado fez represálias contra os romanos, saqueando várias províncias romanas.

Em lugar de se desculpar pelo assassinato e procurar reconciliação, Valentiniano dirigiu a seus exércitos romanos contra os bárbaros e obteve uma vingança sangrenta. Quando os embaixadores dos bárbaros vieram à tenda de campanha de Valentiniano para pedir clemência, Valentiniano se enfureceu tanto com eles que seu rosto ficou quase da cor de púrpura. Valentiniano gritou aos mensageiros até não poder mais. No entanto, devido a sua fúria, um vaso sanguíneo de seu cérebro rompeu-se e morreu instantaneamente.¹⁶

A queda de Roma

Um dos mitos históricos mais duradouros é o de que Roma caiu por ter mergulhado em vícios pagãos, em orgias freqüentes e em entretenimentos sanguinários. Li muitos escritores cristãos que aponta Roma como uma lição do que acontecerá aos Estados Unidos se não restabelecer a moralidade bíblica.

No entanto, Roma não caiu quando foi governada pelos pagãos. Quando Roma caiu, as lutas de gladiadores tinham sido declaradas ilegais e uma rígida moralidade do Antigo Testamento tinha sido imposta sobre a população. Além do mais, quase toda a população estava composta por cristãos.¹⁷

E diante de quem sucumbiu Roma? A representação popular nos dá a imagem de hordas de bárbaros selvagens, seminus e adoradores de Thor, subindo os muros de Roma em massa e massacrando a todos os que se encontravam na sua frente. Mas isto também é um mito. Os povos germânicos que conquistaram Roma não eram selvagens nem incivilizados. Eram meio romanos em sua cultura, e muitos deles tinham sido aliados e até protetores do Império. E mais, eles também eram cristãos professo.¹⁸

A era de ouro que era para florescer nesta etapa nunca se realizou. Temos que admitir que o Império Romano já se encontrava em decadência quando os cristãos o herdaram. Contudo, os cristãos não demonstraram ser melhores dirigentes que seus predecessores pagãos. Em lugar de resolverem os problemas, os imperadores cristãos só os pioraram. Seus impostos sufocantes e suas intermináveis lutas internas aceleraram a decadência que tinha começado sob os imperadores pagãos do século III, até que finalmente caiu todo o Império Ocidental.

Em essência, os cristãos do início do século IV trocaram o reino de Deus pelo reino deste mundo. Isto merece figurar como um dos piores negócios de todos os tempos, junto com a troca que Esaú fez de sua primogenitura por um pouco de guisado. Mas ao menos Esaú comeu o guisado. Os cristãos não só perderam o reino de Deus, mas também o Império Romano.

Os acontecimentos que ocorreram desde a ascensão ao trono de Constantino no ano 312 até a derrubada do último imperador do Império Ocidental no ano 476 deviam ter dado aos cristãos muito em que pensar. Os imperadores romanos pagãos eram vitoriosos na maioria de suas guerras, mas o mesmo não acontecia com os imperadores cristãos. Cristo é o Príncipe da paz. Nesse caso, por que puderam os imperadores pagãos, inclusive os malvados como Calígula e Nero, manter a Pax Romana e os imperadores cristãos não puderam? Por que o Império não tinha somente sobrevivido,

mas também florescido sob os imperadores pagãos do primeiro e segundo séculos, enquanto que caiu sob os governantes cristãos do quarto e quinto séculos?

Já pelo ano 476, devia ter sido óbvio que o híbrido constantiniano não era de Deus.

O modelo do híbrido

Mas a queda de Roma não levou à Igreja ao arrependimento. Também não levou o híbrido constantiniano ao seu fim. Na realidade, a Igreja se converteu na instituição dominante da Idade Média. O modelo social do híbrido continuou através do período medieval: os pecados sexuais, a feitiçaria, o aborto e os entretenimentos lascivos foram condenados (ainda que, no tocante à imoralidade sexual, a nobreza não se ajustou aos mesmos parâmetros). A acumulação de riquezas, a prestação de juramentos e a matança na guerra foram consideradas aceitáveis. Esse foi o modelo nos tempos de Constantino, esse foi o modelo durante a Idade Média... e esse tem sido o modelo na maioria dos governos “cristãos” até nossos dias.

Agostinho: o apologista do híbrido

O Império Romano estava se desmoronando. A Igreja estava se afundando no mundo, em lugar de alvoroçar o mundo. Tanto que o reino de Deus precisava urgentemente de um Paulo ou de um João Batista que de maneira audaz fizesse frente e desafiasse todo o híbrido constantiniano. No entanto, o que a Igreja conseguiu foi o principal *defensor* do híbrido que tenha existido. Seu nome era Agostinho.

Agostinho foi um homem muito característico de sua época; ele aceitou totalmente o híbrido constantiniano e as mudanças que este trouxera à Igreja. Ele foi um apologista muito capaz em favor do híbrido e, infelizmente, não houve nenhum porta-voz talentoso a favor do reino. Portanto, naturalmente, os argumentos de Agostinho prevaleceram.

Mas Agostinho fez bem mais do que só defender o híbrido. Ele também procurou defender o cristianismo ortodoxo contra as afirmações dos hereges, tais como os gnósticos. Seu método consistiu em escutar a posição de seu adversário e depois adotar exatamente a posição contrária para contra-atacá-la.

Para ilustrar isto melhor, representemos uma das doutrinas apostólicas com a cor verde, a qual se obtém da mistura da azul com a amarela. E representemos o ponto de vista herético desta mesma doutrina com a cor azul. O herege tem uma parte da verdade, já que o verde contém o azul. No entanto, o herege não compreendeu toda a verdade. Ele alterou a doutrina apostólica ao omitir uma parte essencial dela; a parte amarela.

Pois bem, o método de Agostinho *não* consistia em trazer o seu adversário de volta à plenitude da doutrina apostólica, representada pela cor verde. Não, Agostinho simplesmente se colocava no extremo oposto e argumentava que o assunto não era azul de nenhuma maneira, mas sim *amarelo*. Desse modo, ele recusava reconhecer que seu adversário tinha ao menos um pouco de razão. E este método foi muito eficaz como meio de ganhar as discussões.

Agostinho pôde ter ganhado as discussões, mas ao fazê-lo anulou o cristianismo bíblico histórico. O amarelo não é nada mais do que a metade da fé apostólica (verde), assim como o azul.

Permita-me lhe dar dois exemplos do que quero dizer.

Agostinho contra os gnósticos

O gnosticismo esteve entre as primeiras heresias que o cristianismo enfrentou. O gnosticismo ensinava que o mundo material era mau, pois tinha sido criado por uma divindade diferente que o Deus do Novo Testamento. Para apoiar sua posição, os gnósticos destacavam o fato de que os ensinamentos de Jesus eram diferentes dos de Moisés. Por exemplo, o Deus do Antigo Testamento tinha mandado os israelitas irem à guerra, mas Jesus dizia a seus discípulos que amassem a seus inimigos. Logicamente, muitos gnósticos aceitavam os ensinamentos do reino de Jesus, mas recusavam todo o Antigo Testamento por considerar ser a obra de outro deus. Eles até negavam que o Filho de Deus tinha sido feito homem.

Os primeiros escritores cristãos, tais como Irineu e Tertuliano, já tinham defendido numa forma muito capaz o cristianismo histórico diante dos ensinamentos do gnosticismo. Estes primeiros defensores da fé argumentaram que não havia nenhum Deus novo entre o Antigo e o Novo Testamento. Mas apenas uma progressão da revelação um do outro. A lei de Moisés fora uma guia que preparou os

israelitas para Cristo. Os ensinamentos de Jesus eram a meta final para a qual a lei estava preparando os israelitas.

No entanto, estes argumentos não concordavam com o híbrido constantiniano. Como já debatemos, o híbrido era basicamente uma combinação da teologia do Novo Testamento com a moralidade e o estilo de vida do Antigo Testamento. Reconhecer que o Novo Testamento introduzia novas e maiores leis morais que o Antigo Testamento significava reconhecer que o híbrido estava equivocado. E tal idéia não servia.

Por esta razão, Agostinho respondeu aos gnósticos (conhecidos em seu tempo como maniqueus), negando sua premissa fundamental. Ele propôs que os ensinamentos de Jesus *não* se diferenciavam dos do Antigo Testamento. Ele dizia que matar era tão lícito sob o Novo Testamento como o foi sob o Antigo Testamento. Agostinho escreveu: “O que há de mau com a guerra? A morte de alguns, que, de todas as formas, logo morrerão, para que outros possam viver em submissão pacífica? Isto é uma mera antipatia covarde e não um sentimento religioso. Os verdadeiros males da guerra são o amor à violência, a crueldade vingativa, a inimizade violenta e implacável, a resistência descontrolada, a ambição do poder, e assim por diante. E em geral, quando é preciso força para se impor o castigo, é com o propósito de castigar estas coisas que, em obediência a Deus ou a alguma autoridade legal, os homens bons fazem as guerras. Pois eles se encontram numa posição tal com relação ao comportamento dos assuntos humanos que uma conduta correta lhes exige agir ou fazer que os outros ajam de determinada maneira”.¹

Sim, mas Jesus não disse que amássemos a nossos inimigos e que não resistíssemos ao que é mau? Agostinho teve uma resposta para isso: “Poderíamos supor que Deus não autoriza a guerra porque nos últimos tempos o Senhor Jesus Cristo disse: ‘Eu, porém, vos digo que não resistais ao mal; mas, se qualquer te bater na face direita, oferece-lhe também a outra’. No entanto, a resposta é que o que se exige aqui não é uma ação *corporal*, mas sim uma disposição *interior*”.² Em outras palavras: é correto matar, contanto que você ame a pessoa a quem mata!

Agostinho continuou: “O Senhor exige paciência quando diz: ‘Ao que te ferir numa face, ofereça-lhe também a outra’. Isto pode ser a disposição interior da pessoa, ainda que não se manifeste numa ação corporal ou por meio de palavras. Pois quando o apóstolo foi golpeado, (...) ele orou que Deus perdoasse os seus agressores no mundo vindouro, mas não pediu que a injustiça ficasse impune naquele momento. Interiormente, ele manteve um sentimento de amor, enquanto que exteriormente desejou que o homem fosse castigado como um exemplo”.³

Esse tipo de lógica pode ganhar um argumento de palavras, mas não é jogar limpo com Cristo. Segundo Agostinho, podemos fazer os mesmos atos brutais que o mundo. Nossas ações podem ser tão violentas como as dos israelitas sob o Antigo Testamento, desde que nossos sentimentos interiores não sejam outra coisa senão bondade, paz e amor.

Seguindo esta forma de argumentação, Agostinho conseguia defender quase qualquer assunto. Por exemplo, Agostinho argumentava que perseguir os donatistas era um ato de amor cristão, já que isso os trazia de volta ao aprisco da Igreja: “Acaso não faz parte do cuidado do pastor trazer de volta ao redil de seu Senhor uma ovelha que abandonou o rebanho depois de encontrá-las, mesmo que a ovelha não tenha sido afugentada violentamente, mas sim se desgarrado por meio de palavras meigas, lisonjeiras e sedutoras? E ele pode trazê-las por meio do temor do chicote, ou até mesmo por meio da dor do chicote, se elas mostrarem sintomas de resistência”.⁴

O que Agostinho não compreendia é que no reino de Cristo os *meios* são sempre tão importantes como o *fim*. Os cristãos não fazem uso de meios maus ou violentos numa tentativa de obter resultados piedosos. *Como* fazemos algo é igualmente importante quanto o *que* fazemos.

A guerra justa

Agostinho costuma ser creditado como o criador da doutrina da “guerra justa”. Mas, na realidade não foi. Os filósofos e os governantes pagãos gregos foram os primeiros a formular uma doutrina da guerra justa. Agostinho só se apropriou do que eles tinham ensinado centenas de anos antes.⁵

Eu vi várias listas dos critérios apresentados por Agostinho como necessários para que uma guerra fosse justa e, portanto, moralmente correta para os cristãos. No entanto, estas listas são um pouco enganosas. Agostinho nunca escreveu um tratado sobre a doutrina da “guerra justa”. E ele nunca formulou uma lista de critérios necessários para uma guerra ser justa. Em vez disso, foram vários teólogos medievais como Tomás Aquino que formularam listas de critérios, e alegaram que estas eram as condições estabelecidas por Agostinho.

A verdade do assunto é que Agostinho *sem dúvida* justificou a guerra, como vimos anteriormente. E ele apresentou várias justificativas para a guerra em suas várias obras. No entanto, o mesmo Agostinho nunca disse que tinham que se cumprir *todos* estes critérios ou aspectos para que uma guerra fosse justa. Mesmo assim, baseados nos escritos de Agostinho, os teólogos medievais sugeriram uma lista de condições que tornariam justa uma guerra. Segundo estes teólogos, seria correto e justo um cristão matar outro homem se:

- O cristão amar o homem que ele está matando.
- O cristão matar numa guerra que se iniciou como último recurso depois de toda outra solução possível ter fracassado.
- O cristão matar somente numa guerra feita para restabelecer os direitos que verdadeiramente foram violados, ou para se defender de demandas injustas impostas à força.
- O cristão matar somente numa guerra feita sob a autoridade de um governante.
- O cristão matar somente numa guerra em que seu lado tem uma possibilidade razoável de ganhar.
- O cristão procurar distinguir entre soldados e civis, e nunca matar civis de propósito.
- O cristão matar somente numa guerra onde a matança é “proporcional” ao fim que se procura.
- O cristão matar somente numa guerra em que o bem que se procura por meio de sua violência superar o mal que a violência produz.
- O cristão matar somente numa guerra em que o lado vencedor nunca exigir a total humilhação do lado perdedor.⁶

Se você é cristão, estas condições lhe devem parecer absurdas. No entanto, talvez não lhe pareçam assim. Isso se deve ao fato de que quase todos nós fomos fortemente bombardeados pelo híbrido constantiniano e também pelos argumentos formulados por Agostinho em favor do mesmo. Portanto, permita-me ajudá-lo a ver em que consiste o absurdo.

Sob o antigo código de guerra considerava-se perfeitamente legítimo e honrável matar a todos os homens do inimigo e violar sexualmente a todas suas mulheres. Já vimos como Agostinho racionalizou a matança de homens. Agora, vejamos como pareceriam estas mesmas condições se as aplicássemos à violação de mulheres. Digamos que é correto e justo que um cristão viole uma mulher se:

- O cristão amar a mulher que está violando.

- O cristão violar as mulheres somente numa guerra que se iniciou como último recurso depois que toda outra solução possível ter fracassado.
- O cristão violar as mulheres somente numa guerra feita para restabelecer os direitos que verdadeiramente foram violados ou para se defender de demandas injustas impostas à força.
- O cristão violar as mulheres somente numa guerra feita sob a autoridade de um governante.
- O cristão violar as mulheres somente numa guerra em que seu lado tem uma possibilidade razoável de ganhar.
- O cristão procurar distinguir entre as esposas dos soldados e as esposas dos civis, e nunca violar as esposas dos civis de propósito.
- O cristão violar às mulheres somente numa guerra onde o ataque violento é “proporcional” ao fim que se procura.
- O cristão violar as mulheres somente numa guerra em que o bem que se procura por meio deste ato violento supera o mal que a violência produz.
- O cristão violar as mulheres somente numa guerra em que o lado vencedor nunca exigir a total humilhação do lado perdedor.

Certamente não foi difícil você perceber o absurdo destes critérios quando se aplicam à violação de mulheres. Por que, pois, é tão difícil ver o absurdo quando se trata de matar os homens em vez de violar as mulheres? É porque quase todos nós fomos bombardeados com a mentalidade do híbrido. Crescemos numa sociedade que aceita e propaga os valores do híbrido. Lembre-se, sob o híbrido, não se atribuiu nenhuma condenação aos pecados de violência, tais como matar e torturar, contanto que estes atos fossem levados a cabo sob a autoridade dos governantes. No entanto, o híbrido quase sempre condenou os pecados sexuais de qualquer tipo.

Os critérios da “guerra justa” são uma clara violação dos ensinamentos de Jesus. Por exemplo, os critérios da “guerra justa” propõem que, para ser justa, uma guerra deve travada para restabelecer os direitos que verdadeiramente foram violados ou para se defender das demandas injustas impostas pela força. No entanto, Jesus já tinha abordado esse mesmo assunto. Ele disse que não devemos resistir ao que é mau. Se alguém quiser lhe tirar sua túnica, permita-lhe que leve também sua capa. Se alguém lhe obrigar a levar carga por uma milha, vá com ele duas. Os cristãos não fazem guerra para restabelecer os direitos; eles sofrem as perdas de boa vontade. Eles oferecem a outra bochecha. Eles não se vingam nem contra-atacam. Também não acreditam que estas coisas possam ser feitas em amor.

Quem decide se uma guerra é justa?

Suponhamos por uns momentos que se uma guerra reunisse todos os critérios mencionados anteriormente, realmente seria justa aos olhos de Deus. Nesse caso, a próxima pergunta teria que ser: “Quem decide se uma guerra reúne estes critérios?” A Igreja? O cristão individualmente? O Estado? Agostinho responde que o estado é quem determina isto. Portanto, como sabem os indivíduos cristãos se a guerra em que estão participando é realmente justa ou não? A resposta é: eles não sabem!

Agostinho reconhecia isto: “Não há poder senão de parte de Deus, que ordena e permite. Portanto, um homem piedoso pode servir sob o domínio de um rei ímpio. Contudo, ele pode cumprir com o dever inerente à sua posição no Estado ao lutar sob a ordem de seu soberano. Pois em alguns casos é claramente a vontade de Deus que ele deve lutar. Mas, em outros casos, pode não ser tão evidente,

pois talvez seja uma ordem injusta da parte do rei. No entanto, o soldado é inocente, porque sua posição faz com que a obediência seja um dever”.⁷

Enfim, até a doutrina da “guerra justa” é uma farsa. Espera-se que o indivíduo cristão obedeça inclusive às ordens injustas de seu rei, e que seja inocente ao fazê-lo. Tal como Agostinho reconhecia, uma pessoa não pode conceder lealdade total a dois reis, um rei terrestre e um rei celestial. Portanto, sua solução era que enquanto estivermos aqui na terra, o rei terrestre deve receber nossa lealdade absoluta. As únicas exceções seriam se o rei nos ordenasse que adorássemos falsos deuses ou nos ordenasse que crêssemos em falsas doutrinas não aprovadas pela Igreja.

No entanto, a solução de Agostinho é totalmente inaceitável para Cristo. Ele não nos permite que ofereçamos uma lealdade superior a nenhuma outra pessoa ou poder. Se um rei terrestre nos der uma ordem que viola os ensinamentos de Jesus, é ao rei terrestre a quem temos que desobedecer, e não a nosso Rei celeste.

O híbrido constantiniano procura eximir os cristãos de qualquer responsabilidade individual para com Cristo. O híbrido propõe que a Igreja decide o que devemos crer e praticar. E enquanto obedecermos à Igreja, estamos livres de qualquer culpa na esfera espiritual. De maneira semelhante, o híbrido diz que é o governante secular quem decide quando é correto matar, torturar, desterrar ou saquear os outros. Enquanto estivermos obedecendo a nosso governo, seremos inocentes diante de Cristo na esfera secular. E desde então, centenas de milhares de cristãos têm matado o seu próximo, e até mesmo os seus irmãos em Cristo, sem sentir nenhuma responsabilidade moral por esse ato. Eles só estão cumprindo ordens.

De fato, a maioria dos governos “cristãos” exige que seus soldados obedeçam a todas as ordens dos oficiais superiores, sem se importar com a integridade moral da ordem. Por exemplo, a Rússia cristã sob o tsarismo exigia o seguinte de seus soldados:

Artigo 87. Cumprir de maneira exata uma ordem recebida de um oficial superior, sem considerar se a mesma é boa ou não, ou se é possível ou não cumpri-la. O oficial superior é responsável pelas conseqüências da ordem que ele dá.

Artigo 88. O subordinado não deve nunca se negar a cumprir as ordens de um oficial superior, exceto quando ele vir claramente que ao cumprir a ordem do oficial superior, ele estará violando...⁸

Tendo em conta que estes artigos foram impostos pela Rússia cristã, poderíamos esperar que o artigo 88 concluísse dizendo: “exceto quando ele vir claramente que ao cumprir a ordem do oficial superior, ele estará violando os mandamentos de Cristo”. No entanto, não era isso o que dizia o artigo. Em vez disto, dizia: “exceto (...) ele estará violando seu juramento de fidelidade e lealdade ao Tsar”.⁹

O *United States Code of Military Justice* (“Código de Justiça Militar dos Estados Unidos”) exige essencialmente a mesma obediência de seus soldados. Este exige que os soldados obedeçam a todas as ordens de seus oficiais superiores a não ser que estas sejam “contrárias à Constituição, às leis dos Estados Unidos, ou às ordens legítimas superiores”.¹⁰

Mas, será que tal código de conduta é aceitável a Cristo com relação a seus cidadãos? De jeito nenhum. Ele deixou bem claro que nossa obediência absoluta pertence a ele. Ele é o nosso Rei pessoal. Não importa o que outras autoridades (eclesiásticas, seculares ou militares) possam dizer contra. O que elas disserem é irrelevante se nosso Rei já tiver falado sobre o assunto. Todos compareceremos perante o trono do juízo *individualmente*, não de forma coletiva.

A anulação da responsabilidade pessoal

Durante a vida de Agostinho, um líder cristão de Grã-Bretanha chamado Pelágio viajou por todo o mundo romano com sua pregação contra a falta de disciplina daquele tempo. Ele, com razão, ressaltava a nossa responsabilidade pessoal perante Cristo. No entanto, ele ou talvez seus seguidores foram um pouco ao extremo. Aparentemente, disseram que nós humanos podemos andar perfeitamente nos mandamentos de Jesus sem a necessidade da graça.

Tal posição era contrária ao cristianismo histórico, o qual ensinava que sem a graça de Deus, ninguém seria salvo no final. Ao mesmo tempo, os cristãos sempre tinham ensinado que *nós*, também, desempenhamos um papel em nossa salvação. Temos que estar dispostos a renunciar o mundo e crucificar diariamente a nossa própria carne e seus desejos. A salvação é um assunto que implica o trabalho conjunto de Deus e com o homem, porque Deus deseja que assim seja.

No entanto, como era seu costume, Agostinho foi ao extremo oposto para enfrentar aos partidários de Pelágio. Agostinho garantiu que nós humanos não temos absolutamente nenhum poder de obedecer a Cristo. Que nós nem sequer temos suficiente livre arbítrio para *escolher* lhe obedecer. Em outras palavras, na realidade não temos nenhuma parte em nossa salvação. Agostinho afirmou que nossa condição humana é o que é porque, antes que fosse criado o universo, Deus decidiu arbitrariamente que seria salvo eternamente e quem seria condenado eternamente. Não há nada que possamos fazer para mudar o destino que ele já decretou para nós antes de nascermos.¹¹

Mas isso anula totalmente todo o sentido geral do evangelho de Jesus! Se o que Agostinho ensinava era verdadeiro qual seria o propósito de Deus ao nos dar o sermão do Monte? Qual seria seu propósito ao nos advertir que devemos edificar nossa casa sobre a rocha, pela obediência a seus ensinamentos? Se o que Agostinho dizia era verdade, não teríamos poder nenhum para obedecer a seus ensinamentos! Isto é, não poderíamos fazer nenhuma das coisas que ele nos pede. Por que nos ele exortaria a edificar sobre a rocha se tal decisão já tivesse sido tomada por Deus antes de termos nascido?

Por que Jesus nos teria advertido que “quem perseverar até o fim” será salvo, se não há nada que possamos fazer para perseverar? Qual foi o propósito de sua parábola de separar as ovelhas dos bodes se tal separação tivesse sido feita antes de Jesus ter vindo à terra? Por que Jesus denunciou os escribas e fariseus se seus atos já tinham sido predestinados por Deus? Sobre que base eram culpados os fariseus se eles simplesmente estavam seguindo o roteiro que Deus tinha escrito para eles? Qual foi o propósito de todas as outras advertências por todo o Novo Testamento? Para que pregar o evangelho se nossa pregação não pode mudar nada com respeito ao destino eterno de alguém?

Com sua prática de ir ao extremo oposto para ganhar um argumento, Agostinho inventou um sistema absurdo que facilmente deve ser desmascarado por qualquer estudante da Bíblia. O evangelho do reino não se estabelece com base em passagens da escritura selecionadas cuidadosamente para apoiar uma postura. Também não se deixa de lado tudo o mais que ensina o Novo Testamento. Mas foi assim como Agostinho criou seu próprio sistema especial, selecionando a seu gosto passagens específicas. Em contrapartida, o evangelho do reino aceita o Novo Testamento em sua *totalidade*. No reino nunca se interpreta uma parte da Bíblia de maneira que anule os ensinamentos de Jesus.

A verdade do assunto é que o próprio Agostinho não cria na sua própria doutrina. Se ele tivesse crido nela, não teria se incomodado em responder aos seguidores de Pelágio. Porque se a doutrina de Agostinho era verdadeira, que importava o que ensinassem os seguidores de Pelágio? Ninguém poderia ser prejudicado por sua doutrina. Ninguém seria afetado em seu relacionamento com Deus. Por outro lado, por que Agostinho afirmava que os hereges e os cismáticos deviam ser perseguidos? Seus erros não poderiam condenar a ninguém. Ninguém perderia a salvação por causa deles, já que

a salvação de todas as pessoas já tinha sido determinada antes da criação do universo.

Em resumo, sob o evangelho do reino, o Novo Testamento é um livro aberto que um cristão inculto pode ler e obedecer de forma muito literal. No entanto, sob Agostinho e a teologia do híbrido constantiniano, o Novo Testamento converteu-se num livro cheio de minas terrestres, que só as mentes treinadas teologicamente podiam identificar e evitar.

Falsificação em nome de Cristo!

A Igreja institucional não se desmoronou quando o Império Romano Ocidental caiu. Na realidade, a queda de Roma só aumentou o poder da Igreja. Após a queda do Império Romano Ocidental, a Igreja se converteu na instituição principal da civilização na Europa ocidental. À medida que os invasores germânicos dividiram Ocidente em reinos “cristãos” menores, o bispo de Roma foi tomando o status desfrutado anteriormente pelo imperador romano ocidental. Agora ele era mais conhecido por todos simplesmente como “o Papa”, e se tinha convertido numa das pessoas mais poderosas do Ocidente.

Com o passar dos séculos, a Igreja Católica Romana continuou crescendo em riquezas e poder. Roma continuou sendo a cidade principal da Europa ocidental, mas agora seus principais rendimentos procediam da Igreja. Milhares de peregrinos viajavam a cada ano para ver a catedral de São Pedro em Roma e olhar para os ossos de São Pedro. Os bons “cristãos” de Roma exploravam a estes peregrinos até não poderem mais. Por toda Roma, os cristãos vendiam pedaços da cruz, ossos dos santos e outras relíquias.

Segundo o híbrido constantiniano, agora o Papa governava em dois cargos diferentes. Ele era o príncipe terrestre de Roma, e também era o bispo universal da Igreja Católica Romana. A fim de justificar os poderes terrestres do Papa, no ano 750 um clérigo papal falsificou um documento legal que pretendia ser uma doação do reinado terrestre de Constantino ao bispo de Roma e a todos seus sucessores. A doação seria válida até o fim do mundo. Este documento fraudulento, conhecido como a *Doação de Constantino*, enganou quase todo mundo na Europa medieval. Partes deste documento fraudulento dizem assim:

Devido ao fato de nosso poder imperial ser terrestre, nós [isto é, Constantino] decidimos honrar reverentemente a Sua Santíssima Igreja Romana e exaltar Santíssima Sé do bendito Pedro e lhe atribuir glória acima de nosso próprio Império e trono terrestre, atribuindo-lhe poder e majestade gloriosa e fortaleza e honra imperial. (...)

Por meio do presente documento concedemos nosso palácio imperial de Latrão, o qual ultrapassa e supera a todos os palácios no mundo inteiro. Também concedemos um diadema, que é a coroa posta sobre nossa cabeça, e ao mesmo tempo a tiara. (...) Também concedemos o manto púrpura e a túnica carmesim e todas nossas indumentárias imperiais. (...)

Para que corresponda com o nosso próprio Império e de maneira que a autoridade pontifical suprema não seja desonrada, mas sim adornada com um poder glorioso maior que a dignidade de qualquer império terrestre, eis aqui, outorgamos ao Santo Pontífice, nosso pai Silvestre, o Papa universal, não só o palácio mencionado anteriormente, mas também a cidade de Roma e todas as províncias, distritos e cidades da Itália e das regiões ocidentais.¹

De maneira que o Papa estava reivindicando não só a liderança secular de Roma, mas também a liderança de toda Itália e das “regiões ocidentais”.

Fazendo uso da falsa Doação de Constantino

Em 755, um povo germânico chamado de os lombardos já havia tomado o controle da maior parte de Itália. O Papa temia que eles também contemplassem a possibilidade de tomar a cidade de Roma. Por favor, saibam que os lombardos eram bons “cristãos”, mas isso não mudava em nada a questão. Os católicos não vacilavam em invadir as terras de outros católicos nem em assassinar o povo católico que vivia nessas terras. Temendo que os lombardos também ocupassem Roma, o Papa Estêvão fez uma viagem a Gália para procurar convencer a Pepino, rei dos francos, de que ele

devia ajudar o Papa. O Papa mostrou a Pepin a falsa *Doação de Constantino* e lhe instou que, como bom rei cristão, “restituisse” as cidades italianas para São Pedro e a seus sucessores, os papas. Deixando-se enganar pela *Doação* falsa, os francos foram em auxílio do Papa, derrotaram os lombardos e devolveram ao Papa umas vinte cidades italianas, criando um bloco de território conhecido a partir dessa data como os Estados Pontifícios.

Logicamente, todo este poder terrestre e os imensos rendimentos tributários procedentes dos Estados Pontifícios converteram o ofício de Papa em algo muito invejável para os homens com motivos nada piedosos. Diferentes facções de famílias poderosas em Roma brigaram entre si para adquirir o “trono de Pedro”. Num ano, quatro homens ocuparam o trono papal, tendo sido assassinados os três primeiros.

Dois reinos, dois nomes

No ano 954, Alberico, príncipe de Roma, preparava-se para ir à batalha quando repentinamente adoeceu com uma febre mortal. Ao perceber que estava a ponto de morrer, Alberico convocou os outros nobres de Roma para o túmulo de São Pedro. Ali, Alberico pediu aos nobres que jurassem sobre os ossos de Pedro que eles fariam de seu filho de 15 anos, Otaviano, como príncipe de Roma após sua morte. Ele também os fez jurar que eles converteriam a Otaviano no próximo Papa, depois que morresse o Papa atual. Os nobres assim juraram.

De maneira que aos quinze anos, Otaviano se converteu no príncipe de Roma. Um ano depois, também se converteu em Papa. A fim de distinguir quando ele estava atuando em sua qualidade oficial de príncipe de Roma, e quando estava atuando em sua qualidade de Papa, Otaviano teve uma brilhante idéia. Na qualidade de Papa, ele adotou o nome artificial de João XIII. Como príncipe de Roma, ele usou seu nome verdadeiro, Otaviano. Ele governava dois reinos, por que, então, não ter dois nomes? O precedente que Otaviano criou de adotar um nome fictício permaneceu como a prática dos papas desde então.

Otaviano (o Papa João) protegeu seu papado e seu principado fazendo-se rodear de grupos de matadores armados. Ele foi tão incrivelmente malvado que um historiador o chamou de “Calígula cristão”.² Era viciado em bebidas alcoólicas, em jogos de azar com apostas grandes e em toda classe de libertinagem que um pudesse se imaginar. Ele praticamente converteu o Palácio de Latrão numa casa de prostituição. Seus contemporâneos apresentaram acusações contra ele que diziam que as mulheres peregrinas estavam sendo violadas dentro da própria igreja de São Pedro.

Finalmente, por meio da ajuda do rei germano Otto, alguns dos sacerdotes e bispos convocaram um concílio para apresentar ao Papa João perante um julgamento eclesiástico. No entanto, o Papa João negou-se a comparecer, e ocultou-se num esconderijo. Depois que os exércitos germanos abandonaram a cidade, o Papa regressou a Roma e desafogou sua fúria sobre os clérigos que tinham testemunhado contra ele no concílio. Um sacerdote foi açoitado até quase morrer. Outro teve a língua arrancada, um terceiro teve a mão cortada e um quarto clérigo teve o nariz e os dedos cortados.³

Persigamos os verdadeiros malfeitores

Mesmo que vários papas foram monstros malvados, a Igreja nunca excomungou nem castigou a nenhum deles por seus assassinatos e por sua libertinagem. Os únicos casos em que os papas eram retirados de seus cargos era quando seus adversários os matavam ou os tiravam do cargo mediante a força.

Por outro lado, enquanto a Igreja fazia caso omissivo da corrupção e da maldade que se praticava em seu seio, ela perseguia os “hereges” com toda sua força. A Igreja os torturava cruelmente e os

lançava em masmorras úmidas, escuras e horríveis. A Igreja também assassinava hereges, com frequência da maneira mais horrível possível. Algumas das vítimas da Igreja realmente defendiam erros doutrinários, em alguns casos se tratava de erros terríveis. Outros eram bons católicos cujo único delito era questionar a autoridade de Roma. Muitos “hereges” eram verdadeiramente cristãos do reino que só procuravam obedecer a seu Rei.

Um dos estatutos germanos promulgados no ano 1215 é muito representativo das leis medievais aprovadas contra os hereges:

Onde se achar que as pessoas são hereges, elas deverão ser acusadas perante a corte espiritual, já que em primeiro lugar devem ser indiciadas pelos eclesiásticos. Quando forem declaradas culpadas, serão apresentadas perante a corte secular, a qual as sentenciará adequadamente. O que significa que serão queimadas na fogueira. Se, porém, o juiz protegê-las, ou se lhes conceder isenções ilegais e não as condenarem, então ele deverá ser excomungado, e da forma mais severa.⁴

Este estatuto continuava estipulando que inclusive qualquer príncipe que protegesse os hereges ou simplesmente deixasse de processá-los também seria excomungado, e todos os seus bens e títulos lhe seriam retirados.

Em 1229, o Sínodo de Toulouse aprovou quarenta e cinco regras sobre como deviam ser perseguidos e castigados os hereges. Algumas dessas regras eram:

- Em cada paróquia, seja dentro ou fora da cidade, os bispos devem unir [por juramento] um sacerdote e dois ou mais leigos de boa reputação para que diligente, fiel e frequentemente procurem hereges em suas paróquias, em casas individuais suspeitas, em habitações subterrâneas, nos anexos das casas e em outros esconderijos.
- A casa onde se encontrar um herege deve ser demolida e a propriedade deve ser confiscada.
- Quem tiver voltado à Igreja involuntariamente, por temor à morte ou por qualquer outra razão, deve ser encarcerado pelo bispo.
- Todos os membros de uma paróquia devem fazer seus votos perante o bispo sob juramento de que protegerão a fé católica e perseguirão os hereges no que estiver em seu poder de fazê-lo. Este juramento deve ser renovado a cada dois anos.⁵

Será que a “época” justifica a Igreja?

Na atualidade, a Igreja Católica Romana reconheceria que os horrores indizíveis que a Igreja medieval impôs aos hereges foram injustos. No entanto, em geral os católicos tentam justificar a conduta da Igreja dizendo que esta só agia dentro das normas da sociedade medieval. A sociedade de nossos dias não admitiria que alguém fosse queimado na fogueira, mas a sociedade medieval, sim, *queria* isso. A Igreja simplesmente marchava ao som de as normas sociais daquela época.

Mas, será que justifica isso a Igreja? Não, absolutamente. Os valores e os mandamentos que Jesus nos deu são permanentes; não mudam com a sociedade. “Jesus Cristo é o mesmo, ontem, e hoje, e eternamente” (Hebreus 13:8). Já que o reino de Deus não é deste mundo, as normas sociais que violam as normas do reino são irrelevantes. Ninguém justificaria um cristão que adorasse imagens pagãs só porque essa era a norma na sociedade em que ele vivia. Jesus não nos disse: “Amái a vossos inimigos... a não ser que o governo e a Igreja digam que os tortureis”.

QUINTA PARTE

Quando ser cristão do reino tornou-se ilegal

O reino clandestino

Na quarta parte deste livro analisamos em detalhe o híbrido constantiniano: o que a Igreja híbrida cria e como agia. Também vimos como agia o estado “cristianizado”. Nesta última parte do livro veremos como o reino de Deus continuou apesar da queda espiritual da Igreja institucional.

O que tem a ver o imperador com a igreja?

Anteriormente, falamos das origens dos donatistas. E vimos que suas origens não foram particularmente heróicas. Eles queriam os novos benefícios que Constantino estava oferecendo à Igreja institucional. Eles também não vacilaram em pedir ao Imperador que intervisse em sua disputa eclesiástica.

No entanto, acabou sendo uma bênção que todas as decisões judiciais resultassem contra dos donatistas. Pois isto os obrigou a retroceder e a reavaliar em que se convertera a Igreja institucional. Seus olhos foram abertos e viram que a Igreja já não era um corpo santo. Pior, esta se tornara numa instituição mundana que agora promovia os ricos e os poderosos. Em consequência disto, os donatistas perderam completamente seu interesse original de obter a aceitação do Imperador. Como o próprio Donato disse: “O que tem a ver o imperador com a igreja?”¹ De modo que agora os donatistas começavam novamente a centrar sua atenção no reino de Deus.

O donatismo esteve limitado quase exclusivamente ao norte da África. Ali existiu junto com a Igreja institucional ou católica. No entanto, havia uma diferença notável entre os dois. Os católicos tendiam a ser urbanos, melhor educados e mais ricos. Os donatistas, por sua vez, provinham principalmente dentre os pobres. Nisto, eles se pareceram muito com quase todos os “movimentos do reino” desde o tempo de Constantino até os tempos modernos.

Vivendo o estilo de vida do reino dentro da Igreja

No entanto, seria um erro pensar que os únicos cristãos do reino após a época de Constantino eram os que faziam parte de grupos parecidos com os donatistas. Temos que admitir que houve outras igrejas do reino, tais como os novacianos. Mas muitos cristãos do reino permaneceram dentro da Igreja Católica.

Embora a Igreja Católica Romana tenha seguido Agostinho na maioria de seus ensinamentos, *não* aceitou seus ensinamentos sobre a predestinação. Por essa razão, em muitos lugares ela continuou ensinando a necessidade de viver em obediência a Cristo. Mas em lugar de apoiar completamente os ensinamentos do reino de Jesus, a Igreja Católica os relegou ao âmbito do “perfeccionismo”. A Igreja ensinava que só os que queriam ser “perfeitos” tinham que viver literalmente os ensinamentos de Cristo. Vale mencionar em seu favor que a Igreja incentivou tal “perfeccionismo” cristão, conquanto este permanecesse sob o controle da Igreja. Em consequência disto, houve dezenas de milhares de cristãos medievais que viveram de maneira muito literal os ensinamentos de Jesus.

Muitos destes cristãos, tais como Francisco de Assis e Tomás de Kempis, seguiram um estilo de vida do reino sob os auspícios de algum tipo de ordem espiritual ou comunidade. Eles viveram vidas calmas de oração, serviço e amor. Outros cristãos do reino eram camponeses rurais analfabetos, bem afastados dos centros de poder e da sofisticação mundana. Outras eram donas de casa que viviam os ensinamentos de Jesus num ambiente familiar.

Logicamente, havia muitas pessoas cuja vida exterior assemelhava-se bastante à dos cristãos do

reino, mas que não tiveram um relacionamento genuíno com Cristo. Alguns esperavam ganhar sua entrada ao céu vivendo uma vida ascética. Muitos eram hipócritas e impostores. Ainda assim, não faltaram os verdadeiros cristãos do reino.

O confronto entre o reino e a Igreja

Como já disse, em geral a Igreja Católica não considerava inconveniente alguém viver uma vida do reino... desde que essa pessoa não fizesse nada que perturbasse o sistema religioso existente. No entanto, quando os cristãos do reino começavam a pregar a mensagem do reino ou tentavam reformar a Igreja, o martelo da Igreja era duro com eles.

Um exemplo disto foi o de Arnaldo de Brescia, um clérigo italiano que tentou reformar a Igreja mundana do século XII. Ele defendia que todos os membros do clero, desde o Papa até o sacerdote do povo, deviam viver como viveram os apóstolos. Ele chamou alguns do clero de cambistas “e covis de ladrões”. Também condenou o sistema papal por ter perdido a visão total da verdadeira missão apostólica. Arnaldo pregava que a Igreja devia se despojar de todo o poder secular e se dedicar exclusivamente ao evangelho de Cristo.²

Qual foi a reação da Igreja? O Papa mandou enforcar a Arnaldo e depois queimá-lo. Suas cinzas foram lançadas ao Rio Tibre que passa por Roma.

Quase ao mesmo em tempo que Arnaldo se encontrava pregando em Itália, um pobre sacerdote aldeão se encontrava viajando descalço através de todas as cidades e povoados do sul da França, pregando o reino de Deus. Pedro de Bruys, como se chamava, atraiu uma grande multidão de seguidores dentre os pobres. Ele ensinava que os templos eram um desperdício extravagante. A igreja, dizia ele, é uma comunidade espiritual que não precisa de edifícios para existir. Também ensinava que as obras feitas em benefício dos mortos eram inúteis. Além disso, pregava contra a missa romana e as orações repetitivas. Pedro de Bruys dizia a seus ouvintes que não deviam venerar ou adorar a cruz nem as imagens. Na realidade, o que fazia era incentivá-los a destruírem qualquer objeto de idolatria.³

Pierre lia os quatro evangelhos aos seus ouvintes e pregava-lhes o verdadeiro reino de Deus. Infelizmente, alguns de seus seguidores não abraçaram completamente a doutrina da não-resistência. Estes destruíram altares e imagens, queimaram crucifixos e destruíram igrejas. Tal como a maioria dos mestres do reino durante a Idade Média, Pierre acabou sendo queimado por seus adversários católicos.

Um último exemplo de pregador medieval do reino foi Henrique de Lausanne, que viajou por todo o norte da França no começo do século XII, pregando o reino de Deus. Ele não só pregava a mensagem do reino, mas também atacava fortemente clero rico. Ele dizia a seus ouvintes que não assistissem às igrejas católicas. Suas pregações e censuras inflamadas atraíram a uma grande quantidade de partidários dentre os pobres. Finalmente, a Igreja usou o poder da nobreza para expulsar a Henri do norte da França.

Depois Henri viajou através do sul da França e o norte da Itália, animando os cristãos em todas as partes a que regressassem à simplicidade dos apóstolos e da igreja primitiva. Em lugar de se fiar na autoridade da Igreja, Henri citava o Novo Testamento como sua única autoridade. Ele dizia aos cristãos que deviam confessar seus pecados uns aos outros. Não era preciso obter penitência nem absolvição de um sacerdote. Milhares e milhares dentre os pobres responderam à mensagem de Henri e centraram suas vidas em Jesus e seu reino.

Aproximadamente em meados do século XII, Henrique de Lausanne desapareceu dos arquivos históricos. Se ele foi capaz ou não de se manter a salvo dos caçadores de hereges e continuar

pregando, não o sabemos. No entanto, o que, realmente sabemos é que suas pregações deram muito fruto.⁴

Traços comuns

Quer tenham sido indivíduos discretos ou membros de um dos movimentos medievais do reino, os cristãos do reino durante a Idade Média em geral tiveram dois traços em comum:

Em primeiro lugar, a vasta maioria deles procedia das classes pobres e incultas. Não é de estranhar que Jesus dissesse: “Bem-aventurados os pobres”. Eles tinham pouco interesse neste mundo, de maneira que era pouco o que tinham que deixar para trás. De fato, o reino dos céus *verdadeiramente* lhes pertencia. Afastados de toda sofisticação e minuciosidades teológica, puderam ver a mensagem singela do reino que aparece tão claramente nos evangelhos. Como Jesus disse: “Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, que ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos” (Mateus 11:25).

Em segundo lugar, eles derivavam sua autoridade unicamente do Novo Testamento, direto dos ensinamentos de Jesus, em especial. Alguns dos cristãos do reino tiveram uma formação teológica formal, mas a maioria não. Em geral, estes cristãos do reino liam e escutavam repetidamente os ensinamentos de Jesus, e os punham em prática muito literalmente.

E é exatamente nisso que consiste, desde seus inícios, o cristianismo do reino.

Os valdenses

Os valdenses formaram o movimento do reino mais significativo da Idade Média. Este movimento começou aproximadamente no ano 1170 na agitada cidade medieval de Lyon, França. Ali vivia um rico comerciante chamado Waldesius.* Ele desfrutava de sua riqueza e lhe encantava poder se mover dentro dos círculos de poder de sua cidade. Waldesius era um bom católico; assistia a missa todas as semanas.

*Ou, Valdesius. Seu nome francês foi Waldes (ou Valdés). Alguns livros se referem a ele como Pedro Waldo, mas provavelmente este não era o seu verdadeiro nome.

Mas num dia depois da missa, Waldesius encontrou-se com um trovador que cantava uma balada a respeito de um cristão do século IV chamado Alexis. Alexis fora um pagão rico e mimado, filho de um senador romano rico. No entanto, no dia em que Alexis ia se casar, Cristo de súbito abriu caminho em sua vida. Comovido até o mais íntimo do seu ser por causa de sua conversão, Alexis deixou tudo: sua família, suas riquezas e até a sua noiva. Depois de mal levar a roupa que vestia, ele viajou através da Europa até a Síria. Ali passou a maior parte de sua vida orando e jejuando, servindo aos outros e compartilhando o amor de Jesus. Ele suportou pobreza e grandes sofrimentos por causa de Cristo.

Anos mais tarde, com uma saúde muito fraca e seu corpo desfigurado, Alexis regressou a Roma. No entanto, a família e os amigos de Alexis não o reconheceram, já que ele lhes parecia simplesmente um mendigo sujo. De maneira que Alexis decidiu manter em segredo a sua identidade. Ele aceitou um emprego servil de seu pai (o qual não o reconheceu), e viveu num quarto pequeno embaixo da escada da casa de sua família. Assim viveu durante dezessete anos, procurando servir aos outros no espírito de Cristo. Quando Alexis morreu, sua família encontrou seu diário entre suas poucas posses, e então se deram conta de quem era ele realmente.

Waldesius sentiu-se muito comovido com esta história, a qual provocou em seu interior uma crise espiritual. Sentindo sua consciência perturbada, Waldesius foi a um sacerdote do lugar à procura de conselho. Ali desabafou, e o sacerdote escutou-o atenciosamente. Depois de várias horas de um sincero intercâmbio de opiniões, o sacerdote pegou sua Bíblia e leu a Waldesius o capítulo 19 de Mateus a respeito do jovem rico. “Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu; e vem, e segue-me” (Mateus 19:21).

Aquelas palavras ressoavam nos ouvidos de Waldesius enquanto se dirigia à sua casa. Sua riqueza deixou de ser uma fonte de felicidade para ele. Para melhor dizer, parecia como uma corrente muito pesada em volta do seu pescoço. Num momento de gozo e alegria espiritual, Waldesius decidiu de repente se libertar das pesadas correntes da riqueza. Agora *seria* um discípulo de Cristo! Desfrutaria dos deleites do tesouro celestial!

Primeiramente, Waldesius usou uma parte de suas riquezas para patrocinar a tradução de algumas partes do Novo Testamento para a língua vernácula que se falava em Lyon. Depois, munido das Escrituras, deu o restante de seus bens aos necessitados.

“Cidadãos e amigos”, dizia Waldesius ao povo de Lyon enquanto lhe doava os seus bens, “eu não estou louco, como vocês podem achar. Só estou me livrando das coisas que me oprimiam. Já que elas me converteram num amante do dinheiro mais do que num amante de Deus. Isto que agora estou fazendo, faço-o por mim e por vocês: por mim, para que se alguma vez voltar a possuir algo, vocês me chamem de tolo; por vocês, a fim de que sejam também guiados a depositar a sua esperança em Deus e não nas riquezas”.¹

Waldesius percorreu toda a cidade de Lyon, pregando a todos o evangelho simples do reino. Sua honestidade e seu exemplo de fé tocaram muitas vidas. Cedo um grupo pequeno de crentes com a mesma visão se congregou com ele. Eles se chamaram a si mesmos de os “Pobres de Espírito”. Seu desejo era tomar cada aspecto dos ensinamentos de Jesus de forma literal e com seriedade. Decidiram provar o gozo do discipulado verdadeiro e intransigente. O reino de Deus tinha chegado a Lyon... e estava alvorecendo a cidade!

Waldesius e seus discípulos não tinham nenhum desejo ou visão de fundar uma nova igreja. Na realidade, não tinham desejo nem sequer de desafiar nem atacar a Igreja Católica. Eles simplesmente queriam viver um cristianismo autêntico dentro do aprisco da Igreja Católica e compartilhar sua alegria com os outros. Eles não ensinaram nenhuma doutrina nova, mas simplesmente pregaram a mesma mensagem que Jesus tinha pregado. Embora algumas pessoas ricas e alguns intelectuais se uniram aos “Pobres de Espírito”, a maioria de seus membros provinha da classe pobre.

Os Pobres de Espírito facilmente poderiam ter se convertido numa sociedade espiritual dentro da Igreja Católica se não fosse por algumas de suas convicções. Em primeiro lugar, eles não solicitaram a permissão da Igreja para fazerem o que estavam fazendo. Em segundo lugar, não tinham intenção alguma de permanecerem no isolamento monástico. Seu desejo era continuar sendo cidadãos de Lyon, levando sua mensagem às igrejas, às praças públicas e aos mercados.

Um dos primeiros discípulos de Waldesius escreveu: “A decisão que tomamos é a seguinte: manter até a morte a fé em Deus e nos sacramentos da Igreja. (...) Decidimos pregar com toda a liberdade, conforme a graça que recebemos da parte de Deus. Isto não deixaremos de fazer por nenhum motivo”.² Menosprezar as doutrinas da Igreja ou desafiar a sua autoridade não passava na cabeça dos Pobres de Espírito. Na realidade, o que faziam era animar seus ouvintes a freqüentarem à igreja mais fielmente. Como poderia a Igreja se opor ao que estavam fazendo?

No entanto, pouco depois, Waldesius e os Pobres de Espírito se deram conta de sua ingenuidade espiritual. A Igreja Católica não era contra o estilo de vida dos Pobres de Espírito. A Igreja julgava que eles simplesmente estavam seguindo o caminho dos “perfeitos”. Era algo bom, mas não necessário. E a Igreja também não era contra suas doutrinas, porque praticamente não tinham nenhuma.

No entanto, o arcebispo não estava tranqüilo com o fato de que os Pobres de Espírito, que não tinham preparação em nenhuma universidade e não tinham sido ordenados pela Igreja, estivessem pregando nas ruas. Desde a época de Constantino, a Igreja procurava manter o monopólio das pregações. Como vimos anteriormente, uma das características do híbrido foi sua crença de que só as pessoas autorizadas pela Igreja institucional podiam pregar o evangelho com toda segurança. De maneira que o arcebispo ordenou a Waldesius que se apresentasse perante ele, e depois exigiu que ele e os Pobres em Espírito deixassem de pregar. Reprendendo severamente a Waldesius, o arcebispo disse que a pregação era questão unicamente do clero.

Agora estava em jogo a vida espiritual de milhares de pessoas. Waldesius poderia ter feito o papel de bom católico e ter dito: “Sim, Vossa Santidade, seja como o mandardes”. Ele e os Pobres de Espírito poderiam ter continuado vivendo o estilo de vida do reino sob a autoridade da Igreja, e sem dúvida teriam continuado atraindo a novos discípulos. No entanto, Waldesius não estava de acordo em deixar de pregar. Em vez disso, para o abalo total do arcebispo, Waldesius olhou fixamente nos seus olhos e sem temor lhe disse: “Pelo contrário, pregar pertence a todos o que escolhem viver verdadeiramente como os apóstolos de Jesus”.³

Nem precisaria dizer que Waldesius provocou a ira do arcebispo e colocou-se a si mesmo numa posição muito perigosa. Mas ele ainda tinha uma confiança ingênua na Igreja Católica. Naquele

tempo estava havendo o Terceiro Concílio de Latrão em Roma. De maneira que Waldesius e alguns dos Pobres de Espírito viajaram a Roma para apresentar seu caso ao Papa em pessoa. O Papa recebeu-os cordialmente e expressou-lhes sua aprovação pela tradução das Escrituras. O Papa inclusive gostou de sua visão. No entanto, disse que qualquer decisão sobre as pregações deveria ser tomada pelo bispo de seu lugar.

Um dos delegados no Concílio, chamado Walter Map, decidiu que ele iria averiguar o quanto eram capacitados estes Pobres de Espírito para pregarem para os outros. Map, que era um monge arrogante procedente de Inglaterra, chamou os Pobres de Espírito para se apresentarem diante dele e de um grupo de outros delegados. Então lhes perguntou:

— Digam-me, vocês crêem em Deus Pai?

— Sim, — responderam os Pobres de Espírito.

— E no Filho?

— Sim.

— E no Espírito Santo?

— Sim.

— E na Mãe de Cristo?

— Sim.⁴

Ao escutar esta última resposta, os delegados do Concílio não contiveram suas gargalhadas. Waldesius e os outros ficaram desconcertados pois não sabiam que tinham dito algo errado. Diante de um coro de zombaria, os Pobres de Espírito foram despedidos do Concílio. O monge Walter Map relatou: “Esta última resposta provocou gargalhadas de zombaria e eles se retiraram, confundidos. E com razão, porque não tinham a ninguém que os orientasse. E ainda assim estas mesmas pessoas esperam guiar os outros!”⁵

O que tinham feito de errado? Centenas de anos atrás, o Concílio de Éfeso tinha dado a Maria o título de Mãe “de Deus”. Portanto, ao dizer que criam na “Mãe de Cristo”, demonstravam que não estavam preparados teologicamente. Mas as Escrituras nunca se referem a Maria como a Mãe de Deus, e os Pobres de Espírito eram um povo das Escrituras. A única coisa que conheciam era o evangelho simples do reino... e isso era tudo de que precisavam saber.

Quando Waldesius e seus irmãos cristãos regressaram a Lyon, continuaram pregando publicamente como o tinham feito anteriormente. Inclusive, esforçaram-se por explicar às autoridades da Igreja local que não eram hereges com algum tipo de doutrina nova. Waldesius até aceitou assinar uma declaração de adesão à fé católica que lhe tinha sido apresentada por um representante papal. Na verdade, Waldesius apenas fez uma notação escrita à mão na declaração de fé papal. Sua nota afirmava que seu chamado a uma vida de pobreza veio como um ato de obediência a Jesus Cristo, e não como um ato de “perfeição” em nome da Igreja.⁶

No entanto, as autoridades da Igreja uma vez mais ordenaram a Waldesius e aos Pobres de Espírito que comparecessem perante eles. E o clero novamente ordenou-lhes firmemente que não pregassem mais. Em resposta a isto, Waldesius citou de cor as palavras de Pedro às autoridades: “Julgai vós se é justo, diante de Deus, ouvir-vos antes a vós do que a Deus; porque não podemos deixar de falar do que temos visto e ouvido” (Atos 4:19–20).⁷

Os membros do clero ficaram furiosos e fizeram que as autoridades civis expulsassem permanentemente de Lyon a Waldesius e aos Pobres de Espírito. No entanto, isto não desalentou o zelo destes pregadores do reino nem um pouquinho. Tal como os apóstolos, eles se regozijaram de serem perseguidos no nome de Cristo. Portanto, agora viajavam por todo o sul da França, pregando o evangelho do reino nas ruas e nos mercados. Também escreviam folhetos e organizavam debates públicos. E ainda falavam bem da Igreja Católica.

A polinização cruzada

Pouco depois, os valdenses (como os chamava agora a Igreja) se reuniram com alguns dos discípulos dos dois pregadores do reino que anteriormente mencionamos: Pedro de Bruys e Henrique de Lausanne. Waldesius pôde ver claramente que estes outros cristãos não eram hereges. No entanto, estes outros cristãos expressavam fortes críticas à Igreja romana. Eles atacavam a Roma por seu mundanismo, suas riquezas e sua aquisição do poder mundano. Também expunham que a veneração de imagens e as orações pelos mortos não eram bíblicas.

Tudo isto era novo para Waldesius e seus discípulos. No entanto, como estudantes sinceros da Bíblia que eram, eles esquadrinharam as Escrituras. E logo se deram conta de que estas críticas eram corretas. Portanto, também começaram a denunciar os erros e pecados da Igreja.⁸

A Igreja Católica não demorou a reagir. No ano 1184, o Concílio de Verona condenou os valdenses como cismáticos perigosos (mas não como hereges). Ao que parece, o mesmo Walter Map que os tinha enganado com suas perguntas capciosas meteu sua mão nisto. Ele escreveu:

Estas pessoas não têm moradas fixas, mas viajam de duas em duas, descalços e vestidos com túnicas de lã. Eles não são donos de nada, mas compartilham tudo em comum, seguindo o costume dos apóstolos. Nus, eles seguem a um Cristo nu. Seus primórdios são extremamente humildes, pois ainda não têm muitos seguidores. No entanto, se os deixarmos a suas maquinações, acabaremos sendo rejeitados de todo.⁹

Uma vez mais, o povo temia que os mansos e humildes alvorçassem o mundo. Finalmente, no ano de 1190, a Igreja condenou aos valdenses como *hereges*, expondo-os à repressão cruel e à morte.

Sem se desanimar, Waldesius e seus discípulos continuaram viajando pelo sul da França. Posteriormente, cruzaram os Alpes rumo a Lombardia no norte de Itália. Ali encontraram os seguidores de Arnaldo de Brescia, outro pregador do reino do qual já falamos. Os pontos de vista destes cristãos italianos (conhecidos como os Pobres da Lombardia) ajudaram aos valdenses a entender que a igreja não deve se envolver com o Estado. Por sua vez, o espírito e o zelo dos valdenses resultaram num estímulo revigorante para os Pobres da Lombardia. De modo que estes consentiram em se unir aos valdenses.

Os valdenses trouxeram a este movimento composto uma forte zelo evangelista. Os Pobres da Lombardia, por sua vez, trouxeram ao movimento a estabilidade de comunidade. Unidos, eles vieram a ser uma força muito revolucionária a qual não podia ser subestimada! Mas este foi um exército sem nenhum tipo de armas, exceto a Palavra de Deus. Unidos, estavam prontos para alvorçar o mundo!

A perspectiva dos valdenses sobre a história

Pouco depois que estes dois movimentos uniram suas forças, Waldesius morreu. No entanto, o movimento continuou, visto que estas pessoas não eram seguidores de Waldesius; eram seguidores de Jesus. Após a morte de Waldesius, os valdenses meditaram mais a respeito de quem eram e qual era o propósito do seu movimento. Eles puderam ver que a Igreja Católica tinha tomado um rumo errado; mas, quando? Ao estudar a história da igreja, os valdenses concluíram de maneira acertada

que o ponto crítico ocorrera nos dias de Constantino.

Os valdenses compreenderam que a história da igreja podia se dividir em dois períodos: o período do testemunho fiel (a igreja pré-constantiniana) e o período da traição (o período que começou com Constantino). Mas, será que isto significava que todos os súditos fiéis do reino tinham desaparecido com Constantino? Os valdenses opinavam que não. Eles achavam que o veneno do híbrido constantiniano não necessariamente tinha chegado a todo membro do corpo de Cristo. Um remanescente fiel da igreja sempre tinha perseverado através do tempo, até chegar a seus dias. A luz do reino tinha-se escurecido, mas nunca se tinha apagado.¹⁰

Os valdenses chegaram a um claro entendimento da natureza dos dois reinos. Eles podiam oferecer sua lealdade suprema aos reinos deste mundo, ou podiam oferecê-la ao reino de Deus. Mas a verdade era que eles não podiam oferecê-la a ambos os reinos. Portanto, decidiram dá-la ao reino de Deus.

As crenças dos valdenses

Os valdenses não promoveram nenhum tipo de crença teológica complicada. Seu sistema de crenças era essencialmente o evangelho do reino. Ao conhecer a fundo os ensinamentos de Jesus, eles ensinavam que nós os seres humanos somos capazes de fazer escolhas, e somos responsáveis pelas escolhas que fazemos. Cada um deve tomar a decisão de viver segundo os ensinamentos de Cristo, e depois ser fiel a essa decisão. “Ninguém pode ser um verdadeiro cristão”, diziam, “se de fato não rendeu sua vida ao Senhorio de Cristo”.¹¹ Eles entendiam corretamente que os ensinamentos de Jesus eram revolucionários e que eram para ser vividos literalmente. De maneira que ensinavam contra a acumulação de riquezas. Também ensinavam contra o uso da espada, que para defesa própria ou na guerra.

Em obediência às palavras de Jesus, os valdenses se negavam a prestar juramentos, apesar de os juramentos serem um pilar importante da sociedade medieval. Além disso, eles se apegaram aos altos padrões de honestidade estabelecidos por Jesus. Chegaram a ser muito conhecidos por sua honestidade. Tanto assim que um pobre homem católico, que erroneamente tinha sido acusado de ser valdense, disse a seus inquisidores: “Não sou quem vocês acham que sou. Eu minto. Sou um bom católico!”¹²

Um folheto valdense dizia o seguinte a respeito do verdadeiro cristianismo:

Muitos são os falsos cristãos, cegos pelo erro, que perseguem e odeiam os que são bons, e deixam viver calmamente os que são falsos enganadores. Mas por isto podemos saber que não são bons pastores já que eles não amam as ovelhas, mas somente a lã. As Escrituras dizem, e sabemos que é verdade, que se alguém é bom e ama a Jesus Cristo, essa pessoa não amaldiçoará, nem jurará, nem mentirá, nem também não cometerá adultério, nem matará, nem roubará, nem se vingará do inimigo. (...)

Atrevo-me a dizer, e isso é verdade, que nenhum dos papas de Silvestre em diante, nem os cardeais, nem os bispos, nem os abades e outros semelhantes, têm o poder de absolver ou perdoar a nenhuma criatura, nem sequer um único pecado mortal. Deus é o único que perdoa, e nenhum outro. Isto é o que os pastores devem fazer: pregar às pessoas e orar com elas, e alimentá-las com o ensino que vem do alto.¹³

Os valdenses eram estudantes apaixonados da Bíblia, e com o tempo eliminaram praticamente todos os aspectos da fé católica que não se encontravam no Novo Testamento. Ainda que eles tinham começado como bons católicos, no final ensinaram contra as práticas e doutrinas não-bíblicas tais como as do purgatório, das missas pelos mortos, das intercessões de Maria e dos santos, da veneração e da adoração de imagens e cruzes, e do suposto poder sacerdotal dos padres.¹⁴

Pregai a Palavra de Deus!

Embora os evangelistas valdenses fossem perseguidos pelas autoridades papais e soubessem que lhes esperava a tortura e a morte se fossem presos, sempre levaram sua mensagem singela do reino a todas partes de Europa. Jesus havia proibido a seus seguidores que chamassem a qualquer pessoa pelo título de Pai. Por isso, os valdenses simplesmente chamavam seus pregadores itinerantes pelo nome de *barba*, que significava “tio”. Seus *barbas* costumavam viajar por toda a Europa de dois em dois. Geralmente, um jovem unia-se a um *barba* mais de idade para aprender em primeira mão o discipulado enquanto viajavam juntos. Com frequência os *barbas* valdenses se faziam passar por comerciantes ambulantes para escapar das autoridades da Igreja.

A cruzada contra os valdenses

Durante quase quatro séculos, os valdenses viveram como animais caçados, sem saber nunca quando os exércitos da Igreja cairiam sobre eles. Várias comunidades valdenses foram arrasadas pela espada. Um de seus últimos baluartes estava localizado no Vale do Piemonte, junto aos Alpes ao longo da fronteira entre a França e a Itália. Em 1488 e 1489 (apenas trinta anos antes da Reforma) os cruzados do Papa caíram sobre os assentamentos valdenses nos Alpes com uma crueldade indizível.

Os “santos” cruzados católicos massacraram a todo valdense que encontraram em sua frente. Estriparam os pais e depois lançaram as cabeças de seus filhos contra as pedras. Eles fizeram os pais marcharem para a sua morte com as cabeças de seus filhos penduradas em seus pescoços.¹⁵

O historiador eclesiástico J. A. Wylie escreveu:

Estas crueldades formam uma cena que é única e sem precedentes na história dos países civilizados. Houve tragédias nas quais se derramou mais sangue, e nas quais mais vidas foram sacrificadas, mas não houve nenhuma na qual os autores estivessem tão completamente desumanizados e as formas de sofrimento fossem tão monstruosamente repugnantes e tão absolutamente cruéis. Neste aspecto os “Massacres de Piemonte” não têm paralelo.¹⁶

No início dos anos 1500, a maioria dos crentes valdenses haviam sido massacrados. No entanto, o movimento sobreviveu a estas horríveis perseguições, ainda que só numas poucas localidades. Mesmo assim, os valdenses não pararam. As comunidades sobreviventes imediatamente começaram a imprimir folhetos, fazendo uso da nova e fenomenal invenção: a imprensa.

A corrente alternativa

Nem todos os movimentos medievais de reforma focaram no evangelho do reino. Ao lado da corrente do reino, também fluiu uma corrente diferente, a corrente dos reformadores agostinianos.

À primeira vista, pareceria que nenhum movimento relacionado a Agostinho poderia ser um verdadeiro movimento de reforma. Afinal de contas, ele foi o apologista de todo o híbrido constantiniano. Mas a Igreja nos dias de Agostinho só fazia menos de um século que a igreja se tornara parte desse híbrido. Com o passar do tempo, a Igreja apartou-se ainda mais dos ensinamentos de Jesus. A veneração das imagens, de Maria e dos santos mal havia começado nos dias de Agostinho. Em seu tempo, não existiam nem indulgências papais e nem cardeais. Os membros da congregação podiam beber do cálice da comunhão.

Portanto, regressar ao cristianismo dos dias de Agostinho era em si uma reforma importante. No entanto, essa reforma encontrava-se sempre dentro do híbrido constantiniano. De maneira nenhuma era um retorno ao evangelho do reino.

Os movimentos agostinianos contra os movimentos do reino

Embora tivessem muitos pontos em comum, os movimentos de reforma agostinianos se diferenciaram significativamente dos movimentos do reino nos seguintes aspectos:

1. A aceitação do híbrido constantiniano. Para começar, todos os reformadores agostinianos aceitaram o híbrido constantiniano. Eles não se opuseram à união da Igreja e do Estado. Na realidade, sempre procuraram levar a cabo suas reformas mediante o poder do Estado.

2. A rejeição da não-resistência. Visto que aceitaram a união da Igreja e com o Estado, os reformadores agostinianos não se opuseram ao uso da espada. Todos eles reconheciam que a espada era necessária para o funcionamento e a preservação do Estado. E já que o Estado estava unido à Igreja, a Igreja não devia se opor a que seus membros participassem da guerra, da execução da pena capital, nem de torturas.

3. A rejeição de outros ensinamentos do reino. Os movimentos agostinianos quase sempre adotaram a mesma forma: A teologia do Novo Testamento (supostamente!) sobreposta à moral e ao estilo de vida do Antigo Testamento. Os reformadores agostinianos ensinavam que não havia necessidade de seguir literalmente os ensinamentos do reino de Jesus sobre as riquezas e os juramentos. Pouquíssimas vezes falavam da separação do mundo. Todavia, vale mencionar em seu favor que os reformadores agostinianos em geral atacavam os acréscimos que a Igreja romana fez ao evangelho após a época de Agostinho. No entanto, todos eles, sem exceção, aceitaram a maioria das mudanças feitas *antes* da morte de Agostinho.

4. Ênfase na teologia mais do que no estilo de vida. Outra diferença entre os movimentos agostinianos e os movimentos do reino foi que os movimentos agostinianos com frequência enfatizavam a *teologia* como a essência do cristianismo. Em contrapartida, os movimentos do reino enfatizavam o *estilo de vida*, e não a teologia. Além disso, a teologia enfatizada pelos reformadores agostinianos foi a teologia de Agostinho. Estes reformadores em geral falavam da autoridade suprema da Escritura. No entanto, na prática, essa autoridade foi a Escritura *interpretada por Agostinho*. Não é por menos que praticamente todos os reformadores agostinianos ensinaram a predestinação absoluta como ponto fundamental de sua plataforma reformadora.

5. A educação. A maioria dos reformadores agostinianos eram homens com educação universitária. Para melhor dizer, em geral estes movimentos reformistas podiam se gabar de contar com pelo menos uma universidade importante que lhes servia como de forte aliada. Já a maioria dos movimentos do reino foi iniciada por leigos, e geralmente não contava com o apoio das universidades.

João Wycliffe

Talvez o mais destacado reformador agostiniano da Idade Média foi João Wycliffe. Ele trabalhou como professor de filosofia e teologia na Universidade de Oxford na Inglaterra do século XIV. Wycliffe foi popular nos círculos acadêmicos ingleses do seu tempo, e contou com o apoio da corte real inglesa.

Tal como os reformadores agostinianos que o seguiram, Wycliffe ensinou contra a maioria das mudanças na Igreja Católica após a época de Agostinho: a doutrina da transubstanciação; a veneração ou adoração das relíquias, as imagens e os santos; e o concessão de indulgências.¹

Wycliffe também rejeitou as reivindicações exaltadas do Papa. Na verdade, ele chamou a Igreja romana de “a sinagoga de Satanás”, e disse que o Papa era o anticristo. Wycliffe viu corretamente que “Pedro e Clemente, junto com outros colaboradores na fé, não tinham sido papas, mas sim colaboradores de Deus na obra da edificação da igreja de nosso Senhor Jesus Cristo”.² Wycliffe queria que a Igreja nacional na Inglaterra fosse independente do Papa. Ele denunciou a todas as ordens religiosas com palavras das mais cortantes, atrevido-se a ponto de dizer que ninguém poderia ser um verdadeiro cristão se pertencesse a uma ordem.³

Em seus escritos, Wycliffe atacou ferozmente as riquezas da Igreja Católica. Aliás, ele ensinou que nem os clérigos nem a Igreja deviam possuir nenhuma propriedade.⁴ No entanto, Wycliffe não chegou ao ponto de abraçar todos os ensinamentos de Jesus contra a acumulação de riquezas na terra. Ele não se incomodava que os reis e os membros da nobreza entesourassem riquezas na terra; simplesmente não desejava que a Igreja fizesse tal coisa. Wycliffe inclusive chegou a dizer que se a Igreja não cedesse à coroa suas imensas propriedades, a coroa deveria se apoderar delas à força. Foi exatamente isso o que fez Henrique VIII aproximadamente 150 anos após a morte de Wycliffe.

Igual aos outros reformadores agostinianos, Wycliffe aceitava completamente o híbrido constantiniano. A única parte de dito híbrido que ele recusava era a falsa *Doação de Constantino* à qual me referir anteriormente. Nos dias de Wycliffe, este documento ainda era aceito como autêntico. Já que Wycliffe achava que o Estado era o irmão gêmeo da Igreja, ele ensinava que um Senhor secular tinha que viver num estado de retidão. Ele dizia: “Ninguém que esteja em pecado mortal é Senhor de nada”.⁵ Isto é, se um governante está vivendo em pecado mortal, ele automaticamente perde seu cargo de liderança e seus súditos já não precisam lhe obedecer. Isto, logicamente, se opõe diretamente ao que ensina o Novo Testamento. Praticamente todos os imperadores romanos viveram em pecado mortal. Mas Paulo disse que devíamos nos submeter a eles, e não *os depor*. O ensinamento de Wycliffe preparou as bases para uma revolução armada se o corpo cristão achasse que o rei ou qualquer outro líder estava vivendo em pecado (ou pertencia a uma igreja errônea).

Tal como Agostinho, Wycliffe cria na predestinação absoluta. Ele ensinava que antes de as pessoas nascerem, estão inalteravelmente predestinadas quer para a vida eterna quer para a perdição eterna. Segundo ele disse, isto não é o resultado do conhecimento prévio de Deus, mas sim de sua decisão arbitrária. Wycliffe escreveu: “Eu insisto como uma questão de fé que tudo o que acontecer, acontecerá por necessidade. Portanto, se se sabe de antemão que Paulo será perdido, ele não conseguirá ter o verdadeiro arrependimento.”⁶

Diferindo dos pregadores do reino na França e Itália, Wycliffe quis levar a cabo uma reforma por meio do poder do Estado. Desde o começo, Wycliffe trabalhou dentro dos círculos de poder de Inglaterra, e o rei e outros membros da nobreza o protegeram do Papa. Na realidade, o protetor especial de Wycliffe foi John de Gaunt, um duque que tinha uma grande influência sobre o idoso Rei Eduardo de Inglaterra.

A Igreja Católica declarou que muitas das proposições de Wycliffe eram heresias. No entanto, graças a seus amigos poderosos, Wycliffe conseguiu escapar da fogueira. No ano 1384 morreu de morte natural. Contudo, quase 50 anos após sua morte, a Igreja mandou que exumassem o seu corpo, que o queimassem até convertê-lo em cinzas e que o lançassem ao rio.

Os lolardos

A influência de Wycliffe se manteve viva na Inglaterra por meio de seus discípulos aos quais os católicos chamaram de lolardos. Wycliffe sempre defendera a autoridade da escritura acima da autoridade da Igreja. Um dos grandes feitos dos lolardos foi sua tradução da primeira Bíblia inglesa. Embora na atualidade esta primeira Bíblia inglesa se atribua ao próprio Wycliffe, na realidade a tradução foi feita por seus discípulos e amigos.⁷

A princípio, os lolardos incluíram em seu grupo muitas pessoas abastadas e de poder. Ainda muito influenciados pelo híbrido constantiniano, em 1394 os lolardos apresentaram um panfleto perante o Parlamento inglês, solicitando-lhe que reformasse a Igreja. No entanto, as reformas que eles propunham eram uma mistura interessante de ensinamentos agostinianos e do reino. Em seu panfleto os lolardos atacavam o celibato do sacerdócio, a água benta, as rezas pelos mortos, as peregrinações a Roma, as rezas e as oferendas às cruzes e às imagens, e a confissão aos sacerdotes.⁸ Eles exigiam o fim da prática do Papa ou de seus bispos de realizar todas as ordenações na Inglaterra.⁹

Os lolardos, além disso, atacavam a prática do clero de ocupar ao mesmo tempo cargos espirituais e cargos governamentais, dizendo:

Ter o rei e o bispo numa só pessoa, o prelado e o juiz sobre causas temporárias, o padre e o oficial no cargo secular, leva qualquer reino para longe de uma boa administração. Pode-se provar claramente esta conclusão porque o temporal e o espiritual são duas metades da Santa Igreja em seu conjunto. E portanto, o que se dedicou a um destes cargos não deve se intrometer no outro, já que ninguém pode servir a dois Senhores.¹⁰

Tal como Wycliffe, os lolardos não tinham um entendimento completo do evangelho do reino. Eles queriam separar os cargos seculares dos religiosos, mas continuaram achando que os poderes seculares e religiosos em conjunto formavam a “totalidade da Santa Igreja”. Isto é, o reino de Deus continuava casado com o Estado.

No entanto, após a morte de Wycliffe, os lolardos se apartaram um pouco da teologia agostiniana e se aproximaram mais do evangelho do reino. Por exemplo, apesar do entendimento imperfeito que tinham do reino, os lolardos perceberam que a guerra era incompatível com o cristianismo:

A matança de homens na guerra, ou por meio de uma suposta lei de justiça por uma causa temporária, sem uma revelação espiritual, opõe-se expressamente ao Novo Testamento que deveras é a lei da graça e cheia de misericórdias. Esta conclusão demonstra-se claramente por meio dos exemplos da pregação de Cristo aqui na terra, pois ele de forma especial ensinou ao homem a amar a seus inimigos, a mostrar misericórdia e não matá-los. A razão é a seguinte: (em geral) quando os homens guerreiam, o amor se esquece após o primeiro golpe. E quem morre sem amor cai direto no inferno.

Além disso, sabemos bem que nenhum clérigo pode por meio da Escritura ou de algum motivo lícito remitir a pena de morte por um pecado mortal e não por outro. Mas o Novo Testamento é a lei da misericórdia, e proíbe todo tipo de matança. Pois o evangelho diz: “Ouvistes que foi dito aos

antigos: Não matarás” (...) [Os cruzados] não merecem agradecimentos do Rei da Paz. Já que é por meio da humildade e da paciência que se multiplica a fé. Cristo Jesus aborrece e ameaça aos homens que brigam e matam, pois ele diz: “Os que lançarem mão da espada, à espada morrerão”.¹¹

Como era de se supor, o Parlamento não aprovou estes artigos lolardos. Na realidade, dentro de poucas décadas, a coroa e a Igreja Católica uniram-se numa tentativa de exterminarem completamente os lolardos. Os poderes católicos perseguiram os lolardos cruelmente, e muitos deles foram queimados na fogueira. Outros se retrataram de suas doutrinas quando foram confrontados com a tortura e a morte. Os sobreviventes permaneceram na clandestinidade. Os lolardos continuaram reunindo-se, mas em secreto. Em suas reuniões simples enfatizavam o estudo da Bíblia e a pregação da Palavra.¹²

Depois que o movimento lolardo perdeu o apoio do rei e da nobreza, começou a assumir muitas das características dos movimentos medievais do reino. Seus membros agora eram quase exclusivamente comerciantes, camponeses e pobres urbanos. A Igreja Católica nunca conseguiu exterminá-los, de maneira que os lolardos ainda existiam quando a Reforma chegou à Inglaterra.¹³

No entanto, o que a Igreja Católica não pôde fazer, a Reforma fez. Os lolardos sobreviventes foram absorvidos pela Reforma inglesa e sua teologia agostiniana. Após a época da Rainha Maria (1553–1558), eles perderam seus ensinamentos característicos e sua identidade.

Os valdenses encontram-se com os reformadores suíços

No início do século XVI, a corrente agostiniana que tinha sido muito débil durante a Idade Média de repente tornou-se popular na Alemanha por meio do ensino de Martinho Lutero. Ao mesmo tempo, tal corrente jorrou na Suíça com o principal reformador dali, cujo nome era Ulrico Zuínglio. Como era típico dos reformadores agostinianos, tanto Lutero como Zuínglio eram homens universitários bem educados. Ambos também eram admiradores de Agostinho e bem versados em seus escritos.

Zuínglio, filho de um magistrado suíço, foi um notável patriota, humanista, pregador e estadista. Também foi sacerdote ordenado que serviu como capelão militar para os mercenários suíços que lutavam em nome do Papa. Em 1519, Zuínglio foi nomeado pastor da igreja principal em Zurique, Suíça.¹

Quando aceitou o cargo, Zuínglio não tinha a intenção de começar uma Reforma. No entanto, em suas pregações, ele decidiu não seguir as interpretações dos teólogos católicos medievais. Em vez disso, seguiu sua própria interpretação da Escritura; interpretações que foram muito influenciadas por Agostinho.

Zuínglio foi uma figura pública popular, e os magistrados civis em Zurique não se opuseram à sua pregação. Na realidade, eles inclusive ordenaram aos outros sacerdotes que pregassem somente as Escrituras e que guardassem silêncio com relação aos acréscimos humanos. Em 1522, Zuínglio pregou um sermão que demonstrava que a proibição de comer carne durante a Quaresma não tinha fundamento na Escritura. Isto provocou uma tempestade que levou Zuínglio a um conflito aberto com a Igreja Católica e causou uma comoção considerável em toda a Suíça.

Zuínglio pediu à magistratura que convocasse um debate público sobre o tema da Quaresma, e eles assim o fizeram. No debate, Zuínglio convenceu tanto à multidão como à magistratura. Com o respaldo do Estado, Zuínglio iniciou uma importante reforma na Igreja em Zurique. A meta de Zuínglio passou a ser reformar em sua totalidade a vida religiosa, política e social de todos os cidadãos, baseando-se no poder das Escrituras (segundo a interpretação do próprio Zuínglio).²

Já que todos os bispos católicos suíços se opuseram à Reforma, a magistratura civil de Zurique interveio e assumiu os direitos de administração e de jurisdição até então em mãos dos bispos católicos. Em 1525, os magistrados confiscaram todas as propriedades que pertenciam à Igreja, e começaram a controlar a educação do clero.³

Lamentavelmente, Zuínglio aceitou completamente o híbrido constantiniano. Ele pregava o evangelho agostiniano, não o evangelho do reino. Zuínglio arrancou pela raiz aquelas práticas católicas romanas que tinham sido acrescentadas desde a época de Agostinho. Mas tal como todos os outros reformadores agostinianos, Zuínglio se recorreu ao poder do Estado para levar a cabo as suas reformas. E não vacilou em usar a espada para fazer avançar o seu movimento. Inclusive, Zuínglio morreu no campo de batalha enquanto servia como capelão de seu exército reformado.⁴

O encontro com os valdenses

Ao sul de Zurique, um amigo e partidário de Zuínglio, Guilherme Farel, encontrava-se pregando doutrinas reformistas na cidade de Aigle, na orla leste do lago Léman. Este ardente pregador atuou

sob a proteção do governo civil do cantão de Berna, e persuadiu a milhares de pessoas para que se unissem à Reforma Suíça.⁵

Enquanto isso, as notícias da Reforma tinham chegado aos valdenses na Itália. Portanto, eles enviaram dois *barbas* a Alemanha para saberem mais respeito dela. Os dois homens escolhidos pelos valdenses eram muito diferentes em seus temperamentos. O maior dos dois, a quem conhecemos como Giorgio, era uma pessoa serena, madura e prudente. O outro *barba*, Martin Gonin, era jovem e enérgico, mas muito impressionante. Juntos, Giorgio e Martin cruzaram os Alpes Suíços a pé e lentamente se dirigiram à cidade suíça de Aigle. Eles planejavam passar só uma ou duas noites ali e depois continuar sua viagem para a Alemanha. No entanto, estando ali, logo ouviram falar de Guilherme Farel e sua pregação da Reforma. De maneira que marcaram um encontro com Farel, o qual lhes apresentou as doutrinas da Reforma. O enérgico Farel impressionou bastante o jovem *barba*, Martin Gonin.⁶

Após ter escutado tanto a respeito da Reforma, os dois *barbas* decidiram apresentar um relatório a seus irmãos na Itália, em vez de continuarem sua viagem para a Alemanha. O jovem valdense, Martin Gonin, regressou à Itália muito entusiasmado com a Reforma. No entanto, o *barba* mais adulto, Giorgio, expressou suas reservas quanto a unir-se à Reforma. Ele havia escutado e visto o suficiente para saber que havia diferenças significativas entre as crenças e práticas dos valdenses e as dos reformadores suíços.⁷

Os valdenses discutiram o assunto em suas congregações durante quatro anos. Finalmente, decidiram enviar para a Suíça quatro novos representantes para conferenciarem um pouco mais. Farel e seus companheiros reformistas suíços deram calorosas boas-vindas a estes quatro representantes dos valdenses. Aqui estavam os heróis que por mais de 300 anos estiveram quase sozinhos contra Roma! “Nunca mais terão que estar sozinhos”, garantiram os reformistas suíços aos valdenses. “Aqui estamos para ajudá-los”.

As circunstâncias agora não se diferenciavam muito das que enfrentaram os cristãos do século IV quando Constantino lhes ofereceu sua “ajuda”. Os valdenses agora enfrentavam a mesma prova. Eles tinham encontrado nos reformistas suíços vizinhos praticamente do lado que queriam aceitá-los em sua irmandade. Quem sabe séculos de orações agora finalmente estariam sendo respondidas. Talvez Deus estivesse abrindo uma nova porta para eles.

No entanto, havia uma armadilha em tudo isto. “Só há umas poucas coisas que precisamos que vocês mudem a fim de poderem se adaptar completamente à Reforma”, disseram os reformistas aos representantes valdenses. Bom, as “poucas coisas” não foram nada menos do que uma renúncia total do cristianismo do reino. Os valdenses escutaram o que os reformistas tinham para lhes dizer e combinaram de se comunicarem com eles posteriormente, após relatarem a conferência a todo o corpo dos valdenses.⁸

Os representantes voltaram à Itália e informaram sobre seus achados. Cedo houve uma separação tripla entre os valdenses. Os conservadores tinham escutado o suficiente perceberem que os reformadores não eram cristãos do reino. Eles desejavam se manter separados dos reformadores. No outro extremo estavam os liberais, como Martin Gonin, quem opinavam que os valdenses deviam se unir à Reforma, fazendo qualquer mudança que fosse necessária para se adaptar. No último grupo encontravam-se os centristas, que queriam manter mais diálogos com os reformadores.⁹

Já que os liberais e os centristas formavam a maioria, eles convidaram a Guilherme Farel para que viesse da Suíça e se dirigisse a uma assembléia geral da igreja valdense. Numa campina próxima da aldeia de Chanforans, Itália, os valdenses reuniram-se para discutirem o seu futuro. O persuasivo Farel foi capaz de influenciar a maioria do corpo para que se unissem à Reforma. Naquele lugar, a maioria dos valdenses concordou em adotar as seguintes posições:

- O cristão pode jurar pelo nome de Deus sem infringir ao que está escrito em Mateus 5, com a condição de que quem jurar não tome em vão o nome de Deus.
- A confissão oral [dos pecados] não é um mandamento de Deus, e se determinou segundo as Sagradas Escrituras que a verdadeira confissão do cristão é confessar somente a Deus.
- O cristão pode exercer o ofício de magistrado sobre cristãos que fizerem o mal.
- Todos os que foram e serão salvos foram escolhidos por Deus antes da fundação do mundo.
- O ministro da palavra de Deus não deve viajar de um lugar para outro, exceto quando for para um benefício muito importante da Igreja.¹⁰

Para Farel e os reformadores, esta foi uma grande conquista teológica. Os valdenses em essência concordaram em renunciar praticamente a tudo o que seu movimento tinha sustentado. Durante séculos, eles haviam sofrido uma perseguição horrenda nas mãos dos católicos antes de interromperem sua pregação itinerante. No entanto, agora renunciavam à mesma pregação sem derramarem uma gota de sangue. Em Chanforans, eles inclusive concordaram em renunciar a prática da pobreza voluntária.¹¹

Para piorar, a rendição espiritual em Chanforans fez os valdenses consentirem em comissionar uma nova tradução francesa da Bíblia para substituir a tradução valdense que eles vinham usando há séculos.¹²

Era o fim de um dos movimentos do reino mais importantes na história cristã. Na verdade, os valdenses continuaram existindo. Converteram-se em cristãos reformados exemplares, portando a espada de bom grado em defesa de suas crenças. Eles enxergaram o “erro” de terem obedecido literalmente a tantas passagens da Bíblia. E na atualidade ainda estão entre nós. No entanto, o seu testemunho do reino não está mais.

A nova Sião em Genebra

Depois da conferência em Chanforans, Guilherme Farel mudou-se para Genebra, onde se tornou amigo de um jovem pregador muito dotado chamado João Calvino. Farel persuadiu Calvino a escrever o prefácio da nova tradução reformada que os valdenses tinham consentido em usar. Farel também convenceu Calvino a ficar em Genebra e dirigir a Reforma lá. Logo Genebra converteu-se no centro da Reforma Suíça.

Igual a Zuínglio, Calvino aceitou o híbrido constantiniano sem reservas. Em lugar de conduzir Genebra de volta ao evangelho do reino, Calvino quis estabelecer em Genebra um estado semelhante ao Israel do Antigo Testamento. Todos os cidadãos do estado *teriam* que aceitar a Reforma e assistir aos cultos. E o Estado estaria ativamente envolvido na obra de estabelecer e manter uma doutrina “verdadeira” e uma vida piedosa. Para aqueles que apoiavam fortemente a Calvino, isto era um sonho feito realidade.

No entanto, para os que não estavam de acordo com Calvino nem com suas reformas, este foi um reino de terror. Para manter a disciplina sobre a população, os reformistas de Genebra criaram uma corporação conhecido como consistório. Este era composto por todos os pastores da cidade, junto com doze presbíteros. Os cidadãos que se opusessem à doutrina de Calvino ou que não assistissem aos cultos da Igreja eram citados perante o consistório para que fossem disciplinados.¹ O consistório cumpria sua missão com grande entusiasmo. Para isso, vários servidores públicos foram postos em vários distritos da cidade com o objetivo de vigiar a conduta da população. Estes servidores públicos civis denunciavam qualquer pessoa diante da mais mínima infração. Eles interrogavam as crianças a fim de obterem informação a respeito de seus pais.²

Se alguma pessoa fosse suspeita de oposição ao regime de Calvino, as autoridades imediatamente revistavam sua casa à procura de alguma evidência que lhes incriminara. Se não se encontrassem nenhuma prova sólida, em geral as autoridades torturavam os suspeitos para fazê-los confessar. Suas confissões então eram tomadas como evidências incontestáveis de sua culpa. Agora, me permita compartilhar alguns exemplos:

Em junho de 1546, alguém deixou uma nota anônima no púlpito da igreja de São Pedro em Genebra que condenava os pregadores reformistas e ameaçava se vingar deles. O governo da cidade imediatamente entrou em ação. As autoridades prenderam, sob suspeitas infundadas, a um livre-pensador irreverente chamado Jacques Gruet. Depois revistaram seu domicílio. No entanto, eles não encontraram nenhuma evidência que o relacionasse com a nota anônima. Contudo, quando as autoridades revistaram as anotações privadas de Gruet, encontraram umas poucas que continham comentários críticos sobre Calvino. Isso foi o suficiente para converter Gruet num criminoso. De maneira que o torturaram horivelmente até que ele “confessou” seu crime. Em seguida o decapitaram.³

Alguns meses mais tarde, um pregador da Reforma chamado Jean Trolliet criticou a doutrina de Calvino da dupla predestinação segundo ensinada na obra de Calvino *Institutos da Religião Cristã*. Trolliet ressaltava que a doutrina de Calvino, em essência, convertia Deus no autor do pecado. Tal doutrina dava a entender que Deus castigava os maus embora tivesse sido sua decisão fazê-los maus. No entanto, Calvino se negou a discutir o assunto com Trolliet ou com qualquer outra pessoa. Em seu lugar, ele respondeu de forma arrogante que as doutrinas em seu *Institutos* foram postas em sua mente por Deus. Depois disto, Calvino mandou que expulsassem judicialmente Troillet de Genebra.⁴

Queimando hereges

Calvino tinha enviado uma cópia de seu *Institutos da Religião Cristã* a um pensador espanhol chamado Miguel Servet. Servet era um cientista e geógrafo dotado. Na realidade, ele foi a primeira pessoa a descrever corretamente o aparelho circulatório humano. Sendo um homem de muitos interesses, Servet também escreveu algumas obras teológicas. Estas obras contêm tanto observações bem fundamentadas como especulações errôneas. Ao enviar a Servet uma cópia de sua obra teológica, Calvino esperava “endireitá-lo”.

Servet leu a obra de Calvino, e escreveu na margem várias notas, críticas e refutações à medida que lia. Três das coisas que criticou eram os ensinamentos de Calvino sobre o batismo de infantes, a predestinação, e a explicação de Calvino a respeito da Trindade. Mesmo que Servet cria na divindade de Cristo, seu entendimento da Trindade estava um pouco confuso e sem dúvida era incorreto em alguns pontos. Em seguida Servet enviou de novo a Calvino seu *Institutos*, com todos os comentários que ele tinha feito. Enfurecido, Calvino comentou que se alguma vez Servet viesse a Genebra, nunca sairia vivo da cidade.⁵

No entanto, a Inquisição prendeu a Servet antes que Calvino o fizesse. Prenderam-no na França (para onde tinha fugido) e o sentenciaram a ser queimado na fogueira como herege. Todavia, Servet fugiu da prisão e partiu para a Itália. Rumo à Itália, Servet imprudentemente passou por Genebra. Ele pensou que seria interessante ouvir a Calvino pregar. Mas Calvino reconheceu Servet e ordenou sua detenção. Depois as autoridades o jogaram numa horrível masmorra, sem nenhuma fonte de luz nem calor e com pouca comida.⁶

Em seu julgamento, negaram a Servet o direito a um advogado.⁷ As autoridades o acusaram de quarenta artigos de heresia. A maioria destes artigos tinha a ver com a Trindade, mas outros estavam relacionados com o fato de que ele negava o batismo de infantes e ensinava que as criancinhas são inocentes e sem pecado até chegarem a uma idade de mais entendimento. A acusação que formularam contra Servet também o denunciava por fazer comentários insultantes contra a teologia de Calvino. O juiz não permitiu a Servet que explicasse ou defendesse nenhuma das coisas que havia escrito.

Depois de escutar a evidência, as autoridades de Genebra condenaram a Servet a morrer queimado na fogueira por seus ensinamentos heréticos, apesar de nem ser cidadão de Genebra, mas apenas um viajante que passava por ali. Guilherme Farel, o homem que tinha persuadido os valdenses a se unirem à Reforma, acompanhou Servet ao lugar da execução, severamente repreendendo em voz alta o tempo todo por sua heresia.

Quando chegaram ao lugar onde Servet iria morrer, Farel advertiu à multidão de observadores: “Aqui vocês podem ver o poder que possui Satanás quando ele tem um homem sob seu controle. Este homem é um sábio destacado, e talvez ele achava que estava agindo corretamente. Mas agora está possuído completamente por Satanás, tal como pode possuir a vocês, se caírem em suas armadilhas”.⁸

Os algozes então acorrentaram Servet à fogueira e amontoaram feixes de lenha a seu redor. Quase a metade da lenha estava verde, pelo que Servet sofreu uma morte lenta e agonizante... enquanto a multidão se divertia com o espetáculo.

Apesar de Calvino ter recomendado que Servet fosse executado de outra maneira que não fosse na fogueira, ele não usou sua influência para impedi-lo de ser queimado. Para dizer a verdade, meses mais tarde, Calvino escreveu: “Muitos me acusaram de semelhante crueldade feroz que (afirmam eles) eu gostaria de matar novamente ao homem que destruí. Não só permaneço indiferente a seus comentários, como também me regozijo no fato de que eles me cospem a face. (...) Quem quer que argumente agora que é injusto punir de morte os hereges e os blasfemadores incorrerá propositada e

voluntariamente na mesma culpa deles”.⁹

Não posso deixar de me perguntar o que pensavam os valdenses a respeito de todas estas coisas. Fazia só umas décadas que eles tinham sido a presa perseguida e os que estavam sendo queimados na fogueira. Agora eles eram parte de um movimento que fazia o mesmo com os demais.

O que ganhou a Reforma?

O que ganhou a Reforma suíça? Temos que admitir que, nos cantões reformados, a reforma limpou as igrejas da grande maioria dos acréscimos de Roma à Escritura: A adoração a Maria, as imagens, os santos, os papas e cardeais, as peregrinações e outros acréscimos não-bíblicos. E isso foi maravilhoso. No entanto, Zuínglio, Farel e Calvino não fizeram nada para promover os *ensinamentos do reino* de Jesus.

Na verdade, a teologia reformada era em alguns aspectos mais oposta ao evangelho do reino do que a teologia de Roma. Como já analisamos, Roma tinha relegado os ensinamentos do reino de Jesus ao âmbito do “perfeccionismo”. Se um cristão quisesse tomar o passo extra de atingir a perfeição cristã, devia viver estes ensinamentos. Em contrapartida, Calvino converteu em algo totalmente irrelevante os ensinamentos de Cristo sobre o reino.

Sob a doutrina calvinista da predestinação, não importa se uma pessoa vive os ensinamentos de Jesus ou não. Pois absolutamente nada do que a pessoa fizer pode afetar o destino que Deus já determinou para ele. E mais, Calvino, tal qual Agostinho, negava especificamente que Jesus tivesse introduzido alguma moral nova ou ensinamentos novos sobre o estilo de vida além do Antigo Testamento. Ao escrever contra os cristãos do reino de seu tempo, Calvino disse:

O único subterfúgio que fica (...) é afirmar que nosso Senhor requer uma maior perfeição na igreja cristã da que ele requereu do povo judeu. Pois bem, isto é verdade no que respeita às *cerimônias*. Mas que há uma norma de vida diferente com relação à lei moral (...) do que a que teve o povo de Deus na antigüidade... isto é uma opinião falsa. (...)

Portanto, mantenhamos esta posição: que com relação à verdadeira justiça espiritual, ou seja, com relação a um homem fiel que está com boa consciência, e integridade diante de Deus tanto em sua profissão como em todas suas obras, existe um guia completo e claro na lei de Moisés, à qual simplesmente devemos nos apegar se desejamos seguir o caminho correto. Assim, qualquer um que acrescentar ou tirar algo da mesma excede os limites. Portanto, nossa posição é clara e infalível.

Adoramos ao mesmo Deus que adoraram os pais da antigüidade. Temos a mesma lei e norma que eles tiveram, a qual nos mostra como nos dominar a nós mesmos a fim de andarmos corretamente adiante de Deus. Disso se deduz que uma profissão que era considerada santa e lícita naquele tempo, não pode ser proibida aos cristãos hoje.¹⁰

Tal como os católicos romanos, Calvino ensinava que a Igreja e o governo civil são simplesmente partes gêmeas do reino de Deus. De modo que era o *dever* do Estado estabelecer a fé verdadeira, proteger a Igreja e obrigar os cidadãos do Estado a conformarem suas vidas à lei moral do Antigo Testamento. Isto foi declarado expressamente na Segunda confissão Helvética (Suíça) de 1566:

Realmente ensinamos que o cuidado da religião pertence principalmente ao santo magistrado. Permitamos, pois, que ele sustente a Palavra de Deus em suas mãos, e que tenha cuidado de que nada contrário a ela seja ensinado. De igual maneira, permitamos que ele governe o povo confiado a ele por Deus com boas leis estabelecidas conforme a Palavra de Deus, e lhe permitamos também que os mantenha em disciplina, dever e obediência. Permitamos-lhe que exerça juízo julgando corretamente. Permitamos-lhe que não respeite a pessoa de nenhum homem e que não aceite subornos. Permitamos-lhe que proteja as viúvas, aos órfãos e os aflitos. Permitamos-lhe que castigue e até mesmo que expulse e inclusive extermine os criminosos, impostores e bárbaros. Pois não traz de balde a espada (Romanos 13:4).

Portanto, permitamos-lhe desembainhar esta espada de Deus contra todos os malfeitores, os sediciosos, os ladrões, os assassinos, os opressores, os blasfemadores, os perjuradores e contra todos os que Deus ordenou que castigasse e inclusive executasse. Permitamos-lhe reprimir os hereges rebeldes (que são verdadeiramente hereges), que não deixam de blasfemar a majestade de Deus nem de perturbar e até destruir a Igreja de Deus.

E se for necessário preservar a segurança do povo por meio da guerra, que faça guerra no nome de Deus; com a condição de que ele primeiro tenha procurado a paz por todos os meios possíveis, e que não possa salvar o seu povo de outra forma que não seja por meio da guerra. E quando o magistrado faz estas coisas em fé, ele serve a Deus mediante estas mesmas obras que são realmente boas, e recebe uma bênção do Senhor.¹¹

Quando alguns cristãos questionaram Calvino sobre se era ou não correto que um cristão fizesse uso da espada na qualidade de magistrado, Calvino respondeu: “Pergunto, se este chamado para cumprir o ofício da espada ou do poder temporário é repugnante para a vocação dos crentes, como é possível que os juízes do Antigo Testamento, especialmente os bons reis como David, Ezequias e Josias, e até alguns profetas como Daniel, fizessem uso dela?”¹²

Isto é, na mente de Calvino, com a chegada do cristianismo não havia mudado nada. Tudo, exceto a teologia e as ordens, era igual ao que tinha sido em Israel. Tal como Josias e Ezequias, os cristãos deviam procurar ocupar o cargo de magistrado de maneira que pudessem proteger a verdadeira religião com todos os poderes da autoridade civil, inclusive a espada.

No entanto, Jesus disse especificamente que seus discípulos não lutaram para protegê-lo pelo simples motivo de que seu reino não era “deste mundo”. Então, ao dizer que os cristãos deviam fazer uso da espada para defenderem a si mesmos e a sua Igreja, Calvino estava reconhecendo que o reino que ele procurava proteger *era* deste mundo. Sua Nova Sião era um reino deste mundo, igual a todos os reinos terrestres.

A bandeira do reino se levanta de novo

Os reformadores suíços tinham conseguido destruir o testemunho dos valdenses, um testemunho do reino. No entanto, eles não puderam evitar que outros levantassem de novo a bandeira do reino. Uma das coisas boas que a Reforma trouxe foi estimular a impressão e a distribuição de Bíblias através de toda Europa. Vários acadêmicos da Reforma traduziram a Bíblia para a língua vernácula, e as imprensas tornaram estas traduções acessíveis ao cidadão comum.

Os europeus que liam a Bíblia por si mesmos, livres da influência agostiniana dos reformadores, com frequência abraçavam o evangelho do reino. E foi assim que surgiu espontaneamente um novo movimento do reino em todo o norte de Europa.

Em Zurique, Suíça, este novo movimento do reino surgiu pela primeira vez durante o tempo em que Zuínglio se encontrava pregando. Alguns dos colegas de Zuínglio não se deixaram cegar pela influência de Agostinho, e viram claramente o evangelho do reino nos ensinamentos de Jesus. Eles desejavam restaurar o cristianismo apostólico, mas Zuínglio com sua Reforma não estava disposto a ir para além do que o concílio da cidade lhe permitisse. De maneira que estes cristãos do reino começaram a se reunir à parte em casas particulares.

Além de querer restaurar os ensinamentos do reino de Jesus, estes novos cristãos do reino também ensinavam a necessidade de uma igreja santa e disciplinada em lugar de uma Igreja estatal que incluía a todos os que viviam dentro do Estado. Também rejeitavam a predestinação. No entanto, Zuínglio demonstrou ser tão intolerante e tão mão de ferro como o seria Calvino posteriormente. Com a aprovação de Zuínglio, as autoridades civis rapidamente estabeleceram leis contra estes cristãos do reino, a quem chamaram *anabatistas*, isto é, “rebatizadores”.^{*} Uma destas leis estipulava o seguinte:

^{*} Isso porque eles praticavam voluntariamente o batismo de crentes em vez de aceitarem o batismo de infantes imposto pelo Estado.

A fim de erradicar a perigosa, malvada, turbulenta e sediciosa seita dos anabatistas, decretamos o seguinte: Se a alguém for suspeito de ter sido rebatizado, deverá ser advertido pelos magistrados para que abandone o território sob pena do castigo designado. Toda pessoa está obrigada a denunciar os que favorecem o rebatismo. Quem não cumprir com esta ordem estará sujeito à punição conforme à sentença da magistratura.

Os professores do rebatismo, os pregadores que batizam e os líderes das reuniões ilegais devem ser afogados. Os que tiverem sido previamente libertos de prisão e que juraram desistir de semelhantes coisas, incorrem no mesmo castigo. Os anabatistas estrangeiros devem ser expulsos; se voltarem, serão afogados. Ninguém está autorizado a se separar da Igreja [estatal] e se abster da Santa Ceia. Quem fugir de uma jurisdição para outra será desterrado ou extraditado conforme a exigência das autoridades.¹

Zuínglio e seus magistrados civis rapidamente prenderam a qualquer professor ou líder anabatista que pudessem encontrar. Lançavam estes cristãos em masmorras desoladoras e os alimentavam só com pão e água. Se estes cristãos encarcerados se negassem a se retratarem de seus “erros”, atavam-lhes as mãos por trás das costas e os afogavam no rio: um batismo de morte.²

Na Alemanha, Áustria e Holanda surgiram outros líderes e grupos de cristãos do reino independentemente dos anabatistas da Suíça. Estes outros grupos do reino sem exceção descobriram o mesmo evangelho do reino, e cedo entram em contato uns com os outros. Os reformistas e os católicos chamavam a todos estes cristãos do reino pelo nome de anabatistas.

Todos os reformadores principais achavam que o problema fundamental com Roma era sua

teologia. Isto se devia ao fato de que todos estes reformistas achavam que a essência do cristianismo era a teologia. No entanto, os anabatistas acertadamente compreendiam que a essência do cristianismo é o *relacionamento*, e não a teologia. Primeiro temos que nascer de novo para podermos entrar no reino de Deus. E depois podemos crescer como um ramo na videira de Jesus. Sim, Roma apoiava muitas práticas e doutrinas antibíblicas, e cada uma delas devia ser corrigida. Porém, o simplesmente fazer correções teológicas não iria resolver o problema fundamental.

O problema principal era que o catolicismo romano havia se convertido basicamente numa religião mecânica. Tudo funcionava automaticamente. Se uma pessoa apoiasse o credo da Igreja, participasse dos sacramentos e morresse sendo fiel à Igreja (não envolvido em pecado mortal), então era salva. Se uma pessoa cometesse um pecado grave, essa pessoa podia expiá-lo mecanicamente só por cumprir a penitência indicada. Esta podia incluir dar esmolas, participar de uma peregrinação ou cruzada, pagar por uma indulgência ou contemplar as relíquias dos santos. Não se exigia uma mudança de coração. E, portanto, a relação da pessoa com Cristo nunca mudava.

Pois bem, quero deixar bem claro que a Igreja Católica Romana como tal não ensinava oficialmente que o cristianismo era somente uma questão de passar mecanicamente por uma lista de passos. A Igreja realmente ensinava que o amor a Deus e o arrependimento genuíno do pecado eram essenciais. O problema era (e ainda é) que havia um abismo considerável entre o que Roma dizia oficialmente e o que na realidade se praticava e se pregava na comunidade católica típica. Na prática, o catolicismo romano em sua essência havia se convertido numa religião mecânica que pregava uma graça barata.

Geralmente se pensa que a Reforma mudou tudo isto. No entanto, a Reforma só substituiu em grande parte uma forma de graça barata (os sacramentos, as indulgências, etc.) por outra forma de graça barata... a crença fácil: Apenas creia que Jesus morreu por teus pecados e que a tua própria obediência não tem nenhum papel na tua salvação e, *pronto!*, a tua vida eterna no céu está garantida. A verdade é que os luteranos alemães se diferenciavam pouco dos católicos alemães, exceto no que se referia à teologia e as formas de adoração. Tenho que admitir que as igrejas reformadas na Suíça realmente exigiam uma forma de vida cristã bem mais rígida, a qual faziam cumprir por meio das autoridades civis. Ainda assim estas igrejas ensinavam a pior forma de cristianismo mecânico. Isto é, que Deus arbitrariamente predestinava a todas as pessoas antes mesmo de nascerem.

O novo nascimento

Nem Lutero, nem Zuínglio, nem Calvino nem os católicos romanos punham muita ênfase no novo nascimento. Em seus sistemas, o novo nascimento era simplesmente parte de todo o processo mecânico. Mas para os anabatistas isto era muito diferente. Uma pessoa tinha que *começar* com o novo nascimento, incluindo um compromisso pessoal com o reino de Cristo. Não se tratava simplesmente de crer em Jesus como o seu *Salvador* pessoal. Ele também tinha que ser o seu *Senhor*. E isto não era simplesmente no plano teológico, mas sim algo que se manifestava na vida real da pessoa. Tal como expressou um anabatista:

Ora talvez alguns respondam: “Nossa crença é que Cristo é o Filho de Deus, que sua Palavra é verdade e que ele nos comprou com seu sangue e com sua verdade. Fomos regenerados no batismo e recebemos o Espírito Santo; portanto, somos a verdadeira igreja e congregação de Cristo”. Aos tais respondemos: “Se sua fé é como vocês dizem, por que não fazem o que ele lhes mandou em sua palavra?” Seu mandamento é: “Arrependam-se e guardem os mandamentos”. (...) Fiel leitor, pense que se isto aconteceu com você tal como afirma, (...) você teria que reconhecer, também, que o nascimento antes mencionado e o Espírito recebido estão totalmente sem efeito, sem sabedoria, nem poder e nem fruto em você; sim, são vãos e mortos. Que você não vive nem pelo Espírito nem no poder do novo nascimento.³

O mesmo escritor descreveu o tipo de fé que o evangelho do reino exige: “A verdadeira fé evangélica não pode ficar inativa. Ela veste ao nu. Dá de comer ao faminto. Consola o aflito. Protege o desabrigado. Serve os que lhe fazem mal. Ata o que está ferido. Faz-se tudo para todos.”⁴ Como também expressou outro líder anabatista: “Nenhum homem pode conhecer verdadeiramente a Cristo se não seguiu-o em vida”.⁵

Como diz Paulo: “Porque o reino de Deus não consiste em palavras, mas em *poder*” (1 Coríntios 4:20). A essência do reino não está em palavras (a teologia), mas sim em poder. E nessa passagem Paulo não estava se referindo ao poder para fazer milagres. Os milagres são como as palavras. Eles podem ser parte do reino, mas não são a essência do reino. Eles não são nada sozinhos. Jesus sabia que nossa inclinação seria a de seguir os milagres; por isso, advertiu-nos de antemão: “Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? e em teu nome não expulsamos demônios? e em teu nome não fizemos muitas maravilhas? E então lhes direi abertamente: Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade” (Mateus 7:22–23).

Se Jesus *nunca conheceu* a estes fazedores de milagres, isso significa que eles nunca nem sequer estiveram em sua videira. Eles viveram toda sua vida cristã num mundo de fantasia, profetizando e expulsando demônios no nome de Jesus. Eles achavam que tinham poder, mas qualquer que fosse o poder que tivessem não vinha da parte dele. Qual era o problema dele? Era que confiavam em suas próprias obras? Não, Jesus disse que o problema era que eles eram “*praticantes de iniquidade*”. Seu reino tem leis, e se não obedecermos a suas leis, somos praticantes da iniquidade.

Este é o ponto principal que os anabatistas queriam deixar claro a seus ouvintes. Não importa quanta teologia você tenha compreendido corretamente. E não importa os passos formais que tenha dado para nascer de novo. Se você não estiver vivendo sob o poder do Espírito Santo, tudo é inútil. Você nunca esteve na videira de Jesus, ou então foi cortado dela. Alguém que está crescendo na videira de Jesus não é praticante de iniquidade. Ele não vive em desobediência às leis de Cristo.

O povo do reino

Um escritor anabatista deixou a seguinte descrição dos anabatistas de seu tempo:

No batismo eles sepultam seus pecados na morte do Senhor e ressuscitam com ele a uma nova vida. Eles circuncidam seus corações com a Palavra do Senhor; eles são batizados com o Espírito Santo para entrar no corpo santo e sem mancha de Cristo, como membros obedientes de sua igreja, conforme a verdadeira ordem e a Palavra do Senhor. Eles se vestem de Cristo e manifestam seu espírito, natureza e poder em todo o seu comportamento. Eles temem a Deus com o coração. Em seus pensamentos, palavras, e obras não procuram outra coisa a não ser o louvor de Deus e a salvação de seus amados irmãos. Não conhecem o ódio nem a vingança, pois amam a quem os odeiam. Eles fazem bem a quem os maltratam e oram pelos que os perseguem.⁶

Estas pessoas regeneradas possuem um rei espiritual acima deles que os governa por meio do cetro intato de sua boca, ou seja, com seu Espírito Santo e sua Palavra. Ele os veste com o manto de justiça, de pura seda branca. Ele os refresca com a água viva de seu Espírito Santo e os alimenta com o pão da vida. Seu nome é Jesus Cristo. Eles são os filhos da paz que converteram suas espadas em enxadões e suas lanças em foices, e não aprenderão mais a guerra. Eles dão a César o que é de César e a Deus o que é de Deus.⁷

Estes novos cristãos do reino rapidamente encontraram uns aos outros e fundaram congregações locais e alianças em todo o continente. O movimento anabatista propagou-se tão rapidamente que parecia que se converteria num movimento mais amplo que o da corrente principal da Reforma.⁸ Os anabatistas não tinham um sistema de missões organizado. Em vez disso, tal como os cristãos primitivos, todos os anabatistas eram missionários que compartilhavam o evangelho do reino com todas as pessoas que lhes fosse possível. Uma vez mais, o evangelho do reino estava alvoroçando o

mundo!

Mas a reação do mundo foi muito rápida. O mundo não tinha nenhum desejo de ser transtornado. Os reformistas temiam que se muitas pessoas se unissem a este novo movimento do reino, eles não teriam tropas suficientes para lutarem contra os católicos ou os turcos. Tanto os reformistas como os católicos desejavam uma sociedade estabelecida dentro dos limites do híbrido constantiniano. Eles haviam chegado ao ponto de crer que se a Igreja e o estado não estivessem unidos, toda a sociedade desapareceria. Portanto, os anabatistas tinham que morrer!

Tanto as Igrejas Católicas Romanas como as da Reforma submeteram estes novos cristãos do reino às mesmas torturas desumanas que os romanos pagãos uma vez tinham imposto aos cristãos de seu tempo (exceto a de lançá-los aos leões). Por exemplo, as autoridades alemãs executaram a seguinte sentença contra o líder anabatista Miguel Sattler:

Decretou-se a sentença de que Miguel Sattler seja entregue ao carrasco, o qual o conduzirá ao lugar da execução e lhe cortará sua língua. Depois, devem atá-lo a uma carroça e arrancar pedaços da carne de seu corpo duas vezes com tenazes de aço em brasa viva. Após tirá-lo do portão [da cidade], eles devem dilacerar o seu corpo mais cinco vezes da mesma maneira. Depois disto, deverão queimá-lo até convertê-lo em cinzas.⁹

E que crimes tão graves tinha cometido Miguel Sattler para merecer castigo tão cruel? Simplesmente que tinha ensinado a outras pessoas o cristianismo do reino. Dois dos nove artigos da acusação contra ele diziam que ele era contra os juramentos e que pregava a não-resistência. Pergunto-me se aquelas mesmas autoridades cristãs teriam rasgado em pedaços a Cristo com tenazes em brasa e depois o teriam queimado vivo. Afinal de contas, Jesus também pregou a não-resistência e lhe ensinou a seus discípulos a não prestar juramentos.

A perseguição contra os anabatistas foi realmente pior do que a que tinham enfrentado os cristãos da igreja primitiva por parte de Roma. Pois foi bem mais minuciosa e persistente. No entanto, mesmo com esta perseguição intensa, os reformistas e os católicos não puderam destruir completamente este novo movimento do reino. Ainda há um remanescente fiel deles entre nós. Ao mesmo tempo, os anabatistas tiveram suas falhas. Por exemplo, em consequência da perseguição horrenda nas mãos de outros supostos cristãos, a maioria deles com o tempo perdeu seu zelo de testemunhar para os outros.

Outros cristãos do reino

O movimento anabatista foi um dos movimentos mais importantes da história do cristianismo. Os anabatistas não só restauraram o evangelho do reino no século XVI, mas também um remanescente deles têm mantido a bandeira hasteada há quase quinhentos anos.

No entanto, os anabatistas não foram de maneira nenhuma os únicos cristãos do reino durante os últimos quinhentos anos. Embora as Igrejas reformadas chamassem comumente o cristianismo do reino como “legalismo”, cristãos individuais do reino surgiram no seio das Igrejas reformadas. Também não faltaram cristãos na Igreja Católica Romana. O problema simplesmente é que é bem mais difícil praticar o cristianismo do reino dentro de uma igreja católica ou reformada. Na realidade, nenhum movimento do reino duradouro surgiu jamais de nenhuma Igreja que estivesse relacionada à teologia da Reforma.

Os quacres

Apesar de alguns anabatistas terem chegado à Inglaterra, nunca puderam estabelecer um assentamento permanente lá. No entanto, em 1647, um movimento do reino, original da Inglaterra, surgiu independentemente dos anabatistas. Típico da maioria dos movimentos do reino, este novo

movimento foi iniciado pelo inculto filho de um tecelão. O filho chamava-se Jorge Fox. A partir da leitura da Bíblia por conta própria, sem nenhuma preparação teológica, ele descobriu o evangelho do reino.

Com entusiasmo e gozo, Fox começou a pregar fervorosamente o cristianismo do reino por toda Inglaterra. Ele era tão valente e ousado em sua pregação que às vezes interrompia o sermão na Igreja estatal e começava a pregar para a congregação. Numa ocasião, após fazer isto, uma multidão irritada de fiéis o linchou. Depois de Fox sobreviver à tentativa de enforcamento, eles o espancaram até deixá-lo inconsciente. Quando finalmente recobrou seus sentidos, pôs-se de pé, olhou para a multidão e disse em voz alta: “Batam-me novamente se quiserem. Aqui estão meus braços, minha cabeça e minha face.” Desconcertada, a multidão se dispersou.¹⁰

Jorge Fox fez muitos discípulos por meio de sua pregação, e eles se chamavam a si mesmos de Sociedade de Amigos. Outros os chamavam de quacres, nome pelo qual são mais conhecidos. Em toda a Inglaterra, e depois nas Américas, os quacres pregavam os valores do reino por onde fossem. Apesar de as autoridades da Igreja terem açoitado e aprisionado os quacres, nada pôde silenciá-los. No Novo Mundo, os puritanos proibiram os quacres, sob pena de morte, de se fixarem em Massachussets. Todavia, os quacres continuaram testemunhando em Massachussets, e os puritanos enforcaram a alguns deles.

Ao contrário dos anabatistas e os valdenses, os quacres punham ênfase no testemunho interior do Espírito Santo acima dos ensinamentos da Escritura. Por acreditarem que haviam entrado numa nova era do Espírito, eles ensinavam erroneamente que o batismo e a Ceia do Senhor já não eram necessários.¹¹ Através dos séculos, a sua ênfase na “Luz Interior” do Espírito os conduziu a um ativismo social cada vez maior e a uma menor dependência das Escrituras. Na atualidade, os quacres são um corpo extremamente liberal que se concentram sobretudo no ativismo social. Hoje apenas um pequeno remanescente quacre apóia o evangelho bíblico do reino.

Os “irmãos”

Enquanto o movimento quacre florescia em Inglaterra, um novo movimento espiritual (o pietismo) difundia-se fortemente através da Alemanha e do norte de Europa. Almejando uma vida espiritual autêntica, os cristãos que pertenciam às Igrejas do Estado começaram a se reunir em pequenos grupos para estudarem a Bíblia e orarem. Tal como os quacres, os pietistas punham um grande importância na obra interior do Espírito Santo. E, igual aos quacres, os pietistas em geral consideravam o batismo e a Santa Ceia como não essenciais, isto é, aspectos sem importância da vida cristã. Infelizmente, ao contrário dos quacres, a maioria dos pietistas não ensinavam uma obediência literal aos ensinamentos do reino de Jesus.

No área palatina da Alemanha, no começo do século XVIII, um jovem cristão chamado Alexander Mack se despertara espiritualmente pelo movimento pietista. Agora, a maioria dos pietistas permaneciam nas Igrejas estatais (luteranas, reformadas ou católicas) e celebravam seus cultos de oração em horários que não interferiam nos serviços das Igrejas estatais. No entanto, Mack e seus colegas espirituais viram a necessidade de se separarem das Igrejas estatais e regressar ao cristianismo primitivo. A partir da leitura da Bíblia, Mack e seus colegas passaram a ver o claro evangelho do reino. Eles recusaram os juramentos, a guerra, a acumulação de riquezas, as ações judiciais e outras coisas semelhantes que contradiziam com os ensinamentos de Cristo.¹²

Estes novos cristãos do reino se chamaram a si mesmos simplesmente pelo nome de “irmãos”, mas passaram a ser conhecidos como batistas alemães ou dunkards. Eles difundiram o evangelho do reino de maneira entusiasta no meio de todos os povoados onde viviam. A perseguição por parte das autoridades os obrigava a mudar-se de um povoado a outro. Com o tempo, mudaram-se para Germantown, Pensilvânia (EUA). Em sua *Autobiography* (“Autobiografia”), Benjamin Franklin

descreve seu encontro com os dunkards:

Acho que [há] uma conduta mais prudente em outra seita entre nós, a dos dunkards. Conheci um de seus fundadores, Michael Welfare, não muito depois que esta apareceu. Ele se queixou comigo de que estavam sendo caluniados odiosamente pelos fanáticos de outras crenças e que lhes acusavam de princípios e práticas abomináveis com as quais eles não tinham nada a ver. Eu lhe disse que isso sempre acontecia com as novas seitas e que, para deter semelhante abuso, cria eu que seria bom publicar os artigos de sua crença e as regras de sua prática. Ele me disse que isto tinha sido proposto entre eles, mas que não fora aprovado pela seguinte razão:

“Quando inicialmente nos unimos na sociedade,” diz ele, “aprouve a Deus iluminar nossas mentes a ponto de nos fazer ver que algumas coisas que considerávamos verdades, eram erros; e outras que considerávamos erros, eram verdades autênticas. De tempos em tempos, ele se comprazeu em permitir-nos nova luz, e nossos princípios vêm melhorando ao mesmo tempo que nossos erros vêm diminuindo. Agora, não estamos seguros de ter chegado ao final desta progressão e à perfeição do conhecimento espiritual ou teológico. Tememos que se imprimirmos nossa confissão de fé, nos sentiremos atados e confinados a ela, e talvez não estejamos dispostos a receber um maior melhoramento. E nossos sucessores, ainda mais, imaginarão que o que nós seus anciãos e fundadores fizemos é algo sagrado e que do qual nunca devem se apartar.

Esta modéstia numa seita é talvez um exemplo único na história da raça humana; pois todas as outras seitas crêem estar na posse de *toda* a verdade.¹³

Na realidade, a postura não-dogmática dos dunkards com relação à teologia (no que vai além do fundamental) é muito característica dos novos movimentos do reino. Quando os crentes descobrem o reino pela primeira vez, seu gozo por este tesouro escondido é tão grande que eles se concentram fundamentalmente no reino e em seu Rei. Eles não se preocupam muito com os detalhes minuciosos da teologia.

A “igreja cristã apostólica”

Na Suíça do século XVIII, depois que os anabatistas por pouco desapareceram do país, Samuel Fröhlich, um jovem estudante de seminário, organizou irmandades cristãs baseadas em grande parte numa interpretação literal da Palavra de Deus. Não por acaso, isto o conduziu aos já conhecidos fundamentos do evangelho do reino: a não-resistência, a teologia simples, um reconhecimento do papel que desempenha a obediência na salvação e a rejeição aos juramentos e o materialismo. Tal como todos os outros novos cristãos do reino, Fröhlich e seus irmãos crentes testemunhavam com entusiasmo, e seu movimento do reino se propagou rapidamente por toda a Europa. Estes cristãos do reino estão conosco ainda na atualidade, sendo conhecidos na Europa como nazarenos e no continente americano como a “Igreja Cristã Apostólica”.

Brotos do reino

A maioria das pessoas que lêem as Escrituras sem a influência de doutrinações anteriores geralmente chegam a um conhecimento do evangelho do reino. Portanto, não é de se estranhar quando descobrimos que novas igrejas em casas e irmandades pequenas com freqüência ensinam o evangelho do reino. Na realidade, algumas das igrejas convencionais fundadas que conhecemos na atualidade abraçavam a doutrina da não-resistência e pregavam um evangelho mais próximo ao evangelho do reino em sua infância. Alguns exemplos seriam a Igreja de Cristo, a Igreja Cristã, os morávios, algumas das igrejas pentecostais e algumas das igrejas do Holiness wesleyanas. No entanto, à medida que esses movimentos cresceram, começaram a fundar seminários, adquiriram respeitabilidade, e em geral perderam a maioria dos ensinamentos do reino.

Antes de parar com nossa discussão a respeito dos vários movimentos do reino ao longo da história, desejo deixar bem claro que estes grupos do reino não apoiaram exatamente as mesmas crenças teológicas. Todos eles (com a exceção dos quacres, cujo ensino sobre o batismo era muito fraco)

apoiaram o Credo Apostólico e o evangelho do reino, incluindo os ensinamentos de Jesus Cristo sobre o estilo de vida. É isso que é importante para Jesus.

Agora é nossa vez

Como disse antes, o que compartilhei com vocês neste livro não é a teologia inventada pela pessoa de David Bercot. É a fé cristã *histórica*. É o que ensinava a igreja dos primeiros séculos, o qual pode se demonstrar facilmente a partir dos escritos dos cristãos pré-constantinianos.*

*Quero animá-lo a comprovar esta afirmação. Alguns dos escritos dos cristãos pré-nicenos aparecem na coleção *Patrística*, publicada pela editora *Paulus*. Inclusive alguns destes escritos podem ser lidos gratuitamente na Internet, em inglês. Basta fazer uma busca de “Ante-Nicene Fathers”.

Os evangélicos que adoram a Maria

Se não lembrar mais nada deste livro, espero que se recorde que a essência do cristianismo não é teológica nem mecânica, mas sim uma questão de *relacionamento*. Isto não quer dizer que não haja doutrinas teológicas necessárias, pois de fato há. No entanto, quando entramos no reino, entramos num relacionamento contínuo com nosso Rei.

Logicamente, a maioria das igrejas de hoje reconhecem que, como cristãos, iniciamos um relacionamento com Jesus. Mas o relacionamento que eles descrevem não é o mesmo do qual fala Jesus. O relacionamento da teologia popular moderna é em geral um relacionamento falso com um Jesus falsificado.

Um dos grandes pecados da Igreja Católica Romana é sua devoção a Maria. A Maria do catolicismo romano e da ortodoxia oriental é extremamente popular porque Maria nunca se ira, nunca castiga o pecado, nem tampouco tem mandamentos para dar. Sua graça cobre todo pecado. E o único que ela pede em troca é a devoção do povo. Os católicos devotos imaginam que têm um relacionamento contínuo com esta Maria de faz-de-conta.

Embora os cristãos crentes da Bíblia critiquem os católicos por adorarem Maria, a verdade é que a maioria deles também adora uma Maria. O quê? Que eles também adoram uma Maria? Isso mesmo. Mas eles a chamam de Jesus, e não Maria. O Jesus popular, o Jesus do “somente crer”, é simplesmente uma versão requentada da Maria católica. Este Jesus nunca se ira, nunca castiga o pecado nem também tem mandamentos. Ele é só graça, e não ama outra coisa senão ser louvado e adorado. Um relacionamento com este Jesus falsificado não é mais real que o relacionamento imaginário dos católicos com Maria.

Deus nos provará

Uma parte crucial da teologia do reino é o fato de compreendermos que Deus nos *provará*. Nossa fé será provada para ver se realmente amamos ao Jesus verdadeiro. É por isso que Tiago nos diz: “Meus irmãos, tende grande gozo quando cairdes em várias tentações [provas]; Sabendo que a prova da vossa fé opera a paciência” (Tiago 1:2–3). Paulo escreveu: “Mas, como fomos aprovados de Deus para que o evangelho nos fosse confiado, assim falamos, não como para agradar aos homens, mas a Deus, que prova os nossos corações” (1 Tessalonicenses. 2:4).

Isto não é algo novo que surgiu com o reino. Deus *sempre* agiu desta maneira. Por exemplo, Deus deu diversas instruções aos israelitas na forma de provas. Ele lhes disse que não armazenassem maná durante a noite (exceto antes do dia de repouso), mas alguns israelitas o fizeram mesmo assim. Então ele lhes disse que armazenassem maná antes do dia de repouso, mas alguns israelitas não escutaram (leia Êxodo 16:19–30). Deus disse aos israelitas que destruíssem tudo de Jericó, mas Acã ficou com uma parte do ouro.

Cuidado com os mandamentos “abolidos”

Uma das principais maneiras em que Deus nos prova é nos dando um mandamento claro e depois permitindo que alguém o contradiga. Um bom exemplo disto é o episódio descrito em Reis sobre o profeta da Judéia a quem Deus enviou para confrontar a Jeroboão. O profeta arriscou valentemente a sua vida para entregar sua mensagem a Jeroboão como Deus lhe tinha ordenado. Deus até fez milagres por meio dele.

Ao reconhecê-lo como um verdadeiro profeta, o Rei Jeroboão o convidou para se reabastecer no palácio do rei antes de voltar para casa. Mas o profeta respondeu: “Ainda que me desses metade da tua casa, não iria contigo, nem comeria pão nem beberia água neste lugar. Porque assim me ordenou o Senhor pela sua palavra, dizendo: Não comerás pão nem beberás água; e não voltarás pelo caminho por onde vieste. Assim foi por outro caminho; e não voltou pelo caminho, por onde viera a Betel” (1 Reis 13:7–10). Até aí, tudo ia bem. O profeta da Judéia tinha passado todas as provas de Deus.

Mas quando o profeta da Judéia voltava para casa, outro profeta de Deus, que vivia em Betel, foi atrás do profeta da Judéia e “lhe disse: Também eu sou profeta como tu, e um anjo me falou por ordem do Senhor, dizendo: Faze-o voltar contigo à tua casa, para que coma pão e beba água (porém mentiu-lhe)” (1 Reis 13:18). Hummm...! Isto acrescentava uma nova dimensão à prova. Parecia que Deus tinha mudado suas ordens. De maneira que o profeta da Judéia ficou e comeu com o profeta de Betel. Qual foi o resultado? Em sua viagem de volta à Judéia, um leão atacou e matou o profeta.

É uma história triste, mas ilustra muito bem o que Paulo disse séculos depois: “Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie outro evangelho além do que já vos tenho anunciado, seja anátema” (Gálatas 1:8). Se Deus nos dá um mandamento claro, ele não vai contradizê-lo depois. Isso poria seus servos numa situação impossível; teriam que decidir se a revogação realmente veio de Deus.

Desde o tempo de Moisés, só houve uma situação em que Deus *de fato* alterou alguns de seus mandamentos anteriores... e isso foi com a chegada do reino. Mas naquela ocasião única, Deus não enviou simplesmente um mensageiro humano, nem mesmo um anjo, para anunciar a mudança. Ele enviou seu Filho unigênito, que fez milagres suficientes para satisfazer a qualquer cético.

A vinda de Jesus foi a etapa final do propósito de Deus para a humanidade. Nenhum anjo ou ser humano tem o poder de revogar algo que Jesus ensinou. E o Pai nunca irá contradizer a seu próprio Filho. Assim, os mandamentos de Jesus se mantêm inalteráveis até o fim do mundo. Como já citei antes: “Jesus Cristo é o mesmo, ontem, e hoje, e eternamente” (Hebreus 13:8).

Este problema de contradizer os mandamentos expressos de Deus remonta ao jardim do Éden. Deus tinha dito a Adão claramente: “De toda a árvore do jardim comerás livremente, “Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal, dela não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás” (Gênesis 2:17). Mas a serpente disse: “Certamente não morreréis. Porque Deus sabe que no dia em que dele comeres se abrirão os vossos olhos, e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal” (Gênesis 3:4–5).

Assim, Deus disse uma coisa, e a serpente disse outra. A maioria de nós diríamos: “Que prova mais fácil!” Todavia, por incrível que pareça, nossos primeiros pais não passaram no teste! Eva realmente acreditou na serpente, e Adão concordou com ela em vez de enfrentar a sua esposa quando ela se equivocou. Mas, será que nós cristãos somos diferentes? Nós lemos os mandamentos claros e precisos de Jesus. No entanto, quando um pregador ou comentarista da Bíblia contradiz diretamente a Jesus, nós decidimos crer em tal pessoa em vez de crermos em Jesus.

Onde, pois, você e eu nos encontramos?

Ao longo deste livro, analisei bastante da história cristã. Mas toda a história do mundo não nos fará nenhum bem se não aprendermos dela. Milhões de cristãos castigam a Igreja Católica Romana por seus erros. No entanto, esses mesmos cristãos caem no mesmo abismo do erro dos católicos. Pois, tal como os católicos, eles também aceitam o híbrido constantiniano e adquirem sua cosmovisão olhando pelos óculos embaçados do híbrido.

É animador saber que outros cristãos do reino através dos tempos recusaram o híbrido e se negaram a jogar segundo as suas regras. Mas já passou seu tempo no campo de jogo. Agora é nossa vez. Ainda que todo cristão na terra ignore os ensinamentos de Jesus ou os minimize, isto de maneira nenhuma justifica a desobediência em você e em mim. Quando o Senhor nos fala diretamente nas Escrituras, o que outros disserem não tem importância. Como costumava dizer o falecido evangelista Leonard Ravenhill: “Ou Jesus é *absoluto*, ou é *obsoleto*”. Não há meio-termo.

Estou ciente de que este livro talvez o tenha incomodado. Pode ser que inclusive o tenha ofendido. Sua reação normal pode ser a de sair à procura de outro livro que contradiga a maioria das coisas que disse a respeito do evangelho do reino. E encontrar um livro assim não seria muito difícil. Na verdade, o livro que está bem ao lado de onde você encontrou o meu em sua livraria provavelmente dirá o contrário do que tenho dito.

Mas em vez de fazer isso, animo-o a que leia você mesmo os ensinamentos de Jesus. Não me refiro a textos escolhidos dos ensinamentos de Jesus. Refiro-me à totalidade do que ele ensinou. Acaso tenho deturpado o que ele pregou? Se é assim, obviamente você deve ouvir a Jesus, e não a mim. Mas se eu não o tenho falsificado, rogo-lhe que não jogue este livro para um lado e se esqueça das coisas que Jesus disse. Você pode ter entrado à festa das bodas sem abraçar o evangelho do reino, mas não permanecerá lá se não abraçar este evangelho.

Por outro lado, talvez este livro fez vez vibrar as cordas do seu coração. Talvez você também esteja vibrando de emoção a respeito do reino. Para você o reino de Deus é como a pérola de grande valor? Este reino lhe traz uma alegria tal que você está disposto a renunciar tudo por ele? Se é assim, queira acompanhar a mim e a outros cristãos do reino de nossos dias. Façamos nossa parte na obra de alvoroçar o mundo!

Bibliografia

Fontes principais

Barry, Colman J., ed. *Readings in Church History*. Westminster, Maryland: Christian Classics, Inc., 1985.

Calvino, João. *Treatises Against the Anabaptists and Against the Libertines*. Traduzido por Benjamin Wirt Farley. Grand Rapids: Baker Book House, 1982.

Calvino, João. *Institutes of the Christian Religion*. 2 tomos. Traduzido por Henry Beveridge. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1983.

Eusebio. *Ecclesiastical History*. Traduzido por Paul L. Maier. Grand Rapids: Kregel Publications, 1999.

Franklin, Benjamin. *The Autobiography and Other Writings*. Nova Iorque: Penguin Books USA Inc., 1783.

Gee, Henry e Hardy, John William, eds., *Documents Illustrative of English Church History*. London: MacMillan and Co., Ltd., 1910.

Krey, August C., ed. *The First Crusade: The Accounts of Eyewitnesses and Participants*. Princeton: 1921.

Leith, John H., ed. *Creeds of the Churches*. Atlanta, Georgia: John Knox Press, 1973.

Luther, Martin. *The Bondage of the Will*. Traduzido por Henry Cole. Grand Rapids: Baker Book House. 1976.

Luther, Martin. *Works of Martin Luther—The Philadelphia Edition*. 6 tomos. Traduzido por C. M. Jacobs. Grand Rapids: Baker Book House, 1982.

Marcelino, Amiano. *The Later Roman Empire*. Traduzido por Walter Hamilton. Nova Iorque: Penguin Books, 1986.

Randi, James. *The Faith Healers*. Buffalo: Prometheus Books, 1989.

Roberts, Alexander e Donaldson, James, eds. *The Ante-Nicene Fathers*. 10 tomos. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1985.

Schaff, Philip, ed. *The Nicene and Post-Nicene Fathers, First Series*. 10 tomos. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1983.

Schaff, Philip e Wace, Henry, eds. *The Nicene and Post-Nicene Fathers, Second Series*. 10 tomos. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1982.

Simons, Menno. *The Complete Writings of Menno Simons*. Traduzido por J. C. Wenger. Scottdale, Pensilvânia: Herald Press, 1956.

Fontes secundárias

Bainton, Roland H. *Christian Attitudes Toward War and Peace*. Nashville: Abingdon Press, 1960.

- Bainton, Roland H. *The Reformation of the Sixteenth Century*. Boston: Beacon Press, 1952.
- Cairns, Earle E. *Christianity Through the Centuries*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1954.
- Chadwick, Henry. *The Early Church*. Nova Iorque: Penguin Books, 1967.
- Chamberlin, E. R. *The Bad Popes*. Nova Iorque: Dorset Press, 1969.
- Christie-Murray, David. *A History of Heresy*. Nova Iorque: Oxford University Press, 1976.
- Dickens, A. G. *The English Reformation*. Nova Iorque: Schocken Books, 1952.
- Dowley, Tim, ed. *Eerdmans Handbook to the History of Christianity*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1977.
- Driver, John. *How Christians Made Peace with War*. Scottdale, Pensilvânia: Herald Press, 1988.
- Edwards, David. *Christian England*. Tomo 2. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1983.
- Eller, Vernard. *Christian Anarchy*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1987.
- Ellul, Jacques. *The Subversion of Christianity*. Traduzido por Geoffrey W. Bromiley. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1986.
- Erbstösser, Martin. *Heretics in the Middle Ages*. Leipzig: Druckerei Fortschritt Erfurt, 1984.
- Estep, William. *The Anabaptist Story*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1996.
- Gibbon, Edward, *The Decline and Fall of the Roman Empire*. Nova Iorque: Penguin Books, 1952.
- Gibbon, Edward *Declínio e Queda do Império Romano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- González, Justo. *Faith & Wealth*. Nova Iorque: Harpers Collins Publishers, 1990.
- González, Justo. *A History of Christian Thought*. 3 tomos. Nashville: Abingdon Press, 1970.
- Grimm, Harold J. *The Reformation Era 1500–1650*. Nova Iorque: The Macmillan Company, 1965.
- Hershberger, Guy F. *The Recovery of the Anabaptist Vision*. Scottdale, Pensilvânia: Herald Press, 1957.
- Hoehner, H. W. “Macabees”. *The International Standard Bible Encyclopedia*. Ed. Geoffrey W. Bromiley. Tomo 3. Grand Rapids: Eerdmans Publishing Co., 1986.
- Kraybill, Donald B. *The Upside-Down Kingdom*. Scottdale, Pensilvânia: Herald Press, 1978.
- Lucas, Henry S. *The Renaissance and the Reformation*. Nova Iorque: Harper & Row, 1960.
- Schaff, Philip. *History of the Christian Church*. 8 tomos. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1910.

Shannon, Albert. *The Medieval Inquisition*. Collegeville, Minnesota: The Liturgical Press, 1984.

Strype, J. *Ecclesiastical Memorials*. Londres: 1822.

Thomson, John A. F. *The Later Lollards 1414–1520*. Londres: Oxford University Press, 1965.

Tolstoi, Leon *O Reino de Deus Está em Vós*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994.

Tourn, Giorgio, et al. *You Are My Witnesses*. Turim, Itália: Claudiana Editrice, 1989.

Verduin, Leonard. *The Anatomy of a Hybrid*. Sarasota, Florida: Christian Hymnary Publishers, 1976.

Verduin, Leonard. *The Reformers and Their Stepchildren*. Sarasota, Florida: Christian Hymnary Publishers, 1964.

Willoughby, William C. *Counting the Cost*. Elgin, Illinois: The Brethren Press, 1979.

Notas finais

Capítulo 1

- ¹ Raymond d'Aguiliers em August C. Krey, *The First Crusade: The Accounts of Eyewitnesses and Participants* (Princeton: 1921) 250–256.
- ² J. Arthur McFall, “The Fall of Jerusalem” *Military History Magazine* (junho de 1999) 1–6.
- ³ Krey 252.
- ⁴ Krey 252.

Capítulo 3

- ¹ Tertuliano, *Against Marcion*, Livro IV, cap. 26; ANF, Tomo III, 409.

Capítulo 4

- ¹ Do “Bureau of Citizenship and Immigration Services,” em www.immigration.gov/graphics/aboutus/history/teacher/oath.htm.
- ² “Florida During World War II,” <http://www.floridamemory.com/OnlineClassroom/FloridaWWII/history.cfm>.
- ³ Frank Koch, *Proceedings*, citado por Stephen Covey em *The 7 Habits of Highly Effective People* (Nova Iorque: Simon & Schuster, 1989), 33. [Disponível em Português: *Os 7 Hábitos das Pessoas Altamente Eficazes* (Rio de Janeiro: Best Seller, 2004).]

Capítulo 5

- ¹ Clemente de Alexandria, *Who Is the Rich Man Who Shall Be Saved?*, 14; ANF, Tomo II, 595.
- ² Infoplease: “Economic Statistics by Country, 2001,” <http://www.infoplease.com/ipa/A0874911.html>.
- ³ Fonte: Bureau of Census, <http://factfinder.census.gov/servlet/BasicFactsServlet>.
- ⁴ Infoplease.
- ⁵ Infoplease.
- ⁶ Infoplease.
- ⁷ Infoplease.

Capítulo 6

- ¹ Mike Hertenstein e Jon Trott, “Selling Satan: The Tragic History of Mike Warnke,” *Cornerstone*, Tomo 21, número 98 (1992).
- ² “The Cornerstone Series on Mike Warnke,” http://www.cornerstonemag.com/features/iss098/warnke_index.htm.
- ³ “Cornerstone Series.”
- ⁴ Bob & Gretchen Passantino e Jon Trott, “Satan’s Sideshow: The True Lauren Stratford Story,” <http://www.cornerstonemag.com/features/iss090/sideshow.htm>.
- ⁵ James Randi, *The Faith Healers* (Buffalo: Prometheus Books, 1989) 105–106, 150.
- ⁶ Randi 146–153.

Capítulo 7

- ¹ Testemunho de Israel Abrahams perante a London Divorce Comission, 21 de novembro de 1910, citado em “Divorce in the Old Testament,” *International Bible Encyclopedia* (online) <http://www.studylight.org>.
- ² “Divorce Facts,” em <http://wheres-daddy.com>.
- ³ “Divorces: 1858–2000” em <http://www.statistics.gov.uk>.
- ⁴ Margaret F. Brinig, “These Boots Are Made for Walking: Why Most Divorce Filers Are Women,” *American Law and Economics Review* 2–1 (2000) 126–129.
- ⁵ Fonte: Barna Research Group, citado por B. A. Robinson em “U. S. Divorce Rates for Various Faith Groups,” março de 2002, em (http://www.religioustolerance.org/chr_dira.htm).
- ⁶ Barna Research Group.
- ⁷ Barna Research Group.

⁸ Fonte: National Center for Health Statistics. Citado em “U. S. Divorce Statistics,” *Divorce Magazine.com*, em <http://www.divorcemag.com/statistics/statsUS2.shtml>.

⁹ National Center for Health Statistics.

¹⁰ Barna Research Group.

¹¹ David Knox e Caroline Schacht, *Marriage and the Family: A Brief Introduction*, (Belmont, Califórnia: Wadsworth Publishing Company, 1999). Citado em Asian-American “Couples,” em <http://www.uwyo.edu>.

¹² Fonte: Institute for Divorce Reform, citado em *Divorce Magazine.com*

¹³ “Divorce Rates of All Countries, Compared to the U.S.,” citado em <http://www.divorcereform.org/nonus.html>.

Capítulo 8

¹ Adin Ballou, citado por Leon Tolstoi em *The Kingdom of God Is Within You* (Lincoln, Nebraska: University of Nebraska Press) 10. [Disponível em Português: *O Reino de Deus Está em Vós* (Rosa dos Tempos, Rio de Janeiro, 1994).]

Capítulo 9

¹ De uma entrevista do autor com a família Weaver e de um artigo intitulado “Mountain Man Arrested” publicado em *The Sentinel* (Carlisle, PA: 25 de maio de 1988) 1–2.

² Arthur Kellermann, MD, *New England Journal of Medicine*, 1998, citado em <http://goodsforguns.org>.

³ Orígenes *Against Celsus*, livro II, cap. 30; ANF, Tomo IV, 444.

⁴ Arnóbio *Against the Gentiles*, livro I, pár. 6; ANF, Tomo VI, 415.

⁵ Orígenes *Against Celsus*, livro VIII, cap. 73; ANF, Tomo IV, 667–668.

⁶ Ballou, “How Many Does It Take” em <http://www.adinballou.org/HowMany.shtml>.

Capítulo 10

¹ W. E. Vine, *Expository Dictionary of New Testament Words* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1940), 188. [Disponível em Português: W. E. Vine, *Dicionário VINE* (Rio de Janeiro: CPAD).]

² Tertuliano *On Idolatry*, cap. 19; ANF, Tomo III, 73.

Capítulo 12

¹ Tertuliano *On Idolatry* cap. 15; ANF, Tomo III, 70.

² “Survey: U. S. Pays Soldiers Less Than 16K” em <http://www2.hrnext.com/Article.cfm/Nav/5.0>.

Capítulo 13

¹ Dave Moreland, “Dave Moreland’s Bozo Criminal of the Day” em <http://www.kooi.com/bozo/jan99.htm>.

Capítulo 14

¹ “Capital Punishment Statistics” em <http://www.ojusdoj.gov>.

² Dados fornecidos pelo Alan Guttmacher Institute e publicados em <http://www.nrlc.org/abortion/aboramt.html>.

Capítulo 15

¹ H. W. Hoehner, “Maccabees” *The International Standard Bible Encyclopedia*, Tomo 3 (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1986), 196–199.

² R. H. Smith, “Pella” *The International Standard Bible Encyclopedia*.

Capítulo 16

¹ Hermas *The Shepherd*, Livro III, cap. 1; ANF, Tomo II, 31.

² Tatiano *To The Greeks*, cap. 11; ANF; Tomo II, 69.

³ Clemente de Alexandria *The Instructor*, Livro III, cap. 8; ANF, Tomo II, 281.

⁴ Tertuliano *Apology*, cap. 38; ANF, Tomo III, 45,46.

- ⁵ Tertuliano *De Corona*, cap. 13; ANF, Tomo II, 101.
- ⁶ Orígenes *Against Celsus*, Livro VIII, cap. 75; ANF, Tomo IV, 668.
- ⁷ Cipriano *On Mortality*, cap. 26; ANF, Tomo V, 475.
- ⁸ Clemente de Alexandria, citado no sermão 55 de Máximo. ANF, Tomo II, 581.
- ⁹ Tertuliano *Of Patience*, cap. 10; ANF, Tomo III, 713.
- ¹⁰ Tertuliano *Against Marcion*, cap. 39; ANF, Tomo III, 415.
- ¹¹ Lactâncio *The Divine Institutes*, Livro V, cap. 21; ANF, Tomo VII, 158.
- ¹² Lactâncio cap. 24; ANF, Tomo VII, 160.
- ¹³ Lactâncio cap. 18; ANF, Tomo VII, 184.
- ¹⁴ Atenágoras *Plea for the Christians*, cap. 1; ANF, Tomo II, 129.
- ¹⁵ Hipólito (Tradução de Gregory Dix e Henry Chadwick) *The Apostolic Tradition* (Ridgefield, CT: Morehouse Publishing, 1992) 26.
- ¹⁶ Canon XII de Niceia; Philip Schaff, ed. *The Nicene and Post-Nicene Fathers, First Series*. Tomo 10 (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1983), 27.
- ¹⁷ “Epistle of Marcus Aurelius to the Senate” ANF, Tomo I, 187.
- ¹⁸ Orígenes *Against Celsus*, Livro V, cap. 37; ANF, Tomo IV, 560.
- ¹⁹ Lactâncio, Livro 6, cap. 17; ANF, Tomo 7, 182–183.

Capítulo 18

- ¹ Webster’s *New World College Dictionary, Third Edition* (New York: Simon & Shuster, Inc., 1997) 1138
- ² John H. Leith, ed., *Creeeds of the Churches* (Atlanta: John Knox Press, 1973) 24–25.

Capítulo 21

- ¹ Eusébio de Cesaréia, *Ecclesiastical History*, Livro VIII, cap. 17 [Disponível em Português: Eusébio de Cesaréia, *História Eclesiástica* (São Paulo: Paulus, 2001)]
- ² Eusébio de Cesaréia, *História Eclesiástica*, Livro X, cap. 5.
- ³ Eusébio de Cesaréia, *The Life of Constantine*, Livro I, caps. 41–42. Philip Schaff e Henry Wace, eds., *The Nicene and Post-Nicene Fathers, Second Series*, 10 tomos., Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1982, Tomo 1, 494.
- ⁴ Eusébio de Cesaréia, *Constantine*, Livro II, caps. 44–46.
- ⁵ Lactâncio, Livro V, cap. 24; ANF, Tomo VII, 160.

Capítulo 22

- ¹ Consulte minha obra, *A Dictionary of Early Christian Beliefs*, onde faço constar mais sobre isto no tópico, “Christ, Divinity Of”.
- ² Sócrates, *Ecclesiastical History*, Livro I, cap. 9. *The Nicene and Post-Nicene Fathers, Second Series*, Tomo II, 14.
- ³ Edward Gibbon, *The Decline and Fall of the Roman Empire*, (Nova Iorque, Penguin Books, 1952) 386. [Disponível em Português: Edward Gibbon, *Declínio e Queda do Império Romano*, (São Paulo: Companhia das Letras, 2003).]
- ⁴ “The Decree of the Holy, Great, Ecumenical Synod, the Second of Nicaea”, Philip Schaff, e Henry Wace, eds., *The Nicene and Pós-Nicene Fathers, Second Series*, 10 tomos. (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1982) Tomo XIV, 550–551.
- ⁵ Hilário de Poitiers, citado por Gibbon, 397.
- ⁶ Amiano Marcelino, *The Later Roman Empire* (Nova Iorque, Penguin Books, 1986) 239.
- ⁷ Colemam J. Barry, ed., *Readings in Church History* (Westminster, Maryland: Christian Classics, Inc., 1985) 522.

Capítulo 23

- ¹ Eusébio de Cesaréia, *Ecclesiastical History*, Traduzido para o inglês por Paul L. Maier (Grand Rapids: Kregel Publications, 1999) 231.

Capítulo 24

- ¹ Leonard Verduin utiliza este termo em seu livro, *The Anatomy of a Hybrid*, ao referir-se ao híbrido Igreja-Estado.
- ² Eusébio, *The Life of Constantine*, Livro I, cap. 44. Schaff, 494.

Capítulo 25

¹ Philip Schaff, *History of the Christian Church*. 8 tomos. (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1910) Tomo III, 33–35.

² Schaff 107–125.

³ Gibbon 252.

⁴ Gibbon 380.

⁵ Eusébio, *Constantine*, Livro II, cap. 3; Schaff, 500.

⁶ Eusébio, *Constantine*, caps. 7–9.

⁷ Eusébio, *Constantine*, caps. 24–29.

⁸ Gibbon 258.

⁹ Gibbon 380.

¹⁰ Gibbon 382.

¹¹ Gibbon 470–472.

¹² Gibbon 476.

¹³ Gibbon 477.

¹⁴ Gibbon 478.

¹⁵ Gibbon 478.

¹⁶ Gibbon 509.

¹⁷ Lynn H. Nelson, “The Later Roman Empire,”

<http://www.ku.edu/kansas/medieval/108/lectures>.

¹⁸ Gibbon 562–619. Veja também Vincent Bridges, “Arthur and the Fall of Rome,” <http://www.sangraal.com/library/arthur1.htm>.

Capítulo 26

¹ Agostinho, *Reply to Faustus the Manichaean*, Livro 22, cap. 74. Philip Schaff e Henry Wace, eds., *The Nicene and Post-Nicene Fathers, First Series*, Tomo 4 (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1982) 301.

² Agostinho, cap. 75; Schaff, *Fathers*, Tomo 4, 301.

³ Agostinho, cap. 79; Schaff, *Fathers*, Tomo 4, 304.

⁴ Agostinho, *The Correction of the Donatists*, cap. 7, par. 23; Schaff, *Fathers*, Tomo 4, 642.

⁵ Roland H. Bainton, *Christian Attitudes Toward War and Peace* (Nashville: Abingdon Press, 1960) 33–43.

⁶ Bainton, 96–98. Agostinho, *Faustus*, cap. 75; Schaff, *Fathers*, Tomo 4, 301.

⁷ Agostinho, *Faustus*, cap. 75; Schaff, *Fathers*, Tomo 4, 301.

⁸ Leon Tolstoi, *The Kingdom of God Is Within You* (Lincoln, Nebraska: University of Nebraska Press) 306.

⁹ Tolstoi.

¹⁰ Artigo 92(1)(c) *Uniform Code of Military Justice*.

¹¹ Agostinho, *On the Predestination of the Saints*, caps. 16–19. Schaff, *Fathers*, Tomo V, 506–508.

Capítulo 27

¹ Colman J. Barry, ed., *Readings in Church History*, 235–237.

² E. R. Chamberlin, *The Bad Popes* (Nova Iorque: Dorset Press, 1969) 43.

³ Chamberlin 60.

⁴ Barry 522.

⁵ Barry 521–522.

Capítulo 28

¹ Tim Dowley, ed., *Eerdmans' Handbook to the History of Christianity* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1977) 202–203.

² Martin Erbstösser, *Heretics in the Middle Ages* (Leipzig: Druckerei Fortschritt Erfurt, 1984) 80–81.

³ Erbstösser 83.

⁴ Erbstösser 85.

Capítulo 29

¹ Giorgio Tourn, et al., *You Are My Witnesses* (Torino, Italy: Claudiana Editrice, 1989) 14.

² Tourn 15.

- ³ Tourn 16.
⁴ Tourn 20.
⁵ Tourn 17.
⁶ Tourn 18.
⁷ Tourn 19.
⁸ Tourn 19.
⁹ Tourn 20.
¹⁰ Tourn 36.
¹¹ Tourn 37.
¹² Erbstösser 202.
¹³ Tourn 54.
¹⁴ Tourn, 51.
¹⁵ Judith Collins, “Heritage of the Waldensians: A Sketch,” em <http://www.wrs.edu/journals/jour896/waldensians.html>.
¹⁶ J. A. Wylie, *The History of Protestantism*, 1878, Tomo II, página 485, citado em Collins.

Capítulo 30

- ¹ Henry Gee e John William Hardy, eds., “Wycliffe Propositions Condemned at London,” *Documents Illustrative of English Church History* (Londres: MacMillan and Co., Ltd., 1910) 108–109.
² “Council of Constance,” Sessão 15, 6 de julho de 1415, em <http://www.dailycatholic.org/history/16ecume3.htm>.
³ Gee e Hardy 110.
⁴ Gee e Hardy 109, Conclusão 10.
⁵ Gee e Hardy, Conclusão 16.
⁸ Gee e Hardy 128–131.
⁹ John A. F. Thomson, *The Later Lollards 1414–1520* (Londres: Oxford University Press, 1965) 247.
¹⁰ Henry Gee e John William Hardy, eds., “The Lollard Conclusions,” *Documents Illustrative of English Church History* (Londres: MacMillan and Co., Ltd., 1910) 128, Conclusão 6.
¹¹ Gee e Hardy 131, Conclusão 10.
¹² Thomson 244–21.
¹³ J. Strype, *Ecclesiastical Memorials*, Parte II (Londres, 1822) 54–55.

Capítulo 31

- ¹ Henry S. Lucas, *The Renaissance and the Reformation* (Nova Iorque: Harper & Row, 1960) 519.
² Lucas 520.
³ Harold J. Grimm, *The Reformation Era 1500–1650* (Nova Iorque: The Macmillan Company, 1965) 188.
⁴ Lucas 526.
⁵ Grimm 321–324.
⁶ Tourn 66.
⁷ Tourn 66–67.
⁸ Tourn 66–67.
⁹ Tourn 66–69.
¹⁰ Tourn 72.
¹¹ Tourn 72.
¹² Tourn 69.

Capítulo 32

- ¹ Grimm 338.
² Grimm 325.
³ Grimm 342.
⁴ Rahull Nand, “John Calvin: Not So Tyrannical” em <http://oprfs.org/division/history/interpretations/2000interp/.doc>.
⁵ “The Murder of Michael Servetus” em <http://www.bcbsr.com/topics/servetus.html>.
⁶ John F. Fulton, *Michael Servetus Humanist and Martyr* (Herbert Reichner, 1953) 35.

⁷ Philip Schaff, *History of the Christian Church*, Tomo VIII (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1910) 768.

⁸ Walter Nigg, *The Heretics* (Alfred A. Knopf, Inc., 1962) 328.

⁹ “The Murder of Michael Servetus.”

¹⁰ João Calvino, “On the Magistrate” em *Treatises against the Anabaptists and against the Libertines* (Grand Rapids: Baker Bk. House, 1982) 77–78.

¹¹ “Second Helvetic Confession,” cap. XXX, reproduzido em John H. Leith, ed., *Creeds of the Churches* (Atlanta: John Knox Press, 1973) 190–191.

¹² Calvino 77.

Capítulo 33

¹ Sammlung Simler, citado em “History of the Baptists,”

http://www.pbministries.org/History/John%20T.%20Christian/vol1/history_10.htm.

² Simler.

³ Menno Simons, *The Complete Writings of Menno Simons*. Tradução para o inglês, J. C. Wenger: *Reply to False Accusations* (Scottsdale: Herald Press, 1956) 96.

⁴ Menno Simons, segundo citação de John D. Roth, “The Mennonites’ Dirty Little Secret”, *Christianity Today*, 7 de outubro, 1996, 44.

⁵ Hans Denk, citado em What “Is Anabaptism?,”

<http://www.anabaptistnetwork.com/WhatIsAnabaptism.htm>.

⁶ Simons 93.

⁷ Simons 94.

⁸ Roland Bainton, *The Reformation of the Sixteenth Century* (Boston: Beacon Press, 1952) 101.

⁹ Thieleman J. van Braght, *Martyrs Mirror* (Scottsdale, Pa: Herald Press, 1950) 418.

¹⁰ Norman Penney, ed., *The Journal of George Fox* (Londres: J.M. Dent & Sons, 1924) <http://www.geocities.com/quakerpages/fox17.htm>.

¹¹ David Edwards, *Christian England*. Tomo 2. (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1983) 341.

¹² William C. Willoughby, *Counting the Cost* (Elgin, Illinois: The Brethren Press, 1979) 45–46.

¹³ Benjamin Franklin, *The Autobiography and Other Writings* (Nova Iorque: Penguin Books USA Inc., 1783) 129.